

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO  
MESTRADO EM COMUNICAÇÃO E IDENTIDADES

**CHRISTIANE BARA PASCHOALINO**

**A IDENTIDADE DA SELEÇÃO BRASILEIRA:  
“COMPLEXO DE VIRA-LATAS”, “PÁTRIA DE CHUTEIRAS”  
OU MARKETING ESPORTIVO?**

JUIZ DE FORA

2014

CHRISTIANE BARA PASCHOALINO

**A IDENTIDADE DA SELEÇÃO BRASILEIRA:  
“COMPLEXO DE VIRA-LATAS”, “PÁTRIA DE CHUTEIRAS” OU  
MARKETING ESPORTIVO?**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação, área de concentração: Comunicação e Identidades, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre.

Orientador: Prof. Dr. Márcio de Oliveira Guerra

JUIZ DE FORA

2014

CHRISTIANE BARA PASCHOALINO

**A IDENTIDADE DA SELEÇÃO BRASILEIRA: “COMPLEXO DE VIRALATAS”, “PÁTRIA DE CHUTEIRAS” OU MARKETING ESPORTIVO?**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Área de Concentração em Comunicação e Identidades, da Faculdade de Comunicação Social da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do título de Mestra em Comunicação.

Aprovada em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Márcio de Oliveira Guerra (Orientador)  
Universidade Federal de Juiz de Fora

---

Prof. Dr. Ronaldo George Helal  
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

---

Profª. Dra. Iluska Maria da Silva Coutinho  
Universidade Federal de Juiz de Fora

Juiz de Fora – MG

2014

*Com muito amor,  
Ao meu pai, Hécio Costa Paschoalino.  
Foi por ele e para ele (e ele sabe os porquês)!*

## AGRADECIMENTOS

---

A Deus, pela dádiva de ter escolhido os melhores pais do mundo para mim. Eles são a minha luz, o meu tudo.

Então, aos meus pais, Hércio e Regina, agradeço pelo que sou e tenho; por me mostrarem que o amor incondicional existe; pelos valores que me passaram. Se eu conseguir ser um “pouquinho” de cada um, então, já serei muito.

Um agradecimento especial à minha mãe pela enorme contribuição em manter organizado o material de pesquisa que resultou nesta dissertação.

Ao Márcio Guerra, minha eterna gratidão, pois, se não fosse por seu incentivo, dedicação, carinho e amizade, eu jamais teria conseguido chegar até o fim. Uma pessoa que eu não via há quase vinte anos e que o “destino” se incumbiu de (re)colocar na minha vida. Mas esse “destino” tem nome: Flávio Galone. Foi ele o responsável por este reencontro que tornou a minha vida mais feliz, mais leve, mais divertida, mais tudo. Márcio e Flávio, só desejo que a nossa amizade seja eterna e que eu possa, um dia, retribuir tudo o que fizeram e fazem por mim.

Aos amigos e familiares, obrigada pelo apoio, pela “torcida” e por entenderem o motivo da minha ausência.

A vida chegou a um patamar de onde pensamos enxergar tudo o que há para se ver: superamos dores, cumprimos tarefas, tivemos alegria, realizamos coisas impensáveis [...].

Mas o sono da tranquilidade é enganoso, a sensação de ter enfim chegado é precária, o chão treme debaixo dos nossos pés e nos damos conta de que ainda estamos embarcados.

Há muito mar a percorrer, muita crista de onda, muita paisagem pela frente.

**Lya Luft**

## RESUMO

---

Trata o trabalho da busca pela constatação de possíveis mudanças na identidade da Seleção Brasileira e sobre quais elementos que possam, a princípio, ter contribuído para essa transformação. A partir de dois conceitos clássicos de Nelson Rodrigues, “Pátria de Chuteiras” e “Complexo de Vira-Latas”, que serviram como categorias em nossa pesquisa, buscamos os “novos” olhares de torcedores e da mídia sobre a Seleção Brasileira. O marketing esportivo tem alguma participação nessa “nova” identidade? A globalização, o número expressivo de grandes jogadores do país atuando no exterior, a postura do patrocinador principal (Nike) nas decisões da CBF, provocaram algum distanciamento da mídia e do torcedor? Para responder a essas questões, realizamos, antes da Copa das Confederações, sediada no Brasil em 2013, uma pesquisa com torcedores e, também, analisamos, durante seis meses, as colunas de três cronistas esportivos para avaliar se a pátria ainda está de chuteiras ou se o que ainda impera nesses olhares é o nosso “Complexo de Vira-Latas”.

**PALAVRAS-CHAVE:** Identidade; Seleção Brasileira; Comunicação; Marketing Esportivo; Torcedor.

## ABSTRACT

---

Through this study, we intend to identify possible changes in the Brazilian national soccer team's identity and also to find which elements have contributed to this transformation. We are seeking for new perspectives from both the fans and the media regarding the Brazilian team. In order to achieve that, we will make use of two classical concepts proposed by Nelson Rodrigues. The first one is known as "the nation in soccer shoes", a feeling which all Brazilians fans feel when the national team wins, and the second, "the mongrel complex", a sense of inferiority felt when the national soccer team loses. Both of the concepts will be used as categories for our research. Can the sports marketing be blamed for this "new" identity? Did the globalization process; the significant number of Brazilian soccer stars playing overseas; the posture of the main sponsor (Nike) over the Brazilian Soccer Confederation (CBF)'s decisions, instigate some type of detachment from the media and fans? In order to answer these questions, a survey was applied to the fans, before the Confederation Cup held in Brazil in 2013, and, in addition to that, the columns of three sportswriters were analyzed over six months to evaluate if the nation is still in "soccer shoes" or if it means that our "mongrel complex" still prevails?

**KEYWORDS:** Identity; Brazilian National Soccer Team; Communication; Sports Marketing; Fans.



## LISTA DE GRÁFICOS

---

---

<b>Gráfico 1</b> - Os últimos amistosos da Seleção despertaram seu interesse? .....	60
<b>Gráfico 2</b> - Preferia ver a rodada do Brasileirão aos jogos da Seleção? .....	61
<b>Gráfico 3</b> - Você acha que a Seleção perdeu o encanto para o torcedor brasileiro depois que passou a se apresentar fora do país e com jogadores que atuam fora? .....	61
<b>Gráfico 4</b> - O que dá mais audiência, jogos do Brasileirão ou amistosos da Seleção? .....	62
<b>Gráfico 5</b> - Frequência em que cada colunista se enquadrou na categoria "Complexo de Vira-Latas" .....	112
<b>Gráfico 6</b> - Comparação entre os colunistas quanto à categoria "Pátria de Chuteiras" .....	113

## LISTA DE TABELAS

---

---

<b>Tabela 1 - Março</b> .....	106
<b>Tabela 2 - Abril</b> .....	107
<b>Tabela 3 – Maio</b> .....	107
<b>Tabela 4 – Junho</b> .....	108
<b>Tabela 5 - Julho</b> .....	108
<b>Tabela 6 – Agosto</b> .....	109
<b>Tabela 7 – Setembro</b> .....	109
<b>Tabela 8 - Número total de Colunas</b> .....	110
<b>Tabela 9 - Detalhamento de distribuição por categorias e subcategorias nos textos</b> .....	114

## SUMÁRIO

---

---

INTRODUÇÃO .....	17
CAPÍTULO 1 - IDENTIDADE: REFLEXÕES TEÓRICAS .....	20
CAPÍTULO 2 - IDENTIDADE E BRASILIDADE: O FUTEBOL É A CARA DO BRASIL	31
2.1 Miscigenação, jeitinho brasileiro e malandragem: sinônimos da brasilidade .....	36
2.2 O futebol e a brasilidade .....	40
CAPÍTULO 3 - DO AMADORISMO AO MARKETING ESPORTIVO .....	48
3.1 Marketing esportivo e o “P” da paixão .....	51
3.2 O olhar do torcedor .....	59
CAPÍTULO 4 - A NARRATIVA DA SELEÇÃO ATRAVÉS DAS CRÔNICAS ESPORTIVAS .....	64
4.1 Colunas do mês de Março .....	67
4.1.1 Fernando Calazans .....	67
4.1.2 Juca Kfourì .....	67
4.1.3 Tostão .....	68
4.2. Colunas do mês de Abril .....	68
4.2.1 Fernando Calazans .....	68
4.2.2 Juca Kfourì .....	70
4.2.3 Tostão .....	71
4.3. Colunas do mês de Maio .....	74
4.3.1 Fernando Calazans .....	74

4.3.2 Juca Kfouri .....	75
4.3.3 Tostão.....	76
4.4. Colunas do mês de Junho .....	77
4.4.1. Fernando Calazans .....	77
4.4.2 Juca Kfouri .....	82
4.4.3 Tostão.....	90
4.5. Colunas do mês de Julho .....	97
4.5.1 Fernando Calazans .....	98
4.5.2 Juca Kfouri .....	99
4.5.3 Tostão.....	100
4.6 Colunas do mês de Agosto .....	101
4.6.1 Fernando Calazans .....	102
4.6.2 Juca Kfouri .....	102
4.6.3 Tostão.....	103
4.7 Colunas do mês de Setembro.....	103
4.7.1 Fernando Calazans .....	104
4.7.2 Juca Kfouri .....	104
4.7.3 Tostão.....	105
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	116
REFERÊNCIAS .....	119
ANEXOS.....	124
ANEXO 1: Coluna de Fernando Calazans – O Globo, 27/03/2013 .....	125
ANEXO 2: Coluna de Fernando Calazans – O Globo, 31/03/2013 .....	126
ANEXO 3: Coluna de Juca Kfouri – Folha de São Paulo, 28/03/2013 .....	127

ANEXO 4: Coluna de Juca Kfouri – Folha de São Paulo, 31/03/2013 .....	127
ANEXO 5: Coluna de Tostão – Folha de São Paulo, 31/03/2013.....	128
ANEXO 6: Coluna de Fernando Calazans – O Globo, 08/04/2013 .....	129
ANEXO 7: Coluna de Fernando Calazans – Jornal O Globo, 10/04/2013 .....	130
ANEXO 8: Coluna de Fernando Calazans - Jornal O Globo, 14/04/2013.....	131
ANEXO 9: Coluna de Fernando Calazans – O Globo, 21/04/2013 .....	132
ANEXO 10: Coluna de Fernando Calazans – O Globo, 22/04/2013 .....	133
ANEXO 11: Coluna de Fernando Calazans – O Globo, 28/04/2013 .....	134
ANEXO 12: Coluna de Fernando Calazans – O Globo, 29/04/2013 .....	135
ANEXO 13: Coluna de Juca Kfouri - Folha de São Paulo, 04/04/2013 .....	136
ANEXO 14: Coluna de Juca Kfouri – Folha de São Paulo, 08/04/2013 .....	136
ANEXO 15: Coluna de Juca Kfouri – Folha de São Paulo, 11/04/2013 .....	137
ANEXO 16: Coluna de Juca Kfouri – Folha de São Paulo, 14/04/2013 .....	137
ANEXO 17: Coluna de Juca Kfouri - Folha de São Paulo, 18/04/2013 .....	138
ANEXO 18: Coluna de Juca Kfouri - Folha de São Paulo, 25/04/2013 .....	138
ANEXO 19: Coluna de Juca Kfouri – Folha de São Paulo, 28/04/2013 .....	139
ANEXO 20: Coluna de Tostão - Folha de São Paulo, 03/04/2013 .....	139
ANEXO 21: Coluna de Tostão – Folha de São Paulo, 07/04/2013.....	140
ANEXO 22: Coluna de Tostão - Folha de São Paulo, 10/04/2013 .....	140
ANEXO 23: Coluna de Tostão – Folha de São Paulo, 14/04/2013.....	141
ANEXO 24: Coluna de Tostão – Folha de São Paulo, 21/04/2013.....	141
ANEXO 25: Coluna de Tostão – Folha de São Paulo, 24/04/2013.....	142
ANEXO 26: Coluna de Tostão - Folha de São Paulo, 28/04/2013 .....	142
ANEXO 27: Coluna de Fernando Calazans – O Globo, 15/05/2013 .....	143
ANEXO 28: Coluna de Fernando Calazans - O Globo, 20/05/2013.....	144
ANEXO 29: Coluna de Juca Kfouri – Folha de São Paulo, 02/05/2013 .....	145
ANEXO 30: Coluna de Juca Kfouri - Folha de São Paulo, 20/05/2013.....	145

ANEXO 31: Coluna de Juca Kfourri – Folha de São Paulo, 27/05/2013 .....	146
ANEXO 32: Coluna de Tostão – Folha de São Paulo, 19/05/2013.....	146
ANEXO 33: Coluna de Tostão – Folha de São Paulo, 22/05/2013.....	147
ANEXO 34: Coluna de Tostão - Jornal Folha de São Paulo, 26/05/2013 .....	147
ANEXO 35: Coluna de Fernando Calazans – O Globo, 02/06/2013 .....	148
ANEXO 36: Coluna de Fernando Calazans – O Globo, 03/06/2013 .....	149
ANEXO 37: Coluna de Fernando Calazans – O Globo, 09/06/2013 .....	150
ANEXO 38: Coluna de Fernando Calazans - Jornal O Globo, 10/06/2013.....	151
ANEXO 39: Coluna de Fernando Calazans – O Globo, 12/06/2013 .....	152
ANEXO 40: Coluna de Fernando Calazans – O Globo, 14/06/2013 .....	153
ANEXO 41: Coluna de Fernando Calazans – O Globo, 16/06/2013 .....	154
ANEXO 42: Coluna de Fernando Calazans – O Globo, 17/06/2013 .....	155
ANEXO 43: Coluna de Fernando Calazans – O Globo, 19/06/2013 .....	156
ANEXO 44: Coluna de Fernando Calazans – O Globo, 20/06/2013 .....	157
ANEXO 45: Coluna de Fernando Calazans – O Globo, 22/06/2013 .....	158
ANEXO 46: Coluna de Fernando Calazans – O Globo, 23/06/2013 .....	159
ANEXO 47: Coluna de Fernando Calazans – O Globo, 24/06/2013 .....	160
ANEXO 48: Coluna de Fernando Calazans – O Globo, 26/06/2013 .....	161
ANEXO 49: Coluna de Fernando Calazans – O Globo, 27/06/2013 .....	162
ANEXO 50: Coluna de Fernando Calazans - O Globo, 28/06/2013.....	163
ANEXO 51: Coluna de Fernando Calazans – O Globo, 30/06/2013 .....	164
ANEXO 52: Coluna de Juca Kfourri - Folha de São Paulo, 03/06/2013.....	165
ANEXO 53: Coluna de Juca Kfourri – Folha de São Paulo, 06/06/2013 .....	165
ANEXO 54: Coluna de Juca Kfourri – Folha de São Paulo, 09/06/2013 .....	166
ANEXO 55: Coluna de Juca Kfourri - Folha de São Paulo, 10/06/2013.....	166
ANEXO 56: Coluna de Juca Kfourri - Folha de São Paulo, 13/06/2013.....	167
ANEXO 57: Coluna de Juca Kfourri - Folha de São Paulo, 14/06/2013.....	167

ANEXO 58: Coluna de Juca Kfourri - Folha de São Paulo, 15/06/2013.....	168
ANEXO 59: Coluna de Juca Kfourri – Folha de São Paulo, 17/06/2013 .....	168
ANEXO 60: Coluna de Juca Kfourri – Folha de São Paulo, 19/06/2013 .....	169
ANEXO 61: Coluna de Juca Kfourri - Folha de São Paulo, 20/06/2013.....	169
ANEXO 62: Coluna de Juca Kfourri – Folha de São Paulo, 21/06/2013 .....	170
ANEXO 63: Coluna de Juca Kfourri - Folha de São Paulo, 24/06/2013.....	170
ANEXO 64: Coluna de Juca Kfourri – Folha de São Paulo, 25/06/2013 .....	171
ANEXO 65: Coluna de Juca Kfourri – Folha de São Paulo, 26/06/2013 .....	171
ANEXO 66: Coluna de Juca Kfourri – Folha de São Paulo, 27/06/2013 .....	172
ANEXO 67: Coluna de Juca Kfourri – Folha de São Paulo, 29/06/2013 .....	172
ANEXO 68: Coluna de Tostão – Folha de São Paulo, 02/06/2013.....	173
ANEXO 69: Coluna de Tostão – Folha de São Paulo, 05/06/2013.....	173
ANEXO 70: Coluna de Tostão - Folha de São Paulo, 09/06/2013 .....	174
ANEXO 71: Coluna de Tostão – Folha de São Paulo, 12/06/2013.....	174
ANEXO 72: Coluna de Tostão – Folha de São Paulo, 14/06/2013.....	175
ANEXO 73: Coluna de Tostão – Folha de São Paulo, 15/06/2013.....	175
ANEXO 74: Coluna de Tostão - Folha de São Paulo, 17/06/2013 .....	176
ANEXO 75: Coluna de Tostão – Folha de São Paulo, 18/06/2013.....	176
ANEXO 76: Coluna de Tostão – Folha de São Paulo, 19/06/2013.....	177
ANEXO 77: Coluna de Tostão – Folha de São Paulo, 20/06/2013.....	177
ANEXO 78: Coluna de Tostão – Folha de São Paulo, 21/06/2013.....	178
ANEXO 79: Coluna de Tostão - Jornal Folha de São Paulo, 22/06/2013 .....	178
ANEXO 80: Coluna de Tostão – Folha de São Paulo, 24/06/2013.....	179
ANEXO 81: Coluna de Tostão – Folha de São Paulo, 25/06/2013.....	179
ANEXO 82: Coluna de Tostão – Folha de São Paulo, 26/06/2013.....	180
ANEXO 83: Coluna de Tostão – Folha de São Paulo, 27/06/2013.....	180
ANEXO 84: Coluna de Tostão – Folha de São Paulo, 28/06/2013.....	181

ANEXO 85: Coluna de Tostão – Folha de São Paulo, 29/06/2013.....	181
ANEXO 86: Coluna de Tostão – Folha de São Paulo, 30/06/2013.....	182
ANEXO 87: Coluna de Fernando Calazans – O Globo, 01/07/2013 .....	183
ANEXO 88: Coluna de Fernando Calazans – O Globo, 03/07/2013 .....	184
ANEXO 89: Coluna de Fernando Calazans – O Globo, 31/07/2013 .....	185
ANEXO 90: Coluna de Juca Kfourri - Folha de São Paulo, 01/07/2013.....	186
ANEXO 91: Coluna de Juca Kfourri – Folha de São Paulo, 04/07/2013 .....	186
ANEXO 92: Coluna de Juca Kfourri – Folha de São Paulo, 07/07/2013 .....	187
ANEXO 93: Coluna de Juca Kfourri – Folha de São Paulo, 08/07/2013 .....	187
ANEXO 94: Coluna de Juca Kfourri – Folha de São Paulo, 25/07/2013 .....	188
ANEXO 95: Coluna de Tostão – Folha de São Paulo, 01/07/2013.....	188
ANEXO 96: Coluna de Tostão - Jornal Folha de São Paulo, 07/07/2013 .....	189
ANEXO 97: Coluna de Tostão – Folha de São Paulo, 28/07/2013.....	189
ANEXO 98: Coluna de Tostão – Folha de São Paulo, 31/07/2013.....	190
ANEXO 99: Coluna de Fernando Calazans – O Globo, 16/08/2013 .....	191
ANEXO 100: Coluna de Juca Kfourri - Folha de São Paulo, 15/08/2013.....	192
ANEXO 101: Coluna de Juca Kfourri - Folha de São Paulo, 25/08/2013.....	192
ANEXO 102: Coluna de Tostão – Folha de São Paulo, 11/08/2013.....	193
ANEXO 103: Coluna de Tostão – Folha de São Paulo, 14/08/2013.....	193
ANEXO 104: Coluna de Fernando Calazans – O Globo, 08/09/2013 .....	194
ANEXO 105: Coluna de Fernando Calazans – O Globo, 09/09/2013 .....	195
ANEXO 106: Coluna de Juca Kfourri - Folha de São Paulo, 12/09/2013.....	196
ANEXO 107: Coluna de Juca Kfourri - Folha de São Paulo, 15/09/2013.....	196
ANEXO 108: Coluna de Juca Kfourri - Folha de São Paulo, 16/09/2013.....	197
ANEXO 109: Coluna de Tostão – Folha de São Paulo, 04/09/2013.....	197
ANEXO 110: Coluna de Tostão – Folha de São Paulo, 15/09/2013.....	198



## INTRODUÇÃO

---

A inquietação que originou o tema desta dissertação surgiu a partir de uma curiosidade observada dentro de sala de aula. Como professora universitária de um curso noturno de graduação, nas aulas que coincidiam com dias de jogos de futebol, impreterivelmente, os alunos pediam para que eu os liberasse antes do horário. Causou-me estranheza quando, em um dia de jogo da Seleção Brasileira, não recebi o pedido dos alunos para sair mais cedo. Desta vez, fui eu quem perguntou o porquê de eles não terem se manifestado. Os alunos argumentaram que não tinham interesse em assistir aos jogos da Seleção Brasileira e preferiam ficar em sala de aula. Essa resposta foi a fonte da minha inspiração para escrever essa dissertação e descobrir os motivos que estão mudando o olhar não só do torcedor, mas do marketing e, principalmente, da mídia em relação à Seleção Brasileira.

Um dos nossos pressupostos recai sobre o fenômeno da globalização como tendo provocado a internacionalização tanto do ídolo quanto do futebol, resultando no êxodo dos jogadores para o exterior e na disputa da maioria dos jogos da Seleção Brasileira em campos estrangeiros, longe do olhar do torcedor. Relacionada a essa suposição está outra, a de que existe uma prevalência dos interesses do marketing no cenário esportivo, fazendo com que os jogadores estejam menos preocupados em demonstrar amor e orgulho em vestir a camisa verde e amarela que representa o Brasil, do que pelas “cifras astronômicas” que recebem de times estrangeiros.

Estaria então, com quase todos os jogos do Brasil disputados em campos estrangeiros; com jogadores que formam a base do time atuando no exterior (por mais que hoje a tecnologia aproxime o público e reduza a distância), convocações sob suspeita e denúncias de corrupção da CBF, a Seleção Brasileira vivendo um processo de “desconstrução”? As modificações sofridas pelo futebol interferiram diretamente na forma como a imagem da Seleção Brasileira passou a ser vista e narrada pela mídia?

O objetivo deste trabalho foi buscar evidências que fundamentassem esses questionamentos sobre o distanciamento dos torcedores; a forma como a mídia retrata a Seleção Brasileira e a utilização, cada vez mais frequente, de ferramentas de marketing, principalmente o esportivo. Sendo assim, essa dissertação foi construída a partir de quatro

capítulos. O primeiro deles apresenta uma revisão bibliográfica em que observamos a conceituação da identidade. Utilizando o discurso de autores como Stuart Hall, Tomaz Tadeu da Silva, Homi Bhabha, Thomas Luckmann, Peter Berger, Kathryn Woodward, Néstor García Canclini e Roberto DaMatta, analisamos como as identidades podem ser construídas e legitimadas, bem como as influências que exercem e também que as afetam como, por exemplo, a globalização.

O segundo capítulo foi dedicado ao tema “brasilidade”, no qual foi traçado um percurso histórico retratando como, ainda no começo do século passado, Gilberto Freyre, em sua obra *Casa-Grande & Senzala*, apresentou uma similitude conceitual do seu pressuposto de miscigenação na formação do povo brasileiro. Apresentamos argumentos que apontam que a questão étnica marcou o debate sobre o futebol e a identidade brasileira em vários momentos. A brasilidade também vai ser discutida e comentada por outros nomes como Sérgio Buarque de Holanda, Roberto DaMatta, Ronaldo Helal e Mário Filho, cuja obra *O Negro no Futebol Brasileiro* (2003) foi contestada por alguns pesquisadores atuais, mas sempre foi base para o entendimento de como o enunciado feito por Gilberto Freyre se configurou a partir da participação dos negros nas disputas de futebol. Ainda nesse capítulo, serão discutidas as questões referentes à “Pátria de Chuteiras” e “Complexo de Vira-Latas”, expressões cunhadas por Nelson Rodrigues para demonstrar dois sentimentos antagônicos da sociedade brasileira, que influenciam os vínculos identitários, principalmente, em relação à nossa Seleção. Consideramos essas manifestações dicotômicas fundamentais para nortear nossa pesquisa e, sendo assim, foram utilizadas como categorias para análise do objeto de estudo deste trabalho. Portanto, o Capítulo 2 constitui o alicerce teórico para entendermos a maneira como o futebol chegou, se popularizou e se tornou uma das formas de identidade nacional.

Já no Capítulo 3, abordamos o conflito entre o amadorismo e o profissionalismo vivenciado pelo futebol brasileiro desde as décadas de 1920 e 1930, quando a vinculação de qualquer aspecto financeiro com o esporte gerava a desconfiança de que se poderia estar tirando a “essência” ou ferindo a identidade do nosso futebol. Em seguida, mostramos que o advento do marketing, principalmente o esportivo, acabou por transformar o futebol em um “grande negócio” provocando o surgimento de outros questionamentos éticos no esporte. Discutimos, também, como o marketing esportivo influenciou no aumento do êxodo de jogadores para times do exterior e como os patrocinadores passaram a intervir de forma contundente no futebol, acarretando na mudança do olhar do torcedor sobre a Seleção Brasileira. Assim, apresentamos não apenas a trajetória do marketing esportivo, a evolução de

seus conceitos, a influência sobre o futebol e sobre os torcedores, mas também destacamos sua similaridade com o marketing de serviços. Com o objetivo de buscar evidências que corroborassem com o pressuposto de que os brasileiros estão mais distantes da Seleção, incluímos, nesse capítulo, uma pesquisa realizada com torcedores, cujos resultados possibilitaram a construção de inferências que foram de extrema relevância para a conclusão deste trabalho.

Depois de analisar alguns dos motivos que poderiam gerar o distanciamento do torcedor em relação à Seleção Brasileira, apresentamos o quarto e último capítulo, que se dedica à investigação de como a mídia, por meio de sua narrativa, retrata o selecionado nacional. Para tanto, optamos pela análise das crônicas de três conceituados colunistas esportivos que representam os principais polos do futebol e da comunicação no Brasil: Fernando Calazans (“O Globo” - RJ); Juca Kfoury (“Folha de São Paulo” - SP) e Tostão (“Estado de Minas” - MG), que tem suas crônicas reproduzidas no jornal “Folha de São Paulo”. A escolha dos periódicos explica-se pela representatividade dos mesmos e, também, pela necessidade de reduzir a questão do bairrismo tão presente na cobertura do esporte. O recorte temporal delimitado para esse estudo foi de cerca de seis meses (25 de março a 30 de setembro de 2013). A definição desse período justifica-se devido à realização da Copa das Confederações, disputada no Brasil, em junho de 2013. A proposta foi analisar a narrativa dos cronistas em três momentos diferentes: durante os preparativos para o evento, a disputa do campeonato e as repercussões após o seu término. Primeiro, destacamos trechos de todas as crônicas que retratavam, explícita ou implicitamente, a Seleção Brasileira. A partir daí, utilizamos a metodologia de Análise de Conteúdo com o objetivo de buscar evidências que comprovassem os pressupostos desse trabalho. Adotamos o método semântico, critério que nos permitiu sistematizar, em categorias e subcategorias, características relevantes presentes nas narrativas dos cronistas para posterior desenvolvimento da análise do conteúdo das colunas esportivas.

Por meio do referencial teórico utilizado para fundamentar este trabalho, a pesquisa com os torcedores e a análise das colunas esportivas foi possível delinear algumas inferências, chegar a determinadas reflexões e perceber a necessidade e o desejo de aprofundar essa pesquisa durante a realização da Copa de 2014 no Brasil, um evento histórico para o nosso país.

## CAPÍTULO 1

### IDENTIDADE: REFLEXÕES TEÓRICAS

---

O tema identidade tem sido objeto de análise de teóricos de diferentes áreas do conhecimento. Os estudiosos (re)discutem conceitos e, ao mesmo tempo, questionam e refletem sobre as transformações que afetaram a identidade, bem como as causas e as consequências dessas mudanças. O fenômeno da globalização é abordado por vários autores que explicam sua correlação com a identidade por meio de uma articulação entre o “local” e o “global”, demonstrando que a transnacionalização pode tanto fortalecer quanto enfraquecer as identidades nacionais. Nesse capítulo, são apresentadas as concepções de diferentes autores que dialogam, mas também se contrapõem, a respeito das diversas perspectivas que permeiam a identidade. Por meio das visões apresentadas, será possível inferir se a identidade está, ou não, passando por uma crise.

Stuart Hall (1998) sugere que a identidade deve ser entendida a partir das maneiras como as pessoas se sentem representadas ou interpeladas pelos fatores culturais que vivenciam. O autor aborda, cronologicamente, as transformações sofridas pela identidade perpassando três diferentes concepções: a do sujeito do Iluminismo, a do sujeito sociológico e a do sujeito pós-moderno.

Segundo Hall, a pessoa humana, na visão do sujeito do Iluminismo, era aquela centrada e unificada, cujo centro do “eu” representava a própria identidade “que emergia pela primeira vez quando o sujeito nascia e com ele se desenvolvia, ainda que permanecendo essencialmente o mesmo – contínuo ou idêntico a ele – ao longo da existência do indivíduo” (HALL, 1998, p. 10-11). O autor considera essa concepção do sujeito do Iluminismo e sua identidade como sendo “muito individualista”. Vale ressaltar que essa visão vai ao encontro das percepções do filósofo René Descartes, que buscou explicar o dualismo entre a “mente”, que seria a substância pensante, e a “matéria”, a substância espacial. E foi no centro da “mente” que o filósofo situou o sujeito individual como sendo aquele capaz de pensar e raciocinar. Descartes foi quem criou uma das frases mais famosas do mundo “penso, logo existo”, concebendo o sujeito como um ser racional, pensante e consciente, chamado de “sujeito cartesiano”.

Já o sujeito sociológico, apesar de ainda ter uma essência interior que simbolizava o “eu real”, apresentava uma necessidade de preencher “o espaço entre o ‘interior’ e o ‘exterior’ – entre o mundo pessoal e o mundo público” (HALL, 1998, p. 11). Ou seja, buscava uma interação entre o “eu” e a sociedade, um reflexo da complexidade do mundo moderno.

A terceira perspectiva proposta por Stuart Hall e que, cronologicamente, associa-se à segunda metade do século XX até os dias atuais refere-se à concepção de identidade do sujeito pós-moderno, o qual não mais possui um “eu” coerente, pois não tem uma identidade fixa e permanente, contrária à visão do sujeito do Iluminismo. O sujeito pós-moderno adota identidades diferentes, de acordo com sua conveniência (HALL, 1998). O autor ressalta que a identidade se transforma em uma “celebração móvel”, sendo assim, a visão de uma identidade unificada e estável cede espaço à noção de descentramento e fragmentação do sujeito moderno:

Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. [...] A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente. (HALL, 1998, p. 13).

O descentramento das identidades justifica-se não pela simples desagregação do sujeito moderno, mas por seu deslocamento, resultado de um conjunto de “rupturas nos discursos do conhecimento moderno” (HALL, 1998, p. 34).

O autor aponta cinco principais pontos que contribuíram para a transformação da identidade do sujeito cartesiano em sujeito da modernidade tardia. O primeiro deles configura-se em uma releitura do pensamento marxista. A afirmação de Marx de que “os homens fazem a história, mas apenas sob as condições que lhes são dadas” recebeu uma nova interpretação, deslocando a noção de agência individual:

Os indivíduos não poderiam de nenhuma forma ser os ‘autores’ ou os agentes da história, uma vez que eles podiam agir apenas com base em condições históricas criadas por outros e sob as quais eles nasceram, utilizando os recursos materiais e de cultura que lhes foram fornecidos por gerações anteriores. (HALL, 1998, p. 34).

O segundo descentramento que impactou o pensamento ocidental do século XX fundamenta-se na descoberta do inconsciente por Freud, que afirma que nossas identidades são estruturadas a partir de “[...] processos psíquicos e simbólicos do inconsciente, que funciona de acordo com uma ‘lógica’ muito diferente daquela da razão [...]” (HALL, 1998, p.

36). A teoria de Freud contradita a visão da identidade permanente e unificada do sujeito cartesiano, proposta por Descartes.

Para explicar o terceiro descentramento da identidade e do sujeito, Stuart Hall baseia-se no trabalho do linguista Ferdinand de Saussure que “[...] argumentava que nós não somos, em nenhum sentido, os ‘autores’ das afirmações que fazemos ou dos significados que expressamos na língua. [...]. A língua é um sistema social e não um sistema individual. Ela preexiste a nós” (HALL, 1998, p. 40). Segundo as premissas de Saussure, citadas por Hall (1998), quando falamos uma língua, expressamos não apenas nossos sentimentos interiores, mas, também, os significados que já estão inseridos na própria língua e nos sistemas culturais dos quais participamos.

O quarto descentramento, que também representou uma ruptura nos discursos do conhecimento moderno, teve como referência os trabalhos do filósofo e historiador Michel Foucault, que revela um novo tipo de poder, o “poder disciplinar”. Esse poder preocupa-se principalmente com a regulação, mas, também, com o indivíduo e o corpo.

O objetivo do ‘poder disciplinar’ consiste em manter as vidas, as atividades, o trabalho, as infelicidades e os prazeres do indivíduo [...] sob estrito controle e disciplina, com base no poder dos regimes administrativos, do conhecimento especializado dos profissionais e no conhecimento fornecido pelas ‘disciplinas’ das Ciências Sociais. (HALL, 1998, p. 42).

O quinto e último principal deslocamento relaciona-se ao feminismo que, segundo Hall, pode ser considerado uma referência da modernidade tardia, não apenas como uma crítica teórica, mas também como um movimento social. O autor aponta que o feminismo exerceu um importante papel em relação ao deslocamento conceitual dos sujeitos cartesiano e sociológico. Por meio do slogan “o pessoal é político”, o movimento feminista questionou a distinção entre o público e o privado, abrindo caminho para a contestação política sobre família, trabalho e sexualidade, assuntos relacionados à vida social que, antes do movimento, não faziam parte das pautas de contestação política. O movimento também abordou a formação das identidades sexuais e de gênero e questionou a concepção de que homens e mulheres tinham uma identidade una (HALL, 1998).

Os cinco deslocamentos apontados por Hall como os principais responsáveis pela mudança entre os indivíduos e a identidade explicam o descentramento do sujeito cartesiano, cuja identidade era permanente e estável, e o surgimento do sujeito da modernidade tardia, a era das identidades fragmentadas, instáveis e inacabadas.

Outro “fenômeno” que, desde o final do século XX, vem afetando a questão das identidades, principalmente as nacionais/culturais, é o da globalização, tema de suma importância para este trabalho por ser um dos pressupostos do distanciamento do torcedor em relação à Seleção Brasileira.

A globalização atinge cidades, estados e, principalmente, nações. Não há como ficar imune a esse fenômeno que tende a diluir, cada vez mais, os limites, as divisas e as fronteiras. O antropólogo Néstor García Canclini demonstra preocupação em relação a essa transformação quando afirma: “o que nos perturba é que os mapas que ordenavam os espaços e davam um sentido global aos comportamentos, às travessias, estão se desvanecendo” (CANCLINI, 2010, p. 122). O autor ressalta que a globalização gerou um novo cenário sociocultural redefinindo a noção de pertencimento e identidade, agora fundamentada mais pelas comunidades transnacionais do que pelas próprias culturas locais ou nacionais. Em contrapartida, critica a visão simplista que reduz a globalização a um mero processo de homogeneização. Para Canclini, muitas diferenças nacionais persistem com a transnacionalização, portanto, a globalização deve ser entendida como um “[...] reordenamento das diferenças e desigualdades, sem suprimi-las: por isso, multiculturalidade é um tema indissociável dos movimentos globalizadores” (CANCLINI, 2010, p. 11).

Canclini também estabelece um paralelo entre as identidades modernas e as pós-modernas. Ele explica que, enquanto as primeiras eram territoriais e, na maioria das vezes, monolíngüísticas, as identidades pós-modernas, por sua vez,

[...] são transterritoriais e multilingüísticas. Estruturam-se menos pela lógica dos Estados do que pela dos mercados; em vez de se basearem nas comunicações orais e escritas que cobriam espaços personalizados e se efetuavam mediante interações próximas, operam por meio da produção industrial de cultura, de sua comunicação tecnológica e do consumo diferido e segmentado de bens. A clássica definição socioespacial de identidade referida a um território particular precisa ser complementada com uma definição sociocomunicacional. Tal reformulação teórica deveria significar, no nível das políticas ‘identitárias’ (ou culturais), que estas, além de se ocuparem do patrimônio histórico, desenvolvam estratégias relativas aos cenários informacionais e comunicacionais nas quais também se configuram e renovam as identidades. (CANCLINI, 2010, p. 46).

Em diálogo com Canclini, a autora Kathryn Woodward (2000) destaca que a globalização requer a interação entre elementos culturais e econômicos. Essa interação vai gerar transformações nos padrões de produção e consumo que resultarão na formação de identidades novas. Além disso, a globalização pode apresentar diferentes resultados:

A homogeneidade cultural promovida pelo mercado global pode levar ao distanciamento da identidade relativamente à comunidade e à cultura local. De forma alternativa, pode levar a uma resistência que pode fortalecer e reafirmar algumas identidades nacionais e locais ou levar ao surgimento de novas posições de identidade. (WOODWARD, 2000, p. 21).

Em consonância com Canclini e Woodward, Hall (1998) destaca que as novas concepções temporais e espaciais constituem as características da globalização que mais interferem nas identidades culturais. O autor sugere três prováveis consequências da globalização: 1) a desintegração das identidades nacionais que resulta na homogeneização das identidades globais; 2) o “reforço” das identidades nacionais e locais, consequência da resistência à globalização e 3) novas identidades hibridizadas que estão substituindo as identidades nacionais. Vale ressaltar que, apesar de contraditórias, as três deduções a respeito da globalização ocorrem paralelamente nas identidades culturais.

Com o objetivo de analisar se as identidades nacionais estão sendo realmente “homogeneizadas”, Hall considera três contratendências principais. A primeira seria a discussão entre a questão do “global” e o “local”. Segundo ele, apesar da tendência a uma homogeneização global, existe, ao mesmo tempo, uma nova atração pelo “local”:

A globalização [...] na verdade, explora a diferenciação local. Assim, ao invés de pensar no global como ‘substituindo’ o local seria mais acurado pensar numa nova articulação entre ‘o global’ e ‘o local’. Este ‘local’ não deve, naturalmente, ser confundido com velhas identidades, firmemente enraizadas em localidades bem delimitadas. Em vez disso, ele atua no interior da lógica da globalização. Entretanto, parece improvável que a globalização vá simplesmente destruir as identidades nacionais. É mais provável que ela vá produzir, simultaneamente, novas identificações ‘globais’ e novas identificações ‘locais’. (HALL, 1998, p. 77-78).

O segundo ponto em relação à crítica da homogeneização global das identidades fundamenta-se na distribuição desigual ao redor do mundo, ou seja, os desequilíbrios que ocorrem entre algumas regiões e dentro das próprias regiões, de acordo com os diferentes estratos da população (HALL, 1998).

A terceira contratendência, por sua vez, diz respeito ao fato de se ter ciência do que é mais afetado pela homogeneização cultural. Hall ressalta que, por haver um grande desequilíbrio, por existirem “relações desiguais de poder cultural entre ‘o Ocidente’ e ‘o Resto’, pode parecer que a globalização – embora seja, por definição, algo que afeta o globo inteiro – seja essencialmente um fenômeno ocidental” (HALL, 1998, p. 78). O autor conclui que as evidências indicam que os efeitos pluralizadores da globalização estão sendo sentidos em todos os lugares, a diferença reside no ritmo em que são vivenciados.



Para um melhor entendimento sobre as causas e consequências das transformações sofridas pela identidade e como ela é afetada pela globalização, é preciso pensá-la em um contexto maior: as identidades culturais nacionais. Hall (1998) defende que as identidades nacionais são formadas e, também, transformadas no interior da representação tanto do sujeito quanto da sociedade – ou seja, não nascemos com essas identidades.

As culturas nacionais são compostas não apenas de instituições culturais, mas também de símbolos e representações. Uma cultura nacional é um discurso – um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos. [...] As culturas nacionais, ao produzir sentidos sobre ‘a nação’, sentidos com os quais podemos nos identificar, constroem identidades. Esses sentidos estão contidos nas histórias que são contadas sobre a nação, memória que conectam seu presente com seu passado e imagens que dela são construídas. (HALL, 1998, p. 50-51).

Portanto, o autor argumenta que “a nação não é apenas uma entidade política, mas algo que produz sentidos – um sistema de representação cultural. As pessoas não são apenas cidadãos/ãs legais de uma nação; elas participam da ideia da nação tal como representada em sua cultura nacional” (HALL, 1998, p. 49). Kathryn Woodward dialoga com Hall ao afirmar que as identidades “adquirem sentido por meio da linguagem e dos sistemas simbólicos pelos quais elas são representadas” (WOODWARD, 2000, p. 8). Berger e Luckmann (2007, p. 56-57) consideram a linguagem como o principal sistema de sinais da sociedade humana sendo “capaz de se tornar o repositório objetivo de vastas acumulações de significados e experiências que pode então preservar no tempo e transmitir às gerações futuras”.

Para explicar o sistema de representação, Hall visita a obra *Comunidades Imaginadas*, do historiador e cientista político Benedict Anderson. Este sustenta que as nações se distinguem umas das outras de acordo com as diferentes maneiras como são imaginadas, comparando, portanto, a identidade nacional a uma “comunidade imaginada” (HALL, 1998, p. 51).

Para reforçar suas afirmações, Hall também recorre ao historiador francês Ernest Renan que destaca três fatores constituintes do princípio espiritual da unidade de uma nação: 1) as memórias do passado; 2) o desejo por viver em conjunto e 3) a perpetuação da herança. Stuart Hall enfatiza que esses três fatores possibilitam que uma cultura nacional seja uma “comunidade imaginada” (HALL, 1998, p. 58).

Woodward (2000) ressalta a importância do passado e do presente em relação às identidades. Segundo a autora, a contestação que ocorre no presente é uma busca de justificativas para se criar novas identidades nacionais. Reforçando a visão da autora, Hall destaca que todas as identidades estão localizadas no espaço e no tempo simbólicos, ou seja, “[...] nas tradições inventadas que ligam passado e presente, em mitos de origem que projetam

o presente de volta ao passado, em narrativas de nação que conectam o indivíduo a eventos históricos nacionais mais amplos, mais importantes” (HALL, 1998, p. 71-72).

Ao afirmar que as identidades são relacionais, Woodward quer dizer que elas são marcadas pela diferença e que dependem de algo fora dela:

As identidades são fabricadas por meio da marcação da diferença. Essa marcação da diferença ocorre tanto por meio de sistemas simbólicos de representação quanto por meio de formas de exclusão social. A identidade, pois, não é o oposto da diferença: a identidade depende da diferença. (WOODWARD, 2000, p. 39-40).

Tomaz Tadeu da Silva (2000) não apenas corrobora a visão de Woodward de que a identidade e a diferença são interdependentes, mas também afirma que ambas são consequência de atos produzidos no contexto linguístico, sendo, portanto, criações sociais e culturais. Silva complementa que a identidade e a diferença provocam instabilidade e indeterminação. Assim como a linguagem, a identidade está propensa à fixação, “entretanto, tal como ocorre com a linguagem, a identidade está sempre escapando. A fixação é uma tendência e, ao mesmo tempo, uma impossibilidade” (SILVA, 2000, p. 84). Portanto, a linguagem define, mesmo que parcialmente, a identidade e a diferença, gerando instabilidade e indeterminação. Resultantes dessa lógica, surgem sempre processos de inclusão e de exclusão, ou seja, quando afirmamos aquilo “que somos”, estamos, ao mesmo tempo, afirmando aquilo que “não somos”:

A identidade ‘ser brasileiro’ não pode [...] ser compreendida fora de um processo de produção simbólica e discursiva, em que o ‘ser brasileiro’ não tem nenhum referente natural ou fixo, não é um absoluto que exista anteriormente à linguagem e fora dela. Ela só tem sentido em relação com uma cadeia de significados formadas por outras identidades nacionais que, por sua vez tampouco são fixas, naturais ou predeterminadas. Em suma, a identidade e a diferença são tão indeterminadas e instáveis quanto a linguagem da qual dependem. (SILVA, 2000, p. 80).

O autor acrescenta que a diversidade cultural não pode ser considerada um ponto de origem, pelo contrário, dever ser vista como o ponto final de um conjunto de atividades determinadas por processos de diferenciação – ou seja, de identidade e diferença. Por isso, “a diversidade reafirma o idêntico. A multiplicidade estimula a diferença que se recusa a se fundir com o idêntico” (SILVA, 2000, p. 100-101).

Woodward (2000) complementa o pensamento de Silva ao reconhecer que as formas por meio das quais a cultura delimita fronteiras e determina a diferença são fundamentais para a compreensão das identidades, pois é justamente a diferença que distingue uma identidade da outra.

Por sua vez, Canclini (2010, p. 131) sustenta que “hoje a identidade, mesmo em amplos setores populares, é poliglota, multiétnica, migrante, feita com elementos mesclados de várias culturas” e que, por esses motivos, a diferença não deve ser o único foco de pesquisas:

Quando a circulação cada vez mais livre e frequente de pessoas, capitais e mensagens nos relaciona cotidianamente com muitas culturas, nossa identidade já não pode ser definida pela associação exclusiva a uma comunidade nacional. O objeto de estudo não deve ser, então, apenas a diferença, mas também a hibridização. (CANCLINI, 2010, p. 131).

As culturas híbridas, decorrentes da interface entre diferentes nacionalidades, raças ou etnias, estabelecem um novo tipo de identidade produzida na era da modernidade tardia (HALL, 1998). Silva (2000) defende que essa nova identidade, produto do processo de hibridização, embora ainda conserve algumas características, não constitui totalmente nenhuma das identidades originais:

Não se pode esquecer, entretanto, que a hibridização se dá entre identidades situadas assimetricamente em relação ao poder. [...] O que a teoria cultural ressalta é que, ao confundir a estabilidade e a fixação da identidade, a hibridização, de alguma forma, também afeta o poder. (SILVA, 2000, p. 87).

Na concepção de Canclini, atualmente, um dos maiores desafios para se repensar a identidade é analisar como ocorrem “as relações de continuidade, ruptura e hibridização – entre sistemas locais e globais, tradicionais e ultramodernos – no desenvolvimento cultural” (CANCLINI, 2010, p. 138).

Homi Bhabha também aborda questões relacionadas à identidade. Em sua obra *O Local da Cultura*, o autor inicia seu ensaio contestando a utilização do prefixo “pós”, utilizado por vários estudiosos como forma de expressar o momento presente em que vivemos. Para Bhabha, o correto seria utilizar o termo “além”, que significa uma distância espacial, uma determinação de progresso, uma promessa de futuro. Sendo assim, o ato de “ir além” só é representável se houver um retorno ao “presente” e é por isso que o presente não deve ser encarado apenas como uma ruptura ou um vínculo com o passado e o futuro. Bhabha (1998) explica a diferença entre estar no “além” e residir no “além”. Enquanto o primeiro significa habitar um espaço intermédio, o segundo indica um retorno ao presente para se definir a contemporaneidade cultural, ou seja, o espaço do “além” constitui-se aquele de intervenção no aqui e no agora.

[...] Encontramo-nos no momento de trânsito em que espaço e tempo se cruzam para produzir figuras complexas de diferença e identidade, passado e presente, interior e exterior, inclusão e exclusão. Isso porque há uma sensação de desorientação, um distúrbio de direção, no ‘além’: um movimento exploratório incessante [...]. (BHABHA, 1998, p. 19).

No decorrer de sua obra, Homi Bhabha desenvolve argumentos explicando, por exemplo, como, através do discurso, ocorre o sentimento de inferioridade dos colonizados em relação aos colonizadores e o de superioridade dos colonizadores em relação aos colonizados. O autor inspira-se nos estudos de Frantz Fanon para ressaltar aspectos que considera fundamentais no contexto cultural para a construção da identidade. Um deles, denominado de *cisão*, caracteriza-se pelo desejo do colonizado de assumir a posição do colonizador (superior), mesmo que para isso não perca sua condição de colonizado (inferior). Outra dimensão abordada refere-se à “imagem de identidade”, em que o sujeito passará por várias tentativas de transformação dentro do processo de identificação. Durante esse processo, terá que usar várias “máscaras”, as quais impedirão a formação de uma imagem autêntica.

O autor também discute sobre a importância dos “entre-lugares”, ou seja, a necessidade de ir “além das narrativas de subjetividades originárias e focalizar aqueles momentos ou processos que são produzidos nas diferenças culturais” (BHABHA, 1998, p. 20). Segundo ele, são os “entre-lugares” que fundamentam a elaboração de estratégias de subjetivação que resultarão em novos signos de identidade no ato de definição da própria concepção de sociedade. O autor conclui que o lugar da cultura é este “entre-lugar” entre o Eu e o Outro que se dá no momento que acontece o deslocamento cultural.

Bhabha ressalta que as próprias culturas nacionais homogêneas e a forma de transmissão das tradições históricas estão passando por um intenso processo de redefinição:

De certa forma é em oposição à certeza histórica e à natureza estável desse termo que procuro escrever sobre a nação ocidental como uma forma obscura e ubíqua de viver a localidade da cultura. Essa localidade está mais em torno da temporalidade do que sobre a historicidade: uma forma de vida que é mais complexa que ‘comunidade’, mais simbólica que ‘sociedade’, mais conotativa que ‘país’, menos patriótica que *patrie*, mais retórica que a razão de Estado, mais mitológica que a ideologia, menos homogênea que a hegemonia, menos centrada que o cidadão, mais coletiva que ‘o sujeito’, mais psíquica do que a civilidade, mais híbrida na articulação de diferenças e identificações culturais do que pode ser representado em qualquer estruturação hierárquica ou binária do antagonismo social. (BHABHA, 1998, p. 199).

E é por isso que o autor alerta sobre essas posições binárias – “eu/outro”; “negro/branco” – que podem ocorrer quando a identidade e a diferença são analisadas concomitantemente. Isso pode gerar uma lacuna que possibilita um hibridismo cultural que

aceita a diferença, mas sem levar em consideração uma hierarquia, seja ela suposta ou imposta (BHABHA, 1998).

Segundo Bhabha, só é possível entender o conceito de “povo” ao se fazer uma interpretação entre as fronteiras do espaço-nação. Para o autor, esse conceito relaciona-se muito mais a uma estratégia de referência social do que meramente a eventos históricos ou a elementos do corpo político patriótico. Bhabha propõe que, conceitualmente, o povo seja pensado em um “tempo-duplo”:

[...] o povo consiste em ‘objetos’ históricos de uma pedagogia nacionalista, que atribui ao discurso uma autoridade que se baseia no pré-estabelecido ou na origem histórica constituída no passado; o povo consiste também em ‘sujeitos’ de um processo de significação que deve obliterar qualquer presença anterior ou originária do povo-nação para demonstrar os princípios prodigiosos, vivos, do povo como contemporaneidade, como aquele signo do presente através do qual a vida nacional é redimida e reiterada como um processo reprodutivo. (BHABHA, 1998, p. 206-207).

Na concepção do autor, o povo não representa nem o início nem o fim da narrativa de uma nação. A fronteira que demarca a individualidade de uma nação desestrutura a visão homogênea do povo. A dualidade “individualidade” e “alteridade”, em relação a outras nações, não constitui o principal problema. Agora, temos que lidar, também, com a nação que se fragmenta dentro dela mesma e considerar a heterogeneidade apresentada dentro de cada sociedade: “a nação revela, em sua representação ambivalente e vacilante, uma etnografia de sua própria afirmação de ser a norma da contemporaneidade social” (BHABHA, 1998, p. 212).

No artigo intitulado “Sociologia, História e Romance na Construção da Identidade Nacional Através do Futebol”, Ronaldo Helal e César Gordon fazem um questionamento interessante sobre a constituição das identidades nacionais:

Se todas as histórias oficiais sobre formação de identidades nacionais não seriam, de fato, construções que, mesmo que incentivadas por uma elite, só fazem sentido, só se tornam oficiais, quando ‘colam’ com os anseios da população, isto é, quando são simultaneamente *mito* e *sonho*. Ou seja, não existiria uma relação dialética entre elite (discurso erudito) e povo (discurso popular)? (HELAL; GORDON, 2001, p. 69).

Os próprios autores argumentam que as essencializações, nas quais a construção das identidades nacionais está inserida, mesmo sendo simbólicas produzem um resultado “material” no imaginário coletivo.

Segundo o antropólogo Roberto DaMatta (1986), cujos estudos serão aprofundados no próximo capítulo, a identidade social – quando um indivíduo se reconhece através dos outros – é tão importante que não basta termos conhecimento de quem somos, é preciso investigar como nossas identidades são construídas. O autor, em consonância com Silva (2000), utiliza o

binômio afirmação/negação para explicar como as pessoas se identificam e se distinguem das outras. Quando, por exemplo, um indivíduo afirma “ser brasileiro”, conseqüentemente está afirmando-se como tal e, ao mesmo tempo, negando ter outras nacionalidades. Para constituir-se como algo único, “cada sociedade (e cada ser humano) apenas se utiliza de um número limitado de ‘coisas’ (e de experiências)” (DAMATTA, 1986, p. 16). É por isso que o autor afirma que, assim como a construção de uma sociedade, a construção de uma identidade social é baseada em afirmativas e negativas em relação a certas questões:

Tome uma lista de tudo o que você considera importante [...] e com ela você poderá saber quem é quem. [...] Descobrimo como as pessoas se posicionam e atualizam as ‘coisas’ dessa lista, você fará um ‘inventário’ de identidades sociais e de sociedades. Isso lhe permitirá descobrir o estilo e o ‘jeito’ de cada sistema. Ou, como se diz em linguagem antropológica, a cultura ou ideologia de cada sociedade. Porque, para mim, a palavra cultura exprime precisamente um estilo, um modo e um jeito, repito, de fazer as coisas. (DAMATTA, 1986, p. 17-18).

A abordagem das concepções de diversos autores possibilitou um entendimento sobre as convergências e divergências em relação às diferentes perspectivas inerentes à “identidade”. Após analisar como as identidades podem ser construídas e legitimadas, bem como as influências que exercem e também que as afetam, é possível inferir que, no momento atual – na modernidade tardia –, a identidade está, sim, passando por uma situação de crise. Mas como essas transformações refletiram na identidade brasileira? Para responder a essa questão, faz-se necessário entender, previamente, como a identidade brasileira foi construída e como ela se materializa no futebol, que se tornou um símbolo identitário nacional e sinônimo de “brasilidade”.

## CAPÍTULO 2

### IDENTIDADE E BRASILIDADE: O FUTEBOL É A CARA DO BRASIL

---

Para a compreensão do futebol como sinônimo de “brasilidade” é preciso fazer uma digressão ao passado, posto que as origens e conseqüente desenvolvimento do Brasil explicam as causas que fizeram com que esse esporte, além de atuar como um fenômeno de integração social, se transformasse em um símbolo da identidade nacional.

Dentre as obras utilizadas neste capítulo, duas, *Casa-grande & Senzala* e *Raízes do Brasil*, foram escritas na década de 30 do século XX e, por analisarem a sociedade brasileira por meio de suas origens, heranças culturais e tradições, ajudam a elucidar muitas das características identitárias do Brasil.

O livro *Raízes do Brasil*, de Sérgio Buarque de Holanda, que teve sua primeira edição em 1936 é, ainda hoje, considerado atual e utilizado como referência para elucidar vários aspectos, principalmente a herança deixada pelos colonizadores portugueses, que foram cruciais para a formação da sociedade brasileira. A partir de sua sexta edição, em 1967, a obra foi contemplada com um prefácio do sociólogo Antonio Candido, intitulado “O Significado de Raízes do Brasil”. Além de abordar a importância do livro e sintetizar o conteúdo de todos os capítulos, Candido esclarece que o autor organiza seu pensamento pela exploração de conceitos polares para mostrar a relação dialética entre diversos pares selecionados para demonstrar correlações e interações no processo histórico:

Com esse instrumento, Sérgio Buarque de Holanda analisa os fundamentos do nosso destino histórico, as ‘raízes’, aludidas pela metáfora do título, mostrando a sua manifestação nos aspectos mais diversos [...]. Trabalho e aventura; método e capricho; rural e urbano; burocracia e caudilhismo; norma impessoal e impulso afetivo – são pares que o autor destaca no modo-de-ser ou na estrutura social e política, para analisar e compreender o Brasil e os brasileiros. (CANDIDO, 1995, p. 13).

Ao discorrer sobre a colonização no Brasil, Holanda (1995) parte do pressuposto de que o elemento predominante nas origens da sociedade brasileira que gerou importantes conseqüências foi a tentativa dos portugueses e espanhóis de incorporarem sua cultura europeia no vasto território brasileiro, provido de condições naturais acentuadamente incomuns à sua tradição milenar. O autor alega que “a falta de coesão em nossa vida social não representa, assim, um fenômeno moderno. E é por isso que erram profundamente aqueles

que imaginam na volta à tradição, a certa tradição, a única defesa possível contra nossa desordem” (HOLANDA, 1995, p. 33).

Ainda segundo o autor, uma característica das nações ibéricas é que entre elas prevalece uma percepção obsoleta na qual a ociosidade é considerada mais importante do que o trabalho diário ou qualquer atividade produtiva. O apreço é pela vida de “grande senhor”, sem preocupações e destituída da obrigação de realizar algum tipo de esforço. Por conseguinte, raramente, a obediência é concebida como uma virtude para os povos ibéricos. Holanda (1995) ressalta que toda cultura só incorpora as características de outras culturas quando existe a perspectiva de adaptação às suas formas de viver.

No caso brasileiro, a verdade, por menos sedutora que possa parecer a alguns dos nossos patriotas, é que ainda nos associa à península Ibérica, a Portugal especialmente, uma tradição longa e viva, bastante viva para nutrir, até hoje, uma alma comum, a despeito de tudo quanto nos separa. Podemos dizer que de lá nos veio a forma atual de nossa cultura; o resto foi matéria que se sujeitou mal ou bem a essa forma. (HOLANDA, 1995, p. 40).

Em outra parte de sua obra, Holanda (1995) aborda um tema que se tornou um estigma do nosso país: a cordialidade, uma característica que representa a natureza do povo brasileiro.

Já se disse, numa expressão feliz, que a contribuição brasileira para a civilização será de cordialidade – daremos ao mundo o ‘homem cordial’. A lhanza no trato, a hospitalidade, a generosidade, virtudes tão gabadas por estrangeiros que nos visitam, representam, com efeito, um traço definido do caráter brasileiro [...]. Seria engano supor que essas virtudes possam significar ‘boas maneiras’, civilidade. São antes de tudo expressões legítimas de um fundo emotivo extremamente rico e transbordante. (HOLANDA, 1995, p. 146-147).

O autor faz um alerta para que não se confunda cordialidade com polidez, pois, a forma de convívio social do brasileiro é justamente oposta ao que se considera polidez. Essa, segundo Holanda, seria um tipo de defesa perante a sociedade e está na epiderme do indivíduo (na parte exterior), como um disfarce que possibilitará que cada pessoa mantenha, incólumes, seus sentimentos. Ele considera o comportamento polido como um tipo de “mímica” de manifestações, que no “homem cordial” ocorrem naturalmente.

No ‘homem cordial’, a vida em sociedade é, de certo modo, uma verdadeira libertação do pavor que ele sente em viver consigo mesmo, em apoiar-se sobre si próprio em todas as circunstâncias da existência. Sua maneira de expansão para com os outros reduz o indivíduo, cada vez mais, à parcela social, periférica, que no brasileiro – como bom americano – tende a ser a que mais importa. Ela é antes um viver nos outros. (HOLANDA, 1995, p. 147).

Quando retrata a questão da mestiçagem no Brasil, Holanda (1995) afirma que os portugueses não tinham orgulho de sua raça e, por isso, a mistura de etnias não era um



acontecimento ocasional, mas uma prática comum entre eles que acabou por promover a fixação dos portugueses ao meio tropical. “Foi, em parte, graças a esse processo que eles puderam, sem esforço sobre-humano, construir uma pátria nova longe da sua” (HOLANDA, 1995, p. 66).

A mistura de raças sempre foi alvo de muitas discussões entre sociólogos, antropólogos, críticos e pesquisadores. Na maior parte do século XIX, a miscigenação era vista como um problema, pois resultaria na formação de indivíduos mais desqualificados para a civilização impedindo, portanto, o avanço do Brasil. No final do século XIX e princípio do século XX, o discurso mudou e a mistura de raças, até então vista como um processo de degeneração, passou a ser considerada como uma solução para impedir o “atraso” do país. Foi a partir dessa perspectiva que se construiu o ideal de branqueamento, que sugeria que a miscigenação resolveria o problema racial brasileiro já que faria com que o “sangue branco”, considerado superior, purificasse gradualmente o “sangue negro”, até sua diluição. Nesse sentido, a raça branca seria predominante e permitiria a formação de uma sociedade civilizada e suscetível ao progresso.

A partir da década de 1930, surge um novo paradigma no qual a miscigenação passou a ser considerada como um fator positivo resultando em uma democracia racial, ou seja, um ideal de igualdade social. No Brasil, por meio da obra *Casa-grande & Senzala*, que teve sua primeira edição lançada em 1933, Gilberto Freyre revelou-se o maior defensor dessa nova abordagem sobre a mistura das raças. Para o autor, a miscigenação colocaria fim ao racismo, ajudaria a sociedade a progredir e tornaria o Brasil um país com características muito peculiares diante de outras nações.

A miscigenação que largamente se praticou aqui corrigiu a distância social que de outro modo se teria conservado enorme entre a casa-grande e a mata tropical; entre a casa-grande e a senzala. O que a monocultura latifundiária e escravocrata realizou no sentido de aristocratização, extremando a sociedade brasileira em senhores e escravos [...] foi em grande parte contrariado pelos efeitos sociais da miscigenação. (FREYRE, 2001, p. 46).

Ao abordar a sociedade brasileira sob o viés da mistura entre brancos, índios e negros, as três raças fundadoras da nossa nacionalidade, Freyre não apenas interpreta esse hibridismo como positivo, mas enaltece o papel e o valor do negro nesse processo de miscigenação racial.

Todo brasileiro, mesmo o alvo, de cabelo louro, traz na alma, quando não na alma e no corpo [...] a sombra, ou pelo menos a pinta, do indígena ou do negro. No litoral, do Maranhão ao Rio Grande do Sul, e em Minas Gerais, principalmente do negro. A influência direta, ou vaga e remota, do africano. (FREYRE, 2001, p. 343).

Para o autor, a miscigenação era sinônimo de “democracia racial” e formaria uma sociedade culturalmente sincrética, sendo que cada “raça” teria uma contribuição qualitativamente diferente e, por isso, a identidade nacional deveria ser compreendida através da confluência dessas culturas que contribuíram para a formação do povo brasileiro. Portanto, Freyre refuta a ideia de que, devido a prevalência da mestiçagem no país, os brasileiros seriam inferiores aos povos de outras nações. Muito pelo contrário, o autor demonstra uma forte convicção de que foi justamente a mistura de raças entre os ibéricos, indígenas e africanos o fator preponderante para a construção de uma sociedade brasileira culturalmente positiva.

Vários autores, dentre eles Roberto DaMatta (1986), desconstruem a concepção de “democracia racial” proposta por Gilberto Freyre. Utilizando-se da expressão “triângulo racial” para explicar a formação do Brasil, DaMatta (1986) ressalta que a miscigenação serviu para camuflar a intensa injustiça social contra as três raças – os negros, os índios e os mulatos – criando, assim, o mito da democracia racial:

De fato, é mais fácil dizer que o Brasil foi formado por um triângulo de raças, o que nos conduz ao mito da democracia racial, do que assumir que somos uma sociedade hierarquizada, que opera por meio de gradações e que, por isso mesmo, pode admitir, entre o branco superior e o negro pobre e inferior, uma série de critérios de classificação. Assim, podemos situar as pessoas pela cor da pele ou pelo dinheiro. Pelo poder que detêm ou pela feiura de seus rostos. Pelos seus pais e nome de família, ou por sua conta bancária. As possibilidades são ilimitadas, e isso apenas nos diz de um sistema com enorme e até agora inabalável confiança no credo segundo o qual, dentro dele, ‘cada um sabe muito bem o seu lugar’. (DAMATTA, 1986, p. 47).

Ao desmistificar a democracia racial, DaMatta (1986, p. 84) explica que o “‘racismo à brasileira’, paradoxalmente, torna a injustiça algo tolerável, e a diferença, uma questão de tempo e amor”. Ainda segundo o autor, uma maneira perspicaz de disfarçar uma sociedade que até hoje não se vê como hierarquizada e fragmentada.

Outro estudioso que trabalha a questão dos aspectos étnicos e da formação do Brasil é o antropólogo Darcy Ribeiro. Depois de fazer um percurso sobre a “gestação étnica”, “o processo sócio cultural”, os diversos “brasis” na história, o autor finaliza sua obra abordando o “destino nacional” com observações interessantes que nos ajudam a compreender a formação do povo brasileiro.

O Brasil foi regido primeiro como uma feitoria escravista, exoticamente tropical, habitada por índios nativos e negros importados. Depois, como um consulado, em que um povo sub-lusitano, mestiçado de sangue afro e índios vivia o destino de um proletariado externo dentro de uma possessão estrangeira. Os interesses e as aspirações do seu povo jamais foram levados em conta, porque só se tinha atenção e zelo no atendimento dos requisitos de prosperidade da feitoria exportadora. (RIBEIRO, 1995, p. 447).

Mais adiante, Ribeiro (1995) cita Sérgio Buarque de Holanda como um dos defensores de que nossos defeitos e qualidades são atribuídos a um valor casual. Ele afirma que Holanda sinalizou como “características nossas, herdadas dos iberos, a sobranceira hispânica, o desleixo e a plasticidade lusitanas, bem como o espírito aventureiro e apreço à lealdade de uns e outros, e ainda, seu gosto maior pelo ócio do que pelo negócio”.

Da mistura de todos esses ingredientes, resultaria uma certa frouxidão e anarquismo, a falta de coesão, a desordem, a indisciplina e a indolência. Mas derivariam delas, também, certo pendor para o mandonismo, para o autoritarismo e para a tirania. Como quase tudo isso são defeitos, devemos convir que somos um caso feio, tamanha seriam as carências de que padecemos. Seria assim? Temo muito que não. Muito pior para nós, teria sido, talvez, e Sérgio o reconhece o contrário de nossos defeitos, tais como, o servilismo, a humildade, a rigidez, o espírito de ordem, o sentido de dever, o gosto pela rotina, a gravidade, a sisudez. Elas bem poderiam nos ser ainda mais nefastas porque nos teriam tirado a criatividade do aventureiro, a adaptabilidade de quem não é rígido mas flexível, a vitalidade de quem enfrenta, ousado, azares e fortunas, a originalidade dos indisciplinados. (RIBEIRO, 1995, p. 451).

E é ainda Darcy Ribeiro que nos apresenta uma definição extremamente interessante sobre quem somos nós brasileiros:

Um povo mestiço na carne e no espírito, já que aqui a mestiçagem jamais foi crime ou pecado. Nela fomos feitos e ainda continuamos nos fazendo. Essa massa de nativos oriundos da mestiçagem viveu por séculos sem consciência de si, afundada na *ninguendade*. Assim foi até se definir como uma nova identidade étnica-nacional, a de brasileiros. Um povo, até hoje, em ser, na dura busca de seu destino. Olhando-os, ouvindo-os, é fácil perceber que são, de fato, uma nova romanidade, uma romanidade tardia mas melhor, porque lavada em sangue índio e sangue negro (RIBEIRO, 1995, p. 453).

Quando da apresentação da candidatura do Brasil para sediar a Olimpíada de 2016, o então Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, utilizou uma definição semelhante para caracterizar os brasileiros e a sua relação apaixonada com o esporte, um caso de identidade nacional.

Somos um povo apaixonado pelo esporte, apaixonados pela vida. Olhando para os cinco aros do símbolo olímpico, vejo neles meu país. Um Brasil de homens e mulheres de todos os continentes: americanos, europeus, africanos, asiáticos, todos orgulhosos de suas origens e mais orgulhosos de se sentirem brasileiros. Não só somos um povo misturado, mas um povo que gosta muito de ser misturado. É o que faz nossa identidade. (BRASIL, 2009).<sup>1</sup>

Os pontos destacados por Darcy Ribeiro, pelo Ex-Presidente Luiz Inácio Lula da Silva e demais autores abordados nesse capítulo, quando observados sob o olhar focado no futebol,

<sup>1</sup> Discurso do Ex-Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na sessão de apresentação da Candidatura Rio 2016 ao Comitê Olímpico Internacional (COI), em Copenhague, Dinamarca, em 02 de outubro de 2009.

contribuem para o entendimento de outras características que formam o conceito de brasilidade.

## 2.1 MISCIGENAÇÃO, JEITINHO BRASILEIRO E MALANDRAGEM: SINÔNIMOS DA BRASILIDADE

Com a chegada do futebol no Brasil, em 1894<sup>2</sup>, vindo da Inglaterra e praticado inicialmente pela elite industrial brasileira, tão logo se popularizou, tornou-se uma alternativa da identidade brasileira.

O êxito do futebol no Brasil desmonta integralmente a velha tese segundo a qual os povos colonizados estariam permanentemente submetidos às instituições inventadas e impostas pelos seus colonizadores-espoliadores-dominadores. Mais que isso: o sucesso mundial do futebol brasileiro obrigou a mudar as velhas teses sobre a identidade nacional. Não foram, pois, políticos, os formadores de opinião pública ou muito menos os intelectuais (quase todos racistas e favoráveis ao ‘branqueamento’) que começaram a acreditar no valor. Paradoxalmente, foi esse jogo estrangeiro, claramente elitista, repleto de nomes desconhecidos e impronunciáveis pelo povo semi-analfabeto e monolíngue do Brasil que, graças à força das redefinições culturais não previstas, provocadas pelo processo aculturativo, se transforma no principal agente de uma radical, porque positiva redefinição dos modos de perceber as possibilidades e as capacidades do Brasil. (DAMATTA, 2006, p. 144).

A questão étnica vai pontuar o debate sobre o futebol e a identidade brasileira em vários momentos. Guterman (2009, p. 27) comenta que na primeira década do século XX havia uma preocupação “com o espectro da mistura racial a rondar os centros urbanos após a abolição da escravatura”. O autor cita a obra do Conde Artur de Gobineau, *Ensaio sobre a Desigualdade das Raças*, que falava que “a única saída para os brasileiros brancos era promover a entrada de imigrantes europeus a fim de evitar o cruzamento com os negros cujo resultado seria a degeneração da raça branca” (GUTERMAN, 2009, p. 27). Guterman afirma que a presença do negro no futebol brasileiro seria tema controverso até pelo menos os anos de 1970.

Entretanto, essa discussão permanece. Um dos mais recentes debates ocorreu entre os pesquisadores Ronaldo Helal, César C. Gordon Jr. e Antônio Jorge G. Soares sobre a obra de

---

<sup>2</sup> Essa é a data em que Charles Muler, chamado de “pai do futebol brasileiro”, voltou ao Brasil, após um período de estudos na Inglaterra, embora vários historiadores identifiquem a prática desse esporte no País antes dessa data. Caso do Instituto Grambery, em Juiz de Fora, que, em um documento de 1893 apresenta uma citação de uma partida de futebol que seria disputada nas dependências do colégio.

Mário Filho, *O negro no futebol brasileiro*. O texto de Mário Filho é considerado por vários autores como referência sobre a gênese da formação do futebol de massas no Brasil. Em sua primeira edição, em 1947, a obra trouxe uma importante contribuição para a discussão da própria identidade do brasileiro, inspirada que foi nos estudos de Gilberto Freyre. Ela inovou na metodologia a partir do momento em que valoriza sobremaneira depoimentos retirados de entrevistas feitas pelo autor. “É uma obra considerada precursora do recurso sistemático à história oral como fonte da história escrita, prática que só viria a se disseminar mais amplamente nas ciências sociais brasileiras.” (FERNANDES, 2003, p. 10). Mário Filho era defensor da tradição oral e afirmava que era “muito mais rica, muito mais viva, do que a escrita dos documentos oficiais, graves, circunspectos ou dos jornais que diziam quase nada” (FERNANDES, 2003, p. 10).

Em sua narrativa, Mário Filho nos conta que a ruptura do preconceito em relação ao negro atuar no futebol concretiza-se a partir da conquista do campeonato estadual pelo Vasco em 1923, do São Cristóvão em 1926 e do Bangu em 1933. Esses times tinham nas suas formações jogadores negros, mulatos e de origem humilde, sem falar no fato de não pertencerem ao grupo de outros clubes considerados de elite da zona sul carioca.

Os clubes finos, de sociedade, como se dizia, estavam diante de um fato consumado. Não se ganhava campeonato só com times de brancos. Um time de brancos, mulatos e pretos era o campeão da cidade. Contra esse time, os times de brancos não tinham podido fazer nada. Desaparecera a vantagem de ser de boa família, de ser estudante, de ser branco. O rapaz de boa família, o estudante, o branco, tinha de competir, em igualdade de condições, com o pé rapado, quase analfabeto, o mulato e o preto, pra ver quem jogava melhor. (FERNANDES, 2003, p. 11).

Soares (1998) apresenta uma crítica à obra de Mário Filho, acusando-o de distorções nas narrativas. João Paulo Vieira Teixeira (2011) afirma que:

Está claro que Mário Filho criou mitos, inventou tradições. No entanto, tudo isso começou a surgir já na narrativa de jornais [...]. Claramente, o mito dos homens negros serem fortes encontra muito mais respaldo nas narrativas jornalísticas, do que a ideia de que os jogadores negros são mais habilidosos que os demais e que se valem da malemolência para obter resultados positivos. (TEIXEIRA, 2011, p. 108).

Helal e Gordon (2001) consideram que o fato de se atribuir à obra de Mário Filho um misto de ficção e realidade não a torna menos importante na busca do conceito de identidade. Segundo eles, *O Negro no Futebol do Brasil* contribui para acrescentar ao nosso futebol uma “tradição inventada”:

O fato é que o futebol torna-se nessa fase um espaço atravessado por feixes de interesses, discursos e processos simultâneos: é ao mesmo tempo um dos únicos domínios de que negros e mulatos dispõem para ingressar no sistema econômico brasileiro, matéria-prima de um discurso de integração nacional; e objeto de massificação e popularização. Não resta dúvida de que todos esses fatores se encontraram no futebol a partir da década de 30 e serviram, de vários modos, para torná-lo o esporte nacional. (HELAL; GORDON, 2001, p. 66).

O professor José Miguel Wisnik (2008) também participa desse debate sobre a obra de Mário Filho que, embora concorde em parte com as críticas feitas ao livro *O Negro no Futebol do Brasil*, não deixa de reconhecer alguns aspectos positivos.

Já se disse de Mário Filho que ele narra, sem rigor científico, a história do futebol brasileiro como um mito infantil de ‘dano e reparação’ que resulta numa fábula da democracia racial, com o agravante de ser seguida generalizadamente como verdade. O livro é, de fato, fartamente anedótico, e se estrutura, em muito, à maneira dos relatos orais. Mas, em se tratando de mito, ele pode ser visto, em certos momentos, menos como uma fábula infantil do que uma partitura fabular à maneira de Lévi-Strauss (não no sentido estruturalista, mas como rede completa e não linear). (WISNIK, 2008, p. 197).

Outra abordagem sobre brasilidade parte do sociólogo Roberto DaMatta (1986), que apresenta uma maneira diferente para que possamos compreender a sociedade brasileira. O autor afirma que devemos entendê-la como uma “chave dupla” e a compara com uma moeda, ou com algo que tenha duas faces, pois, sob seu olhar, a nossa sociedade “de um lado, ela é moderna e eletrônica, mas de outro é uma chave antiga e trabalhada pelos anos”. (DAMATTA, 1986, p. 19).

Helal também trabalha com essa ideia:

A sociedade brasileira entrou na modernidade possuindo múltiplos e diferenciados códigos. Esses diferentes códigos podem ser resumidos pela coexistência e interpenetração de dois domínios fundamentais, mas aparentemente antagônicos: o moderno e o tradicional. (HELAL, 1997, p. 29).

É justamente essa “chave dupla” entre o moderno e o tradicional que molda a sociedade brasileira e faz com que ela tenha um estilo bem diferente de outras sociedades. DaMatta (1986) ressalta a malandragem e o “jeitinho” não apenas como forma de navegação social, mas também como sinônimos da nossa brasilidade.

O resultado é um sistema social dividido e até mesmo equilibrado entre duas unidades sociais básicas: o indivíduo (o sujeito das leis universais que modernizam a sociedade) e a pessoa (o sujeito das relações sociais, que conduz ao polo tradicional do sistema). Entre os dois, o coração dos brasileiros balança. E no meio dos dois, a malandragem, o ‘jeitinho’ e o famoso e antipático ‘sabe com quem está falando?’ seriam modos de enfrentar essas contradições e paradoxos de modo tipicamente brasileiro. (DAMATTA, 1986, p. 97-98).

Em consonância com DaMatta e embasado em suas obras, Helal (1997, p. 29) salienta que as questões referentes às relações pessoais e leis impessoais resultam em um “sistema dual” que reflete nas relações sociais e em grande parte dos ritos brasileiros, dentre eles o futebol. Nesse caso, ainda segundo o autor, as relações de amizade e sociais se sobrepõem não somente às normas universais, mas também às regras institucionais.

Por isso, os brasileiros frequentemente fraudam o domínio moderno que é caracterizado pela crença de que a lei deve ser impessoal e universal, invocando a idéia tradicional da hierarquia baseada nas relações pessoais, privilégios familiares, status e paternalismo. Sempre que o *ethos* moderno prevalece e estabelece um sistema impessoal e universal de regras sociais, o *ethos* tradicional se opõe com instrumentos para reforçar a hierarquia e o conhecido ‘jeitinho brasileiro’. (HELAL, 1997, p. 29-30).

DaMatta (1986) explica que o “jeitinho”, uma característica marcante dos brasileiros, não significa uma escolha entre o “pode” e o “não pode”, mas uma fusão desses dois questionamentos:

[...] escolhemos, de modo chocantemente antilógico, mas singularmente brasileiro, a junção do ‘pode’ com o ‘não pode’. Pois bem, é essa junção que produz todos os tipos de ‘jeitinhos’ e arranjos que fazem com que possamos operar um sistema legal que quase sempre nada tem a ver com a realidade social. (DAMATTA, 1986, p. 100-101).

Assim como o “jeitinho”, DaMatta (1986, p. 104) também considera a malandragem outro artifício adotado pelos brasileiros como forma de navegação social. A diferença é que o malandro seria um *expert* na utilização do “jeitinho” para superar circunstâncias mais complicadas. O autor considera o malandro como personagem nacional e ressalta que o problema encontra-se na forma como ele relaciona o pessoal e o impessoal.

A malandragem, assim, não é simplesmente uma singularidade inconsequente de todos nós, brasileiros. Ou uma revelação de cinismo e gosto pelo grosseiro e pelo desonesto. É muito mais que isso. De fato, trata-se mesmo de um modo – jeito ou estilo – profundamente original e brasileiro de viver, e às vezes sobreviver, num sistema em que a casa nem sempre fala com a rua e as leis formais da vida pública nada têm a ver com as boas regras da moralidade costumeira que governam a nossa honra, o respeito e, sobretudo, a lealdade que devemos aos amigos, aos parentes e aos compadres. Num mundo tão profundamente dividido, a malandragem e o ‘jeitinho’ promovem uma esperança de tudo juntar numa totalidade harmoniosa e concreta. Essa é a sua importância, esse é o seu aceno. Aí está a sua razão de existir como valor social. (DAMATTA, 1986, p. 107).

A expressão “brasilidade” apresenta um entendimento do que é ser brasileiro. Mas essas características, que nos tornam únicos, estão presentes em várias demonstrações culturais, sendo o futebol um dos seus mais importantes símbolos.

## 2.2 O FUTEBOL E A BRASILIDADE

O futebol é considerado como um dos maiores fenômenos sociais do Brasil e formador da identidade nacional. Desde 1919, quando da realização do Campeonato Sul-Americano de Futebol, disputado e vencido pelo Brasil, formou-se entre os torcedores e a Seleção Brasileira um vínculo identitário que se tornaria o que Nelson Rodrigues chamou de “Pátria de Chuteiras”. A partir do final dos anos 80, com o marketing dominando também o cenário esportivo, houve um declínio nessa representatividade. Segundo Hall (1998), a identidade deve ser entendida a partir das maneiras como as pessoas se sentem representadas ou interpeladas pelos fatores culturais que vivenciam.

Devido à sua enorme representatividade cultural e social, o futebol, junto com outras manifestações culturais, tornou-se um componente fundamental para a formação do conceito de brasilidade. O jogo incorporou-se a esse discurso graças a atributos como habilidade, ginga e capacidade de improvisação dos jogadores brasileiros, características já identificadas com o perfil do brasileiro.

Foi na década de 1930, quando aconteceram as três primeiras Copas do Mundo, que o futebol brasileiro tomou proporções intercontinentais. Na terceira Copa (1938), sediada na França, a Seleção Brasileira entrou em campo e mostrou ao mundo uma equipe heterogênea, formada por jogadores brancos e negros. Essa Copa definiu a crescente importância do futebol para a nação:

O ano de 1938 é assim o marco histórico, se precisamos de um, da descoberta do Brasil como o ‘país do futebol’, unido de modo nacional à noção de brasilidade emanada de sua seleção em campos estrangeiros, jogando com características próprias e que, com o tempo, se tornariam indissociáveis da própria definição que o brasileiro faria de si mesmo. (GUTTERMAN, 2009, p. 84).

Nesta época, o então presidente Getúlio Vargas aproveitou-se da popularização do futebol, que havia se transformado em uma “paixão nacional”, para incitar nos brasileiros um espírito de patriotismo, propagando, assim, sua ideologia nacionalista.

As Copas de 1942 e 1946 foram suspensas devido à 2ª Guerra Mundial. A próxima Copa, em 1950, também representou um referencial histórico para o Brasil que foi o país escolhido para sediar o evento. Com o objetivo de mostrar ao mundo o desenvolvimento e a capacidade de organização do Brasil, foi construído o Maracanã, na época, o maior e mais moderno estádio do planeta. Nessa Copa, o Brasil chegou à final, mas não conseguiu vencer,



gerando uma sensação coletiva de inferioridade, vista por Nelson Rodrigues como “complexo de vira-latas”. A “seleção canarinho” conseguiu erguer a taça pela primeira vez em 1958, na chamada “Era de Ouro” do futebol brasileiro. Depois disso, venceu a competição por mais quatro vezes, consagrando-se como a única seleção pentacampeã do mundo.

Guedes (2009, p. 454) destaca que “para melhor analisar a relação entre futebol e identidade nacional no Brasil, é necessário ressaltar que o futebol não é a única prática que ocupa este espaço de catalizador da brasilidade”. A autora recorre a Peter Fry (1982), que trabalha com a hipótese de uma relação de dominação.

[...] para o caso brasileiro, a apropriação de práticas de classes dominadas, inclusive com evidentes dimensões de diferenciação étnica, como o samba e o candomblé, além da feijoada, como símbolos nacionais. E pergunta: ‘Por que é que no Brasil os produtores de símbolos nacionais e da cultura de massa escolheram itens culturais produzidos originalmente por grupos dominados?’ (FRY, 1982, p. 52) Acentuando que tal não ocorreu em outras sociedades capitalistas, oferece duas explicações distintas: admite que é possível que tenha se dado pela originalidade desses itens ou que tenham sido apropriados por ter sido ‘politicamente conveniente’, um instrumento para assegurar a dominação mascarando-a sob outro nome (FRY, 1982, p. 52), explicação que confessa preferir. (GUEDES, 2009, p. 454-455).

Ainda em Guedes (2009, p. 461), encontramos a questão de formulações a respeito de “malabarismos” e “estilo nacional de futebol”. Segundo ela, é importante “reter a homologia estabelecida entre ‘estilo de jogo’ e ‘povo brasileiro’”.

[...] é justamente a partir desta operação simbólica que a seleção brasileira de futebol transformou-se, especificamente a partir da década de 1930, em metáfora da nação brasileira, reificando-se o Brasil no campo de futebol, e sua seleção, em metonímia do ‘povo brasileiro’ (cf. Gastaldo, 2006). Os inúmeros atores atuantes em um campo esportivo cada vez mais diversificado e complexificado – jogadores, torcedores, dirigentes, técnicos, especialistas diversos, jornalistas, etc. – tendem a naturalizar esta homologia, tornando comuns e recorrentes as interpretações do Brasil e dos brasileiros que decorrem do campo de futebol. (GUEDES, 2009, p. 461).

Os conceitos de “Pátria de Chuteiras” e “Complexo de Vira-Latas” vão prevalecer nos discursos midiáticos, no comportamento dos torcedores e afetar o vínculo identitário em relação à Seleção Brasileira, principalmente nos momentos de vitória e derrota.

Antes de entrarmos propriamente nos termos cunhados por Nelson Rodrigues e que tanto nos interessam nesta pesquisa (tanto que ambos se tornarão, mais à frente, em categorias), é importante contextualizarmos o período histórico que originou as expressões “Pátria de Chuteiras” e “Complexo de Vira-Latas”.

A Copa do Mundo não era disputada há doze anos em virtude da segunda Guerra Mundial. O Brasil vivia um regime democrático desde 1945, mas enfrentava graves problemas, como as condições de distribuição de renda, o alto índice de analfabetismo, a

situação precária na saúde e nas condições sanitárias. Portanto, sediar uma Copa do Mundo seria uma oportunidade de melhorar a imagem do Brasil e despertar a autoestima do brasileiro. Até mesmo no campo esportivo, o povo não tinha motivo de orgulho, já que em Copas do Mundo e Campeonatos Sul-Americanos anteriores a Seleção já acumulava fracassos.

Uma das opções encontradas para mexer com o orgulho dos brasileiros foi a construção do então maior estádio do mundo: o Maracanã. A campanha pela construção do estádio foi feita pelo jornalista e escritor Mário Filho, sendo que a escolha recaiu pela cidade do Rio de Janeiro, que era a capital do país, e as obras começaram em 1948. Nesse mesmo período da obra, tal como recentemente o Brasil acompanhou, muitas discussões foram feitas a respeito do investimento, da localização e também houve a coincidência de o estádio ter sido inaugurado, em 1950, sem estar completamente pronto.

Em 1950, ainda com as obras inacabadas, o Maracanã foi inaugurado e batizado como Mendes de Moraes, o nome do prefeito do Rio de Janeiro à época da construção, numa partida entre as seleções Carioca e Paulista, vencida pelos visitantes por 3 a 1. [...] O clima de ‘já ganhou’ era nítido nas ruas do país. Os principais jornais preparavam as suas manchetes, em que os jogadores da seleção brasileira eram saudados como heróis campeões do mundo. (CARRILHO, 2010, p. 48-49).

Guterman (2009, p. 89) relata que cerca de 3.500 operários trabalharam no estádio que era visto “como a nossa São Petesburgo – no século XVIII, a título de igualar-se às capitais europeias iluministas, o czar russo Pedro mandou construir uma cidade sofisticada às margens do rio Neva, mobilizando, para isso, todos os pedreiros de seu império”. Ainda segundo o autor, a construção do Maracanã poderia representar a superação daquilo que melhor havia na Europa. Da mesma forma como ocorreu agora nos preparativos para a Copa de 2014, a demora na finalização das obras estádio, merecia, por parte da imprensa esportiva, críticas severas. “Se na técnica futebolística somos os primeiros do mundo, em matéria de estádio perdemos até para o Equador, em cuja principal cidade depois da capital, existe um estádio tão imponente quanto confortável”, relatava a revista *O Cruzeiro* em fevereiro de 1949. (GUTERMAN, 2009, p. 90).

Helal, Cabo e Silva (2011, p. 201) destacam a “conotação simbólica” da construção do Maracanã. Segundo os autores, a obra “era a afirmação das possibilidades de um povo enquanto nação grandiosa, o passaporte para o progresso e o mundo civilizado”.

A história da Copa do Mundo de 1950 é conhecida, com a Seleção tendo um excelente desempenho durante a competição, sendo derrotada, de forma surpreendente, pelo Uruguai,

por 2 a 1. Carrilho (2010, p. 50) comenta que “negro, Barbosa, foi alvo de muitos comentários de conteúdo racista. Coincidência ou não, foi somente em 2006, após 56 anos da derrota do Maracanã, que a seleção voltou a ter um goleiro negro como titular em uma Copa do Mundo”.

Diante disso, o autor trabalha com dois aspectos: um de que “esse fenômeno se deve ao fato de o negro, elemento marcante do futebol varzeano, demonstrar maior habilidade com os pés, restando ao branco, assim ocupar a desvalorizada posição de arqueiro [...]”<sup>3</sup> (CARRILHO, 2010, p. 51). O outro vai diretamente ao problema racial, tratando o caso como um racismo explícito.

O sentimento de inferioridade existente no povo brasileiro – potencializado pela questão da diversidade racial mal resolvida –, que o escritor Nelson Rodrigues denominou de ‘complexo de vira-latas’ somente foi superado, no futebol, com a conquista da Copa de 58, na Suécia. Com um time inesquecível que tinha brancos, negros e mulatos de muito talento com Zito, Didi, Pelé, Garrincha e Nilton Santos, a seleção brasileira encantou o mundo. (CARRILHO, 2010, p. 51).

Marques (2003) afirma que o “Complexo de Vira-Latas” teria se cristalizado com a perda da Copa de 1950, que significou uma catástrofe nacional. “Cada um de nós pagou todos os seus pecados nas últimas 45 encarnações. É o que explica o servilismo colonial do brasileiro que adora ignorar as próprias virtudes e exaltar as próprias deficiências, numa inversão do chamado ufanismo” (RODRIGUES, 1993, p. 30 apud MARQUES, 2003, p. 160).

Mas como o próprio Nelson definia a expressão “Complexo de Vira-Latas”? “Por ‘complexo de vira-latas’ entendo eu a inferioridade em que o brasileiro se coloca, voluntariamente em face ao resto do mundo. Isso em todos os setores, sobretudo no futebol” (RODRIGUES, 1993, p. 52).

Em outra crônica, encontramos mais uma manifestação de Nelson Rodrigues sobre o “Complexo de Vira-Latas”:

Eu me lembro daquele personagem do Dickens que vivia clamando elas esquinas: - ‘Eu sou humilde! Eu sou humilde! Eu sou o mais humilde do mundo’. [...] Pois bem: - o brasileiro tem um pouco de personagem de Dickens. Eu disse ‘um pouco’ e já amplo – tem muito. Se examinarmos a nossa história individual e coletiva, esbarramos, a cada passo, com exemplos inequívocos e indelévels de humildade. Por exemplo: - a recentíssima jornada do escrete brasileiro em canchas europeias. Foi algo patético. [...] De qualquer maneira, não se podia desejar uma humildade mais compacta e mais refalsada. [...] E, assim, imersos até o pescoço numa vil modéstia, lá partiram nossos craques para aprender na Europa. Mas já não constituíram uma equipe briosa, entusiasta, segura de si mesma e dos próprios méritos. [...] Ou expulsamos de nós a alma da derrota ou nem vale a pena competir mais. Com uma humildade assim abjeta, ninguém consegue atravessar a rua, sob pena de ser atropelado por uma carrocinha de Chica-bom. (RODRIGUES, 1994, p. 17-18).

<sup>3</sup> Hipótese frontalmente combatida por Roberto DaMatta que, em suas obras, desqualifica a associação de etnia com habilidade.

Nelson Rodrigues sempre demonstrou um patriotismo exacerbado e, em várias crônicas, deixava isso muito claro: “Ante as riquezas do mundo, cada um de nós é um retirante de Portinari, que lambe a sua rapadura ou coça a sua sarna. A humildade tem sentido para os cézares industriais dos Estados Unidos. Já o pau-de-arara precisa inversamente de mania de grandeza”. (RODRIGUES, 1993, p. 111).

Com a conquista do primeiro título mundial pela Seleção Brasileira em 1958, o sentimento de brasilidade se intensifica. O Brasil era governado por Juscelino Kubitschek, havia um otimismo pelo crescimento econômico e pela construção de Brasília. Existia um crescente interesse pela cultura, a produção industrial cresceu 80% entre 1956 e 1961, graças à instalação de empresas multinacionais automobilísticas, farmacêuticas, eletrônicas e petroquímicas.

Mesmo vindo de novo o fracasso na Copa de 54, na Suíça, a Seleção Brasileira, antes da Copa de 58, mereceu de Nelson Rodrigues uma crônica em que ele prenunciava a transformação em “Pátria de Chuteiras”.

Eis a verdade, amigos: - desde 50 que o nosso futebol tem pudor de acreditar em si mesmo. A derrota frente aos uruguaios, na última batalha, ainda faz sofrer, na cara e na alma, qualquer brasileiro. Foi uma humilhação nacional que nada, absolutamente nada, pode curar. Dizem que tudo passa, mas eu vos digo: menos a dor de cotovelo que nos ficou dos 2 a 1. E custa crer que um score tão pequeno possa causar uma dor tão grande. O tempo passou em vão sobre a derrota [...]. A pura, a santa verdade é a seguinte: - qualquer jogador brasileiro, quando se desamarra de suas inibições e se põe em estado de graça, é algo de único em matéria de fantasia, de improvisação, de invenção. Em suma: - temos dons em excesso. E só uma coisa nos atrapalha e, por vezes, invalida nossas qualidades. Quero aludir ao que eu poderia chamar de ‘complexo de vira-latas’ [...]. O brasileiro precisa se convencer de que não é um vira-lata e que tem futebol para dar e vender, lá na Suécia. Uma vez que ele se convença disso, ponham-no para correr em campo e ele precisara de dez para segurar. (RODRIGUES, 1993, p. 51-52).

Wisnik (2008) também faz referência às crônicas de Nelson Rodrigues antes do Mundial de 58. “Na sua análise, o brasileiro é – ou tornou-se – um narciso às avessas que cospe na própria imagem, por uma orgulhosa e pusilânime precaução contra o medo de sofrer” (WISNIK, 2008, p. 268). O autor chama atenção para a insistência de Nelson no combate ao pessimismo que, segundo ele, prejudicava o Brasil dentro e fora de campo.

Se vence de cinco [...] o torcedor acha que o adversário não presta. Se empata, quem não presta somos nós. Mas se vence o campeonato com folga, como mostrará a experiência, então sempre fomos e seremos eternamente os melhores até o próximo e magro 1 a 0 quando reinicia o círculo vicioso. O quadrúpede de 28 patas que fazia o brasileiro descreer cronicamente das próprias potencialidades. (WISNIK, 2008, p. 268).

Nelson Rodrigues sempre chamou a Seleção Brasileira de “escrete” e, diante do significado que ele sempre identificou do futebol com o brasileiro, a considerou como pátria.

O escrete não é outra coisa senão a pátria. Se não é a pátria, que fazem as bandeiras, sim, as bandeiras, que pendem nas janelas? E o hino? Por que tocam o hino diante do escrete perfilado? E ainda mais: por que o escrete está vestido de verde e amarelo. (RODRIGUES, 1993, p. 152).

Em outra crônica de Nelson Rodrigues, encontramos o reforço da ideia do jornalista sobre a Seleção Brasileira como uma “Pátria de Chuteiras”. Nela, Nelson fala sobre o fracasso na Copa de 50, elogia o brasileiro como jogador, mas o critica como homem.

Amigos, vocês se lembram da vergonha de 50. Foi uma humilhação pior que a de Canudos [...] não me venham dizer que o escrete é apenas um time. Não. Se uma equipe entra em campo com o nome do Brasil e tendo por fundo musical o hino pátrio – é como se fosse a pátria em calções e chuteiras, a dar botinadas e a receber botinadas. Pois bem. Depois da experiência bíblica de 50, passamos a rosnar por todas as esquinas e por todos os botecos do continente, o seguinte juízo final sobre nós – o brasileiro é bom de bola, mas frouxo como homem. (RODRIGUES, 1993, p. 103).

DaMatta (1990, p. 102) também faz esta relação da Seleção com o Brasil ressaltando a importância do futebol. “Tal como ocorre com um jogo do selecionado brasileiro (que nos permite sentir nossa continuidade enquanto grupo), onde vemos, sentimos, gritamos e falamos como Brasil no imenso artilheiro reificador que é o jogo de futebol”.

Recorremos ainda ao antropólogo, em artigo intitulado “Como não perder no futebol?”, publicado em 12 de junho de 2013, no jornal “O Globo”, onde ele apresenta uma abordagem extremamente interessante sobre a forma de o brasileiro lidar com o jogo. Ele parte do conceito da palavra para entender essa dimensão no futebol.

Notei num ensaio presunçoso que, em inglês, existe uma diferença entre jogar e jogar. Entre *gamble* e *to play*; entre ir a um cassino para apostar ou jogar tênis ou tocar um piano. Num caso é necessário algum tipo de habilidade sem a qual não há música ou disputa, mas nos jogos de azar basta ter sorte. Mas, além de *gamble* e *play*, existe a palavra *match* para designar o encontro equilibrado entre dois adversários. (DAMATTA, 2013, p. 21).

Definido os conceitos do jogo para os outros, DaMatta mostra que, para nós, brasileiros, jogar significa tudo isso, ou seja, tanto um jogo de azar (loterias, bicho) quanto a disputa de uma partida de futebol.

Mas, se uma mesma palavra – jogo – junta o jogo de azar e a disputa esportiva, nem por isso lembramos que o futebol é imprevisível. Nossa leitura canônica do futebol é sempre a de uma luta na qual o time do nosso coração vai ganhar, daí as decepções das derrotas. Podemos perder, sem dúvida, mas resistimos freudianamente a pensar nessa possibilidade. (DAMATTA, 2013, p. 21).

Diante disso, o autor aponta o grande dilema do nosso torcedor, e acrescentamos que, também, talvez venha a interferir na própria conduta da imprensa esportiva: como lidar com vitórias e derrotas, principalmente esta última?

Surge, então, o problema cósmico do futebol no Brasil. Como admitir que perder e ganhar fazem parte da própria estrutura desse jogo, se nós – em princípio – não lemos na palavra jogo a possibilidade de derrota? A agonia e o prazer do futebol estão ligados precisamente a essa possibilidade, mas isso é afastado do nosso consciente. Quando vamos ao jogo, vamos à vitória e há motivos para isso. Um deles eu mencionei na semana passada: o futebol foi o primeiro elemento extraordinariamente positivo de uma autovisão que era permanentemente negativa. Como imaginar que um povo convencido de sua inferioridade natural como atrasado porque era mestiço pudesse disputar (e vencer) os brancos ‘adiantados’ e ‘puros’ que inventaram a civilização e o futebol? (DAMATTA, 2013, p. 21).

Portanto, para DaMatta (1990), que ao final do artigo revela que o escreveu após os 3 a 0 sobre a França, “era possível inverter a lógica colonial. A digestão do outro pela sua incorporação ou englobamento sociopolítico no nosso meio é o pano de fundo do roubo do fogo dos deuses pelos homens” (p. 21). Ele fecha o texto fazendo uma pergunta, depois de falar da vitória sobre os franceses: “Somos de agora em diante somente vencedores? Um lado meu espera que sim...” (p. 21).

Retomando Nelson Rodrigues, seus críticos e admiradores sempre destacaram a forma dramática e exagerada com que ele tratava os diversos temas em suas crônicas. Com o futebol, não era diferente e não foram poucos os momentos em que, chamado a opinar sobre política, cultura ou economia, colocava o futebol como pano de fundo. Foi o caso de quando ele foi convidado para falar sobre a marcha dos cem mil, no Rio de Janeiro.

Não havia ali, um único e escasso preto e nem operário, nem favelado, e nem torcedor do Flamengo, e nem barnabé, e nem pé-rapado, nem cabeça-de-bagre. Em épocas de Copa do Mundo, porém todos os operários, os favelados, os barnabés, lembram-se do Brasil. À exceção daqueles que acham o futebol o ópio do povo (permito-me aqui utilizar a frase feita), a maioria dos brasileiros se junta em torno da seleção. E cada vitória compensa o povo de velhas frustrações, jamais cicatrizadas. (RODRIGUES, 1993, p. 181).

Vaz (2002), ao estudar a obra de Roberto DaMatta, nos mostra que esse conceito de “ópio do povo” foi fortemente combatido pelo antropólogo, que considera o futebol como um “drama de justiça social” e vai mais além ao dizer que qualificar o futebol dessa maneira é desqualificar as massas tratando-as como ignorantes. Portanto, o futebol não seria um fenômeno de alienação e sim um espaço de reconhecimento do próprio brasileiro.

[...] se continuarmos a insistir que o futebol é um instrumento de mistificação das massas ignaras que deveriam estar indo ao teatro, lendo romances ou discutindo política, estaremos apenas repetindo uma fórmula elitista e deixando de lado a possibilidade de estudar as implicações do futebol na sociedade brasileira. (DAMATTA, 1986, p. 90 apud VAZ, 2002, p. 150).

Em um artigo intitulado “Futebol e política”, publicado no jornal “O Globo”, no dia 27 de junho de 2013, o sociólogo Ronaldo Helal também apresenta argumentos que vão ao encontro dos pensamentos dos autores que discordam que o futebol seja o “ópio do povo”:

O futebol alienaria o povo tanto quanto as novelas, o chope com os amigos e até mesmo o sexo. Nestas atividades nos distraímos – desviamos nossa atenção – e não nos preocupamos com outras questões. Isto não significa necessariamente que estamos narcotizados por elas. (HELAL, 2013, p. 21).

As conquistas das Copas do Mundo de 58 e 62 deram a Nelson Rodrigues um reforço significativo nos argumentos de que estávamos cada vez mais nos consolidando como “Pátria de Chuteiras”. Mas ele não se iludia e sabia (como poderemos perceber mais à frente neste trabalho) que o “Complexo de Vira-Latas” poderia voltar a qualquer momento. Após a derrota na Copa de 1966, na Inglaterra, quando se sonhava como o tricampeonato mundial, Nelson escreve a seguinte crônica:

Amigos, eu sempre digo que, antes de 58 e de 62, o Brasil era um vira-lata entre as nações, e o brasileiro um vira-lata entre os homens [...]. Estávamos esquecidos, sim, estávamos desmemoriados do nosso subdesenvolvimento. E, súbito, vem a frustração hedionda do tri. Ontem mesmo, eu vim para a cidade, no ônibus, com um confrade. Súbito, constato o seguinte: o colega babava na gravata. E o pior é que não havia, ali, à mão, um guardanapo. Eu ia adverti-lo, quando descobri que todos, no coletivo, faziam o mesmo. Percebi tudo – perda a Copa, deu no povo essa efervescente salivação. Repito – pende do nosso lábio a baba elástica e bovina do subdesenvolvimento. E o Otto Lara Resende bate o telefone para mim. Antes do bom dia disse-me ele: - “voltamos a ser vira-latas”. (RODRIGUES, 1994, p.122).

Passados 48 anos e com a conquista de mais três Mundiais (1970, 1994 e 2002), a Seleção Brasileira desperta nos torcedores e na mídia sentimentos constantemente alternados que vão do “Complexo de Vira-latas” à “Pátria de Chuteiras” de acordo com os resultados nas competições. No entanto, o que percebemos, há pelo menos uma década, é um possível desinteresse dos torcedores em relação à Seleção. Seria isso pelo êxodo dos jogadores para o exterior? Pela globalização que possibilitou o acesso a outros campeonatos? Ou a forte entrada do marketing esportivo mudou o olhar do torcedor em relação à Seleção Brasileira? Será que, como afirma Helal (2012)<sup>4</sup>, “a pátria passou a calçar chuteiras cada vez menores”?

<sup>4</sup> Intercom– Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. O XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação foi realizado em Fortaleza, CE, de 3 a 7/9/2012, e teve como tema central “Esportes na Idade Mídia - diversão, informação e educação”.

## CAPÍTULO 3

### DO AMADORISMO AO MARKETING ESPORTIVO

---

Antes de rever a evolução do marketing esportivo e a forma como ele passa a influenciar diretamente o futebol, é preciso entender como e quando o futebol se transformou em um “grande negócio”. Significa a necessidade de retomarmos ao começo do século passado, quando após inúmeros debates, os ideais dos defensores do profissionalismo prevaleceram sobre aqueles que achavam o futebol deveria ser, sempre, amador.

A questão amadorismo x profissionalismo, no entanto, já precedia ao caso brasileiro. Helal (1997) revela que a expansão do futebol na Europa coincide com o tempo em que os trabalhadores começavam a conquistar folgas na tarde de sábado. Diz, ainda, que o futebol passou a ser uma atividade recreativa para as massas e que os jogadores começaram a ser convidados para jogos oficiais. “Isso gerou um conflito, já que os jogadores necessitavam de um tempo livre para treinar e jogar regularmente” (HELAL, 1997, p. 43). O autor recorre a Lever para explicar como o impasse foi resolvido em 1885:

Quando a Football Association aceitou os profissionais, mas proibiu-os de servirem em qualquer comitê ou comparecem às reuniões da associação. Ou seja, a compensação para a presença de profissionais no campo era o controle administrativo do futebol por amadores. (LEVER 1983, p. 61-62 apud HELAL 1997, p. 43).

Guterman (2009, p. 34) conta que, nos primeiros anos do futebol no Brasil, todos os equipamentos para a prática do esporte eram importados. Diz ainda que, na primeira década do século XX, era comum a reclamação dos clubes em relação aos impostos muito altos cobrados pelo governo para a importação de chuteiras, bolas e redes para o gol. Segundo o autor, a profissionalização do futebol não demorou. “Em 1901, no começo da criação Liga de Futebol de São Paulo, estabeleceu-se a cobrança de ingressos para os torcedores, ficando metade da renda para a liga e metade para os clubes”. (GUTERMAN, 2009, p. 36).

Alguns clubes, como o Paulistano, de São Paulo, ainda tentaram manter-se no amadorismo. A primeira década do século passado terminaria ainda dividida entre o amadorismo e o profissionalismo, mas alguns autores apontam que a introdução do negro nas equipes mudaria esse cenário. Alguns marcos históricos, apontados por Guterman (2009), sinalizam a inevitável adoção do profissionalismo no futebol brasileiro. Um deles foi o surgimento do Corinthians, em São Paulo, fundado por trabalhadores que, nesta



época, ainda eram excluídos do futebol. Segundo o autor, o início da participação dos operários no futebol “acentua também a mudança de perfil do esporte que já vinha sendo operada pelo menos desde 1905: o amadorismo, que serviu para deixar de fora do futebol quem não fosse da aristocracia, estava virando uma intenção apenas de fachada” (GUTERMAN, 2009, p. 50).

Guterman (2009) fala também que alguns jogadores já atuavam sob contrato em São Paulo e que o chamado “espírito esportivo” já tinha sido superado pelo desejo dos clubes por vitórias e títulos. Antes mesmo do Corinthians, outro exemplo de que o profissionalismo estava chegando, acontece no Bangu Athletic Club, fundado em 1904. O time era formado por operários de uma fábrica de tecidos, que patrocinava o time, inicialmente composto por empregados ingleses e, posteriormente, por brasileiros. O autor ainda conta que, em 1913, houve uma cisão na Liga Paulista de Futebol porque um grupo defendia que os times fossem de “rapazes delicados e distintos”, ou seja, os ricos. Outro achava que essa exigência não era compatível com o esporte, porque tanto o rico quanto o pobre tinham o direito de jogar.

Helal (1997) relata outro momento de grande impasse para a organização do futebol da época, mais precisamente no Rio de Janeiro, em 1923, envolvendo o Vasco da Gama:

Este time, composto em sua maioria por jogadores negros e mulatos pertencentes, em sua maioria, à classe operária, venceu o campeonato de 1923. Até então, nenhum time tinha apresentado uma composição racial e social como a do Vasco. Havia alguns mulatos jogando por outros times, mas a maior parte dos jogadores, mesmo os que não pertenciam à elite, eram brancos. A reação imediata dos outros clubes – Flamengo, Fluminense, Botafogo, América e Bangu – foi fundar uma nova liga, excluindo o Vasco da Gama, expressando assim o ressentimento por terem sido vencidos por jogadores socialmente ‘inferiores’. Assim, os dirigentes dos outros clubes começaram a viver um dilema: deveriam adotar de vez o profissionalismo e colher a recompensa de maiores públicos e maior prestígio político, ou deveriam continuar aderindo ao caráter amador? Por um período, houve a preferência pelo *ethos* amadorista. (HELAL, 1997, p. 47-48).

Caldas (1990, p. 43) deixa claro que, já nesse tempo, muitos dos dirigentes dos clubes se utilizavam do cargo para promoção pessoal. Portanto, era necessário que as equipes conseguissem bons resultados, uma vez que os torcedores já começavam a exigir mais de seus times.

Durante um período, o futebol brasileiro viveu o chamado “falso amadorismo”. A legislação, na época, exigia que, para disputar os campeonatos, os jogadores tinham que estar empregados.

Como não interessava aos clubes abrir mão de certos atletas desempregados, inventavam-se empregos fictícios para eles, apenas para constar. Multiplicavam-se casos de pagamento de prêmios (o hoje chamado ‘bicho’) por vitória. Tudo isso era proibido pelos regulamentos, mas a enorme popularização do futebol, verificada já nos anos de 1920, tornando-se o esporte de todas as classes sociais, levou os clubes a ignorar ou driblar as normas para montar os melhores e mais competitivos times. (GUTERMAN, 2009, p. 54).

Em Guterman, encontramos a afirmação de que a criação da Copa do Mundo (a primeira disputada em 1930, no Uruguai) foi um claro sinal da intenção da Fifa de profissionalizar o futebol, tanto no que se refere à organização quanto na relação com os atletas. “O mundo despertava para o futebol como uma disputa entre identidades [...] o sentido de que a pátria vestia chuteiras e entrava em campo, ganharia formidável impulso a partir dali” (GUTERMAN, 2009, p. 64-65).

Na Copa seguinte, em 1934, na Itália, nova demonstração da ruptura existente na estrutura do futebol brasileiro ficava evidente. A Seleção Brasileira foi formada sob orientação da CBD (Confederação Brasileira de Desportos) com apenas jogadores amadores. Uma federação paralela existia na época, a FBV (Federação Brasileira de Futebol), originada a partir de um acordo entre paulistas e cariocas contra o amadorismo. Com isso, os atletas profissionais do Rio e de São Paulo não participaram da Copa:

O Palestra Itália chegou a esconder jogadores em uma fazenda para que a CBD não os encontrasse – funcionou. Na reta final, antes da Copa, a CBD ainda ofereceu dinheiro para jogadores recalcitrantes que aceitassem viajar, num paradoxo explícito – afinal, a mesma entidade que agora admitia recompensar os atletas era aquela que impedia a profissionalização do futebol. Foi um fracasso. [...] A derrota virou a página do amadorismo do futebol do Brasil. A pressão era irresistível. Vários jogadores saíram do país para atuar na Europa ou nos vizinhos Uruguai e Argentina, que remuneravam os atletas. (GUTERMAN, 2009, p. 66).

Caldas, dentre outros autores que estudam este período, destaca a importância do Presidente Getúlio Vargas (também com interesse político) na profissionalização do futebol. E Helal (1997) conclui essa discussão dizendo que a crise nos anos 1930 foi sanada com a profissionalização dos jogadores, mas que, a partir daí, surgem outros dilemas como o futebol-empresa, “uma ética única baseada no lucro e na idéia de mercado – daí o surgimento nos anos 80 do marketing no futebol” (HELAL, 1997, p. 55-56).

### 3.1 MARKETING ESPORTIVO E O “P” DA PAIXÃO

Como o futebol atrai multidões, os profissionais de marketing logo descobriram nesse esporte uma gigantesca e inesgotável fonte de recursos. Definido em linhas gerais, “o marketing é um processo administrativo e social pelo qual indivíduos e organizações obtêm o que necessitam e desejam por meio da criação e troca de valor com os outros” (KOTLER; ARMSTRONG, 2010, p. 4). Toda empresa precisa utilizar um conjunto de ferramentas, conhecido como composto de marketing ou mix de marketing, para poder implementar suas estratégias. O composto de marketing inclui as variáveis mercadológicas que, teoricamente, podem ser controladas pela organização com o objetivo de influenciar a demanda de determinado produto ou serviço. Essas variáveis são denominadas de “4P’s” e representam o produto, o preço, a praça e a promoção.

O papel do esporte na sociedade e na economia tornou-se tão impactante que gerou a necessidade de se estabelecer um marketing não apenas para satisfação das necessidades do consumidor, mas também para a gestão comercial do esporte. “O consumo esportivo (seja participando no esporte ou assistindo a ele) é uma das funções de lazer mais difundidas da sociedade moderna. Ele invade todos os aspectos da vida humana e possui apelo mundial” (MORGAN; SUMMERS, 2008, p. 5).

O principal diferencial do marketing esportivo é que, apesar do esporte possuir regras e estruturas específicas, o fator surpresa é uma constante, ou seja, “a ação resultante e as consequências são desconhecidas, o que torna a atração do evento de consumo ainda mais viciante e popular” (MALANOWSKI, 2003, apud MORGAN; SUMMERS, 2008, p. 18).

Rocco (2012, p. 6) afirma que o termo “marketing esportivo” foi cunhado por publicitários norte-americanos, por volta de 1978. O autor recorre ao Prof. Ernani Contursi (1996, p. 40) que afirma que o marketing se desenvolve no esporte em duas frentes: o marketing do esporte (marketing de produtos e serviços) e o marketing através do esporte (atividades ou produtos que fazem uso do esporte como veículo promocional).

Para Morgan e Summers (2008), os princípios do marketing tradicional, como por exemplo, os 4 P’s – o composto mercadológico, já mencionado anteriormente –, também devem ser aplicados ao marketing esportivo, porém de maneira específica, de acordo com o contexto dos clientes do esporte. Segundo elas, “o marketing esportivo é mais complexo e dinâmico do que apenas um único evento esportivo, um astro do esporte fazendo uma aparição ou um gasto com patrocínio”. (MORGAN; SUMMERS, 2008, p. 6). As autoras

recorrem à Shank (2002, p. 2) que define o marketing esportivo como sendo “a aplicação específica dos princípios e processos de marketing aos produtos esportivos e ao marketing de produtos não-esportivos por meio da associação com o esporte”.

Ainda de acordo com as autoras, a complexidade do marketing esportivo também pode ser explicada pela similaridade do esporte com as características peculiares da prestação de serviços (intangibilidade; inseparabilidade; perecibilidade e heterogeneidade)<sup>5</sup>. Na maioria das vezes, assim como no encontro de serviços, os esportivos estão mais relacionados a experiências, momentos memoráveis, caracterizando a natureza intangível do esporte. A inseparabilidade – chamada por alguns autores de simultaneidade – significa que as experiências esportivas são produzidas ao mesmo tempo em que são consumidas; a perecibilidade significa que não é possível “estocar” eventos esportivos como, por exemplo, no caso de um jogo em um estádio, se alguma cadeira ficar vazia, o dinheiro que seria arrecadado com a venda dos ingressos jamais poderia ser recuperado. Já a heterogeneidade – chamada por alguns autores de variabilidade – demonstra que cada evento é único para cada cliente durante o encontro do serviço de esportes.

No entanto, o esporte possui alguns dos elementos mais tangíveis de uma mercadoria – como merchandising, vídeos de jogos, lembranças esportivas – e, é essa dicotomia que apresenta desafios únicos aos profissionais de marketing, que precisam combinar as estratégias tanto do marketing de serviços quanto do marketing de mercadorias ao esporte (SUMMERS et al, 2003 apud MORGAN; SUMMERS, 2008, p. 8).

Já Melo Neto (2013, p. 74) sugere mudanças no mix de marketing. Ele insere um quinto “P”, o da paixão o qual considera uma variável inerente ao esporte. Com isso, o composto mercadológico esportivo passa a incorporar a dimensão emocional e funcional.

O domínio do P5 de paixão sobre todos os demais elementos do mix de marketing esportivo confere a essa modalidade de marketing um diferencial significativo: é um marketing que move paixão e visa gerar emoção antes, durante e depois de realizado o consumo do produto esportivo. (MELO NETO, 2013, p. 76).

A partir dessa inclusão, o autor propõe uma definição técnica de marketing esportivo para o século XXI:

É uma modalidade de marketing estratégico de base experimental, vivencial e emocional que estimula o consumo do esporte em suas diferentes formas e conteúdos e que faz da paixão o principal elemento ativador do seu mix de atividades (MELO NETO, 2013, p. 77).

---

<sup>5</sup> Para um estudo mais detalhado sobre as características da prestação de serviços, ver Fitzsimmons e Fitzsimmons (2010, p. 41-44).

As mudanças no esporte e sua relação com o marketing esportivo tiveram início nos anos de 1930, quando aconteceu o Grande Prêmio Ascot, na Inglaterra, com a associação de uma marca de cigarro a um evento esportivo, no caso o Turfe. No Brasil, as informações dão conta que um carro de corrida pilotado pelo Barão de Tefé, nos anos de 1930, em uma prova disputada no Rio de Janeiro, teve o primeiro patrocinador: a cerveja Caracu.

Segundo Rocco (2012, p. 6), o marketing esportivo teve um forte impulso nos anos 1970. De acordo com o autor, grandes empresas multinacionais começaram a adotar estratégias globais de marketing e a patrocinar eventos esportivos internacionais. Segundo ele, a Coca-Cola e a Philips Morris se destacaram investindo em publicidade, em eventos esportivos transmitidos ao vivo, patrocinando a Copa do Mundo e a Fórmula 1, respectivamente.

Na década de 1980, chama a atenção um momento histórico e transformador vivido pelo voleibol brasileiro, quando o presidente da CBV (Confederação Brasileira de Voleibol), Carlos Arthur Nuzman, implementou uma revolucionária gestão nesse esporte atraindo empresas, entre elas, as pioneiras Pirelli e Supergasbras.

Um fato interessante relatado por Guterman (2009, p. 206) é o de que o publicitário Washington Olivetto, na época diretor do clube, criou o nome “Democracia Corinthiana”. Além de um modelo diferenciado de gerenciamento, tratava-se de um movimento político e de marketing. O Brasil vivia o período de clamor pelas “Diretas Já” e, em 1982, os corintianos exibiram em seus uniformes a inscrição: “no dia 15, vote”. E, mais adiante, na camisa estava escrito “eu quero votar para presidente”.

O Corinthians, assim, foi um dos pioneiros do uso da camisa como forma de veicular mensagens, inclusive publicitárias, o que era proibido até 1982 pelo Conselho Nacional de Desporto. O assunto era tabu. Uma pesquisa Vox Populi para a revista Placar em 1977 indicou que quase 70% dos torcedores ouvidos eram contra permitir a publicidade no sagrado uniforme de seu time. Desse total, 23% ameaçavam nem ir mais aos estádios se isso acontecesse. Mas o movimento na direção da liberação era inevitável, por causa da enorme crise financeira pela qual passava o país e, por tabela, os clubes. (GUTERMAN 2009, p. 207).

Em 1981, o CND já tinha autorizado o uso da publicidade no vôlei e no atletismo. A partir de abril de 1982, o futebol também recebeu essa autorização. Um clube do interior do Rio Grande do Sul, o Bento Gonçalves, com a publicidade de uma fábrica de móveis, foi o primeiro time brasileiro a usar publicidade no uniforme. Entre os grandes clubes brasileiros, coube ao Flamengo a primazia com o patrocínio da Petrobrás.

Entre os jogadores, atribui-se a Leônidas da Silva o pioneirismo de se tornar o primeiro astro dos gramados em garoto propaganda. Gurgel (2006) diz que Mário Filho

revelava que Leônidas vivia recebendo convites para fazer propagandas dos mais variados produtos, mas que o jogador fazia isso sem critério. “Um caso célebre foi o da Goiabada Peixe: O atleta assinou uma declaração de que só comia aquela marca e isso virou um anúncio de jornal. No entanto, em contrapartida, a remuneração foi um caixote dessa goiabada”. (GURGEL, 2006, p. 27). Em 1938, a empresa de chocolates “Lacta” negociou com Leônidas o lançamento de um produto em homenagem a ele. Surgia o “diamante negro”.

Mais um exemplo citado por Gurgel (2006) de como os jogadores ainda eram amadores na relação com as empresas que os queriam como garotos-propaganda é o caso citado por Ruy Castro (2002) ocorrido com Garrincha que, também sem critério, aceitou algumas propostas de comercial. Uma delas para as “Alpargatas Sete Vidas”, em que o atleta recebeu o cachê pago em espécie e as filhas inúmeras caixas de Alpargatas (CASTRO, 2002 apud GURGEL, 2006).

Outro fato curioso aconteceu em 1987, quando a Coca-Cola conseguiu patrocinar quase todos os times que disputariam a Copa União, correspondente ao Campeonato Brasileiro. Dos 16 times, 12 tinham a marca da empresa de refrigerantes<sup>6</sup>.

Em 1992, o futebol brasileiro foi surpreendido por um novo modelo de gestão (na verdade, cogestão) entre clube e empresa. O caso Palmeiras-Parmalat é considerado um dos maiores sucessos do marketing esportivo brasileiro, já que a empresa usava o esporte para melhorar sua imagem e, ao mesmo tempo, formava um time competitivo para o Palmeiras.

Outras parcerias, no entanto, não foram bem sucedidas, como o caso do Flamengo com a “International Sports Leisure” (ISL). O contrato com o time carioca previa a duração de 15 anos, foi assinado em 1999, mas, em 2001, a empresa faliu. Corinthians e Cruzeiro também não obtiveram êxito ao se associarem à marca HMTF. Um exemplo recente bem-sucedido (apesar de constantes atritos entre seus dirigentes) é a parceria entre o Fluminense e a Unimed.

Outro aspecto diretamente relacionado à transformação do futebol em um grande negócio também se reflete no êxodo dos jogadores brasileiros para o exterior, que também, a partir dos anos de 1980 se intensifica. Guterman (2009), ao abordar esse tema, recorda que em dois momentos o futebol brasileiro já havia experimentado situação semelhante. Um, como já destacamos, na década de 1930, época do falso amadorismo que fez com que alguns jogadores buscassem possibilidades no exterior. E nos anos de 1960 (período áureo de projeção do Santos e do Botafogo, com Pelé e Garrincha) o mercado europeu voltou a investir

---

<sup>6</sup> Internacional, Corinthians, São Paulo e Flamengo foram os únicos clubes que não aderiram ao patrocínio.

pesado em jogadores brasileiros. No início dos anos 1980, Falcão foi o primeiro a ir para o exterior para atuar no Roma, na Itália.

Os ‘milhões’ começaram a frequentar o noticiário esportivo a respeito das transferências, e o maior símbolo disso na época, foi Maradona, que depois da Copa de 1982, trocou o Boca Juniors pelo Barcelona por US\$ 8 milhões, a mais cara transação do futebol mundial até então. A partir da Copa da Espanha, a ideia de que o futebol não tinha mais fronteiras definitivamente se consolidou, e menos de dez anos depois a Europa se transformaria no destino obrigatório dos maiores jogadores do mundo fazendo do futebol uma multinacional de astronômica lucratividade. (GUTERMAN 2009, p. 231).

O autor ainda destaca que na Copa de 86 jogadores importantes da Seleção Brasileira estavam na Itália – Zico, Edinho, Sócrates, Júnior, Falcão e Toninho Cerezo. E mais, na Copa da Itália de 1990, 12 dos 22 brasileiros convocados atuavam no exterior.

Helal (1997) alega que as constantes trocas de clubes pelos jogadores para receberem salários mais altos, a recusa em disputar um jogo sem contrato, além da demanda crescente por salários cada vez maiores fizeram com que os torcedores começassem a perceber que os jogadores estavam menos preocupados em representar seus times do que com o dinheiro que recebiam. Para os torcedores, o amor e a lealdade aos clubes e até mesmo à Seleção foram suplantados pelos aspectos financeiros. “Além disso, com o sucesso econômico do futebol em vários países da Europa, um número considerável de jogadores talentosos deixou o Brasil para jogar no exterior, diminuindo a qualidade do espetáculo futebolístico no país” (p. 19).

Em 1987, as principais equipes do país decidiram formar o “Clube dos 13”, criaram um campeonato próprio e o venderam para três empresas – Coca-Cola, Varig e Rede Globo<sup>7</sup>. Em relação ao “Clube dos 13”, Helal (1997) afirma que, por meio de conversas informais com torcedores, percebeu que algumas pessoas consideravam este movimento como uma “revolução brasileira” e que seria o primeiro passo para começar a acabar com os problemas do Brasil. Vale lembrar que “naquele período, o país atravessava uma atmosfera crescente de desencanto, descrença e desrespeito às instituições nacionais” (p. 86).

Guterman (2009, p. 249-250) relembra a Copa da França, em 1998, quando no jogo da final entre o Brasil e os anfitriões aconteceu um dos episódios mais estranhos e inexplicáveis da história do futebol brasileiro. Antes da partida, Ronaldo “Fenômeno” sofreu um mal súbito e chegou até a ser levado para um hospital. Foi liberado, mas saiu sem um diagnóstico definitivo sobre o problema de saúde que o acometia. Mesmo assim, Ronaldo entrou em campo, teve uma péssima atuação e acabou influenciando todo o time, que perdeu por 3 a 0,

<sup>7</sup> A partir daí, consolidou-se o monopólio da Rede Globo nas transmissões e a presença contínua das companhias aéreas no transporte das delegações dos clubes de futebol no Brasil.

minando a conquista do pentacampeonato. O fato de o jogador ter participado da final, mesmo sentindo-se mal, suscitou uma série de questionamentos, versões e especulações sobre o que realmente havia ocorrido nos bastidores do jogo.

O caso virou alvo de uma CPI do Congresso, a comissão que em 2000 e 2001 investigou os contratos da CBF com a Nike. Para alguns parlamentares, a fábrica de material esportivo teria obrigado a escalação de Ronaldo na final contra a França, mesmo sem ter condições. Em depoimento à CPI, Tostão, o ex-atacante da seleção que se tornara comentarista esportivo, disse que aquela versão era ‘fantasiosa’ e que Ronaldo, de 21 anos, na verdade não tinha condições psicológicas para uma decisão como aquela. (GUTERMAN 2009, p. 251 -252).

Ao refletir sobre a necessidade da modernização da gestão do esporte e da profissionalização dos dirigentes, Helal (1997, p.100) utiliza uma crônica do colunista Sérgio Noronha, publicada em 08 de março de 1997 no *Jornal do Brasil*, na qual aborda também a parceria entre a CBF e a Nike<sup>8</sup>: ”[...] O primeiro toque desta realidade veio com o contrato milionário Nike-CBF. Ele não foi a consequência de uma paixão desvairada de um executivo pelo nosso futebol, e sim da constatação de que o mercado esportivo brasileiro é o terceiro do mundo [...]”. Helal destaca que em outra coluna, publicada posteriormente, em 20 de março de 1997, também no *Jornal do Brasil*, Sérgio Noronha expressa certa apreensão em relação à utilização do “poder” quando a comercialização está em jogo. Desta vez, o colunista afirma que “a qualidade técnica dos adversários fica em segundo plano”.

Mesmo com todas as denúncias e especulações a respeito da relação Nike-CBF, a parceria permanece até hoje e o sentimento que se tem é o de uma interferência cada vez maior da empresa nos destinos da Seleção Brasileira. O que, a nosso ver, pode ser um dos fatores de uma percepção que buscamos nesta dissertação da sensação de não pertencimento do torcedor em relação à Seleção. Atitudes como a marcação constante da maioria dos amistosos do selecionado brasileiro em países estrangeiros, bem como permanentes especulações da imprensa sobre constantes ingerências da empresa na convocação de atletas para a Seleção e o fato de a grande maioria dos jogadores atuarem no exterior podem ser explicações para uma mudança no olhar do torcedor.

Para iniciarmos nossa fundamentação a respeito dessa mudança de sentimento do torcedor, utilizaremos o texto “O Declínio da Pátria de Chuteiras: futebol e identidade nacional na Copa do Mundo de 2002”, de Ronaldo Helal e Antônio Jorge Soares. Os autores se propõem a dar continuidade ao artigo anterior de Helal e Gordon sobre “A crise do futebol brasileiro: perspectivas para o século XXI”. Nele há uma reflexão sobre a crise no futebol

---

<sup>8</sup> A parceria entre a CBF e a Nike iniciou-se em 1996.



brasileiro e as mudanças na sociedade brasileira, a partir de transformações decorrentes da globalização.

À época, os jornalistas disseram que não conseguiam ver que o país do futebol não era uma realidade natural, “mas uma construção social que dependeu de uma conexão *ad hoc* do futebol com instâncias mais totalizantes da vida social” (HELAL; GORDON, 2002, p. 51). Afirmam eles ainda que, à medida que o futebol passou a ser um produto que o articulasse a tais instâncias mais inclusivas, o que se conseguia era esgarçar cada vez mais o vínculo estabelecido antes.

Mais adiante, quando tratam de “esporte e nação no mundo globalizado”, Helal e Soares apontam que a crise das duas últimas décadas do futebol brasileiro talvez tenha relação com uma reação romântica contra o processo de globalização. Os autores apresentam argumentos interessantes como o fato do jogador brasileiro vestir a camisa da Seleção, mas também de clubes da Europa e de diferentes partes do mundo, e também o fato da Nike, por exemplo, patrocinar diferentes seleções e levar o consumidor a uma espécie de “pluri-identificação, pois, identificação com a seleção, com o jogador e com a empresa simultaneamente” (HELAL; SOARES, 2003, p. 3). Portanto, para eles “esse processo de desterritorialização do ídolo e do futebol, de redefinição de tempo e espaço, cria um novo processo de identificação e tradução das diferentes identidades culturais” (HELAL; SOARES, 2003, p. 4).

Essa nova realidade apontada por Helal e Soares está diretamente relacionada à questão da identidade nacional que, em se tratando de futebol em períodos de Copa do Mundo, torna-se mais preponderante. Na pesquisa realizada por eles, é apontado que, em ocasiões como essa, a tradição de se atribuir ao nosso futebol um estilo diferenciado de jogar (futebol-arte) é retomada, mas, a partir da globalização, de forma menos acentuada. “O futebol como narrativa nacional perde força” quando se pensa que cada vez mais jogadores brasileiros atuam na Europa. (HELAL; SOARES, 2003, p. 12). Outra expressão citada por eles e muito comum em período de mundiais é a questão do “jeitinho brasileiro”, tema já abordado anteriormente.

O pesquisador Ronaldo Helal, durante palestra proferida no XXXV Intercom<sup>9</sup>, afirmou que, devido à transformação do futebol em negócio, “a pátria está calçando chuteiras cada vez menores”, demonstrando o provável declínio do sentimento de identidade em relação à Seleção. Essa percepção é compartilhada por Guerra (2011) que, em seu artigo “O que está

---

<sup>9</sup> Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. O XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação foi realizado em Fortaleza, CE, de 3 a 7/9/2012, e teve como tema central “Esportes na Idade Mídia - diversão, informação e educação”.

em jogo no jogo?”, também aborda a transformação sofrida pelo futebol a partir do momento em que ele se tornou um grande negócio:

Cientes do filão comercial que se escondia por trás da paixão dos torcedores pelo seu clube, empresas, empresários e alguns times, além da mídia, começaram um processo (a princípio irreversível) de mercantilização do esporte. Se o que aconteceu tende a se ampliar, o que se questiona aqui é no que esse processo interfere no jornalismo, a cobertura esportiva e todos os preceitos que norteiam o exercício da profissão. Até que ponto, sob a ‘desculpa’ da audiência ser alcançada, não se está fazendo um outro jogo? (GUERRA, 2011, p. 53).

O esporte como um grande negócio não pode ser analisado isoladamente, pois, além de ter se tornado um grande nicho para o marketing esportivo, também contribuiu imensamente para impulsionar outras dimensões do mercado:

[...] a força da sua imagem e o seu vasto mercado constituído de milhões de telespectadores, leitores, ouvintes, praticantes e admiradores em todo o mundo. De excelente negócio, o esporte transformou-se em ‘cadeia de negócios’, ou seja, o negócio do esporte passou a ser visto como um fator de alavancagem de outros negócios. Nessa lógica, é o esporte como negócio que alavanca os negócios da mídia, de lazer e entretenimento, de produtos e serviços em geral. (CARVALHO; NETO, 2006).

Além do rádio, a televisão, as crônicas esportivas e, mais recentemente, o sistema *pay-per-view* e a internet, deram uma nova dimensão ao discurso midiático. E, para retratar a (des)construção da identidade da Seleção Brasileira, torna-se fundamental analisar a narrativa jornalística esportiva, principalmente dentro do contexto dos meios de comunicação de massa. A comunicação exerce uma forte influência sobre o processo de informação social:

É todo o processo de socialização que está se transformando pela raiz ao tocar o lugar onde se mudam os estilos de vida. E essa função mediadora é realizada pelos meios de comunicação de massa. Nem a família, nem a escola – velhos redutos da ideologia – são hoje o espaço chave da socialização. (MARTÍN-BARBERO, 1987, p. 58).

Camargo (1999, p. 72) afirma que o futebol cria um sentimento de proximidade e identificação entre pessoas que, em muitos casos, encontram-se espalhadas ao redor do mundo. E essas são, em conjunto com a imprevisibilidade de uma partida, algumas das razões que fazem com que o futebol atraia uma multidão de seguidores em quase todo o planeta. Roberto DaMatta (1982) afirma que o futebol tornou-se popular no país por conta de “dramatizar as relações sociais do Brasil.” E mais, classificando-o como “um jogo emoldurado pelo capitalismo, cartolas e dinheiro”:

Se ele é produto de uma civilização que tem no dinheiro, no poder, na mais-valia o seu eixo primordial, ele não pode ser transitivamente reduzido somente a isso. Da mesma forma que o amor não se reduz só ao sexo; ou a política ao mero uso da força; ou a poesia ao uso das palavras. Há na atividade futebolística (como em todo o mais que constitui na vida em sociedade) um mistério. E esse mistério começa a ser desvendado quando nos damos conta que as coisas decolam e ganham asas. (DAMATTA, 1982, p. 16).

Retomando Guerra, o autor faz um alerta para a necessidade de se perceber o novo tempo em que o futebol abraça o mercado, se profissionaliza, se moderniza, mas que também é preciso atender ao consumo e à informação de qualidade. Segundo ele, a cobertura do jornalismo esportivo está “sob suspeita”. “Há sempre uma interrogação por trás do olhar de quem é atento aos interesses outros que norteiam esse jogo” (GUERRA, 2011, p. 64).

### 3.2 O OLHAR DO TORCEDOR

Para avaliar o pressuposto do distanciamento do torcedor em relação à Seleção Brasileira, apresentamos uma pesquisa, no XXXV Intercom, realizada por meio de questionário estruturado composto por quatro questões abertas. Para a escolha da amostra de torcedores, não foram considerados fatores demográficos, geográficos, nem tampouco socioeconômicos<sup>10</sup>. O único critério de participação foi a “paixão” pelo futebol e, por isso, ao informar ao entrevistado sobre o objetivo da pesquisa, a autora deixou claro que somente deveriam responder ao questionário aqueles que se enquadrassem nessa categoria. Assim, criou-se um filtro para minimizar o número de possíveis respondentes não aptos a contribuir para o alcance do objetivo final do estudo e que, conseqüentemente, poderiam comprometer a análise e veracidade dos resultados obtidos através da pesquisa.

O questionário foi aplicado a 46 torcedores, logo após a participação da Seleção Brasileira em um jogo amistoso contra o México (antes houve dois outros amistosos, sendo o primeiro contra a Dinamarca e o segundo contra os Estados Unidos). As três partidas foram disputadas no exterior: com o México foi realizada em Dallas, nos Estados Unidos, no dia 3 de junho de 2013; com a Dinamarca aconteceu em Hamburgo, na Alemanha, no dia 26 de maio de 2012 e com os Estados Unidos no dia 30 de maio de 2012, em Washington,

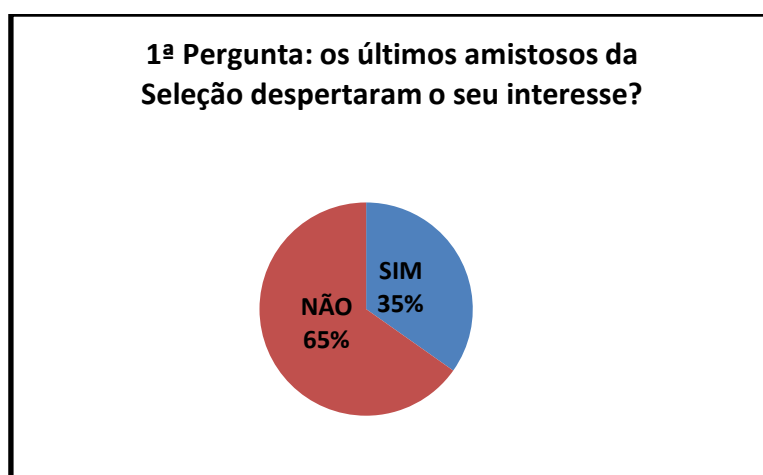
---

<sup>10</sup> Por este motivo, para análise dos resultados, optou-se por utilizar o gênero masculino, apesar da participação feminina na pesquisa.

DC. O questionário foi respondido presencialmente e *online* – por meio da rede social Facebook –, preservando-se a igualdade de seu conteúdo e teor em ambos os canais utilizados.

No contexto desta pesquisa, torna-se necessário relativizar o fato de que o questionário avaliou a relação da identidade entre o torcedor e a Seleção Brasileira adotando como parâmetro apenas jogos “amistosos”, o que, mesmo não sendo tão significativo, pode causar certa interferência na avaliação dos resultados. Em seguida, serão apresentados os gráficos referentes às quatro perguntas, posteriormente, a análise dos resultados obtidos.

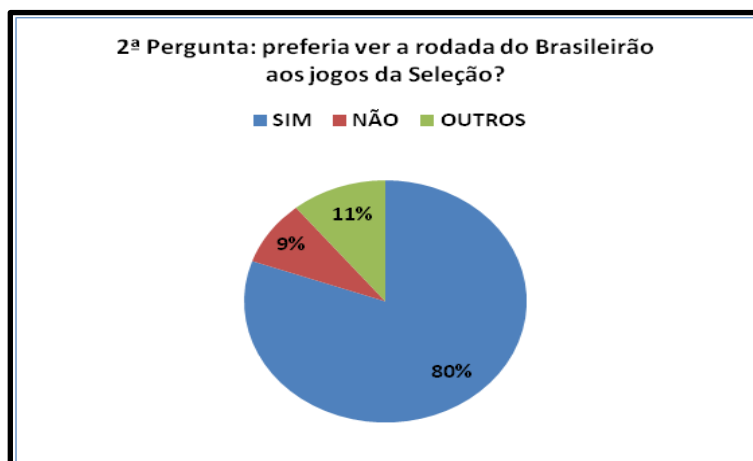
**Gráfico 1** - Os últimos amistosos da Seleção despertaram seu interesse?



**Fonte:** Dados da pesquisa.

O Gráfico 01 mostra que a maioria dos participantes (30 entrevistados) não demonstrou entusiasmo em assistir aos jogos amistosos da Seleção, enquanto 16 respondentes revelaram que não tiveram interesse em ver a Seleção em campo. Apesar de a pergunta ser classificada como “aberta”, excepcionalmente, os 46 entrevistados responderam apenas “sim” e “não”, sem elaborar qualquer tipo de comentário em relação ao questionamento.

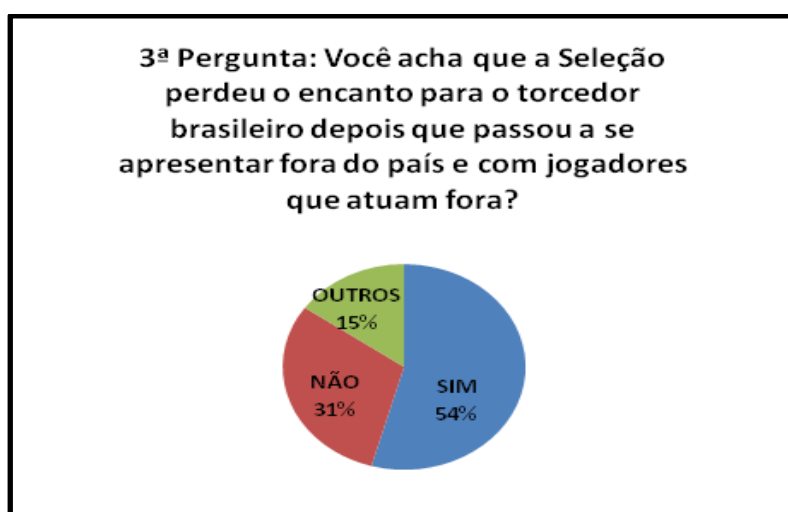
**Gráfico 2** - Preferia ver a rodada do Brasileirão aos jogos da Seleção?



**Fonte:** Dados da pesquisa.

Pode-se observar, com a projeção do Gráfico 02 que, dos 46 torcedores, a grande maioria (37 participantes) respondeu que prefere assistir aos jogos do Campeonato Brasileiro. Apenas quatro respondentes optaram pelos jogos amistosos da Seleção Brasileira e cinco forneceram respostas alternativas. Dentro da categoria “outras respostas”, um entrevistado acrescentou que, atualmente, prefere os jogos do Brasileirão e declarou que “antes, até a época em que conquistamos o tetra, com uma equipe fantástica, eu não trocava os jogos da Seleção pelo Brasileirão nunca”.

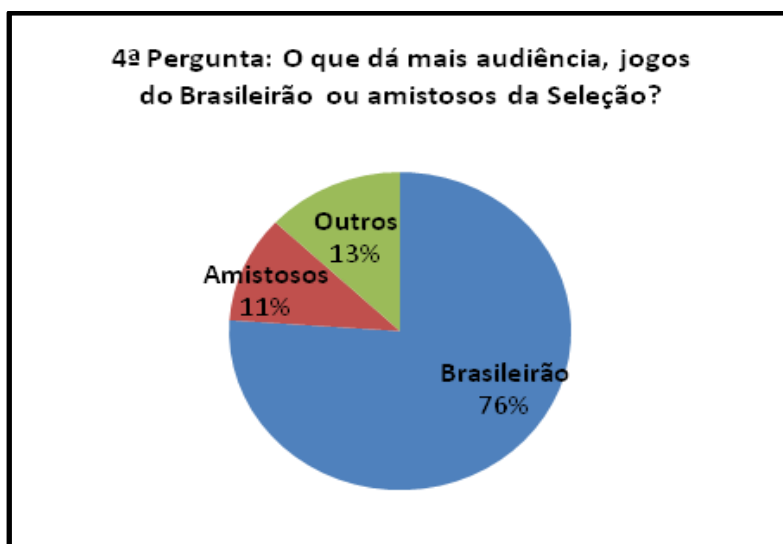
**Gráfico 3** - Você acha que a Seleção perdeu o encanto para o torcedor brasileiro depois que passou a se apresentar fora do país e com jogadores que atuam fora?



**Fonte:** Dados da pesquisa.

O Gráfico 03 indica que 25 entrevistados concordaram com a afirmativa; 14 discordaram e 7, apesar de terem afirmado que a Seleção “perdeu o encanto”, apresentaram outras justificativas. Dentre os que concordaram com a afirmativa, um deles enfatizou que a Seleção “perdeu o encanto quando o futebol passou a ser puramente comercial”. Um torcedor afirmou que “os jogadores que moram e atuam fora são muito bem remunerados e dão mais valor ao dinheiro do que ao amor pelo país”. Além disso, acrescentou que os jogadores da Seleção “geralmente demoram a ser liberados por seus times para treinos da Seleção, não tendo tempo de se entrosarem com a equipe”. Na categoria “outros”, um respondente afirmou que os “torcedores pensam que a CBF influencia muito as convocações, afetando o bom futebol da Seleção”. Um entrevistado revelou que o motivo do desinteresse pela Seleção ocorre “devido à grande expectativa do torcedor em relação ao elenco de jogadores com grande potencial, porém, em campo, não demonstram ser tudo aquilo que as pessoas esperavam”. Um último torcedor, ainda dentro desta categoria, declarou que o motivo da perda do encanto pela Seleção foi a “adoção de estilo de jogo europeu, que em nada tem a ver com a história do futebol brasileiro”.

**Gráfico 4** - O que dá mais audiência, jogos do Brasileirão ou amistosos da Seleção?



**Fonte:** Dados da pesquisa

O Gráfico 04 revela que a maior parte do grupo investigado (35 entrevistados) respondeu que os jogos do Brasileirão são os que dão maior audiência. Um torcedor chegou a afirmar que a audiência dos amistosos da Seleção, além de ser menor do que a do Brasileirão, perde também para os jogos da Copa do Brasil e Libertadores da América. Apenas 5 respondentes acham que os jogos amistosos da Seleção têm uma audiência maior. Dentro da

categoria “outros”, 5 pessoas declararam que a audiência vai depender do time adversário, tanto no Campeonato Brasileiro quanto nos jogos da Seleção. Um entrevistado respondeu que “ambos dão boa audiência” e outro revelou que atualmente assiste mais aos jogos dos campeonatos europeus: “o que importa é o futebol bem jogado, venha de onde vier!”.

Os resultados da pesquisa demonstram que os torcedores estão cada vez mais próximos de seus times (locais e/ou regionais) e mais distantes da Seleção Brasileira. Essa inferência deve-se ao fato de que 80% dos entrevistados responderam que preferem assistir aos jogos do Brasileirão aos da Seleção e 54% concordaram que um dos motivos que gerou o desinteresse pela Seleção foi o êxodo de jogadores para clubes do exterior, uma consequência direta do marketing esportivo que fez com que o futebol se transformasse em um grande negócio.

Após analisar os resultados da pesquisa, foi possível estabelecer uma associação à concepção de sujeito pós-moderno, proposta por Stuart Hall (1998), na qual o indivíduo não possui uma identidade fixa e permanente, adotando identidades diferentes, de acordo com sua conveniência. Sendo assim, se a Seleção Brasileira apresentar um bom desempenho, o processo identitário pode se fortalecer, mas, se o resultado decepcionar o torcedor, naquele momento, pode haver uma desconstrução da identidade em relação à mesma.

Além do desinteresse pela Seleção Brasileira, chamou-nos a atenção a pesquisa divulgada em julho de 2013, realizada pela Stochos Sports Entertainment, que mensura a simpatia do torcedor brasileiro por clubes do exterior (PAIVA, 2013). Foram ouvidas 8.345 pessoas, acima de 16 anos, sendo 70% homens, com margem de erro de 1,1 pontos percentuais. Cabe ressaltar que os pesquisadores salientam a diferença entre torcida e mera simpatia (o que foi mensurado). Essa mesma pesquisa havia sido realizada em 2010 e mostrou que 58,7% dos entrevistados não expressavam qualquer simpatia por clubes estrangeiros, índice que caiu para 45,9% em 2013. Destaque para a simpatia pelos espanhóis que subiu de 19,5% para 36,9% e para a queda dos italianos de 14,4% para 5,2%. Especificamente em relação aos clubes, em julho de 2010, 13,3% diziam ter simpatia pelo Barcelona, agora, eles são 24,9 por cento.

## CAPÍTULO 4

### A NARRATIVA DA SELEÇÃO ATRAVÉS DAS CRÔNICAS ESPORTIVAS

---

Com o intuito de compreender a narrativa dos cronistas no contexto do nosso objeto de estudo, optamos por utilizar a técnica da Análise de Conteúdo (AC). Acerca dessa metodologia, Caregnato e Mutti (2006) apontam que esse método, com origem em análises de materiais jornalísticos, nos Estados Unidos, pode assumir caráter quantitativo (em relação às frequências com que determinados conteúdos se repetem num texto) ou qualitativo (considerando características específicas que estruturam uma mensagem) que possibilita estabelecer inferências sobre o conteúdo de uma comunicação projetada a um contexto social. Para tanto, o analista se concentra em levantar as categorias dos termos inseridos num texto e que se repetem, bem como inferir expressões que representem tais termos. Corrêa (2011) corrobora essa afirmação de que a análise de conteúdo utiliza técnicas híbridas: “[...] a análise de conteúdo oscila entre esses dois pólos, ora valorizando o aspecto quantitativo ora o qualitativo, dependendo da ideologia e dos interesses do pesquisador. Apesar da introdução da inferência, a empatia pelos números não desapareceu” (CORRÊA, 2011, p. 285).

A partir da proposta de Laurence Bardin (1977), a análise de conteúdo deve ser organizada em três etapas: 1) a pré-análise, momento onde as ideias iniciais devem ser sistematizadas resultando em um plano de análise; 2) a exploração do material, fase que se constitui pelas codificações em função das regras que foram previamente formuladas e 3) tratamento dos resultados obtidos e interpretação, etapa em que os resultados brutos são lapidados para que se tornem significativos e válidos. Ao obter esses resultados, o analista estará apto a propor inferências e interpretações relacionadas aos objetivos previamente formulados.

Ainda de acordo com a autora, a análise de conteúdo apresenta seis técnicas: análise categorial, de avaliação, enunciação, expressão, análise das relações e do discurso, cada uma delas com suas respectivas nuances específicas de aplicação.

Para esta pesquisa, será utilizada a categorização, critério que, segundo Bardin (1977, p. 117) “é uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto, por diferenciação e, seguidamente, por reagrupamento segundo o gênero (analogia), com critérios previamente definidos”. A autora propõe quatro tipos de processos categoriais: semântico



(utilizando-se categorias temáticas); sintático (por meio de verbo e adjetivos); léxico (classificação das palavras de acordo com seus respectivos sentidos) e expressivo (empregado para classificar as perturbações da linguagem). Por melhor se adequar à nossa proposta de investigação, optamos por empregar o critério semântico (temático).

No conjunto das técnicas da análise de conteúdo, a análise por categorias é [...] na prática a mais utilizada. [...] Entre as diferentes possibilidades de categorização, a investigação dos temas, ou análise temática, é rápida e eficaz na condição de se aplicar a discursos diretos (significações manifestas) e simples. (BARDIN, 1977, p. 153).

As categorias serão fundamentais para o desenvolvimento da análise de conteúdo e foram estabelecidas a partir dos pressupostos delineados para este estudo e dos conceitos discutidos e referenciados no corpo deste trabalho.

Este capítulo inicia a busca de comprovação de nosso pressuposto sobre a possível queda/mudança da identidade da Seleção Brasileira junto ao torcedor e a primeira opção foi buscar nas crônicas de dois jornais de circulação nacional elementos que pudessem contribuir para as nossas preocupações. Optou-se por um jornal do Rio de Janeiro (O Globo) e outro de São Paulo (Folha de São Paulo), sendo que, aqui, um dos colunistas escolhido é de Minas Gerais. Além da importância dos três Estados para o país e por serem referências no esporte nacional, a tradicional rivalidade de cariocas e paulistas não poderia deixar de ser reconhecida e, diante disso, para tentar evitar alguma distorção na análise qualitativa e quantitativa da pesquisa, optamos pelas duas. Além de uma terceira via, que poderia estender o cuidado com a questão do bairrismo.

O período analisado compreendeu os últimos dias do mês de março até setembro de 2013 e esse recorte se deu para que pudéssemos perceber o comportamento dos colunistas escolhidos e o tratamento dado à Seleção Brasileira, antes, durante e depois de uma competição mundial, no caso, a Copa das Confederações. A escolha dos colunistas também seguiu uma linha de raciocínio que devemos explicar. No jornal “O Globo” a escolha recaiu por Fernando Calazans, por identificarmos nele um maior equilíbrio e isenção (embora reconheçamos ser um critério bem subjetivo). Na “Folha de São Paulo” nossa opção foi por Juca Kfoury, considerado polêmico, mas referência nacional, e, ainda, Tostão, ex-jogador da Seleção, médico, que escreve no jornal “Estado de Minas” e tem sua coluna reproduzida no jornal paulista.

Assim, a princípio, buscamos abranger três colunistas que escrevem em periódicos nacionais, mas que não deixam de ter uma visão mais “bairrista”<sup>11</sup> e que podem trazer contribuições para análise de como a Seleção Brasileira é tratada sob estes olhares de territórios diferentes.

A partir da opção que fizemos pelo critério semântico, partimos para a definição de categorias e subcategorias para o desenvolvimento da análise de conteúdo. Diante do pressuposto principal deste trabalho, duas categorias antagônicas: “Pátria de Chuteiras” e “Complexo de Vira-Latas”. Todas as crônicas que tocavam no tema Seleção Brasileira foram analisadas e enquadradas em uma das duas. Em algumas ocasiões, como se verá mais adiante, uma crônica apresentava conteúdo que se enquadrava nas duas categorias propostas.

Dentro de “Pátria de Chuteiras” elencamos como subcategorias: “Paixão”, “Identificação”, “Reverência”, “Admiração”, “Orgulho”, “Encantamento”, “Brasilidade”, “Otimismo”, “Comparação”, “Esporte e negócio”, “Êxodo”, “Jeitinho Brasileiro” e “Criatividade”. Já na categoria “Complexo de Vira-Lata” incluímos “Pessimismo”, “Inferioridade”, “Comparação”, “Frustração”, “Decepção”, “Êxodo”, “Jeitinho Brasileiro” e “Esporte e Negócio”.

Como se pode perceber, quatro subcategorias aparecem de forma igual nas duas categorias: “Jeitinho Brasileiro”, “Esporte e Negócio”; “Êxodo” e “Comparação”. Isso se justifica pelo fato de encontrarmos aspectos positivos e negativos na forma como esses dois pontos foram abordados pelos colunistas. De antemão, cabe-nos ressaltar, também, que a intensidade do tema Seleção Brasileira nas colunas foi homogênea nos dois jornais e, em muitas das vezes, a abordagem apresentou coincidência na angulação.

A seguir, apresentaremos mês a mês um resumo de todas as crônicas que abordaram, implícita ou explicitamente, a Seleção Brasileira de futebol, incluindo observações relativas às colunas. No final, mostraremos nove tabelas, sendo sete delas referentes aos meses analisados e os respectivos colunistas; uma com o percentual de colunas que abordaram a Seleção Brasileira e outra com o detalhamento de distribuição por categorias e subcategorias encontradas nas crônicas.

---

<sup>11</sup> Aqui, não necessariamente, uma visão negativa do termo, mas que se possa perceber diferentes formas de se abordar a Seleção Brasileira e os aspectos que nos interessam na pesquisa.

## 4.1 COLUNAS DO MÊS DE MARÇO

Em março, no período de 25 a 31, que deu início ao nosso recorte temporal, encontramos 7 colunas (3 de Fernando Calazans, 3 de Juca Kfourri, 1 de Tostão). Dessas, 5 abordavam, em algum momento, a Seleção Brasileira, sendo duas de Calazans, duas de Juca Kfourri e uma de Tostão.

### 4.1.1 Fernando Calazans

No dia 27/03, com o título “*Os conformistas*”, encontramos um texto de indignação de Calazans pelo fato da Seleção Brasileira vir de uma série de jogos sem vencer. “A resignação, desta vez, parece vir mesmo do cerne da seleção, onde técnicos e jogadores estão vendo os últimos resultados com absoluta naturalidade, como se fosse da história da seleção brasileira passar tanto tempo sem vencer uma outra equipe igualmente... grande!” (ANEXO 1).

No dia 31 de março, a coluna de Calazans recebe o título de “*Reerguer estádios e times*”, na qual o cronista, a partir da informação do fechamento do “Engenhão”, critica duramente o futebol brasileiro dentro e fora de campo, embora em alguns momentos ele demonstre alguma esperança e otimismo de uma recuperação deste declínio. “[...] um país que é pentacampeão mundial – o único pentacampeão mundial – tem peso, tem tradição para reencontrar seu caminho [...]. O Brasil tem um ano para reerguer estádios e reerguer a qualidade do futebol praticado dentro deles” (ANEXO 2).

### 4.1.2 Juca Kfourri

Juca Kfourri, no dia 28 de março, na coluna “*Quero ganhar do...*”, sugere que tentemos entrar na cabeça dos treinadores (entre eles, Felipão) e afirma que vamos encontrar muita confusão. No texto, Juca lembra que Felipão perdeu a final da Eurocopa para a Grécia e que a atual Seleção Brasileira, sob o comando de Mano Menezes e Felipão, não conseguiu vencer uma grande seleção, ao contrário de Dunga quando era o técnico da equipe (ANEXO 3).

No dia 31 de março, a coluna recebe o título “*A dupla Ro-Ro pirou*” na qual Kfourri critica o acúmulo de funções de Ronaldo Fenômeno como membro do Comitê Organizador Local da Copa, o de garoto-propaganda de bebida alcoólica, responsável pela imagem de Neymar e, agora, também, o de comentarista de TV. “Parece que o conflito de interesses foi inventado em sua homenagem. O comentarista, que não poderá criticar o eventual desabamento de um desses estádios superfaturados, [...] aparecerá no intervalo dos jogos, em que Neymar deverá ser preservado, para vender cerveja”. Ainda nessa coluna, ele critica Romário por imaginar que Sanchez possa ser a solução para a CBF. E ironiza: “como seria melhor se houvesse uma máquina do tempo e a dupla Ro-Ro pudesse voltar a jogar para ajudar o Palmeiras a golear o Mirassol” (ANEXO 4).

#### **4.1.3 Tostão**

Já Tostão, no mesmo dia, 31 de março, na coluna “*A arte e o artista*” fala que a Seleção tem vários problemas e, ao longo do texto, relata essas dificuldades. Diz que a Seleção, no entanto, pode vencer a Copa. “Espanha e Alemanha são as duas melhores seleções. O Brasil não está entre as quatro melhores, mas, por jogar em casa, é a quarta com mais chances de ganhar a Copa” (ANEXO 5).

## **4.2. COLUNAS DO MÊS DE ABRIL**

Em abril encontramos 32 colunas (11 de Calazans, 13 de Juca Kfourri e 8 de Tostão) sendo que, desse total, a Seleção Brasileira foi retratada em 21 colunas (7 de Calazans, 7 de Juca Kfourri e 7 de Tostão).

### **4.2.1 Fernando Calazans**

No dia 8 de abril, Calazans utiliza o título “*Amistoso amadorístico*” para falar sobre o jogo amistoso com a Bolívia para ajudar a família de um menino boliviano morto em jogo

com o Corinthians, pela Libertadores. Ele usa de ironia para destacar que “é mesmo uma beleza enfrentar em amistoso a Bolívia no atual momento (ainda) de experiência da seleção brasileira”. Ao final, num jogo que ele qualifica como desimportante, o colunista ainda critica o comportamento dos dirigentes. “Para piorar a fama do amistoso, o nome do garoto Kevin Spada, morto num jogo da Libertadores, a quem seria (ou foi) destinada parte da arrecadação, não foi lembrado sequer no minuto de silêncio que antecedeu o jogo” (ANEXO 6).

Dois dias depois, 10 de abril, o trecho da coluna que fala da Seleção recebe o título “*Ironia do futebol*”. Calazans fala de uma carta recebida de um leitor que lamenta a falta de pontas no futebol brasileiro. E ele responde: “chega a ser engraçado – ou mesmo ridículo – nossos times e nossa seleção escalando jogadores do meio para ocupar a lateral do campo por causa da necessidade de abrir o jogo e criar jogadas pelas pontas.”. No restante do texto ele critica a forma como é armada a Seleção desde o tempo de Mano Menezes como treinador e agora com Felipão (ANEXO 7).

Na coluna “*Autodestruição*”, do dia 14 de abril, ele fala do novo ranking da Fifa, que aponta a queda da Seleção Brasileira para a 19ª colocação, atrás de Croácia, Colômbia e Equador. “Não sei, sinceramente, se esse ranking, pode ser confiável, mas a julgar pelos dos primeiros colocados, parece que sim. São Espanha e Alemanha. Perfeito. Então passa a ser provável que o 19º lugar expresse a mesma justiça. É o Brasil”. E para por aí, para falar do jogo do Fluminense pelo Brasileiro (ANEXO 8).

Dia 21 de abril ele faz uma parte da coluna com o título “*CBF e Conmebol*”. Calazans critica o fato das contas da CBF terem sido aprovadas sem restrição. “O que é prova, mais uma, de que a situação do futebol brasileiro, em geral, está longe de ser responsabilidade apenas da Dona CBF. Paremos de falar mal só dessa senhora. As federações estaduais são da mesma estirpe” (ANEXO 9).

No dia seguinte- 22 de abril – a coluna recebe o título “*Guerreiros sul-americanos*”, onde Calazans fala do futebol de “raça” e “força” praticado por jogadores sul-americanos. “O resultado é que, enquanto a Europa se esmera (ou tenta) no exercício de um futebol mais técnico e plástico, nós, sul-americanos, estamos criando novas gerações que já se acostumaram com esse jogo bruto, grosseiro [...]”. E ainda lamenta que os torcedores estão indo aos estádios sem nenhuma exigência de apreciar um espetáculo esportivo de futebol (ANEXO 10).

“*O fruto da presunção*” é o título do trecho da coluna do dia 28 de abril que fala da Seleção. Calazans se utiliza da comparação para falar dos jogos entre espanhóis e alemães pela Liga dos Campeões (que terminaram em goleadas dos alemães) e o empate entre Brasil e

Chile em 2 a 2. “Porque foram duas apresentações absolutamente distintas da mesma modalidade esportiva. [...] Nem tanto pelos placares avantajados dos jogos europeus, mas sim pela forma de atuar daqueles times” (ANEXO 11).

Finalmente, dia 29 de abril, Calazans escreve um dos trechos da coluna com o título “*A madame e os macaquinhos*”. Nele o colunista cita o comentário de um operário feito em uma reportagem do “O Globo”, onde comenta orgulhoso que assistirá a um jogo no estádio que ele ajudou a reconstruir antes dos ricos. “É bom mesmo. Depois dos ricos é que os operários não vão mesmo entrar no Maracanã, por causa da elitização e da privatização do estádio, que aliás provocaram manifestações contrárias na mesma festa”. Ele admite que o Maracanã ficou bonito, mas critica o fato de ter deixado de ser um estádio popular. E termina de forma grosseira seu texto. “Como diria a turma do meu amigo e coleguinha Ancelmo Gois, arena é o cacete!” (ANEXO 12).

#### **4.2.2 Juca Kfourri**

Juca Kfourri fala da Seleção Brasileira pela primeira vez no mês de abril, dia 4, na coluna com o título “*Ronaldo explica*”. Ele dedica parte do seu texto a uma defesa feita por Ronaldo Fenômeno às críticas feitas pelo colunista por ele fazer parte do Comitê Organizador Local da Copa e agora assumir a função de comentarista da TV Globo. Depois de transcrever os trechos da resposta do jogador, ele conclui: “Compromisso do Fenômeno. Cumpra-se.” (ANEXO 13).

Dia 8, a coluna de Juca tem o nome “*Admirável gado novo*”. Ele faz uma crítica à falta de coragem dos jogadores brasileiros de se posicionarem. Tudo por conta de Neymar, ao ser questionado sobre o amistoso com a Bolívia, ter fugido da polêmica, uma vez que seu treinador no Santos, Muricy, havia se colocado contra. Compara a posição ao brasileiro descrito na música de Zé Ramalho, conhecida como “Vida de gado”. Juca afirma: “Infelizmente são raras as manifestações valentes de nossos jogadores e é ocioso relembrar de Tostão, Afonsinho, Sócrates, não por coincidência todos médicos [...]” (ANEXO 14).

“*Filosofando em alemão*” é o título da coluna de Kfourri de 11 de abril. Ele analisa a fala do alemão Breitner, em um programa de TV, que elogia a Seleção Brasileira de 70, mas afirma que o Brasil ainda levará de seis a oito anos para recuperar sua hegemonia. “Aí provavelmente, embora repleto de lógica, ele se engane, porque o futebol brasileiro é capaz de

ir da depressão à euforia num átimo, e desprezar o fator local das próximas Copas das Confederações e do Mundo é temerário, para dizer o mínimo” (ANEXO 15).

Já a coluna do dia 14 de abril, com o título “*Cresce o sócio torcedor*”, mostra um colunista otimista com o caminho da relação futebol-empresa. Juca afirma: “Campanhas gigantescas fazem parte para que, quem sabe, o futebol-empresa no Brasil possa criar o seu modelo, sem precisar dos magnatas que saíram comprando grandes clubes pelo mundo afora [...]. O futebol brasileiro não vive apenas de más notícias.” (ANEXO 16).

Dia 18 de abril, na coluna “*Não chore, Marin!*”, Juca utiliza a inspiração da música feita para Henfil, cantada por Elis Regina, para ironizar o choro do presidente da CBF, José Maria Marin. “É que o futebol brasileiro anda de luto, chupando manchas torturadas, incapaz daquelas velhas irreverências mil nas noites, e nas tardes do Brasil. [...]. E que a cada passo desta linha, de Ronaldinho a Neymar, seja para machucar o gol do rival, livre, azar, desta cartolagem equilibrista. Que sufoco. Louco!” (ANEXO 17).

“Cinco bilhões de dólares é o que se projeta que a Fifa lucrará com a Copa no Brasil. Mais que 35% acima do que ganhou no Mundial de 2010 e 110% a mais do que em 2006”. Assim começa a crônica de Juca Kfourri do dia 25 de abril. A coluna recebe o título “*A Fifa está feliz*”. Ao final, o colunista afirma que algumas fontes (que ele não revela quais) garantem que o atendimento à imprensa na Copa das Confederações será precário. E que o material utilizado na maioria dos estádios é de segunda (ANEXO 18).

Fechando abril, dia 28, com o título, “*Cuidado com a dengue*”, Juca fala do jogo do Brasil com o Chile (2 a 2), comenta o desempenho de Neymar na Seleção, ainda não igual ao que tem no Santos, e acrescenta que a Seleção está num estágio atrasado. Começa a crônica dizendo que o cartaz “Galvão, cuidado com a dengue em BH” podia ser para Felipão e encerra dizendo “Que dor de cabeça. Como a da dengue. Cuidado, Felipão” (ANEXO 19).

### **4.2.3 Tostão**

No dia 3 de abril, sob o título “*Espaço e movimento*”, a coluna de Tostão fala sobre o empate no jogo disputado entre o Paris Saint-Germain e o Barcelona e elogia Messi. Mais adiante, Tostão exalta o atacante Tardelli que, além de driblar e dar passes, também é um goleador e reclama que está faltando um jogador como ele na Seleção Brasileira. “A seleção possui volantes que marcam, meias-atacantes que driblam em velocidade e um centroavante

fixo. Tudo compartimentado. É necessário misturá-los, sem perder a organização tática”. O colunista termina seu texto dizendo que a Seleção e o futebol brasileiro têm que aprender e praticar o jogo coletivo. “Hoje, com poucos craques, ele é importantíssimo. Essa dificuldade é, em parte, reflexo do narcisismo e do individualismo da sociedade” (ANEXO 20).

A próxima coluna de Tostão, no dia 7 de abril, vem com o título “*Cresce a descrença*”, na qual os conflitos de interesses das várias atividades desempenhadas por Ronaldo – comentarista, membro do comitê da Copa, relações comerciais com jogadores – marcam o início do texto. “Não adianta Ronaldo dizer que é independente. Após assumir tantos compromissos afins, a independência já foi perdida”. O único momento em que o colunista mostra-se esperançoso em relação à equipe da Seleção diz respeito ao desempenho dos jogadores Thiago Silva, Daniel Alves e Lucas durante o jogo entre o Barcelona e Paris Saint-Germain. Daí em diante, Tostão só demonstra pessimismo e descrença em relação à Seleção e à Copa do Mundo no Brasil (ANEXO 21).

“*Péssimo dos péssimos*” é o título da coluna de Tostão, em 10 de abril, na qual ele critica os membros do comitê da Copa e ironiza a partida entre Brasil e Bolívia, realizada em 6 de abril em Santa Cruz de la Sierra. Tostão chamou o amistoso de “pelada” e disse que o jogo em nada contribuiu para o esquema tático da Seleção Brasileira nem tampouco para revelar os jogadores que poderiam ser escolhidos para a Copa das Confederações. O colunista também comenta sobre a transmissão do jogo pela TV Globo: “Há dois tipos de futebol, quando joga a seleção. Um, distante da realidade, é o dito na transmissão das partidas pela TV Globo e repetido pela maioria. Outro, próximo dos fatos, é falado e discutido pela minoria”. Depois, Tostão afirma que a Seleção Brasileira só terá um time forte quando puder contar com um jogador como Pirlo (volante do Juventus, time italiano) “[...] que, além de marcar, se torna o armador da equipe, já que é menos marcado. Isso acontece em todos os melhores times do mundo” (ANEXO 22).

No dia 14 de abril, Tostão remete-se ao alemão Paul Breitner – campeão do mundo pela Alemanha em 1964 – que, durante entrevista à ESPN Brasil, criticou duramente o atual futebol brasileiro. O título “*A verdade dói*” refere-se às três principais reações quando nosso futebol é criticado. De acordo com o colunista, a primeira delas vem dos técnicos brasileiros que, presunçosamente, acreditam que nosso futebol não tem mais nada para aprender. A segunda relaciona-se aos brasileiros que se sentem ofendidos quando falam mal do nosso futebol e a terceira reação diz respeito ao “complexo de vira-latas”, quando nós valorizamos excessivamente os comentários negativos que vêm do exterior. “Há ainda os que entendem do assunto, que não têm rabo preso e que sabem separar as coisas, como escreveu o mestre Juca,



na quinta-feira” (aqui, Tostão nos remete à coluna “Filosofando em alemão”, publicada por Juca Kfourri, no dia 11 de abril). Tostão concorda com Breitner que o futebol brasileiro está atrasado, mas que voltar ao passado não vai resolver o problema: “o mundo e o futebol mudaram. Nem é copiar tudo o que os outros fazem. Independentemente do que ocorrer na Copa, é necessário mudar nomes e conceitos, dentro e fora de campo, desde as categorias de base, e criar uma identidade. Chega de politiqueiros e de incompetentes” (ANEXO 23).

Uma semana depois, no dia 21 de abril, Tostão escolheu “*Eu vi*” como título de sua coluna. Inicia o texto dizendo “eu vi muito dos maiores craques do futebol. Joguei na mesma época de vários e ao lado de alguns como o maior de todos, Pelé”. Ele conta que iniciou sua carreira na Seleção aos 19 anos e que também viu Garrincha e o goleiro russo Yashin. Tostão fala que, em 1971, após um almoço com os jogadores e dirigentes do Milan, em Milão, queriam contratá-lo, “[...] mas dependia do fim da proibição de importar jogadores. Isso não ocorreu. Por pouco, mudava toda minha vida” (ANEXO 24).

“*Debaixo do tapete*” é o título da coluna, publicada em 24 de abril, na qual Tostão fala que, para cativar o torcedor na Copa de 2014, o técnico Luiz Felipe Scolari deve escolher jogadores que atuam no Brasil: “[...] é necessário criar fortes laços afetivos entre a torcida e os atletas. Felipão terá uma dura tarefa. Ele vai esticar a corda para um lado, e Marin, para outro”. Mais adiante, Tostão afirma que o técnico da Seleção Brasileira opta por acreditar na experiência pessoal e não se interessar pela ciência e por tudo que é considerado como referência de excelência. “É a onipotência do pensamento, frequente no ser humano”, ironiza o colunista. Para fazer jus ao título da crônica, Tostão termina seu texto declarando que “muitos treinadores agem como se tivesse apenas uma maneira de vencer e como se não houvesse erros nas vitórias e acertos nas derrotas. O que deu errado é jogado para debaixo do tapete” (ANEXO 25).

Em sua última coluna do mês de abril, “*Ocultos Mistérios*”, publicada no dia 28, Tostão fala sobre o empate de 2 a 2 no jogo amistoso entre Brasil e Chile, disputado no novo estádio Mineirão, em 24 de abril. Ele criticou a atuação da Seleção Brasileira, além de ressaltar que o Chile, apesar de ter entrado em campo com uma equipe formada, em sua maioria, por jogadores reservas da seleção principal, e também sem tempo para treinar, teve, coletivamente, um desempenho muito melhor. “A razão principal da inexistência de jogo coletivo da seleção brasileira não é a falta de tempo, e sim porque nosso futebol desapareceu a jogar coletivamente” (ANEXO 26).

### 4.3. COLUNAS DO MÊS DE MAIO

Passamos para o mês de maio e encontramos 31 colunas (14 de Calazans, 13 de Juca Kfourri e 4 de Tostão) sendo que, desse total, a Seleção Brasileira foi retratada, implícita ou explicitamente, em apenas 8 colunas (2 de Calazans, 3 de Juca Kfourri e 3 de Tostão).

#### 4.3.1 Fernando Calazans

A primeira coluna de Calazans no mês de maio (dia 15) vem com o título “*Sem drama na seleção*”, na qual o colunista fala sobre a convocação dos jogadores para a Copa das Confederações. Calazans diz que, se fosse ele teria convocado Ronaldinho Gaúcho, mas que essa tarefa cabe ao técnico da Seleção Brasileira, Luiz Felipe Scolari. Depois, faz uma reflexão sobre os jogadores escalados e aproveita para dar uma “alfinetada” no nosso futebol: “Quer dizer que gostei da lista do Felipão? Mais ou menos. É mediana, como aliás é o futebol brasileiro”. O colunista também se mostra decepcionado com a ausência do volante Ramires na lista dos convocados. Mais adiante, em um trecho intitulado “Fixo, só o goleiro”, Calazans diz que as restrições reveladas por ele durante a coluna sobre a escalação do time para a Copa das Confederações não condena a lista de Felipão nem pretende avaliar o trabalho do técnico, apenas pelo time escolhido para atuar pela Seleção Brasileira. “Minha preocupação não é tanto com este ou aquele jogador, mas com a forma como este e aquele jogador vão atuar dentro do esquema, digamos, felipiano” (ANEXO 27).

Já no dia 20 de maio, segunda e última coluna que aborda a Seleção Brasileira, em uma parte “*Vai sobrar pra quem?*”, Calazans diz que a ida para o exterior dos jogadores Neymar (Santos) e Paulinho (Corinthians) não significa apenas uma perda para os respectivos clubes. “É a perda para o futebol brasileiro, em época tão crucial, em que o mundo está de olho aqui, por causa da Copa das Confederações e da Copa do Mundo”. De acordo com o colunista, alguns clubes brasileiros ainda conseguem manter seus principais jogadores. O problema, segundo ele, é a questão da transformação do futebol em negócio: “[...] mais do que poder, a questão é querer. Porque o chamado futebol de negócios, o famoso business, é mais forte do que o desejo de futebol bem jogado dentro do campo”. Ainda discutindo sobre o êxodo dos jogadores brasileiros para times estrangeiros, Calazans questiona se, de fato,

quando no exterior, os jogadores evoluem e atingem um nível maior de qualidade. Logo depois, ele afirma que alguns jogadores melhoram enquanto outros não, e cita Robinho e Pato como jogadores que “não deram certo” lá fora. “Não é uma regra e, portanto, não pode ser generalizada, menos ainda com a certeza com que o ‘complexo de vira-latas’ nos impele a fazer. Se fosse assim, estaria oficialmente reconhecida a queda brutal no processo de formação dos nossos jogadores”. Em uma pergunta, o colunista acaba afirmando que em épocas passadas ninguém pensava em mandar craques como Pelé, Garrincha, Didi, Gérson, Tostão ou Rivellino para a Europa para que pudessem aperfeiçoar o futebol. “Se hoje, realmente, os melhores jogadores do Brasil têm que se transferir para o exterior, é porque algo está muito errado aqui dentro” (ANEXO 28).

#### 4.3.2 Juca Kfourri

Das 13 colunas de Juca Kfourri publicadas em maio, apenas três abordaram temas relacionados à Seleção Brasileira. A primeira foi no dia 2 de maio, sob o título “*Os alemães e seus canhões*”, a coluna de Juca afirma que “nenhuma Copa do Mundo fez tão bem a um país como a da Alemanha, em 2006”. Ele comenta que os alemães comemoraram, com entusiasmo, o terceiro lugar conquistado contra Portugal e que, atualmente, ainda conta com quatro excelentes titulares que disputaram aquela Copa. Kfourri acredita que os alemães disputarão a Copa de 2014 no Brasil como favoritos (ANEXO 29).

Depois de 18 dias sem mencionar qualquer assunto relacionado à Seleção Brasileira, Juca volta, em 20 de maio, com um trecho da coluna intitulado “*CORREÇÃO*” em que se refere a uma entrevista concedida pela presidente Dilma Rousseff, na qual ela chama de “pessimistas de plantão” as pessoas que não acreditam que os estádios ficarão prontos para a Copa das Confederações e nem para o mundial de 2014. Segundo o colunista “o que os críticos, que têm a preocupação de relatar os fatos como os fatos são, sempre disseram é que haveria atrasos e superfaturamentos. Exatamente como está acontecendo”. Ele termina o texto afirmando que grande parte dos estádios, dentre eles o Mané Garrincha e os de Cuiabá, Manaus, Natal e, talvez, até o de Recife vão virar “elefantes brancos” (ANEXO 30).

No dia 27 de maio, Juca Kfourri atribui à coluna o título de “*Complexo de pastor-alemão*”. Ele inicia o texto dizendo ter inveja dos alemães que jogam sem simular, não reclamam, jogam sem parar, ou seja, que os alemães simplesmente jogam. Afirma que suas

declarações não possuem nenhum indício de complexo de vira-latas e que podemos, sim, agir como pastores-alemães. Kfoury conclui seu texto afirmando que “ao contrário do que se supõe, complexo de vira-latas têm os cartolas que se submetem ao arbítrio da CBF, não quem inveja o que dá certo” (ANEXO 31).

### 4.3.3 Tostão

Já Tostão, teve sua primeira coluna, “*Despedida de Neymar*”, publicada apenas no dia 19 de maio<sup>12</sup>. Ele fala sobre a convocação para a Copa das Confederações e, assim como Calazans, demonstra-se decepcionado com a ausência do volante Ramires, mas afirma que já esperava que Ronaldinho e Kaká fossem ficar de fora da lista. O colunista revela suas impressões sobre a decisão do técnico da Seleção Brasileira de incluir na lista de convocação 11 jogadores que atuam em times do Brasil dizendo que essa atitude é “[...] decorrente da manutenção e contratação de melhores atletas, do pouco número de brasileiros nas principais equipes da Europa e da tentativa de cativar e de criar um forte laço afetivo com a torcida.”. Além disso, Tostão critica o slogan da Copa escolhido pelo governo. Segundo ele, além de não ser original, o slogan “Pátria de Chuteiras” apresenta o mesmo objetivo. Em relação a Neymar, o colunista defende a ida do jogador para a Europa e ressalta que “a melhor solução para o craque e para o ser humano, será jogar ao lado de grandes craques, que tenham outro comportamento, como Messi, Xavi e Iniesta” (ANEXO 32).

“*O Chutão é universal*” é a próxima coluna de Tostão, publicada no dia 22 de maio. Em seu texto, ele fala sobre o futebol alemão e o espanhol e afirma que “o Brasil não tem de copiar, na íntegra, os alemães, os espanhóis nem repetir o passado. O futebol mudou. Temos de reinventar nosso estilo e reaprender a jogar coletivamente” (ANEXO 33).

“O maior compromisso do artista é com sua arte. Não é com a fama nem com o dinheiro”. Este foi o subtítulo da coluna “*Prostituir o talento*”, do dia 26, na qual Tostão afirma que, ao jogar no Santos, Neymar está desrespeitando o próprio talento. Ele compara Neymar a outros jogadores brasileiros que não teriam as mesmas condições de serem titulares de uma das grandes equipes europeias e é por isso que muitos dos que saíram do país depois retornaram. “Ser destaque no Brasil, além de ganhar salários tão bons, ou maiores, é melhor

<sup>12</sup> O início tardio – 19 de maio – da publicação das colunas de Tostão deve-se ao fato de ele, na última crônica do mês de abril (dia 28), ter mencionado no texto que iria tirar férias.

que jogar em um time médio europeu”. No caso específico de Neymar, Tostão é enfático ao dizer que “ficar no Brasil, porque ganha mais do que Cristiano Ronaldo e é o rei da cocada preta, seria estagnar, prostituir seu talento” (ANEXO 34).

#### 4.4. COLUNAS DO MÊS DE JUNHO

No mês de junho foram publicadas 63 colunas (19 de Calazans; 23 de Juca Kfourri e 21 de Tostão), sendo que 51 delas abordaram assuntos relacionados à Seleção Brasileira (17 de Calazans, 15 de Juca Kfourri e 19 de Tostão). Percebe-se o aumento do número de colunas devido à Copa das Confederações, realizada no Brasil, no período de 15 a 30 de junho.

##### 4.4.1. Fernando Calazans

A primeira coluna de Calazans no mês de junho, dia 2, tem o sugestivo título: “*Escalação Promissora*”. Ele fala da possível escalação do time brasileiro para o amistoso com a Inglaterra. Ele afirma que espera que a base que entrará seja a que vai ser escalada para a Copa das Confederações. “Pelo menos na teoria, o time nada tem de defensivo, mantendo um equilíbrio interessante entre os três setores. Acredito, inclusive, que o técnico Felipão esteja bem-intencionado nesse aspecto”. E termina dizendo que considera o amistoso um “teste respeitável” (ANEXO 35).

No dia 3, após a realização do amistoso com a Inglaterra, a coluna de Calazans recebe o título “*A dúvida que permanece*”. Ele faz menção ao texto do dia anterior:

A escalação promissora da seleção brasileira, que comentei aqui, não saiu do papel ou da prancheta do Felipão. Não entrou em campo para o amistoso de ontem com a Inglaterra, na reinauguração do Maracanã. Deve ter sido muita pretensão minha acreditar nela, e, pior ainda, elogiá-la. (ANEXO 36).

A sequência do texto é de duras críticas ao time e termina lançando uma pergunta: “Quanto à escalação, Felipão nos deixou em suspense. A seleção brasileira vai preferir a altura e a força ou a qualidade e o espírito ofensivo? A Copa das Confederações vem aí para nos dar a resposta” (ANEXO 36).

Calazans só volta a falar na Seleção no dia 9 de junho. “*De olhos bem fechados*” é o título do texto que comenta sobre a queda da Seleção Brasileira no ranking da Fifa:

Não sei, sinceramente, o grau de credibilidade que pode merecer essa lista, mas alto ou baixo, chega a ser assustadora a queda da seleção, que foi a maior do século passado em qualquer ranking do planeta. O declínio seria até de certa utilidade, se servisse para abrir os olhos de cartolas e técnicos do nosso futebol. (ANEXO 37).

Na sequência, ele demonstra descrença num proveito dessa queda para melhora do nosso futebol. Depois, passa a estruturar seu raciocínio em cima da ida de Neymar para a Europa. Ele questiona e responde se a queda no ranking da Seleção explicaria a necessidade do nosso craque atual ir jogar no exterior. “Sim, acho que existe uma relação. Porque naquela época dourada do futebol brasileiro, nenhum cidadão medianamente sadio cogitou a hipótese de mandar Gérson, o Pelé, o Tostão, o Rivelino ou Jairzinho jogar na Espanha, na Inglaterra ou no Japão”. O jornalista ainda critica o fato de resistirmos à ideia de se ter aqui no Brasil treinadores vindos do exterior. A conclusão deste texto mostra um colunista nostálgico e esperançoso: “Por enquanto gostaria que Neymar ‘aprendesse’ a jogar aqui mesmo, na seleção brasileira, começando por hoje, no amistoso com a França. É o que atrai a minha atenção no jogo de daqui a pouco. Ah, sim, uma pequena dúvida mais: a escalação do Felipão. A escalação!!!” (ANEXO 37).

No dia seguinte, 10 de junho, após a vitória brasileira por 3 a 0 em cima dos franceses, mercê do mesmo colunista o título “*Em busca de confiança*”. Apesar de reconhecer que a vitória da Seleção lhe dará mais confiança para a sequência do trabalho, Calazans ainda não se dá por convencido de que os méritos são brasileiros.

Só tenho dúvida se a atual seleção francesa pode ser chamada de ‘grande’ e figurar entre as maiores da atualidade. Campeã do mundo, ela foi em 1998, portanto, não há exagero em dizer que voltamos a ganhar de um campeão. A dúvida, para mim, é se ainda ostenta aquela grandeza. (ANEXO 38).

Dia 12 de junho, um dos subtítulos na coluna de Calazans recebe o nome de “*Safra e entressafra*”. Um texto curto onde ele comenta a declaração de Pelé de que a safra atual do futebol brasileiro não é boa. “Pelé anda mais exigente do que eu. Pudera: o Rei do futebol é ele.” (ANEXO 39).

Dois dias depois, 14 de junho, ele escreve “*Pressão para todos*”. Nesse texto, comenta sobre o tema dos últimos dias, a pressão sobre o desempenho de Neymar na Seleção. Depois de falar sobre a entrevista do jogador em que ele, colunista, o achou “um pouco convencido”, Calazans manda um recado: “Fique certo o Neymar de que não é só ele que está submetido a

essa pressão. Todos os jogadores, nenhum deles com carreira firmada na seleção brasileira, estão sob esse tipo de carga. Neymar um pouco mais, justamente por ser considerado o melhor.” (ANEXO 40).

Dia 16 de junho Calazans analisa a abertura da Copa das Confederações e a vitória brasileira. Divide a coluna em duas partes. Na primeira, com o título “*Abertura tranquila*”, novamente ele prefere desqualificar o adversário a valorizar a conquista brasileira. Começa assim a coluna, dia seguinte a uma vitória de 3 a 0 sobre os japoneses. “Com um time fraco e um ataque inofensivo, a seleção do Japão ficou muito abaixo da propaganda que fazem dela. O Brasil é que não tem nada a ver com isso. A seleção do Neymar e do Felipão cumpriu o seu dever com tranquilidade e segurança [...]”. Na segunda parte da coluna ele coloca o título “*Nem drama nem euforia*”. “Ninguém precisa perder a cabeça se o Brasil não for bem sucedido na Copa das Confederações. Muito menos devemos nos imbuir do espírito do ‘já ganhou’ (o Mundial de 2014) se o time for campeão agora”. No final, ele emprega a expressão “Complexo de Vira-Latas” e, novamente com tom crítico, afirma:

Hoje, ainda falta bastante para que Neymar e o time estejam prontos. Daí a necessidade de haver uma certa paciência, sem perder naturalmente o tom crítico com que devemos considerar o futebol brasileiro de hoje. Portanto, nem o derrotismo dos acometidos pelo complexo de vira-latas, nem o deslumbramento da turma do oba-oba. (ANEXO 41).

Dia 17 de junho, uma parte da coluna de Calazans é dedicada à Seleção Brasileira. O título: “*Ponto Final*”. Nela o colunista se rende ao bom futebol apresentado pelo time comandado por Felipão, mas não deixa de fazer algumas ressalvas. “A seleção brasileira começou a Copa das Confederações melhor até do que eu esperava, o que não significa que tenha sido uma beleza”. Mais adiante ele fala do treinador e das manifestações nas ruas:

Embora não seja dos meus técnicos preferidos, é inegável que Felipão tem um espírito que agrega os jogadores, que une o elenco, e nem precisa adotar a prática um tanto personalista, que parecia tornar uma coisa própria, particular, privada. Num momento em que manifestações nas principais cidades do país, envolvidas com a Copa das Confederações, protestam, entre outras coisas, contra os gastos públicos para a Copa do Mundo e o preço dos ingressos, ao menos a seleção tem que ser pública mesmo, tem que ser de todos e para todos. (ANEXO 42).

Na coluna do dia 19 de junho, “*Mostrando a Cara*”, Calazans volta a falar do treinador da Seleção, e bem (mesmo que deixe clara certa contrariedade).

Pois não é que tenho gostado das declarações de Felipão em suas entrevistas? Sobre as manifestações e protestos que têm acontecido nas ruas de nossas cidades, disse não temer em absoluto que se virem contra a seleção brasileira. A seleção é do povo – afirmou – Somos do povo. Foi uma espécie de concordância com o que eu expressei aqui, em forma de elogio à outra declaração do técnico de que a ‘família Scolari’ acabara, era coisa de 2002, já tinha ficado para trás. (ANEXO 43).

Calazans ainda elogiou o fato de o técnico brasileiro ter aprovado as declarações dos jogadores favoráveis às manifestações (desde que pacíficas).

No dia seguinte, 20 de junho, ele se dedica a analisar a vitória por 2 a 0 sobre o México. O título da coluna sugere uma crônica otimista, mas nem tanto. “*Transformação Radical*”. Diz Calazans:

No começo do jogo, a seleção brasileira mostrou um futebol esfuziante. Partiu para cima do México, atacou, marcou a saída do adversário, imprensou-o na defesa, fez um gol aos 9 minutos. Tive quase certeza de que assistira a uma grande exibição do Brasil, mas me enganei. Esse futebol de primeira durou não mais do que 20, 25 minutos e se transformou no oposto. Um jogo superado de chutes e bolas altas. (ANEXO 44).

Mais adiante, usando de comparação ele fala: “Cheguei a sonhar que nossa seleção estivesse quase alcançando um patamar, por exemplo, de Espanha [...]” (ANEXO 44).

Em seu texto do dia 22 de junho, sob o título “*Jogo dos nove títulos*”, Calazans fala da expectativa do jogo do dia entre brasileiros e italianos. Novamente o colunista demonstra um sentimento de inferioridade em relação à Seleção Brasileira:

Já ouvi muita propaganda do jogo de hoje como ‘o maior clássico do futebol mundial’. Do ponto de vista histórico a definição é precisa. Afinal, são os dois países com mais títulos de campeões mundiais, o Brasil com cinco, a Itália com quatro. Não é pouco. Mas, no atual panorama do futebol internacional, as duas seleções ficam devendo a outras de melhor futebol, até prova em contrário. (ANEXO 45).

Em 23 de junho, um dia após nova vitória da Seleção Brasileira, agora 4 a 2 sobre a Itália, o título da coluna é: “*Vitória de time grande*”.

Depois de um primeiro tempo frio e insosso, Brasil e Itália cresceram no segundo tempo e transformaram aquela falta de graça num dos melhores jogos da Copa das Confederações, até aqui, com seis gols nos 90 minutos. Ainda bem que quatro foram da seleção brasileira, que alcançou 100% de aproveitamento na primeira fase da competição e o primeiro lugar do Grupo A. (ANEXO 46).

Mesmo com o placar e o reconhecimento da boa campanha, ele ainda chega a falar que houve equilíbrio no jogo, mas reconheceu a justiça na vitória brasileira.

No dia 24, o espaço da coluna é dedicado também aos espanhóis, que ele não se cansa de elogiar o tempo todo. Após a vitória de 3 a 0 sobre a Nigéria, ele volta a destacar os



espanhóis e abre espaço para um trecho da coluna com o título: “*Faltas: Brasil 28 x 3 Espanha*”. E, novamente, coloca os espanhóis em evidência.

Quando escrevi às pressas, de sábado para domingo sobre o jogo entre Brasil e Itália, cheguei a abordar brevemente a forma violenta como se comportaram alguns jogadores brasileiros, como, por exemplo, David Luiz, Luiz Gustavo e até Neymar. Foi depois disso que me informei sobre a quantidade de faltas cometidas pela nossa seleção: foram 28! Vinte e oito faltas do Brasil num só jogo – DEZ a mais do que a Itália! Pois vocês sabem quantas faltas cometeu a Espanha ontem? Cometeu três faltas, exatamente três faltas, no jogo todo. (ANEXO 47).

Pelo menos o jornalista reconhece que há uma diferença no confronto com a Itália (dos brasileiros) e com a Nigéria (dos espanhóis, mas mesmo assim faz críticas duras ao nosso time).

“*Professores de faltas*” é o título da coluna do dia 26 de junho. Calazans, apesar da campanha invicta da Seleção Brasileira, prefere, novamente, atacar o time de Felipão e escolheu o número de faltas cometidas pela equipe como tema principal.

Sem qualquer intenção ruim, perniciosa, o goleiro Júlio César declarou em entrevista, entre muitas outras coisas, e com absoluta naturalidade, que o técnico Felipão orienta os jogadores da seleção brasileira a cometer faltas para parar as jogadas do adversário. O que mais me espanta é que alguém tenha recebido a declaração como novidade ou surpresa. Foi mesmo? (ANEXO 48).

Em outro trecho da coluna, ele é ainda mais crítico e afirma: “A falta ‘tática’, ao estilo Felipão, não é do jogo, não. É premeditada, é preconcebida, é deliberada – e TREINADA na seleção brasileira, como estamos sabendo, e nos times de treinadores, esses ‘professores’ de faltas”. Para não ficar somente no técnico brasileiro, ele dispara também contra os colegas de imprensa. “O que fazer se os críticos, os comentaristas, cuja função é exatamente analisar a QUALIDADE do espetáculo, não se incomodam em presenciar um jogo interrompido 58, 97, 189 vezes pelas faltas táticas de seus queridos professores?” (ANEXO 48).

Já no dia 27, novamente Felipão foi o escolhido por Calazans para as críticas. A coluna “*Viva o volante que faz gol*” inicia-se assim:

Quem sabe agora o professor Felipão começa também a gostar de volante que faz gol, como Paulinho? Porque outro dia, lembrem-se, com a seleção já em preparativos, ele disse que quem gosta de volante que faz gol é a imprensa. Ainda bem. Porque se a imprensa não gostasse de volante, de beque, de atacante, de lateral ou de qualquer jogador que fizesse gol, quem não ia gostar da imprensa era eu. (ANEXO 49).

A Seleção Brasileira acabava de conquistar mais uma vitória na Copa das Confederações (2 a 1 sobre o Uruguai) e Calazans mantinha seu pessimismo. Após elogiar o treinador por gostar do futebol de Paulinho, ele ataca novamente:

Façamos uma outra justiça ao treinador. Ele mesmo reconheceu, depois da vitória de 2 a 1 sobre o Uruguai e da consequente classificação do Brasil para a finalíssima da Copa das Confederações, que a seleção não tinha jogado bem. Nada bem. O gesto é uma raridade entre treinadores brasileiros [...]. (ANEXO 49).

Ao final da crônica deste mesmo dia, Calazans fala ainda da entrevista de Felipão ao final do jogo que levou o Brasil para a final. O técnico reclamou de uma emissora de televisão que fazia questão de exibir dados críticos à seleção brasileira.

Felipão deixa claro que quer todo o mundo torcendo por ela – e por ele. Eu não sei qual emissora a que ele se referiu, e Felipão não sabe que a imprensa, a crítica, não tem obrigação de torcer por ninguém, nem no futebol, nem em qualquer outro ramo de atividade. Tem que mostrar o que acontece. (ANEXO 49).

A coluna do dia 28 é dedicada à análise do jogo entre Espanha e Itália. Mas Calazans ainda reserva um espaço pequeno para falar de “*Aplausos e vaias*”, num comentário sobre os elogios que Felipão fez aos torcedores brasileiros, sobretudo no hino do Brasil (ANEXO 50).

Calazans fecha o mês, no dia 30, falando sobre “*O primeiro encontro*”. Trata da expectativa da final entre Brasil e Espanha. Ele critica o horário do jogo e a Fifa e chama a atenção do torcedor:

Paciência e calma na vitória ou na derrota. Tenho a modestíssima opinião de que, mais importante até do que o título é simplesmente esse primeiro encontro entre os nossos jogadores (jovens ou não) com o estilo diferente (renovador ou não) deste futebol espanhol que está ganhando o mundo (ANEXO 51).

#### **4.4.2 Juca Kfourri**

Das colunas escritas por Juca Kfourri no mês de junho, a primeira que aborda a Seleção Brasileira foi publicada no dia 3 com o título “*Seleção tem futuro*”. Juca elogia o desempenho do Brasil no jogo amistoso disputado contra a Inglaterra, no dia anterior, no Maracanã. Depois comenta que o empate, dessa vez por 2 a 2, foi o décimo das 25 partidas jogadas entre brasileiros e ingleses e, também, relembra que há mais de três anos a Seleção não ganha “de um time do primeiro mundo do futebol”. O colunista demonstra admiração pela equipe brasileira quando, mesmo que implicitamente, admite que a Seleção é capaz de vencer um

grande time: “Quem sabe na Copa das Confederações, projeção que a atuação de ontem permite fazer sem nenhuma pachequice”. Para Kfourri, o empate no jogo contra os ingleses foi uma demonstração de que “[...] sem teimosias, dá para sonhar” (ANEXO 52).

A coluna do dia 6 de junho, “*Branquearam o futebol*”, apesar de não abordar diretamente a Seleção Brasileira atual, trata das questões étnicas no futebol, tema que permeou parte desse trabalho e, por esse motivo, optou-se por incluí-la neste espaço. “Que perdoem os que vivem num país tão diferente que imaginam não haver racismo no Brasil”. Assim é o início do texto de Juca Kfourri, que fala sobre a discriminação racial para, em seguida, demonstrar sua indignação com o preço médio (R\$ 150,00) do ingresso cobrado para a reinauguração do Maracanã. “Negros, no estádio, só os que lá foram para trabalhar”, dispara o colunista. Ele relembra que, na década de 1980, a maioria dos jogadores de destaque eram brancos e culpa o “desaparecimento” dos negros por causa do “desaparecimento” do futebol de várzea. Kfourri cita João Saldanha, que segundo ele se preocupava com essa situação e implorava: “não acabem com os nossos crioulos!”. Depois, destaca que o tom mestiço sempre caracterizou os craques brasileiros. Em outra parte do texto, em tom de sarcasmo, pergunta: “Será que teremos de criar cotas também nos estádios, para evitar que a elitização em marcha exclua ainda mais os excluídos?”<sup>13</sup> (ANEXO 53).

Em 9 de junho, dia do amistoso entre Brasil e França, na coluna “*Souvenirs tricolores*”, Juca Kfourri faz uma retrospectiva dos jogos que assistiu entre as duas seleções. Ele começa falando do jogo em que o Brasil venceu a França por 5 a 2 na Copa de 1958 e, em tom saudosista, comenta: “aquela França de Kopa e Fontaine, melhor ataque do torneio assustava o complexo de vira-latas, apesar de a melhor defesa ser a nossa”. Lembra, ainda, que a Seleção Brasileira só ganhou da França em jogos amistosos, depois, nos quatro jogos oficiais disputados, as comemorações foram todas francesas. A partir daí, Kfourri detalha cada uma dessas partidas que ocorreram nos Mundiais de 1986 e 1998, na Copa das Confederações em 2001 e na Copa do Mundo de 2001 (ANEXO 54).

Na coluna “*Ulalá, Brasil*”, publicada em 10 de junho, no dia seguinte ao amistoso entre Brasil e França, Juca Kfourri, faz uma avaliação da partida, analisando positiva e negativamente o desempenho da Seleção Brasileira. Depois, comenta que, finalmente, está encerrado o jejum de vitórias do Brasil sobre a França (há mais de vinte anos) e o de não ganhar de uma equipe do primeiro mundo do futebol (há mais de 3 anos). Entretanto, ele afirma que ainda falta muito para a equipe brasileira estar “pronta”. Em seguida, com um

---

<sup>13</sup> O artigo “*Branquearam o futebol*”, publicado no dia 6 de junho, não entrou no cômputo das colunas que abordaram a Seleção Brasileira.

pouco mais de otimismo, o colunista fala que ter vencido a França por 3 a 0 “[...] dá confiança ao time e esperança ao torcedor, que pode começar a mudar seu olhar em relação à seleção que, desnecessário dizer, tem de manter os pés no chão, porque mais importante que a vitória foi a evolução mostrada” (ANEXO 55).

“*Todos japoneses*” é o título da coluna de 13 de junho, dois dias antes do jogo entre Brasil e Japão, que será disputado no novo estádio Mané Garrincha, em Brasília, e dará início à Copa das Confederações 2013. Kfourri confessa que é difícil não ficar preocupado com o jogo da estreia e, logo depois, em tom pessimista, faz uma comparação entre as equipes que não tinham nenhuma projeção e as seleções que sempre foram consideradas as melhores: “admito que as coisas mudaram no mundo do futebol e que o que era pejorativo virou nivelamento, porque os que eram só japoneses progrediram e os que não eram permitiram ser alcançados”. Em outra parte do texto elogia a agilidade no credenciamento da imprensa em Brasília e o novo estádio, apesar de criticar os gastos exacerbados com as obras. (ANEXO 56).

No dia seguinte, 14 de junho, Juca Kfourri começa seu texto explicando que o título da coluna, “*É fogo no boné do guarda*”, é uma expressão cunhada pelo ex-locutor Osmar Santos, profissional que transformou a forma de se narrar no rádio. Depois compara o relacionamento dos técnicos da equipe brasileira com a imprensa e nos conta que o último treino que assistiu da Seleção Brasileira, que tinha Dunga como treinador, foi em 2010, na África, antes do jogo com a Holanda. Segundo o colunista, naquela época, “o clima, então, era tenso na relação com a imprensa, um bode expiatório muitas vezes criado artificialmente pelos que, como o ex-técnico da CBF, precisam sempre achar um inimigo externo”, mas que, atualmente, a convivência é infinitamente mais amena. Entretanto, critica o fato de os treinamentos da Seleção Brasileira, tanto no Rio de Janeiro quanto em Brasília, terem sido realizados em dependências militares justificando, assim, o título da coluna. Utilizando-se de uma dose de ironia, Kfourri termina seu texto falando sobre o novo estádio de Brasília: “Hoje a seleção treinará no belíssimo Mané Garrincha. Impossível olhar para ele e não perceber seus lindos dentes de marfim, suas enormes orelhas, sua tromba imponente. Que lindo elefante branco! É fogo, torcida brasileira” (ANEXO 57).

Juca Kfourri inicia seu texto de 15 de junho respondendo à pergunta, “*Quem tem medo do Japão?*”, título da coluna no dia em que o Brasil enfrentará seu primeiro adversário na abertura da Copa das Confederações. “Todos têm medo do Japão. Ou respeito”, esclarece o colunista. Depois, comenta que Zico, ex-técnico da seleção japonesa, declarou que esta pode ser a partida mais difícil já disputada entre as duas equipes. Em seguida, Kfourri faz uma retrospectiva dos confrontos entre as duas seleções e relembra que os países já se enfrentaram

nove vezes sendo que a Seleção Brasileira venceu sete e nas outras duas partidas o placar terminou empatado (os dois empates ocorreram em jogos disputados nas Copas das Confederações de 2001 e 2005). Acrescenta ainda que “das sete vitórias, a única em jogo oficial foi na Copa do Mundo de 2006 e por fáceis 4 a 1, apesar de muito se dizer e escrever, então, sobre os perigos daquele jogo”. Depois, ele pergunta se, agora, nesse novo jogo, os japoneses vão correr em campo, como de costume; marcar o tempo todo; perder como na maioria das vezes; empatar como raramente aconteceu ou vão vencer como nunca venceram? E ainda questiona: “quanto valerá o melhor entrosamento do time oriental, em regime, contra o time nacional ainda em construção?”. Segundo ele, a resposta só virá após o jogo, mas afirma que, se o Brasil perder, mesmo que afete a confiança do torcedor, não podemos considerar a derrota como se fosse o fim do mundo. Juca termina seu texto dizendo que, quando o assunto é futebol, tudo pode acontecer, como ocorreu na Olimpíada de Atlanta, em 1996, mas declara que não quer acreditar na derrota do time brasileiro para o japonês (ANEXO 58).

No dia 17, Juca Kfourri utiliza a coluna “*Efeitos colaterais*” para falar sobre as manifestações nos entornos do estádio Mané Garrincha, ocorridas na tarde do primeiro jogo da Copa das Confederações (15/06), e criticar o campeonato. Em relação aos protestos, comenta que o tenente-coronel responsável pelo setor de comunicação da corporação informou a um repórter que a situação havia sido monitorada somente com a utilização de artefatos não letais (bombas de gás lacrimogêneo, pimenta e balas de borracha). Segundo Kfourri, o jornalista indagou ao tenente-coronel se as balas de borracha, caso acertassem uma criança, poderiam ser letais. A princípio, o oficial concordou, mas logo em seguida, tentou transmitir um sentimento de segurança para a sociedade. E foi a resposta do tenente-coronel, reproduzida no texto, que deixou o colunista indignado: “Nós tomamos cuidados para evitar esses efeitos colaterais”. Juca considera lamentável o argumento do profissional responsável pela comunicação social da Polícia Militar na capital do Brasil de que “a morte de uma criança atingida por uma bala de borracha seria um ‘efeito colateral’”. Depois, critica a Copa das Confederações, devido aos absurdos praticados durante o evento, e, por isso, concorda com aqueles que dizem “[...] que podemos estar vivendo a Copa da Conscientização”. Em outro trecho, aborda o fato de a Justiça de Minas Gerais ter proibido os protestos em suas 853 cidades quando algum jogo for disputado em Belo Horizonte. Em tom de ironia ele pergunta: “Mas nem em Juiz de Fora?”, referindo-se ao fato dos juiz-foranos terem mais afinidade com o futebol carioca (ANEXO 59).

Juca Kfourri volta a falar sobre os protestos na coluna “*A Copa das manifestações*”, publicada no dia 19 de junho. Ele inicia o texto afirmando que políticos e cartolas estão tentando subestimar as manifestações que estão ocorrendo no Brasil. Depois, cita o nome dessas pessoas e o que elas estão fazendo para tentar transformar os protestos em oportunidades pessoais ou políticas. Ele destaca que a população está sendo bem clara ao reivindicar a diminuição do preço das tarifas, gritar “Copa não”, pedir melhorias na educação e saúde do país, dentre outras demandas. “Tão claro que a seleção brasileira não está sendo confundida nem com os políticos, nem com os cartolas, nem com os empreiteiros, a exemplo do que aconteceu com a seleção tricampeã mundial em 70, quando o país soube distinguir o time da ditadura”, conclui o colunista (ANEXO 60).

Em 20 de junho, com a coluna “*Fortaleza, mas nem tanto*”, Juca Kfourri fala sobre a tensão de chegar ao estádio para assistir ao jogo entre Brasil e México, realizado no dia anterior. Conta que sentiu medo dentro do ônibus disponibilizado pela Fifa para levar a imprensa ao Castelão. Menciona alguns amigos jornalistas que trabalharam como correspondentes de guerras no exterior e reconhece que deve ser um enorme aprendizado. Depois faz uma comparação em relação aos protestos que encontraram durante o trajeto em direção ao estádio: “Porque ver rostos raivosos, sofridos, aos berros, e ouvir bombas e vê-las, não é coisa para quem está com o espírito de ir cobrir um simples jogo de futebol. Pobre Fifa”. Em seguida fala do remorso que a Fifa deve sentir por ter escolhido o Brasil como país-sede da Copa do Mundo de 2014. Mais à frente, Kfourri, assim como Tostão em sua coluna do dia 22 de junho, fala da emoção de ver o público que estava dentro do Castelão cantar, à capela, o Hino Nacional. Dando continuidade ao texto, o colunista faz uma avaliação sobre o jogo vencido pelo Brasil por 2 a 0. Elogia a Seleção quando diz que o time deu mais um passo e ganhou corpo, apesar de algumas falhas que ainda precisam ser corrigidas. Kfourri exalta Neymar dizendo que ele, “[...] inspirado, resolve os problemas não só ao fazer o gol que fez como ao dar o passe que deu para Jô ampliar nos acréscimos. Melhor ainda: os dribles que aplicou em dois adversários antes de dar o passe. Ou o chapéu que deu num zagueiro e no árbitro inglês ao mesmo tempo” (ANEXO 61).

Na coluna “*Ser ou não ser*”, publicada no dia 21 de junho, Juca Kfourri demonstra orgulho e encantamento pela da Seleção Brasileira. Ele começa o texto relatando que o jornalista José Trajano, em um programa de esportes, o chamou de conservador só porque ele elogiou a Seleção e por ter sido menos intransigente com o técnico Felipão. O colunista diz que não se arrepende de seus comentários e os defende argumentando que o clima entre a equipe brasileira nunca esteve tão bom e que os jogadores estavam relaxados porque sabem

que têm uma “[...] liderança segura de um treinador que, gostemos ou não dele, tem o respeito quase reverencial dos jogadores, visto como um vencedor capaz de levá-los a portos seguros”. Acrescenta ainda que as cenas que presenciou antes do jogo, fora e dentro do estádio – referindo-se às manifestações e à execução do Hino Nacional, respectivamente –, nos primeiros 20 minutos, foram tão comoventes que lhe propiciaram a oportunidade de assistir a um futebol como há muito tempo não se via. Em outra parte do texto, elogia novamente a Seleção e diz que o melhor “[...] foi a torcida dizendo em brados, à capela, que o Brasil é nosso”. Assim como na coluna do dia 19, Juca afirma novamente que, “não confundir a seleção com as misérias do país, ou com a CBF, é tão saudável como não ver o futebol como alienante”. Lembra ainda que, na Copa de 1970, o povo não confundiu a conquista do tricampeonato com a ditadura e nem culpou a democracia pela derrota no Mundial de 2010 (ANEXO 62).

“*Reforma do futebol já!*” é o título da coluna do dia 24 de junho, na qual Juca Kfourri demonstra admiração pela Seleção Brasileira e pessimismo em relação ao futebol e a situação em que o país se encontra. “Por incrível que pareça, em 15 dias, a seleção, que não agradava ninguém, está melhor que o país, que aparentemente vivia feliz – embora não pudesse nem devesse”, afirma o colunista. Depois, demonstrando sinais de indignação em relação ao futebol no Brasil, comenta que, “se Dilma Rousseff é uma presidente democrática e legalmente eleita, quem manda no futebol não é”. A partir daí, critica a “bancada da bola” no Congresso Nacional e sugere que a mesma foi “influenciada” pela CBF e que atua na contramão dos anseios dos torcedores. Expressa, também, sua revolta em relação aos cartolas do futebol e cita como exemplos os atuais presidentes da CBF e do COL. O colunista aprova a ideia de se fazer uma mini-Constituinte e argumenta que a reforma política, impreterivelmente, terá reflexos positivos nos assuntos ligados ao futebol (ANEXO 63).

Para falar sobre o próximo jogo do Brasil contra o Uruguai, pela Copa das Confederações, na coluna “*Respeitem os uruguayos*”, do dia 25 de junho, Juca Kfourri reproduz o texto de outro colunista, Ugo Giorgetti, publicado no jornal “O Estado de São Paulo”, logo depois de um jogo entre Brasil e Uruguai, disputado pelas eliminatórias da Copa de 2006, que resultou em um empate de 3 a 3. Em sua crônica, Giorgetti recorda que, em 2000, estava em Montevideu e foi convidado por Franklyn Morales, um dos mais antigos e renomados jornalistas do Uruguai, para o lançamento de um livro sobre a Copa de 50. Ele conta que Morales lembrou com extrema emoção da partida disputada em condições desiguais com o Brasil, que jogava em casa e já se considerava o campeão daquela Copa. Dentre outros tópicos, falou, ainda, sobre a falta de modéstia por parte da imprensa e das

autoridades brasileiras. Depois, exaltou a equipe uruguaia destacando que o time enfrentava tudo, sem medo de nada. Durante seu texto, Giorgetti comenta que, quando Morales o viu, pensando que tivesse feito algum tipo de ofensa, anunciou e agradeceu a presença do “amigo brasileiro”, mudou o tom de seu discurso e praticamente começou a se desculpar pela vitória do Uruguai na Copa de 50. Depois, foram todos convidados a ouvir a narração do gol histórico de Ghiggia. Segundo Ugo Giorgetti, “todo aquele ritual seria ridículo em qualquer parte mundo. Menos no Uruguai”. E ainda acrescenta que “em Montevidéu ele acaba por se revestir de uma insuspeitada grandeza, de uma nobreza quase comovedora, feita da necessidade permanente de cultuar seus heróis para manter a qualquer custo essa identidade oriental feita de bravura e gentileza”. Giorgetti termina seu texto afirmando que “é difícil enfrentar essa gente” (ANEXO 64).

Com o sugestivo título “*Um Tostão de prosa*”, na coluna do dia 26 de junho, Juca Kfourri começa seu texto falando sobre um almoço que teve com Tostão, em Belo Horizonte, no dia do jogo entre Brasil e Uruguai, no Mineirão, pelas semifinais da Copa das Confederações. Comenta sobre sua amizade com Tostão e que, mesmo morando na capital mineira, o ex-jogador circula normalmente pela cidade, apesar de ainda ser assediado por fãs. Mais adiante, Kfourri afirma que Tostão é um homem que não faz rodeios e que exala integridade, assim como o técnico da seleção uruguaia, Oscar Tabárez, cujo apelido é Maestro, que revelou, com tamanha sinceridade, que o jogo entre Brasil e Uruguai é uma incógnita. O colunista reverencia o time uruguaio e comenta que a equipe é diferente das demais e é digna não só de respeito, mas, também de admiração. Depois fala que, mesmo que o Uruguai ganhe do Brasil, essa vitória não pode ser considerada um “Mineirazo” como foi o “Maracanazo”, na Copa de 1950, pois são dois eventos completamente distintos. Mais uma vez, ele elogia os uruguaios quando os chama de especiais e cita como exemplo o jogador Diego Lugano que “[...] quando perguntado se preferia enfrentar outra seleção que não a brasileira, [...] respondeu que o privilégio de enfrentar o Brasil está acima de tudo”. Kfourri demonstra ainda mais admiração pela seleção uruguaia quando conta que Diego Lugano, sentado ao lado de Oscar Tabárez, durante uma entrevista coletiva, foi induzido a tecer elogios ao técnico e timidamente respondeu que “nossa cultura é diferente, fazemos o elogio com o trabalho, não com as palavras”. Ele termina seu texto lembrando o conselho dado por Ugo Giorgetti, na coluna anterior, para que respeitemos “essa gente”, referindo-se à seleção uruguaia (ANEXO 65).

No dia seguinte, 27 de junho, depois da vitória de 2 a 1 do Brasil sobre o Uruguai, na coluna “*A Júlio César o que é dele*”, Juca Kfourri elogia o desempenho do goleiro da Seleção



Brasileira que, em entrevista coletiva no dia anterior, afirmou que o jogo contra a seleção uruguaia representava, para ele, uma rivalidade muito maior do que se fosse com a equipe argentina. O colunista fala que, ao impedir o primeiro gol do Uruguai, Júlio César fez uma defesa tão brilhante, que podemos dizer que, quando ele pegou aquela bola, na verdade, ele foi o autor de um belíssimo gol. Depois, Kfourri segue fazendo uma avaliação sobre a partida e comenta que Felipão, apesar de não ter conseguido pressionar o time de Tabárez, “[...] soube se impor com técnica e coração para vencer um adversário que chegou a parecer imbatível”. Em seguida, comenta que, dependendo dos próximos resultados, o Brasil pegará ou a Itália ou a Espanha para disputar a final da Copa das Confederações no Maracanã. Demonstrando ceticismo, fala que, se jogarmos contra os espanhóis, atuais campeões mundiais, “[...] seremos nós as zebras e candidatos a bobinhos contra os reis do toque de bola. Mas não era exatamente o jogo que queríamos ver?”. Juca termina sua coluna dizendo que, sem querer ser petulante ou arrogante, é o jogo contra a Espanha que ele pretende ver e que os médicos acham que ele estará liberado para assistir ao confronto (o colunista sofreu uma isquemia quando estava em Belo Horizonte). Ele termina seu texto afirmando que “é, também, o jogo que Parreira quer disputar” (ANEXO 66).

“Nunca jamais na história da seleção brasileira desde 1958 houve um jogo com as características desta decisão da Copa das Confederações”. Assim começa a coluna “*Lá vem a Roja!*”, última coluna de Juca Kfourri do mês de junho, publicada no dia 29. Depois da definição da seleção da Espanha como adversária do Brasil na final do campeonato, o colunista demonstra pessimismo em relação ao confronto dizendo que, mesmo jogando em casa, a Seleção Brasileira não é favorita ao título de campeã. Ainda cético, fala que, desde que o Brasil conquistou a primeira taça do mundo, já enfrentou vários campeões do mundo, mas nada se compara ao jogo de hoje contra a seleção espanhola. Apesar disso, afirma que essa final entre Brasil e Espanha era o que não só os brasileiros queriam ver, mas, também, os torcedores do mundo todo, assim como os franceses, na Copa de 1998, queriam jogar contra o Brasil. Kfourri ressalta que “friamente, é possível dizer que uma derrota digna no domingo será bem-vinda, porque uma vitória nacional poderá criar um clima enganoso em torno do time de Felipão. Mas quem quer perder?”. Em outro trecho da coluna, ressalta a inferioridade da Seleção Brasileira quando, novamente, exalta a Espanha dizendo que a equipe tem um time mais experiente, entrosado e um número maior de jogadores que conseguem desequilibrar o adversário. O colunista, mais uma vez em tom negativo, fala que, mesmo se a Seleção Brasileira for a campeã da Copa das Confederações, não prevê que haja festa nas ruas do Brasil, mas admite que ganhar da Espanha tornou-se uma questão de honra. “Então, vamos

alegremente e com espírito leve às touradas em Madrid, para tim bum, bum, bum!”, finaliza em tom de ironia (ANEXO 67).

#### 4.4.3 Tostão

“*Tudo ou nada*” é primeira coluna de Tostão do mês de junho (dia 2) na qual ele fala sobre a imprudência de se marcar o jogo amistoso entre Brasil e Inglaterra no Maracanã, que ainda se encontra inacabado devido às obras no entorno do estádio. O colunista admite que, há 15 anos, critica a maneira de jogar no Brasil e elogia o jornalista Tim Vickery, radicado no Brasil que, em entrevista concedida ao programa Redação SporTV, questiona porque aqui, em vez de aplicarmos os conceitos de como se jogar um bom futebol, ainda preferimos utilizar o “estilo guerreiro”. Tostão fala que, em relação à evolução tática que aconteceu em todo o mundo, os treinadores brasileiros ficaram para trás. Ao mesmo tempo, ele afirma que “nosso futebol não evoluiu, ou piorou, mas não está tão ruim. Em casa, se melhorar bastante, passa a ter chances de ganhar a Copa do Mundo”. Quanto ao amistoso contra os ingleses, o colunista ressalta que, apesar de a Inglaterra ter um desempenho coletivo melhor, o Brasil não precisa se esforçar muito para ganhar, pois os ingleses têm um jogo muito previsível, ao contrário das seleções da Argentina, Alemanha e Espanha. No final da coluna, Tostão expressa sua percepção em relação à Seleção Brasileira: “quando o Mundial terminar, dependendo do resultado, da atuação da Seleção e da organização do evento haverá uma grande depressão ou uma grande euforia. No Brasil, é tudo ou nada”. Ele concluiu a coluna dizendo que é indispensável que haja mudanças complexas “a médio prazo, de conceitos e de nomes, dentro e fora do campo” (ANEXO 68).

No dia 5 de junho, na coluna “*Discussões ideológicas*”, Tostão inicia seu texto comentando que o “novo” Maracanã instigou antigas rivalidades ideológicas. De um lado, estão os “modernistas”, os apaixonados pelo novo estádio, e, do outro, encontram-se aqueles pejorativamente denominados de “saudosistas”, os indignados com a descaracterização do Maracanã. O colunista pondera que não é contra a modernidade, a reforma do estádio e que também não discorda dos preços altos para aqueles que buscam regalias. “Minha indignação, a mesma dos chamados de saudosistas, é com a ausência de preços acessíveis para os mais pobres, com conforto e segurança, com a destruição de várias coisas importantes em volta do Maracanã, para atender à Fifa [...]”. Mais adiante, Tostão fala sobre o empate no amistoso

entre Brasil e Inglaterra, no dia 2 de junho. Segundo o colunista, o desempenho da Seleção Brasileira foi melhor do que ele esperava, mas, ao mesmo tempo, afirma que a boa atuação do Brasil foi facilitada pela tática dos ingleses de marcarem muito atrás e darem o domínio de jogo para nossa Seleção. No final do texto, Tostão comenta sobre a performance de Neymar e destaca que ele “[...] foi novamente discreto pela grandeza de seu talento” e que acredita que o craque vai dar certo no time do Barcelona (ANEXO 69).

Na coluna “*400 gols de talento*”, do dia 9 de junho, Tostão fala que assistiu, pela televisão, a alguns treinos da Seleção e comenta sobre o esquema tático utilizado pelo técnico Felipão. No final, faz uma comparação do treinamento atual com o da Copa de 1970: “[...] Zagallo fazia o mesmo treino, todos os dias. Só que eram três jogadores de meio-campo (Clodoaldo, Gerson e Rivellino), em vez de dois, à frente dos zagueiros. O futebol mudou, mas nem tanto” (ANEXO 70).

“*Dilema shakespeariano*” é o título da coluna publicada no dia 12 de junho, na qual Tostão fala sobre a imparcialidade dos jornalistas e demonstra otimismo em relação à Seleção Brasileira. O colunista inicia seu texto dizendo que, há cem anos, Freud falou que não existem observadores totalmente imparciais e, em seguida, faz uma analogia aos jornalistas esportivos afirmando que todos são tendenciosos, inclusive ele. O colunista explica que isso ocorre porque esses profissionais, mesmo que inconscientemente, pensam, criticam, analisam e trabalham com os conhecimentos, conceitos e preferências que já lhes são intrínsecos. “O jornalista esportivo, diante das incertezas do futebol, corre atrás de fatos e explicações que justifiquem e aprovelem suas opiniões. Torce por suas ideias”, argumenta Tostão. Logo em seguida, ele comenta sobre o jogo entre Brasil e França, amistoso disputado no dia 9 de junho com a vitória da Seleção Brasileira por 3 a 0. No final do texto, o colunista revela que, ao mesmo tempo em que as esperanças em relação à Seleção aumentaram, as preocupações com Neymar também cresceram. Segundo Tostão, se ele progredisse, poderia melhorar o desempenho de toda a equipe, mas que sua performance pode ser comparada com a de um jogador comum. “Receio que a precoce celebridade o tenha perturbado, o colocado em um dilema shakespeariano, entre driblar e passar, entre fazer um gol de placa e jogar coletivamente, entre ser ou não ser um fenômeno” (ANEXO 71).

Já no dia 14 de junho, na coluna “*Poderosas cidades-Fifa*”, Tostão elogia Mano Menezes, ex-técnico da Seleção Brasileira, argumentando que, apesar de muitas pessoas o considerarem “professoral e chato”, ele “[...] é o treinador brasileiro que melhor fala de detalhes técnicos e táticos e que possui mais argumentos para defender suas ideias”. Mais à frente, o colunista comenta que, como a Seleção tem oito titulares (sem contar Neymar) que

atuam no exterior, a possibilidade de jogar de uma forma distinta da dos times brasileiros é muito maior. “Era o caminho com Mano. Felipão, em alguns aspectos, faz o mesmo”. No final, Tostão critica os impactos nas cidades que sediarão o Mundial de 2014. Ele argumenta que, se as “cidades-Fifa” já estão atrapalhando a vida de milhares de pessoas, quando chegar a Copa, a tendência é de piorar ainda mais (ANEXO 72).

“Por atuar em casa, querer recuperar o prestígio do futebol brasileiro e promover a Copa do Mundo de 2014, o Brasil vai jogar a Copa das Confederações com muito mais gana, como se fosse um Mundial. Por tudo isso, e porque pode evoluir, é um forte candidato ao título”. Assim começa a coluna de Tostão, intitulada “*Estreia no Elefantão*”, publicada no dia 15 de junho, data que marca o início da Copa das Confederações 2013, com o jogo entre Brasil e Japão, no novo estádio “Mané Garrincha”, em Brasília. Em outra parte do texto, o colunista menciona que tanto o governo federal, quanto a CBF e a comissão técnica da Seleção estão empenhados em estabelecer, com o torcedor, fortes laços afetivos: “Querem fazer, na Copa das Confederações, um ambiente de Mundial. Milhares de propagandas patrióticas estão em todos os lugares”. Mais adiante, Tostão afirma que, agora, o torcedor da Seleção Brasileira pode ser comparado com aquele que vai assistir aos jogos nos estádios novos, depois da Copa. É o torcedor que pagou caro para garantir as entradas e que vai comparecer às partidas para presenciar um espetáculo e, ao mesmo tempo se distrair, como se estivesse indo assistir a uma peça de teatro. “Se for bom, aplaude. Se for ruim, protesta” (ANEXO 73).

No dia 17 de junho, na coluna “*Chute no traseiro*”, Tostão, mais uma vez, critica a construção dos 12 estádios para a Copa e diz que, mesmo sendo modernos, magníficos e extremamente onerosos, alguns deles, depois dos eventos, se transformarão em “elefantes brancos”. Mais adiante, fala sobre os comentários feitos na semana anterior por Jérôme Valcke, secretário da Fifa, que declarou que se houvesse falhas na venda de ingressos, o Brasil “[...] mereceria um chute no traseiro. Já pode levar”, concluiu Tostão. Em seguida, ele aborda a questão das manifestações ocorridas devido aos gastos com a Copa e contra o descaso do governo em relação aos graves problemas sociais que afligem o país. O colunista considera legítimas as manifestações desde que sejam pacíficas, dos dois lados, e ressalta que tiro de bala de borracha pode ser letal. No restante do texto, Tostão faz comentários sobre o jogo entre Brasil e Japão e critica a Copa das Confederações que, segundo ele “[...] existe para teste e para a Fifa faturar duas vezes” (ANEXO 74).

Na próxima coluna, “*Construção e desconstrução*”, do dia 18 de junho, Tostão inicia seu texto elogiando o desempenho das melhores seleções (Espanha, Itália e Brasil) e dos

grandes destaques como Xavi, Iniesta, Pirlo e Neymar na primeira rodada da Copa das Confederações. Depois, destaque que, desde Falcão e Cerezo, o Brasil não possui um craque que atue no meio-campo. “Não tem porque não quis ter. Não é por entressafra”, avalia o colunista. Em outra parte do texto, mostra-se mais otimista quando afirma que o Brasil não conta com “[...] um Xavi, um Iniesta, um Pirlo, mas possui Neymar no ataque. Ele não está ainda pronto, mas tem grandes chances de se tornar, nos próximos anos, um fenômeno mundial”. Outro momento em que Tostão demonstra esperança ocorre quando fala que, apesar de o Brasil não ter uma grande equipe, já tem um time e uma estratégia determinada e que, além disso, possui jogadores que acatam as decisões. Em seguida, elogia Luiz Felipe Scolari mesmo admitindo que o técnico utilize alguns conceitos errados e antiquados com os quais ele não concorda. Mas, para o colunista, o importante é que “[...] Felipão sabe o que quer e sabe como fazer [...]. Pior é o técnico confuso e indeciso” (ANEXO 75).

No dia 19 de junho, com a coluna “*Jeitos diferentes de jogar*”, Tostão começa seu texto concordando como o comentário de uma jovem que participou dos protestos contra a realização da Copa no país e disse, referindo-se ao jogo entre Brasil e Japão, que trocaria a vitória por 3 a 0 da Seleção pelo sistema educacional. Depois, ele faz uma comparação entre as equipes do Brasil e México, que se enfrentaram naquela tarde na Arena Castelão, em Fortaleza e, em seguida, apresenta uma análise tática da Seleção Brasileira. Tostão termina sua coluna destacando que “cada equipe tem de encontrar seu jeito de atuar. Mais importante que o tipo de estratégia é a execução bem feita do que foi ensaiado e planejado” (ANEXO 76).

“*Neymar, espetacular*” é o título da próxima coluna, publicada no dia 20 de junho, na qual Tostão atribui ao craque a vitória do Brasil por 2 a 0 sobre o México. “Se não fosse Neymar, o jogo terminaria empatado em 0 a 0. Ele foi espetacular, nos dois gols e durante quase toda a partida”. Depois, o colunista faz uma análise do jogo e revela que ainda existem incertezas sobre as condições da equipe brasileira para encarar outras seleções mais fortes. Logo em seguida, Tostão demonstra otimismo em relação à Seleção Brasileira: “Como os dois zagueiros são excepcionais, e temos Neymar, poderemos vencê-los, principalmente por jogarmos em casa, nos beneficiarmos do calor e estarmos com muito mais vontade para conquistar a Copa das Confederações” (ANEXO 77).

No dia seguinte, 21 de junho, na coluna “*Lembranças e reflexões*”, Tostão fala que foi a partir da Copa de 1970 que o futebol mudou no Brasil e que “a seleção que encantou o mundo foi a grande inspiradora do futebol moderno”. Em seguida, lembra que o advento da preparação científica, uma novidade naquela época, resultou na formação de grandes comissões técnicas, melhora nas estruturas para treinamento e no surgimento de profissionais

especializados. Segundo o colunista, isso causou “[...] uma supervalorização do jogo tático e físico, em detrimento do talento e da improvisação. Os técnicos tomaram conta do futebol. O jogo ficou feio e ruim. Proliferaram também as discussões, inúteis, que continuam até hoje, entre futebol de resultado versus futebol bonito” (ANEXO 78).

Na coluna do dia 22 de junho, intitulada “*O Mundial corre perigo*”, Tostão começa seu texto falando que a emoção da torcida, no momento do Hino Nacional – referindo-se à partida disputada em 19 de junho entre Brasil e México na Arena Castelão, em Fortaleza – contagiou os jogadores que continuaram cantando o Hino, “à capela” junto com os torcedores. Segundo o colunista, essa atitude “[...] foi fundamental nos primeiros 20 minutos alucinantes e de bom futebol da seleção brasileira”. Mais adiante, comenta que, apesar dos protestos que vêm ocorrendo contra os gastos com a Copa, os torcedores sentiram-se orgulhos em torcer pela Seleção Brasileira. Em seguida demonstra preocupação com o Mundial de 2014 quando afirma que “[...] não será surpresa se os protestos chegarem dentro dos estádios. A situação é grave. A Copa do Mundo corre perigo”. Mais adiante, Tostão expressa otimismo ao destacar que a Seleção Brasileira é favorita não apenas por ter atuado bem até agora, estar jogando em casa, os jogadores estarem acostumados com o calor, mas também porque a equipe está com mais garra de vencer. No tocante ao time italiano, próximo adversário do Brasil na Copa das Confederações, jogo que será realizado à tarde, na Arena Fonte Nova, em Salvador, Tostão comenta que a equipe da Itália entrará em campo desfalcada – sem Pirlo e De Rossi, e que, além disso, não teve uma boa atuação no segundo tempo do jogo contra o Japão (ANEXO 79).

Tostão volta no dia 24 de junho com a coluna “*Está bom, mas nem tanto*” e, em relação à Seleção, fala que o Brasil vai pegar o Uruguai na semifinal e que esse confronto já era previsto. Comenta também que, mesmo as equipes do Brasil e da Espanha sendo as favoritas para levar a taça da Copa das Confederações, não será surpresa se a seleção uruguaia vencer a competição, pois “o Uruguai, além da rivalidade, sabe jogar contra o Brasil”. Em outra parte do texto, elogia a Seleção Brasileira afirmando que, mesmo contando com apenas um bom jogador do meio para a frente (referindo-se a Neymar), em três jogos, o time conseguiu marcar nove gols. Tostão termina sua coluna mesclando momentos de otimismo e pessimismo quando diz que “assim como não podemos achar picuinhas para desmerecer as boas atuações e as vitórias do time brasileiro, não podemos ignorar os fatos, as deficiências individuais e coletivas nem as arbitragens caseiras” (ANEXO 80).

Na coluna “*Futebol é vendaval*”, publicada no dia 25 de junho, Tostão demonstra preocupação em relação ao entusiasmo exacerbado depois das vitórias do Brasil na Copa das Confederações. Ele critica o clima de “já ganhou” que acabou se transformando em um

sentimento coletivo e ressalta que, mesmo que a Seleção vença a Espanha na fase final e conquiste a vitória nesse campeonato, isso não serve como pretexto para afirmar que o Brasil já possua uma ótima equipe. “Significa que temos um bom time, que Felipão, mesmo com algumas ideias ultrapassadas, executa bem o que deseja, o que é uma grande qualidade, e que o Brasil tem chances de ganhar a Copa do Mundo, no ano que vem”. Tostão relembra que, em outras colunas, já havia comentado que, se a Seleção investisse na vantagem de jogar em casa e conseguisse encantar os torcedores (segundo o colunista, o Brasil conquistou essas duas premissas), “[...] ficaria atrás apenas de Espanha, Alemanha e Argentina como favoritos para ganhar a Copa do Mundo”. Ele acrescenta que, se a Seleção continuar com o bom desempenho nos jogos contra o Uruguai e na disputa da final, conseguirá ultrapassar a Argentina. Mais adiante, o colunista faz uma comparação de algumas seleções que conquistaram a Copa das Confederações, mas perderam na Copa do Mundo e vice-versa. Ele recorda que, em 2010, o Brasil venceu a Copa das Confederações e foi eliminado no Mundial e, por isso, alerta que, se a Seleção vencer esse campeonato, temos que ficar contentes, mas sem muita euforia, pois atuar bem em uma competição não significa que em outra o time terá o mesmo desempenho. Para fazer jus ao título da coluna, Tostão termina seu texto dizendo que “há muitos fatores envolvidos no resultado. Futebol é vendaval, uma metáfora da fragilidade e da finitude humana” (ANEXO 81).

No dia seguinte, 26 de junho, na coluna “*Clássico sul-americano*”, Tostão faz algumas previsões sobre a partida entre Brasil e Uruguai pelas semifinais, que será disputada nesse dia, no estádio do Mineirão em Belo Horizonte. Comenta, também, que a marcação por pressão tem funcionado, mas que não se lembra de Felipão ter utilizado essa tática em todos os jogos. “Ele sabe que, em casa, geralmente, funciona. O time fica mais vibrante e inflama o torcedor, que apoia ainda mais. Forma um ciclo positivo”, destaca o colunista. Mas, ao mesmo tempo, Tostão alega que a marcação por pressão também apresenta riscos já que, além de deixar a defesa vulnerável, se o time terminar o primeiro tempo com um placar inferior, devido ao desgaste, aumentam as dificuldades de reação no segundo tempo. Depois, ele critica o número excessivo de faltas cometidas pela Seleção Brasileira argumentando que “quem marca por pressão tem mais chance de fazer faltas. Por isso e porque os meias e atacantes não têm o hábito de desarmar, o Brasil é, disparada, a seleção que fez mais faltas (67) na competição”. Depois ele compara a Seleção Brasileira com a da Espanha que, mesmo marcando por pressão, cometeu 30 faltas, menos da metade do número da equipe do Brasil (ANEXO 82).

Apesar do título “*Pinta de campeão*”, Tostão inicia sua coluna do dia 27 de junho criticando a atuação da Seleção Brasileira no jogo contra o Uruguai. “O Brasil não jogou bem. Não sei por que não repetiu a marcação por pressão das outras partidas. O time foi mais cadenciado. Essa não é uma qualidade da equipe”, avalia o colunista. Em seguida, faz uma análise da partida que terminou com o resultado de 2 a 1 para o Brasil. Apenas no final das reflexões sobre o jogo, Tostão demonstra otimismo dizendo que “o Brasil está com pinta de campeão”, mas, mesmo assim, acredita que é mais pela sorte do que pela competência (ANEXO 83).

“*Tudo indefinido*” é o título da coluna do dia 28 de junho na qual Tostão abre seu texto comentando que, finalmente, o Brasil vai disputar a tão esperada partida contra a Espanha. Depois, relembra que, na coluna anterior, falou que o Brasil estava com pinta de campeão, mas ressalta que foi apenas um palpite e que isso não significa que a Seleção Brasileira tem um ótimo time. “Acho que está com pinta de campeão pelo calor, por jogar em casa e saber aproveitar essa vantagem, pela vibração e seriedade da equipe e porque tudo tem dado certo”, justifica Tostão, assim como tem feito em outras colunas. E continua o texto reafirmando que, pelos mesmos motivos acima expostos, a Seleção Brasileira, mesmo sem ser um time maravilhoso, pode ser considerada favorita para conquistar a taça da Copa das Confederações (aqui, mais uma vez ele acredita que a sorte se sobrepõe à competência da equipe do Brasil). Em relação ao Mundial de 2014, ele acredita que a Seleção vai encontrar muito mais dificuldades para levar o título porque o número de rivais fortes vai ser bem superior. Tostão acredita que a equipe brasileira já está estabelecida tanto na qualidade quanto no modo de jogar. Segundo ele, a convocação de Ronaldinho e/ou Kaká seria a única alteração que poderia melhorar o desempenho do time. Mais adiante, argumenta que, com exceção de Neymar, o Brasil não possui muitos jovens que se transformarão em craques no futuro. O colunista finaliza seu texto reproduzindo um trecho do livro *Água Viva*, de Clarice Lispector, no qual a autora considera o “momento” como o “instante-já” do cotidiano, para fazer uma comparação com o futebol e com a vida, pois nunca se sabe “[...] o que vai ocorrer na frente, em um instante ou daqui a um ano. Um lance pode mudar toda a história.” (ANEXO 84).

Já no dia 29 de junho, na coluna “*Não é o jogo do século*”, Tostão comenta que, ao contrário do que se esperava, os torcedores que assistem aos jogos nos estádios demonstram orgulho em cantar o Hino Nacional e torcer pela Seleção Brasileira. Em contrapartida, afirma que “enquanto isso, os torcedores que não foram ao campo, mesmo os indiferentes aos protestos e os que gostam de futebol, parecem não ligar para a Copa das Confederações”. Em



outro trecho da coluna, elogia a equipe da Espanha, que jogará a final contra o Brasil no dia 30 de junho, no Maracanã, e admite que, se a Seleção Brasileira vencer os rivais espanhóis, ficará mais confiante. Depois, em tom pessimista, Tostão relembra que, em 2009, apesar de ser a favorita e acabar eliminada da Copa das Confederações pelos EUA – que possuem um time inferior ao do Brasil –, a Espanha conquistou o Mundial. O colunista termina o texto ressaltando que “uma das razões que aumentam as chances do Brasil é a importância que jogadores, comissão técnica e parte da imprensa dão ao título. Na entrevista com Neymar, um repórter, antes de perguntar, disse que é o jogo do século” (ANEXO 85).

“Se perder, a Espanha, pelo que joga e jogou durante os últimos anos, continuará superior ao Brasil. Não se mudam os conceitos por causa de um jogo. O Brasil, mesmo se for derrotado, já mostrou que, em casa, é forte candidato ao título mundial”. Assim começa a última coluna do mês de junho, “*Não é final do Mundial*”, na qual Tostão também fala que, em jogo de decisão, o comportamento emocional dos jogadores é uma “caixa de surpresas”. Em outra parte do texto, em vez de elogiar o desempenho da equipe brasileira, o colunista argumenta que a Seleção tem boas perspectivas de vencer porque a Espanha já vai entrar em campo com um time cansado, devido ao jogo contra a Itália, uma partida disputada sob forte calor e que teve, não apenas a prorrogação, mas só terminou depois da disputa de pênaltis. Em seguida, comenta que o Brasil tem aproveitado a vantagem de jogar em casa, está com mais garra e entrou preparado para o campeonato. Mas Tostão atribui esses elogios à Seleção “pela responsabilidade diante da torcida e porque quer recuperar o prestígio”. No final do texto, o colunista demonstra pessimismo ao afirmar que a partida contra a Espanha “é um jogo muito esperado, uma decisão, mas não é final de Copa do Mundo nem motivo para comemorações nas ruas, no Brasil e na Espanha” (ANEXO 86).

#### 4.5. COLUNAS DO MÊS DE JULHO

Com o término da Copa das Confederações, o número de colunas do mês de julho diminuiu mais de 50% se comparado ao mês anterior. Das 31 colunas publicadas (15 de Calazans, 7 de Juca Kfourri e 9 de Tostão), apenas 12 retrataram assuntos referentes à Seleção Brasileira (3 de Calazans, 5 de Juca Kfourri e 4 de Tostão).

### 4.5.1 Fernando Calazans

“*A um passo do topo*” é o título da coluna de Fernando Calazans no dia 1º de julho de 2013, após a conquista brasileira da Copa das Confederações. Logo na abertura ele comenta:

Que a seleção brasileira podia vencer a da Espanha, considerada favorita na teoria, muita gente sabia. O que ninguém imaginava é que fosse com um domínio tão absoluto, uma superioridade tão grande, um placar tão efusivo e eloquente: 3 a 0, dois gols de Fred – o melhor do jogo -, um de Neymar. (ANEXO 87).

Nesta coluna, as críticas a Felipão desaparecem:

Sua face luminosa é o sentimento que incute nos jogadores, sentimento de união, de confiança, de luta e vitória. E, também, como ocorreu ontem especificamente, a arrumação que deu ao time, o forte sistema de marcação, a supremacia da defesa, no meio campo e no ataque. A projeção de um futuro melhor para o futebol brasileiro. (ANEXO 87).

No dia 3 de julho, Calazans escreve a coluna com o título “*A coisa é mais complexa*”. Ele começa salientando que não existe uma forma única de se jogar futebol para, em seguida, assumir a complexidade do esporte e que seu julgamento sobre Felipão foi equivocado.

O futebol é mais complexo, como acaba de nos mostrar (mais uma vez) a Copa das Confederações. Venceu a seleção brasileira contestada, a princípio por mim e por muita gente boa. Não apenas venceu, mas o fez com uma atuação mais do que convincente na final com a... Espanha! Pois é, a Espanha, que ditava, ou parecia ditar, o método (quase) invencível de se praticar futebol, pelo menos nestes últimos anos. (ANEXO 88)

Somente no dia 31 de julho ele volta a falar da Seleção Brasileira. Num trecho de sua coluna que recebe o subtítulo de “*O privilegiado*”, expressão usada para qualificar a situação do treinador da Seleção Brasileira, Felipão, em termos de formação de elenco.

E por falar mais ainda de elenco, o melhor de todos, este sim, é o de Luiz Felipe Scolari, um privilegiado, como prova mais uma de suas convocações para a seleção brasileira, em que teve o critério de chamar o mesmo grupo vencedor da Copa das Confederações para o amistoso com a Suíça [...]. (ANEXO 89).

#### 4.5.2 Juca Kfourri

O colunista Juca Kfourri abre o primeiro dia de julho falando da conquista do Brasil da Copa das Confederações, após a vitória sobre a Espanha. O título é “*O campeão voltou!*” e ele começa seu texto de maneira eufórica. “Em 1982, a Espanha foi testemunha da última seleção brasileira realmente amada pela torcida verde-amarela. Mais de 30 anos depois, levando olé, outra vez a Espanha viu um time nacional capaz de empolgar”. Mais adiante ele fala que

o time de Felipão, senão ainda amado, mas pelo menos capaz de ter reestabelecido o vínculo com a massa como demonstrado em Brasília, Fortaleza, Salvador e no Rio, tinha o desafio pela frente de impedir o 30º jogo oficial sem derrota dos espanhóis. Pois impediu impiedosamente. (ANEXO 90).

E, neste clima de euforia, ele termina sua coluna dizendo: “O ‘campeão voltou’, voltou a cantar no Maracanã. E quem há de negar. Imagine quando o time estiver pronto [...]” (ANEXO 90).

No dia 4 de julho, Juca Kfourri intitula sua coluna de “*Apesar de você*”. No subtítulo, “a nova seleção, como as anteriores vencedoras, deve seu sucesso aos jogadores e ao seu técnico”. O foco é para mostrar ao leitor que os méritos da conquista da Copa das Confederações nem de longe poderia ser apropriado pelos dirigentes da CBF, mais especificamente o presidente Marin.

Deu certo porque Felipão foi capaz de reestabelecer a aliança com seus comandados que viram nele o que ele é, um comandante carismático e religado pela obsessão de voltar a ser ganhador, sem abandonar o estilo paternal de quem vende confiança aos que confiam nele, sejam jogadores, sejam até os cartolas, essas pragas com as quais os profissionais têm de conviver para sobreviver em seus ofícios. (ANEXO 91).

Mais adiante, ainda nesta mesma coluna, Juca aborda novamente as manifestações das ruas:

Daí, também, não haver contradição do brasileiro que protesta nas ruas e apoia a seleção nas arquibancadas, mesmo elitizadas. Porque o Brasil, como disse Antônio Carlos Jobim, não é para principiantes. Ao contrário, mesmo chamados de alienados por muitos ativistas em torno dos estádios, não foram poucos os torcedores que, dentro deles, faziam questão de manifestar solidariedade aos manifestantes. (ANEXO 91).

Dia 7 de julho a coluna pergunta: “*Onde Felipão tocou?*”. Juca Kfourri fala que muitos questionamentos poderiam ser feitas ao técnico do Brasil para se descobrir como ele conseguiu vencer mais um desafio à frente da Seleção Brasileira. Lembrou quando, na

Copa do Mundo no Japão e Coreia, transformou Rivaldo em uma peça chave ao conversar com o jogador. “Pois agora eu gostaria muito de saber em que tecla de Neymar o Felipão tocou certo ou em qual de Fred, porque Paulinho parece ser daqueles em quem você não precisa tocar tecla alguma e a de Júlio César é tão óbvia que nem precisa perguntar.” (ANEXO 92).

Um dia depois (08/07), a coluna de Kfourri apresenta o título: “*O sargentão e a gerentona*” e o subtítulo trata de dizer que “há quem veja semelhanças entre o técnico Felipão e a presidenta Dilma. Para o bem e para o mal”. Ele inicia sua coluna lembrando que a Presidente disse que seu padrão não é da Fifa, é o do Felipão.

Dilma Rousseff é mulher de esquerda e Luiz Felipe Scolari é gaúcho conservador. O estilo do técnico, que Kfourri acaba de notar atualizado, [...] já foi rotulado como de mero motivador, um sargentão que sabe fazer a tropa morrer por ele [...]. Já a presidente foi apresentada ao país pelo seu antecessor como alguém mais capaz do que ele para administrar o Brasil, com um perfil de gerente [...] <sup>14</sup> (ANEXO 93).

O tema Copa do Mundo só é retomado em 25 de julho, num subtítulo “*Temores*”. O jornalista se refere a uma fala do presidente da Fifa, Joseph Blatter, que teria dito que se durante a Copa do Mundo se repetissem as manifestações contrárias nas ruas, ficaria comprovado que a entidade escolheu errado o país sede.

Ora, se nem a visita do Papa as evita, dificilmente o futebol será mais bem-sucedido e a responsabilidade pela escolha, antes de ser a Fifa, é o próprio Blatter, fruto de acordo espúrio com o ex-presidente da CBF para que este não o enfrentasse na última eleição na entidade. A sede da perpetuação no poder não é exclusividade nacional. (ANEXO 94).

### 4.5.3 Tostão

No primeiro dia de julho, Tostão escreve sua coluna demonstrando euforia após a conquista pelo Brasil da Copa das Confederações. “*Melhor é impossível*” é o título do texto. “Após a vitória sobre o Uruguai, escrevi que o Brasil estava com pinta de campeão. Nem imaginava que seria ganhando de 3 a 0 da Espanha. A atuação, individual e coletiva, do time brasileiro foi excepcional. O Brasil, durante toda a partida, marcou e atacou com vários jogadores”. No entanto, um pouco mais adiante na coluna, faz suas ressalvas.

---

<sup>14</sup> Na coluna do dia 08 de julho, Juca Kfourri comunica que vai tirar duas semanas de férias.

A conquista da Copa das Confederações, de uma maneira brilhante, não significa que subitamente, o Brasil passou a ter um timaço ou que estava melhor do que se dizia. Significa que a seleção formou um time com uma maneira definida de jogar e que usou muito bem a vantagem de atuar em casa. (ANEXO 95).

Ele conclui essa coluna lembrando aos brasileiros que nas duas últimas copas o Brasil foi mal, apesar de ter sido campeão da Copa das Confederações.

No dia 7 de julho, o ex-jogador da Seleção faz uma coluna com o título “*Viagem pelo futebol*”. Ele analisa o futebol brasileiro e afirma que, de 1974 até 1994, houve uma queda muito grande na qualidade do futebol no Brasil. Ele destaca que, apenas nos últimos anos, o Brasil começou a acompanhar as mudanças no futebol.

A seleção da Copa das Confederações poderá ser outro exemplo. Essas equipes seguiram o modelo mundial, de pressionar quem está com a bola, de diminuir os espaços entre os setores, de tocar mais passes, de marcar e atacar com vários jogadores. Felipão mostrou que não é apenas um motivador. Está também atualizado. (ANEXO 96).

Somente dia 28 de julho ele volta a falar da Seleção Brasileira. A coluna tem o título “*Olhares diferentes*”. Tostão começa seu texto comentando sobre a conquista do Atlético na Libertadores e depois toca na Seleção. “Escrevi, na coluna que não saiu na quarta-feira, que, depois das boas atuações da Seleção e da conquista da Copa das Confederações, parece que está tudo ótimo no futebol brasileiro, dentro e fora de campo. A seleção foi um fato isolado”. A seguir ele defende que os protestos contra os gastos com a Copa precisam continuar (ANEXO 97).

Tostão fecha o mês com um texto publicado no dia 31 de julho intitulado “*O futebol brasileiro melhorou*”. O colunista faz uma comparação do futebol praticado na Europa e no Brasil nos últimos quinze anos. “Felizmente, nos últimos dois anos, o futebol, aos poucos, tem melhorado, coletivamente. A seleção, na Copa das Confederações e a maioria das equipes têm jogado mais com a bola no chão, com mais troca de passes, triangulações, apesar do mau momento atual dos times paulistas” (ANEXO 98).

#### 4.6 COLUNAS DO MÊS DE AGOSTO

Apesar do número de colunas publicadas em agosto ter aumentado para 37 (16 de Calazans, 13 de Juca Kfourri e 8 de Tostão), as que abordaram temas relacionados à Seleção

Brasileira foram apenas 5 (1 de Calazans, 2 de Juca Kfourri e 2 de Tostão), uma queda de mais de 50% em relação ao mês anterior.

#### **4.6.1 Fernando Calazans**

Durante esse mês, Calazans tratou apenas em uma coluna do tema Seleção Brasileira, no dia 16 de agosto. Um dos subtítulos de seu texto, “*Cinismo nacional*”, ele aborda a derrota do Brasil para a Suíça, em amistoso na Europa. “Assim como opinei que o título merecido da Copa das Confederações não significava a redenção do futebol brasileiro, também acho que a derrota no amistoso com a Suíça não significa que tudo foi por água abaixo em tão pouco tempo”. Calazans, no entanto, estava irritado novamente com a quantidade de faltas cometidas pela Seleção Brasileira, em especial com Neymar, que deixou o amistoso dizendo que quem tinha batido muito era o adversário. “Mas Neymar não é o único. Temos o hábito de achar que os estrangeiros são sempre os mais violentos, como se fôssemos cegos para o que acontece, dia a dia, dentro de nossos campos. Talvez sejamos mesmo.” (ANEXO 99).

#### **4.6.2 Juca Kfourri**

No mês de agosto, somente duas das colunas de Juca Kfourri abordaram assuntos relacionados à Seleção Brasileira. Na primeira delas, publicada no dia 15, com o título “*Nada a favor, tudo contra*”, também comenta a derrota da Seleção por 1 a 0 no amistoso com a Suíça, na Basileia, mas reage bem: “O que sei é que fazia tempo que não olhava com tanta atenção e interesse um amistoso da seleção, mérito do time na conquista da Copa das Confederações, razão pela qual também fazia tempo que uma derrota não me chateava tanto”. E fecha a coluna com uma expressão de otimismo. “Quando é para valer, a coisa é diferente. Otimista, eu?” (ANEXO 100).

A segunda coluna, de 25 de agosto, tem o título “*Cada um com seus problemas*”. Kfourri elogia Felipão pelo fato de convocar novamente Ramires e volta a bater forte no presidente da CBF. “José Maria Marin avalia as pessoas como se fossem como ele ao fazer coro ao ministro do Esporte, Aldo Rebelo, disse não crer que o prefeito do Rio, Eduardo Paes, tenha dito o que disse em entrevista à ESPN Brasil sobre a Fifa”. O prefeito carioca teria feito

sérias críticas à entidade máxima do futebol e Marin duvidou da entrevista. O restante da coluna ele dedica a falar das ligações do PCdoB com o governo Dilma e o futuro do atual ministro do Esporte (ANEXO 101).

#### 4.6.3 Tostão

Tostão também escreveu, no mês de agosto, apenas duas colunas que falaram da Seleção Brasileira. A primeira foi no dia 11 e recebeu o título de “*Pouco pode ser muito*”. Ele começa citando que na coluna anterior havia falado sobre o sucesso de jogadores veteranos no Campeonato Brasileiro e parte para o ataque ao que ele qualifica como baixo nível técnico. “Muitos discordam. Uns, por convicções técnicas, usam de argumentos, mesmo quando não existem, para dizer que está tudo bem. Há ainda os pachecões, os Policarpus Quaresmas, que acham antipatriótico criticar o que é nosso. Existem também os interesses econômicos, de que não se deve desvalorizar o produto futebol”. Mais adiante, ele é mais crítico ainda. “Imagine se o Brasil ganhar a Copa, o que tem boas chances de ocorrer. Felipão vai ganhar uma estátua, Marin se tornará herói, e todos os jogadores serão rotulados de craques. E nada vai mudar”. (ANEXO 102).

A coluna do dia 14 de agosto tem o título “*É bom ver de novo a seleção*”. Aqui Tostão fala de um amistoso da Seleção depois da conquista da Copa das Confederações. “É bom ver novamente a seleção. Na Copa das Confederações, além da qualidade da equipe, imagino que, se jogassem alguns reservas ou mesmo um ou outro não convocado, o Brasil também atuaria bem e seria campeão, já que havia inúmeros fatores favoráveis, como o apoio maciço e emocionante da torcida e a vibração dos atletas que atuaram como se fosse a Copa do Mundo.” Numa contradição com o que havia dito na coluna anterior (ANEXO 103).

#### 4.7 COLUNAS DO MÊS DE SETEMBRO

O mês de setembro teve 35 colunas (14 de Calazans, 14 de Juca Kfourri e 7 de Tostão), mas em apenas 7 delas (2 de Calazans, 3 de Juca Kfourri e 2 de Tostão) os colunistas retrataram a Seleção Brasileira.

#### 4.7.1 Fernando Calazans

A primeira coluna do mês de setembro em que Fernando Calazans aborda a Seleção Brasileira foi publicada no dia 8, depois do amistoso entre Brasil e Austrália, disputado no estádio Mané Garrincha, em Brasília. Para falar sobre a goleada de 6 a 0 sobre os australianos, Calazans, em um trecho da coluna, cujo subtítulo é “*Um sonho para a Copa*”, relata que, apesar do time adversário ser fraco, “[...] a Seleção Brasileira fez um treino de primeiríssima qualidade, na posse de bola (70 por cento); nos toques e passes criativos, precisos; na movimentação bem coreografada pelo campo inteiro; na marcação em cima, adiantada [...]”. O colunista torce para que Deus dê uma força no sorteio para a Copa de 2014 e faça com que a Austrália caia no grupo do Brasil. Seria um adversário a menos, conclui Calazans (ANEXO 104).

“*Novidades da seleção*”, publicada no dia 9, é o subtítulo da segunda e última coluna do mês de setembro em que Fernando Calazans trata de assuntos relacionados à Seleção. Mais uma vez, o colunista fala sobre o amistoso do Brasil com a Austrália, que considera uma equipe muito limitada. O mais importante para Calazans foi perceber que, com a saída de Neymar, Felipão tem outras opções para a o time brasileiro. “A maior curiosidade que a seleção brasileira me apresentou no amistoso de sábado com a Austrália (bota amistoso nisso), foi que, tirando Neymar, as melhores atuações foram de jogadores entrando pela primeira vez como titulares do Felipão”. Em seguida, comenta sobre essas opções de maneira otimista (ANEXO 105).

#### 4.7.2 Juca Kfourri

A coluna do dia 12 de setembro, a primeira em que Juca Kfourri retrata a Seleção Brasileira, tem como subtítulo “*11 Felipões*”, um trecho pequeno em que ele ressalta a vitória brasileira sobre Portugal. “Primeiro foi a Austrália [...]. Agora foi Portugal, que acabou atropelado por imaginar que num jogo festivo poderia intimidar a seleção brasileira”. (ANEXO 106).

“Restabelecida a confiança na seleção, não há o que temer: o melhor que pode acontecer para a Copa no Brasil é a presença dos oito países que compõem o fechado clube dos oito campeões mundiais”. Assim começa a coluna de Juca Kfourri, do dia 15 de setembro,



intitulada “*Que venham todas*”. Em seguida, ele fala de cada campeão mundial – Argentina, Itália, Alemanha, Espanha, França, Inglaterra e Uruguai – sendo que, até agora, apenas a Argentina e a Itália já são presenças confirmadas na Copa de 2014. O colunista comenta que acha engraçado os sentimentos antagônicos dos torcedores brasileiros em relação ao Uruguai, pois, devido à derrota do Brasil em 1950, muitos não querem ver a equipe por aqui, enquanto outros torcem para que o Uruguai seja classificado porque querem um jogo de revanche. Mais à frente, admite que um jogo de decisão entre Brasil e Uruguai, no Maracanã, terá sim um gostinho especial, “[...] mas, convenhamos, vingança não será, será apenas cumprir com a obrigação que o ufanismo impediu então”. Depois nos lembra de como foi prazeroso ver, recentemente, na Copa das Confederações, o Brasil vencer as seleções do Uruguai e da Espanha. Em seguida, expressa suas considerações a respeito de Felipão, caso fosse indagado sobre quais equipes seriam suas preferidas para enfrentar a Seleção. “[...] Sua resposta será pragmática, nada romântica. ‘França, Inglaterra, Uruguai, quero que se danem, que venham as Jordânicas e que tais’ dirá nada diplomático”, pois, para Luiz Felipe Scolari o importante é ganhar, não importa de quem, ressalta Kfourri. (ANEXO 107).

Na coluna publicada no dia 16 de setembro com o título “*Ei, Brasileirão, acorda!*”, Juca Kfourri indaga os motivos que fizeram com que o campeonato desaparecesse das primeiras páginas dos jornais de maior circulação no país. Depois fala do mau desempenho dos times paulistas no Brasileirão e nos mostra um dado curioso:

[...] em São Paulo, a seleção brasileira começa a ocupar mais a atenção dos torcedores, coisa que não acontecia há séculos, porque para os tricolores lutar apenas para ficar na elite é pouco e humilhante e para os alvinegros a busca de uma vaga na Libertadores deixou de ser o principal objeto de desejo. (ANEXO 108).

### **4.7.3 Tostão**

No dia 4 de setembro, com a coluna recebendo o título “*O elenco não está definido*”, Tostão fala do amistoso que a Seleção Brasileira realizará com a Austrália, em Brasília, mas o que chama a atenção é seu posicionamento ao final do texto, quando fala que a Argentina é a nossa maior adversária na Copa do Mundo de 2014. “Após a Copa das Confederações, o mundo descobriu o óbvio, a enorme importância de uma seleção de tradição jogar em casa, ainda mais se tiver um bom time. O Brasil passou a ser um fortíssimo candidato, talvez o maior para ganhar o Mundial”. E conclui repetindo o mesmo discurso já utilizado em outras

ocasiões sobre o possível resultado final da Copa. “É irracional achar que o futebol brasileiro será uma porcária se perder o Mundial e uma maravilha se ganhar. Com qualquer resultado, deveria haver reconstrução, para valer, dentro e fora de campo.” (ANEXO 109).

No dia 15 de setembro ele fala de “*Memória e tradição*”, tendo como subtítulo “É a memória que forma a tradição e identidade do futebol e da nação”. Ele começa o texto refletindo sobre as críticas que ele tinha feito à Seleção Brasileira, junto com outros comentaristas:

Após mais uma ótima atuação da seleção, refleti e questionei se minhas críticas e a de muitos comentaristas eram exageradas e/ou equivocadas, quando dizíamos , nos últimos anos e antes da Copa das confederações, que o futebol brasileiro estava em queda [...]. Penso que a seleção brasileira atual é exceção, surpresa, e que ela não tem nada a ver com o nível do futebol que se joga no Brasil. Não tenho também nenhuma certeza de que as excelentes atuações vão se repetir na Copa. (ANEXO 110).

Ainda nessa coluna, mais adiante, fazendo comparação com o futebol europeu, Tostão afirma que “[...] nossa memória é a das grandes equipes. É a memória que forma a tradição e a identidade do futebol e de seu povo. O Brasil continua formando um grande número de bons e ótimos jogadores, apesar dos incompetentes e dos politiqueiros”. E conclui, de forma otimista, mas também assumindo que, além da Seleção, a imprensa também precisa evoluir. “A seleção poderá ser referência dessa transformação. Muitas das críticas da imprensa contribuem para melhorar o futebol. Temos de reconhecer também nossos equívocos, que são muitos e frequentes” (ANEXO 110).

Para facilitar a visualização do número de colunas e a frequência com que as mesmas abordaram assuntos relacionados à Seleção Brasileira, apresentaremos, a seguir, tabelas referentes aos meses analisados e os respectivos colunistas.

**Tabela 1 - Março**

MARÇO (7 dias)			
	Nº de colunas do Mês		Nº de Colunas - Seleção
<b>Fernando Calazans</b>	3		2
<b>Juca Kfour</b>	3		2
<b>Tostão</b>	1		1
<b>Total de Colunas no mês</b>	7	<b>Total de Colunas – Seleção Brasileira</b>	5
		<b>Percentual de Colunas – Seleção Brasileira</b>	71,43%

Fonte: Dados da pesquisa.

**Tabela 2 - Abril**

<b>ABRIL (30 dias)</b>			
	<b>Nº de colunas do Mês</b>		<b>Nº de Colunas - Seleção</b>
<b>Fernando Calazans</b>	11		7
<b>Juca Kfouri</b>	13		7
<b>Tostão</b>	8		7
<b>Total de Colunas no mês</b>	32	<b>Total de Colunas – Seleção Brasileira</b>	21
		<b>Percentual de Colunas – Seleção Brasileira</b>	65,63%

**Fonte:** Dados da pesquisa.

**Tabela 3 – Maio**

<b>MAIO (31 dias)</b>			
	<b>Nº de colunas do Mês</b>		<b>Nº de Colunas - Seleção</b>
<b>Fernando Calazans</b>	14		2
<b>Juca Kfouri</b>	13		3
<b>Tostão</b>	4		3
<b>Total de Colunas no mês</b>	31	<b>Total de Colunas – Seleção Brasileira</b>	8
		<b>Percentual de Colunas – Seleção Brasileira</b>	25,81%

**Fonte:** Dados da pesquisa.

**Tabela 4 – Junho**

<b>JUNHO (30 dias)</b>			
	<b>Nº de colunas do Mês</b>		<b>Nº de Colunas - Seleção</b>
<b>Fernando Calazans</b>	19		17
<b>Juca Kfouri</b>	23		15
<b>Tostão</b>	21		19
<b>Total de Colunas no mês</b>	63	<b>Total de Colunas – Seleção Brasileira</b>	51
		<b>Percentual de Colunas – Seleção Brasileira</b>	80,95%

**Fonte:** Dados da pesquisa.

**Tabela 5 - Julho**

<b>JULHO (31 dias)</b>			
	<b>Nº de colunas do Mês</b>		<b>Nº de Colunas - Seleção</b>
<b>Fernando Calazans</b>	15		3
<b>Juca Kfouri</b>	7		5
<b>Tostão</b>	9		4
<b>Total de Colunas no mês</b>	31	<b>Total de Colunas – Seleção Brasileira</b>	12
		<b>Percentual de Colunas – Seleção Brasileira</b>	38,71%

**Fonte:** Dados da pesquisa.

**Tabela 6 – Agosto**

<b>AGOSTO (31 dias)</b>			
	<b>Nº de colunas do Mês</b>		<b>Nº de Colunas - Seleção</b>
<b>Fernando Calazans</b>	16		1
<b>Juca Kfour</b>	13		2
<b>Tostão</b>	8		2
<b>Total de Colunas no mês</b>	37	<b>Total de Colunas – Seleção Brasileira</b>	5
		<b>Percentual de Colunas – Seleção Brasileira</b>	13,51%

Fonte: Dados da pesquisa.

**Tabela 7 – Setembro**

<b>SETEMBRO (30 dias)</b>			
	<b>Nº de colunas do Mês</b>		<b>Nº de Colunas - Seleção</b>
<b>Fernando Calazans</b>	14		2
<b>Juca Kfour</b>	14		3
<b>Tostão</b>	7		2
<b>Total de Colunas no mês</b>	35	<b>Total de Colunas – Seleção Brasileira</b>	7
		<b>Percentual de Colunas – Seleção Brasileira</b>	20%
<b>Total de Colunas (25/03 a 20/09)</b>	236	<b>Total de Colunas (25/03 a 30/09) – Seleção Brasileira</b>	109
		<b>Percentual de Colunas (25/03 a 30/09) – Seleção Brasileira</b>	46,19%

Fonte: Dados da pesquisa.

**Tabela 8** - Número total de Colunas

	Nº total de colunas	Nº de Colunas - Seleção	Percentual de Colunas - Seleção
<b>Fernando Calazans</b>	92	34	36,96%
<b>Juca Kfourri</b>	86	37	43,02%
<b>Tostão</b>	58	38	65,52%

**Fonte:** Dados da pesquisa.

Como os quadros anteriores mostram, nosso recorte temporal foi estabelecido entre 25 de março e 30 de setembro de 2013, buscando uma observação do comportamento dos colunistas em relação à Seleção Brasileira antes, durante e depois da Copa das Confederações. Das 236 colunas selecionadas, 109 (46,19%) tocavam em algum trecho ou integralmente, sobre o selecionado nacional. Dos três profissionais escolhidos para análise o que mais tratou do tema foi Tostão, já que 65,52% de seus textos falavam da Seleção. Juca Kfourri aparece com 43,02% de suas colunas abordando o tema e Calazans, com 36,96%.

Sobre a variação do tema nos meses, chama a atenção a incidência maior no mês de abril, quase três vezes mais que em maio que, apesar de ser o que antecedia a disputa da Copa das Confederações, em apenas oito colunas, das 31 publicadas, falavam da Seleção Brasileira. Como era esperado, o predomínio acontece durante a disputa (e nem poderia ser diferente), mas também chama a atenção o reduzido número de abordagem sobre a Seleção nos meses seguintes.

Partindo para uma análise do conteúdo dos textos, por colunista e seguindo as categorias que definimos como as que seriam macro (“Pátria de Chuteiras” e “Complexo de Vira-Latas”), observamos que, em março, Fernando Calazans trata o tema Seleção Brasileira em duas colunas, onde as duas categorias aparecem. Ele mistura frustração, decepção e pessimismo com o sentimento de brasilidade e orgulho. Já em abril, suas sete colunas são todas negativas em relação à Seleção Brasileira. O mesmo cenário negativo aparece nas duas vezes em que fala do selecionado em maio.

O panorama se altera no mês de junho, o da disputa da Copa das Confederações. Mesmo com a campanha e conquista invicta do título pela Seleção Brasileira, Calazans divide seus comentários entre positivos e negativos de forma equilibrada. Após a conquista do título, o colunista escreve três colunas em julho que só tratam bem o time de Felipão. Em agosto, ele falou somente duas vezes da Seleção, uma com otimismo e outra com pessimismo. E, em setembro, nas duas colunas ele volta a se manifestar de forma positiva.

Juca Kfoury, na Folha de São Paulo, em março, publica duas colunas que se enquadram na categoria de “complexo de vira-latas”. Em abril, das sete em que ele aborda a Seleção Brasileira, a maioria também expressa pessimismo. O que se repete, mais uma vez, em maio, quando duas das três colunas são totalmente negativas. No mês da Copa das Confederações, em junho, foram 15 colunas retratando o time brasileiro, nas quais há certa inversão na conduta do jornalista, que passou a comentar de maneira um pouco menos pessimista.

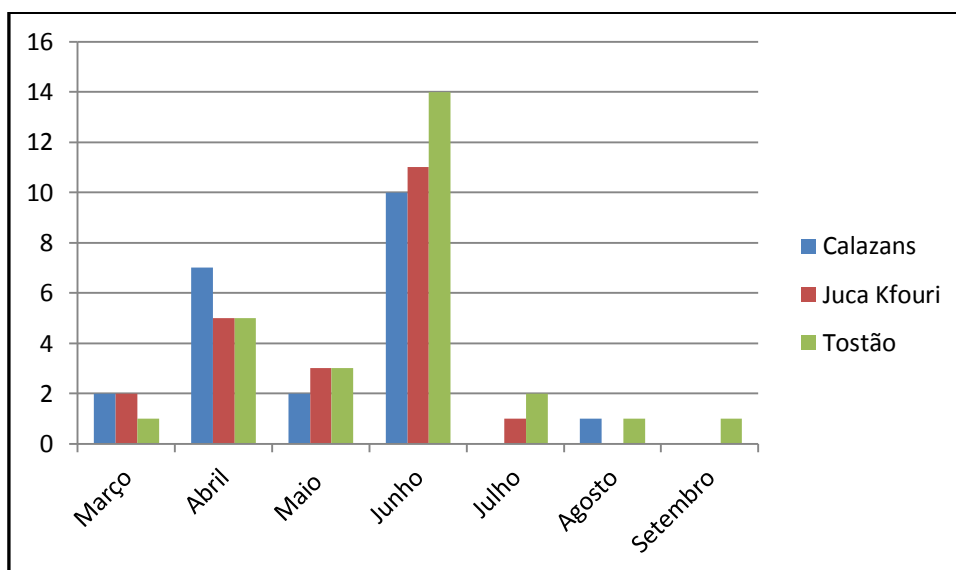
Das cinco publicadas em julho, após o título da equipe de Scolari, quatro foram positivas e apenas uma qualificada como negativa. Em agosto, as duas colunas são favoráveis à Seleção Brasileira, fato que se repete em setembro, quando os três textos que ele publica são de otimismo e orgulho em relação à equipe.

Tostão fala da Seleção apenas uma vez em março e de forma pessimista. Em abril, nas sete colunas que tratam do tema, a maioria mostra ainda pessimismo, mas em três ele começa a demonstrar orgulho, admiração e identificação. Maio foram apenas três colunas, uma que se enquadra na categoria “Complexo de Vira-Latas” e as outras duas intercalam pontos positivos e negativos ao mesmo tempo. No mês da Copa das Confederações, também muitas das colunas se dividem entre positivas e negativas, portanto, o colunista se mantém “equilibrado” entre as categorias “Complexo de Vira-Latas” e “Pátria de Chuteiras”. Cinco delas somente com aspectos favoráveis. Como os outros colunistas, após o título do Brasil, no mês de julho, Tostão, na maioria das colunas, tem percepções boas sobre o time.

Em agosto, ele publica apenas dois textos falando da Seleção, um com pessimismo e outro com otimismo. E, fechando a avaliação, em setembro, o ex-jogador da Copa de 70, retrata o selecionado nacional em duas colunas, sendo uma só de otimismo e outra dividida entre aspectos bons e maus da Seleção.

O Gráfico 5, a seguir, apresenta uma comparação entre os três colunistas em relação à frequência em que cada um se enquadrou na categoria “Complexo de Vira-Latas” durante todos os meses do recorte temporal analisado.

**Gráfico 5** - Frequência em que cada colunista se enquadrou na categoria “Complexo de Vira-Latas”



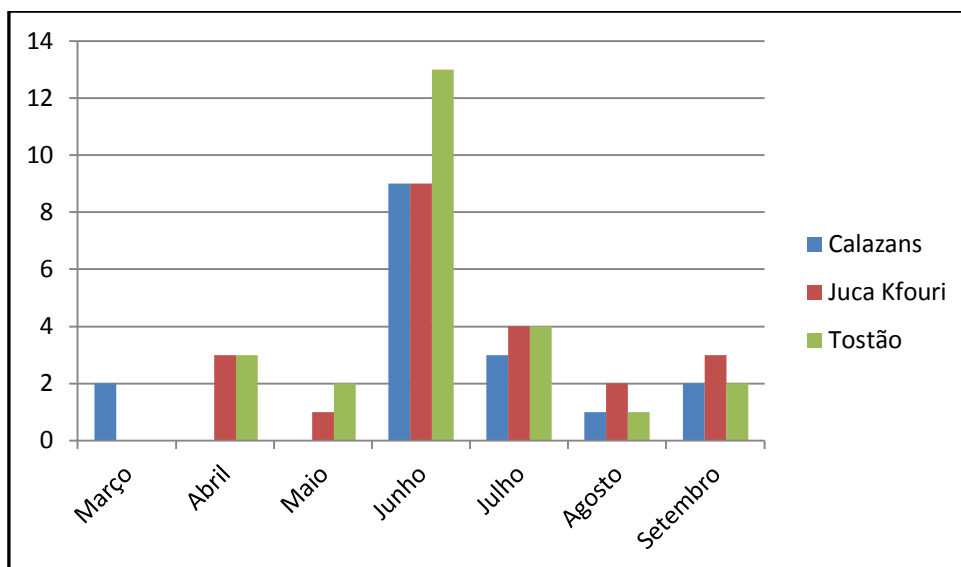
**Fonte:** Dados da pesquisa.

Por meio do gráfico acima, podemos afirmar que durante o mês de março os colunistas Fernando Calazans e Juca Kfourri foram os mais negativos ao retratarem a Seleção Brasileira. Em abril, Calazans fica em primeiro lugar no número de colunas que se enquadram na categoria “Complexo de Vira-Latas”, enquanto Juca Kfourri e Tostão ficaram “empatados” com as colunas consideradas negativas. Passamos para junho, mês da Copa das Confederações, e observamos uma inversão: Tostão foi o que mais abordou a Seleção com textos pessimistas, seguido por Juca Kfourri e Fernando Calazans. Em julho, após o campeonato, Calazans foi o único que não apresentou nenhuma coluna que pudesse ser classificada como negativa. Nesse mesmo mês, foram as narrativas das colunas de Tostão que mais relataram aspectos ruins sobre o selecionado nacional. No mês de agosto, Juca Kfourri foi o único que não retratou a equipe brasileira de forma negativa. Em setembro, último mês do recorte temporal, apenas Tostão apresentou reflexões que se enquadram categoria “Complexo de Vira-Latas”<sup>15</sup>.

Em contrapartida, o Gráfico 6 apresenta uma comparação entre os três colunistas de acordo com a presença de características narrativas que abrangem a categoria “Pátria de Chuteiras” durante o período selecionado para pesquisa.

<sup>15</sup> Ao analisar o Gráfico 5, é necessário relativizar o número de colunas escritas por cada colunista nos respectivos meses. Esses dados podem ser encontrados nas Tabelas 1 a 7.



**Gráfico 6** - Comparação entre os colunistas quanto à categoria “Pátria de Chuteiras”

**Fonte:** Dados da pesquisa.

O Gráfico 6 demonstra que, no mês de março, apenas Fernando Calazans retratou a Seleção Brasileira de forma positiva. Em abril, a situação se inverte e Calazans passa a ser o único que não aborda o selecionado nacional sob perspectivas otimistas. Nesse mês, Juca Kfourri e Tostão seguem “empatados” no número de vezes em que suas colunas se enquadram na categoria “Pátria de Chuteiras”. Em maio, o cenário se mantém praticamente o mesmo; a única mudança é que Tostão exalta a Seleção mais vezes do que Kfourri. Junho, o mês da Copa das Confederações, Tostão sai na frente e apresenta o maior número de colunas que retratam positivamente a equipe brasileira (aqui é interessante fazer uma comparação entre os dois gráficos para observar que Tostão, no mês de junho, foi o colunista que mais se destacou, tanto em relação à categoria “Complexo de Vira-Latas” quanto no que se refere à “Pátria de Chuteiras”). Com o final da Copa das Confederações, em julho, Juca Kfourri e Tostão foram os que mais abordaram a Seleção de forma positiva. Já em agosto, foi Juca Kfourri quem liderou o ranking de elogios ao time brasileiro, seguido por Tostão e Calazans que ficaram empatados nesse mesmo quesito. Setembro, o último mês contemplado na pesquisa, mostra que o volume de crônicas aumentou em relação a agosto, mas o panorama continuou o mesmo com Kfourri apresentando o maior número de colunas que retrataram positivamente a Seleção, terminando Tostão e Calazans empatados<sup>16</sup>.

<sup>16</sup> Ao analisar o Gráfico 6, é necessário relativizar o número de colunas escritas por cada colunista nos respectivos meses. Esses dados podem ser encontrados nas Tabelas 1 a 7.

**Tabela 9** - Detalhamento de distribuição por categorias e subcategorias nos textos

“PÁTRIA DE CHUTEIRAS”	Nº DE VEZES	Porcentagem em relação ao total	“COMPLEXO DE VIRA-LATAS”	Nº DE VEZES	Porcentagem em relação ao total
Comparação	9	8,49%	Comparação	28	25,00%
Êxodo	1	0,94%	Êxodo	4	3,57%
Esporte x Negócio	1	0,94%	Esporte x Negócio	7	6,25%
Jeitinho Brasileiro	1	0,94%	Jeitinho Brasileiro	3	2,68%
Otimismo	22	20,75%	Pessimismo	39	34,82%
Brasildade	7	6,60%	Inferioridade	17	15,18%
Admiração	14	13,21%	Frustração	6	5,36%
Encantamento	11	10,38%	Decepção	8	7,14%
Identificação	16	15,09%			
Orgulho	11	10,38%			
Criatividade	0	-			
Paixão	3	2,83%			
Reverência	10	9,43%			
<b>TOTAL</b>	<b>106</b>			<b>112</b>	

**Fonte:** Dados da pesquisa.

A Tabela 9 nos fornece dados para propor algumas inferências sobre como a mídia – por meio das colunas esportivas – retrata a Seleção Brasileira dentro do recorte temporal (25 de março a 30 de setembro de 2013) selecionado para esta pesquisa. Na categoria “Pátria de Chuteiras” encontramos 106 referências nos textos dos três colunistas – Fernando Calazans, Juca Kfourri e Tostão – enquanto, em seu par antagônico, o “Complexo de Vira-Latas”, foram registradas 112 menções negativas em relação à equipe brasileira. Como já mencionado anteriormente, quatro subcategorias enquadraram-se nas duas categorias principais, portanto, cabe ressaltar que, em relação à subcategoria “comparação” pode-se observar um grande contraste. Em seus textos, os colunistas utilizaram a “comparação” com angulação positiva apenas 9 vezes, enquanto, sob a perspectiva negativa, encontramos 28 manifestações, a maioria delas comparando a Seleção Brasileira com seleções de países europeus.

No que diz respeito à subcategoria “êxodo”, das 8 vezes em que o assunto foi abordado, apenas uma foi com viés positivo quando Tostão, em sua coluna do dia 14 de

junho, comenta que, por ter oito titulares (sem contar Neymar) que atuam no exterior, a possibilidade da Seleção jogar de uma forma distinta da dos times brasileiros é muito maior.

Outra subcategoria, “Esporte x Negócio”, que está incluída nas categorias principais merece uma observação, já que das 8 vezes em que o tema foi retratado, apenas uma delas foi de maneira positiva. No dia 14 de abril, Juca Kfoury, em sua coluna intitulada “*Cresce o sócio torcedor*”, mostra-se otimista com o caminho da relação futebol-empresa quando afirma: “Campanhas gigantescas fazem parte para que, quem sabe, o futebol-empresa no Brasil possa criar o seu modelo, sem precisar dos magnatas [...]”.

Dentro das duas categorias propostas, duas subcategorias, também antagônicas, chamam a atenção. O “otimismo” apareceu no contexto das narrativas dos cronistas 22 vezes, enquanto o “pessimismo” foi demonstrado em 39 ocasiões. É possível inferir, por meio dos gráficos e tabelas anteriores, que o “otimismo” dos colunistas aumentou significativamente em junho, durante a realização da Copa das Confederações, e, gradualmente, à medida que a Seleção Brasileira vencia e passava para a fase seguinte do campeonato. Mas, mesmo assim, o “Complexo de Vira-Latas” venceu a “Pátria de Chuteiras” durante o período dessa pesquisa, demonstrando que os colunistas ainda tem um olhar crítico e negativo sobre a Seleção Brasileira.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

---

O propósito inicial desta dissertação foi perceber se houve e como se deu a (des)construção da identidade da Seleção Brasileira, tendo como premissa a forte influência do marketing no comportamento dentro e fora de campo de torcedores, mídia e atletas. No entanto, no percurso que traçamos, fomos percebendo que a soma de vários fatores apontavam para novos olhares sobre ela, que não necessariamente a desconstroem, mas sinalizam para algo diferente.

Responsabilizar, portanto, o marketing, talvez fosse um desvio de análise ou uma solução simplista. Por isso resolvemos ampliar nosso campo de reflexão, atentos ao comportamento de torcedores, buscando em nomes respeitados no jornalismo esportivo e que escrevem semanalmente em grandes jornais brasileiros e na evolução de vários aspectos, como o conceito de identidade; a profissionalização do futebol e as inferências do marketing cada vez mais expressivas para perceber qual a “cara” da Seleção Brasileira.

Ao buscarmos duas expressões clássicas do jornalismo esportivo como categorias, o “Complexo de Vira-Latas” e a “Pátria de Chuteiras”, cunhadas por um dos mais apaixonados defensores do “escrete”, como Nelson Rodrigues gostava de chamar a Seleção Brasileira, tivemos a intenção de refletir esse dilema constante entre o pessimismo e a paixão que sempre nortearam o tema. Contraste que se configurou no recorte temporal que escolhemos, que acabou coincidindo com expressões de patriotismo dentro dos estádios, quando da execução do Hino Nacional e os protestos nas ruas em vários pontos do país.

Embora a pesquisa realizada com torcedores tenha sido feita antes da disputa da Copa das Confederações, os resultados apontam uma quebra no interesse que a Seleção Brasileira vem despertando nos últimos tempos. E aí conseguimos identificar que o distanciamento, até então, provocado pela imposição do patrocinador principal da equipe de promover jogos longe do Brasil, aliado ao êxodo crescente dos jogadores de talento para a Europa (especialmente) e as suspeitas de ingerência da empresa até nas convocações,

Ficou claro, na pesquisa, o “afastamento” e a diminuição no sentimento de pertencimento, tão comum quando se sabe da forte identificação do torcedor brasileiro com o futebol, especialmente no que se refere à nossa Seleção, que inclusive gerou, por parte de vários autores que trabalhamos, estudos que mostram a identidade nacional sendo explicada a partir do futebol. Portanto, entendemos sim, que o marketing, a transformação do esporte em

um grande negócio e show, fez com que se pudesse perceber esse distanciamento e perda de interesse.

A partir do momento em que a Seleção Brasileira voltou a atuar diante do torcedor, nas novas arenas (questionadas, mas ao mesmo tempo indispensáveis em tempos em que o consumidor é cada vez mais exigente com a qualidade dos espaços que frequenta e paga por eles) as manifestações de carinho e pertencimento reapareceram. Talvez não da forma como se planejava, porque foram organizados (intencionalmente, embora as razões não queiramos discutir aqui) protestos nas ruas contra uma série de coisas que dividiram a opinião pública, o interesse e a cobertura da mídia.

Em outra parte da nossa pesquisa, buscamos em três colunistas a forma como se referiam à Seleção Brasileira. Tivemos o cuidado de escolher esses profissionais ligados a três Estados diferentes, mas referências na comunicação esportiva, embora, ao final, percebêssemos uma afinidade entre eles, a ponto de um citar o outro. Também não vimos neles um forte contraste de opinião. E ao totalizarmos os elementos que se enquadravam em nossas categorias, também notamos uma divisão entre expressões que caracterizam uma visão marcada pelo chamado “Complexo de Vira-Latas” e a de otimismo por uma “Pátria de Chuteiras”.

Especificamente em relação ao conteúdo das colunas, ficou clara a prática tão condenada por Nelson Rodrigues da comparação entre Brasil e Europa. Não foram poucos os paralelos feitos pelos colunistas, sempre no sentido de diminuir a Seleção Brasileira ou o nosso futebol. Até mesmo, durante a Copa das Confederações, vimos que os três resistiram ao máximo em afirmar que estávamos diante de uma boa equipe e que o país mereceu a conquista do título.

Por outro lado, após a vitória de 3 a 0 sobre a Espanha na final e a proximidade da Copa do Mundo de 2014, constatar que os mesmos colunistas praticamente não mais tocaram no tema Seleção Brasileira nos meses seguintes, confirma que ela também deixou de ser o foco principal, perdendo para outros assuntos. Mesmo que alguém afirme que a disputa do Campeonato Brasileiro desperte tanta paixão como o selecionado, pelo fato da copa ser aqui, esperávamos que isso significasse uma maior incidência do tema nas colunas e noticiários.

O pessimismo, como subcategoria que mais vezes apareceu no nosso levantamento, mostra um comportamento comum de alguns setores da mídia, que muitas vezes buscam, assim, demonstrar certa independência. E por que não um comportamento bem peculiar ao de torcedores, sempre exigentes com o time de coração? Tanto que, em vários textos, percebemos uma má vontade e uma resistência em admitir que as projeções feitas por eles

estavam equivocadas. Tostão é uma exceção, porque assume, em uma de suas colunas, que também a mídia erra em suas condutas.

Se por um lado a mídia – através do nosso estudo – se mostra mais crítica, também podemos considerar positivo o fato de não termos apenas um comportamento de euforia, sem análise criteriosa, como em outras competições, onde só se pensava na pátria de chuteiras e qualquer opinião contrária representava um ato antipatriótico.

Os estudos culturais nos apontam que o conceito de identidade sofreu grande modificação diante dos novos paradigmas. A globalização aproximou pessoas, culturas, práticas, mas também fragilizou uma identidade local. No futebol não seria diferente. Esperar que a Seleção Brasileira mantivesse a mesma imagem diante desse cenário seria muita ingenuidade. É evidente que ela seria atingida por todo esse processo de transformação do mundo.

Não por acaso, é muito comum vermos na mídia e no discurso dos torcedores, expressões que configuram esse cenário, quando se referem, por exemplo, aos jogadores convocados para a Seleção Brasileira. Os que atuam fora são chamados de “estrangeiros” e os que jogam em clubes daqui de “brasileiros”. Um detalhe sutil, mas que pode ilustrar esse contexto que trabalhamos em busca desses novos olhares sobre a nossa Seleção.

E, ao final deste trabalho, depois de passar pelas transformações do marketing esportivo e seus reflexos no futebol, pelo olhar do torcedor e análise das crônicas dos três colonistas, foi possível evidenciar que o “Complexo de Vira-Latas” ainda está em campo e se sobrepõe à “Pátria de Chuteiras” quando o assunto é a Seleção Brasileira de futebol.

Com a realização da Copa de 2014, ainda mais sendo no Brasil, novos estudos sobre esse tema devem e têm que ser pesquisados para que possamos aprofundar e rever nossas percepções sobre brasilidade, sentimento de pertencimento, “pátria de chuteiras” e “complexo de vira-latas”, dentre outras características que afetam a nossa identidade, principalmente em relação à Seleção Brasileira. Independente do resultado, o Mundial de 2014 ficará na história do Brasil e comprovará como a mídia, o marketing e os torcedores olharão a Seleção. Fica a pergunta: jogando uma Copa do Mundo em casa, será que a equipe brasileira vai conseguir (re)conquistar os torcedores?

## REFERÊNCIAS

---

AZOUBEL NETO, D. **O futebol como linguagem: da mitologia à psicanálise**. Ribeirão Preto, SP: FUNPEC, 2010.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BERGER, P.; LUCKMANN, T. **A Construção Social da Realidade: tratado de Sociologia do Conhecimento**. Petrópolis: Vozes, 2007.

BHABHA, H. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

BRASIL. Ministério das Relações Exteriores. **Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na sessão de apresentação da Candidatura Rio 2016 ao Comitê Olímpico Internacional (COI) - Copenhague, Dinamarca, 02/10/2009**. Disponível em: <http://www.itamaraty.gov.br/sala-de-imprensa/discursos-artigos-entrevistas-e-outras-comunicacoes/presidente-da-republica-federativa-do-brasil/147730942008-discurso-do-presidente-da-republica-luiz-inacio>. Acesso em: 11 fev. 2014.

CALDAS, W. **O pontapé inicial: memória do futebol brasileiro**. São Paulo: Ibrasa, 1990.

CAMARGO, V. Elementos para uma concepção da cultura de massa. In: COSTA, M. R. et al. (orgs). **Futebol: espetáculo do século**. São Paulo: Musa, 1999. p. 70-79.

CANCLINI, N. G. **Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2010.

CANDIDO, A. Prefácio. In: HOLANDA, S. B. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

CAREGNATO, R. C.; MUTTI, R. Pesquisa qualitativa: análise de discurso versus análise de conteúdo. **Texto Contexto Enfermagem**, Florianópolis, v. 15, n. 4, p. 679-684, out./dez. 2006.

CARRILHO, F. D. **Futebol uma janela para o Brasil: as relações entre o futebol e a sociedade brasileira**. São Paulo: Nova Espiral, 2010.

CARVALHO, S.; NETO, F. **Gestão de marcas nos esportes: teoria e prática**. Jundiaí, SP: Fontoura, 2006.

CORRÊA, W. Análise de conteúdo. In: DUARTE, J.; BARROS, A. (orgs). **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Atlas, 2011. p. 280-304.

COSTA, M. R.; FLORENZANO, J. P.; QUINTINO, E.; CARBONE, S. M.; SANTOS, M. A. S. (orgs). **Futebol: espetáculo do século**. São Paulo: Musa, 1999.

DAMATTA, R. **Universo do Futebol: Esporte e Sociedade Brasileira**. Rio de Janeiro: Edições Pinakothek, 1982.

\_\_\_\_\_. **O que faz o Brasil, Brasil?** Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

\_\_\_\_\_. **Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1990.

\_\_\_\_\_. **A bola corre mais que os homens: duas copas, treze crônicas e três ensaios sobre o futebol**. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.

\_\_\_\_\_. Como não perder no futebol? **O Globo**, 12 jun. 2013, p. 21.

DEL PRIORE, M.; MELO, V. A. (orgs). **História do esporte no Brasil: do Império aos dias atuais**. São Paulo: UNESP, 2009.

FERNANDES, L. Prefácio. In: FILHO, M.. **O negro no futebol brasileiro**. 4. ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2003. p. 10-13.

FILHO, M. **O negro no futebol brasileiro**. 4. ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

FITZSIMMONS, J. A.; FITZSIMMONS, M. J. **Administração de Serviços**. 6. ed. Porto Alegre: Bookman, 2010.

FREYRE, G. **Casa-grande & senzala**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

GASTALDO, E. L.; GUEDES, S. L. (orgs). **Nações em campo: Copa do Mundo e identidade nacional**. Niterói: Intertexto, 2006.

GOFFMAN, E. **Estigma - notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Rio de Janeiro: LTC, 1988.

\_\_\_\_\_. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 1985.



GUEDES, S. L. Futebol e identidade nacional: reflexões sobre o Brasil. In: DEL PRIORE, M.; MELO, V. A. (orgs.). **História do Esporte no Brasil: do Império aos dias atuais**. São Paulo: UNESP, 2009. p. 453-480.

GUERRA, M. O que está em jogo no jogo? **Comunicação e Esporte**. Revista do Programa de Mestrado em Comunicação e Práticas de consumo ESPM, São Paulo, v. 8, p. 53-65, 2011.

GURGEL, A. **Futebol S/A: a economia em campo**. São Paulo: Saraiva, 2006.

GUTERMAN, M. **O futebol explica o Brasil: uma história da maior expressão popular do país**. São Paulo: Contexto, 2009.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.

HELAL, R. **Passes e Impasses: futebol e cultura de massa no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1997.

\_\_\_\_\_. Futebol e Política. **O Globo**, Rio de Janeiro, 27 jun. 2013, p. 21.

HELAL, R.; CABO, A. V.; SILVA, C. Pra frente, Brasil! Comunicação e identidade brasileira em Copas do Mundo. In: HELAL, R.; LOVISOLO, H.; SOARES, A. J. G. **Futebol, jornalismo e ciências sociais: interações**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2011. p. 189-210.

HELAL, R.; GORDON., C. Sociologia, história e romance na construção da identidade nacional através do futebol. In: HELAL, R. **A invenção do país do futebol: mídia, raça e idolatria**. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.

\_\_\_\_\_. A Crise do Futebol Brasileiro: perspectivas para o século XXI. **Eco-Pós** – Publicação da Pós-Graduação em Comunicação e Cultura, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, p. 37-55, 2002.

HELAL, R.; SOARES, A. J. O declínio da de chuteiras: futebol e identidade nacional na Copa do Mundo de 2002. **Compós** - Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, Recife, 2003. Disponível em: [http://www.ludopedio.com.br/rc/upload/files/014338\\_o-declinio-da-patria-de-chuteiras-futebol-e-identidade-nacional-na-copa-do-mundo-de-2002.pdf](http://www.ludopedio.com.br/rc/upload/files/014338_o-declinio-da-patria-de-chuteiras-futebol-e-identidade-nacional-na-copa-do-mundo-de-2002.pdf). Acesso em: 11 fev. 2014.

HOLLANDA, B. B. B.; MELO, V. A. (orgs.). **O esporte na imprensa e a imprensa esportiva no Brasil**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2012.

HOLANDA, S. B. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

KEEGAN, W. J. **Marketing Global**. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2005.

KOTLER, P.; ARMSTRONG, G. **Princípios de Marketing**. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.

KOTLER, P.; KELLER, K. L. **Administração de Marketing: a bíblia do marketing**. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2006.

MARQUES, J. C. **O futebol em Nelson Rodrigues**. São Paulo: Educ/Fapesp, 2003.

MARTÍN-BARBERO, J. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.

MELO NETO, F. P. **Marketing esportivo: o esporte como ferramenta do marketing moderno**. Rio de Janeiro: BestSeller, 2013.

MORGAN, M. J.; SUMMERS, J. **Marketing Esportivo**. São Paulo: Thomson Learning, 2008.

PAIVA, V. Simpatia por clubes do exterior. **Teoria dos jogos**, 17 dez. 2013. Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/blogs/especial-blog/teoria-dos-jogos/post/simpatia-por-clubes-do-exterior.html>. Acesso em: 11 fev. 2014.

PASCHOALINO, C. A Construção e (Des)construção da Identidade da Seleção Brasileira. In: XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - Intercom, 2012, Fortaleza. **Anais do Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. São Paulo: Intercom, 2012. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/navegacaoDetalhe.php?option=trabalho&id=50462>. Acesso em: 11 jan. 2014.

RIBEIRO, D. **O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

ROCCO JR., Ary José. **Marketing e gestão do esporte**. São Paulo: Editora Atlas S.A., 2012.

RODRIGUES FILHO, M. **O sapo de Arubinha: os anos de sonho do futebol brasileiro** (Ruy Castro, org.). São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

RODRIGUES, N. **À sombra das chuteiras imortais: crônicas de futebol**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

\_\_\_\_\_. **A pátria em chuteiras: novas crônicas de futebol**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

SILVA, E. J. **A taça do mundo é nossa!** O futebol como representação da nacionalidade. Governador Valadares: Univale, 2006.

SILVA, T. T. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, T. T.; HALL, S.; WOODWARD, K. (orgs.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 7-72.

SOARES, A. J. G. História e a invenção de tradições no futebol brasileiro. In: HELAL, R.; SOARES, A. J. G.; LOVISOLO, H. (Orgs.). **A invenção do país do futebol: mídia, raça e idolatria**. Rio de Janeiro: Mauad, 2001. p. 13 – 50.

TEIXEIRA, J. P. V. **1923**: investigação sobre a existência de racismo no noticiário esportivo carioca. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

VAZ, A. F. DaMatta: o futebol como drama e mitologia. In: PRONI, M.; LUCENA, R. (Orgs.). **Esporte: história e sociedade**. Campinas: Autores Associados, 2002. p. 139-164.

WISNIK, J. M. **Veneno Remédio: o futebol e o Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T. T. (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 7-72.

## ANEXOS

---

---

## ANEXO 1: COLUNA DE FERNANDO CALAZANS – O GLOBO, 27/03/2013

2 | O GLOBO

calazans@oglobo.com.br

# FERNANDO CALAZANS



## Os conformistas

Foi o José Trajano quem disse uma frase interessante e precisa no “Linha de Passe”, da ESPN Brasil, em sua análise da seleção brasileira: “Estamos nos conformando com pouco.” No caso da seleção, esse conformismo, ao contrário do que se pode imaginar, não vem da imprensa, pois sua maior parte tem sido de fato séria e crítica, nem da torcida, que tampouco tem mostrado entusiasmo com o time.

**A** resignação, desta vez, parece vir mesmo do cerne da seleção, onde técnico e jogadores estão vendo os últimos resultados com absoluta naturalidade, como se fosse da história da seleção brasileira passar tanto tempo sem vencer um outra equipe igualmente... grande! Ou seja: exatamente na época em que o termo “protagonismo” virou moda — e de moda já virou um lugar-comum, desses que a mídia adora ficar repetindo —, a seleção brasileira pentacampeã mundial se contenta em ser mera coadjuvante. Igual a tantas e tantas que se espalham pelo mundo da bola. Lédio Carmona escreveu que “é constrangedor ver a seleção brasileira celebrar empates”.

Felipão está celebrando, acha que tudo vai bem. Os jogadores pensam o mesmo, até o Neymar, cujo futebol anda tão distante daquele que já o consagrou. Sem esquecer, digamos assim, a saída que outros membros da seleção encontraram para “explicar” a escassez de resultados convincentes e relevantes. A mais hilariante ou, quem sabe, mais debochada, foi a de Fred, ao se queixar do estádio e do gramado (segundo ele, “duro”) do Chelsea, em Londres. Parece até que Fred não costuma jogar no gramado de Moça Bonita, só para citar um exemplo entre tantos do Rio de Janeiro e de outros campeonatos. É verdade, Fred implicou com um gramado... europeu!

Por falar em imprensa, há uma outra parte dela, de maioria jovem, para a qual o melhor jogador em campo é sempre aquele que faz o gol. É uma forma primária, superficial, tola, de ver e interpretar um jogo de futebol.

“Quem foi o melhor?”

“Ah, vê quem fez o gol da vitória...”

“Foi Fulano.”

“Então, bota *ele* como melhor”.

Simple assim, ou seja, nem é preciso analisar e interpretar jogo algum. Por sinal que às vezes não é o gol da vitória, basta ser o de empate, como esse que conduziu Fred ao posto de melhor da seleção, para muita gente, no jogo de segunda-feira. Por incrível que pareça, ele, Fred, que só viu a cor da bola em um único e solitário lance.

O melhor, a longa distância dos demais, foi Marcelo, até porque outros jogadores brasileiros de destaque estiveram bem abaixo do que podem render. Kaká (ou será que não pode mais?), Daniel Alves, Neymar... Oscar. Mas escalar Oscar lá pela direita, na extremidade do campo, só pode ser maldade de treinador de futebol. O que mais se aproximou de Marcelo, inclusive na jogada bonita de gol bem concluída por Fred, foi Hulk.

E então, voltando ao princípio, chegamos a uma das questões cruciais: não podemos mesmo nos conformar com uma seleção em que Hulk vira destaque. O velho futebol brasileiro, aquele do pentacampeonato mundial, merece mais do que isso.

## Cabeças perdidas

Há outro caso sério. Sempre achei Hernanes bom jogador, desde os tempos de São Paulo. Muito bom até. Foi por isso que fiquei surpreso, perplexo, quando, ainda no tempo de Mano Menezes na seleção, ele foi expulso de campo, sem contestações, por causa de uma falta grosseira, descabida. Uma falta, digamos, de Felipe Mello, ou mesmo de Marcelo quando perde a cabeça (o que não é raro), mas não uma falta do Hernanes que eu conhecia ou que pensava conhecer.

Jogos mais recentes — inclusive os da seleção de Felipão — estão revelando para mim outro Hernanes. É falta atrás de falta cometida por ele, a maior parte por trás, deslealmente, algumas violentas, precedidas ou seguidas de atitudes de quem perde a cabeça também. É uma pena, porque, entre uma e outra, Hernanes é capaz de continuar fazendo jogadas produtivas, tanto no meio de campo quanto na proximidade da área.

Será que alguém da comissão técnica se disporia a ter uma conversa a respeito com Hernanes? Não sei. Tratando-se de uma iniciativa dentro exatamente da conhecida família Scolari, não creio nisso, não.

## Futuro à vista

Agradeço ao companheiro e amigo Pedro Motta Gueiros, que manteve esta coluna de pé depois que eu tombei em plena sala de cinema e fraturei o ombro. Os artigos do Pedro Motta não se esgotaram neste período. Ao contrário, eles permanecem como ensaios para o futuro. ●

## ANEXO 2: COLUNA DE FERNANDO CALAZANS – O GLOBO, 31/03/2013

calazans@oglobo.com.br

# FERNANDO CALAZANS



## Reerguer estádios e times

Pelo visto, o fechamento (espero que temporário) do Engenhão não causou apenas vergonha em nível internacional para o Rio de Janeiro e para o país-sede da próxima Copa do Mundo. Tratando-se dos cariocas, naturalmente, inspirou também o espírito gozador e ferino de suas torcidas, como me contou um amigo saído da alta roda de um dos nossos botequins mais nobres.

**S**egundo ele, a tal roda de torcedores — além de outras espalhadas pela cidade — estabeleceu o seguinte: agora, o Botafogo tem time mas não tem estádio; o Vasco tem estádio, mas não tem time; e o Flamengo não tem estádio nem time.

É claro que o rubro-negro teria de ser o mais alvejado. Quem manda o time de maior torcida do país do futebol não ter estádio nem time? Num futebol tratado com seriedade e profissionalismo, isso seria indesculpável. Aliás, seria impossível. Logo o clube com a maior torcida...

Não sei bem por que o Fluminense foi poupado da síntese brilhante. Pode ter sido pelo respeito que impõe o título atual de campeão brasileiro. Mas estádio ele tampouco tem, e o time, por enquanto, nem chegou perto do que mereceu a taça no ano passado.

A situação é mais grave do que sugere o bom humor dos botecos. Quem também não tem mais estádio é o Rio de Janeiro. Aliás, em respeito à história de São Januário, que é um estádio, convém corrigir: o Rio não tem mais estádio que possa abrigar os seus clássicos. Por sinal que nosso futebol, hoje, é o futebol do “não tem”. O Rio de Janeiro não tem estádio. Vasco e Flamengo não têm time. Os campeonatos estaduais, com poucas exceções, não têm público. Os clássicos em São Paulo não têm gol. A dois meses da Copa das Confederações e a um ano da Copa do Mundo, o Brasil não tem uma seleção. E, por tudo isso iunto, os adversários não têm mais o

respeito que já tiveram quando enfrentavam o Brasil. Medo, então, é que não têm mesmo.

Basta lembrar os nossos últimos amistosos internacionais. O país que era do ataque virou país do contra-ataque. Hoje, trilado o apito do juiz, quem parte pra cima é o adversário.

A verdade, sem eufemismo e enrolação, é esta aqui: o momento do futebol brasileiro dentro e fora de campo, no gramado e nas obras dos estádios, é de franco declínio. Fiz questão de escrever “momento”, porque um país que é pentacampeão mundial — o único pentacampeão mundial — tem peso, tem tradição para reencontrar seu caminho. Esse reencontro pode ter partida daqui a dois meses, na Copa das Confederações, ou daqui a um ano, na Copa do Mundo. Mas este século, a partir de 2002, no último título mundial conquistado, e lá se vão dez anos, é o marco do declínio do nosso futebol. Sei que a turma do oba-oba — aquela dos “grandes jogos”, “grandes campeonatos”, da “categoria de Fulano, Beltrano e Sicrano” — vai ficar danada comigo, mas não me recorde de outro período de queda tão profunda, porque no lapso entre as Copas de 1970 (tricampeonato) e 1994 (tetracampeonato), tivemos ao menos a geração de 1982, que pode ser relacionada a qualquer coisa que quiserem — menos a uma fase de “declínio” em matéria de futebol.

O Brasil tem um ano para reerguer estádios e reerguer a qualidade do futebol praticado dentro deles. Não é muito tempo, não é fácil, mas não é impossível.

## Torcida em fuga

A coisa está tão feia que até Neymar foi vaiado pela torcida do Santos depois do empate com o Mogi Mirim. Parecia jogo do Rio, entre grande e pequeno: quem era quem?

A realidade é que a torcida não está se deixando levar pelo oba-oba. Não quero citar como exemplo o caso do Neymar, porque acho as vaias (por enquanto) injustas com um jogador como ele. Mas cito o caso do afastamento dos estádios, como está acontecendo sintomaticamente no Rio e em São Paulo. A torcida mais pensante, ou, podemos dizer, mais exigente, vem se afastando do futebol ano a ano. A prova final será o Campeonato Brasileiro, com colaboração da Copa do Brasil.

Por enquanto, a torcida corrobora a tese do declínio de que falei acima.

## O velho ‘machismo’

E, por falar em vaias, o técnico Jorginho, ex-auxiliar de Dunga, agora no Flamengo, defendeu o zagueiro Alex Silva, dizendo que ele foi “macho”. Os torcedores preferiam que ele fosse jogador de futebol — o que ele não é há muito tempo — aliás, nunca foi desde sua primeira passagem pelo clube. Mas tem mania de xerifão, passa o jogo todo enfezado, vociferando contra tudo e contra todos.

Enquanto isso, a diretoria tem a “ideia” de contratar Kleber, vulgo “gladiador”, certamente para fazer dupla de “machismo” com o zagueiro. ●

## ANEXO 3: COLUNA DE JUCA KFOURI – FOLHA DE SÃO PAULO, 28/03/2013

**D6 esporte** ★ ★ ★ QUINTA-FEIRA, 28 DE MARÇO DE 2013 **FOLHA DE S. PAULO**

**O TORCEDOR do Corinthians quer ganhar do São Paulo, neste domingo, no Morumbi.**

Ele não se esquece da derrota para os reservas tricolores na véspera da viagem que resultou no bicampeonato mundial de clubes.

O torcedor do São Paulo quer ganhar do Corinthians, neste domingo, no Morumbi.

Ele não se esquece que passou um bom tempo sem sentir o sabor de vencer o rival e que está na hora de recomeçar a fazê-lo passar pelo mesmo amargor.

Mas o Corinthians terá uma dura tarefa na quarta-feira seguinte ao Majestoso, em Bogotá, a 2.650 metros de altitude, contra o Millonarios, pela Libertadores.

E o São Paulo, no dia seguinte, subirá ainda mais 1.000 metros, sob o risco de cair fora da mesma Libertadores, contra o Strongest, em La Paz, na Bolívia.

O que fazer?

“Ora,” dirão Tite, francamente, e Ney Franco, titemente: “a Libertadores deve ser priorizada, por ser muito mais importante que o Paulistinha. Uma questão que ultrapassa rivalidades. Ou treinabilidades...”.

Quem discordará?

Ninguém, mas, talvez, só até que outra questão se apresente e que deve ser ponderada por nossos ilustres cartolas.

De quem é mais gostoso ganhar, do São Paulo ou do Millonarios? Do Corinthians ou do Strongest?

**La Paz, na Bolívia.**

**O que fazer?**

**“Ora,” dirão Tite, francamente, e Ney Franco, titemente: “a Libertadores deve ser priorizada, por ser muito mais importante que o Paulistinha. Uma questão que ultrapassa rivalidades. Ou treinabilidades...”.**

**Quem discordará?**

**Ninguém, mas, talvez, só até que outra questão se apresente e que deve ser ponderada por nossos ilustres cartolas.**

**De quem é mais gostoso ganhar, do São Paulo ou do Millonarios? Do Corinthians ou do Strongest?**

**Quero ganhar do...**

**JUCA KFOURI**

**Tente entrar nas cabeças dos técnicos Tite, Ney Franco e Felipão. Quanta confusão!**

Mas, se os presidentes dos dois clubes determinarem a escalação dos titulares a todo risco, a possibilidade de o quarto clássico paulista seguido terminar 0 a 0 neste 2013 será enorme, porque o jogador sabe onde lhe aperta a chuteira — e agrada o bolso.

A rivalidade entre os grandes vale mais, na hora da disputa, do que qualquer taça.

É o que diz a emoção, derrotada em seguida pela razão quando um corintiano é capaz de preferir perder todos os Majestosos do ano, mas comemorar o título mundial, como em 2012.

E vice-versa.

Os são-paulinos parecem dar até mais valor para a Libertadores do que para o Mundial.

Exagero que merece começar a ser questionado, para que o Brasileiro não vire só um torneio classificatório para a taça continental.

Talvez seja influência de Fernando Pessoa, pois estas mal traçadas foram escritas em Lisboa e o gênio,

como se sabe, foi quem disse que o rio da aldeia dele era mais belo que o Tejo, por não ser o Tejo o rio da aldeia dele.

Lisboa que ainda cultua o Felipão, embora não sejam poucos os que o criticam, tema da coluna neste domingo.

Porque o português viu sua seleção perder a final da Eurocopa, em casa, para a Grécia, em 2004. Não foi para a Itália, a Alemanha, a Inglaterra ou a França, mas para os gregos.

Itália, Alemanha, Inglaterra e França que as seleções de Mano Menezes, e de Felipão, não conseguiram vencer, ao contrário da de Dunga.

E o torcedor brasileiro quer ganhar dos grandes.

Ney Franco, Tite e Felipão têm de agradecer gregos e troianos, são-paulinos e corintianos.

**COLUNISTAS DA SEMANA** segunda: Juca Kfourí e PVC, terça: Lúcio Ribeiro, quarta: Tostão, quinta: Juca Kfourí, sexta: Fábio Seixas, sábado: Edgard Alves e Xico Sá, domingo: Juca Kfourí, PVC e Tostão

## ANEXO 4: COLUNA DE JUCA KFOURI – FOLHA DE SÃO PAULO, 31/03/2013

**D4 esporte** ★ ★ ★ DOMINGO, 31 DE MARÇO DE 2013 **FOLHA DE S. PAULO**

**O COMPROMISSO, assumido na última coluna, era o de falar sobre como os portugueses veem Felipão sete anos depois de ele ter comandado as campanhas lusas que redundaram no vice-campeonato da Eurocopa, em 2004, e no quarto lugar na Copa da Alemanha, em 2006.**

A colocação no Mundial é mais valorizada que a na Euro, porque a derrota para a Grécia continua entalada.

Já as “velhinhas”, como dito por um torcedor que não perdoa o técnico, permanecem mantendo a coação dele nas alturas, a quem atribuem o resgaste do amor próprio do povo português.

Mas não dá para ir fundo nesta complexa relação depois de tudo, nesses últimos dias, que cercou a dupla Romário e Ronaldo — que foi fabulosa sem quase nunca ter sido.

Porque o hoje deputado, que demorou a se dar conta de quem é a triste figura de Ricardo Teixeira e se deixou enganar por curto período pela patética máscara de José Maria Marin, agora se ilude com Andres Sanchez, que tem tudo para ser mais do mesmo, porque fruto da podre estrutura de poder em nosso futebol.

Negar méritos a Sanchez na ressurreição corintiana é injusto, como é ingênuo esquecer o quanto Lula tem a ver com esta.

Romário está correto ao apontar Marco Polo Del Nero como o bruxo

**A dupla Ro-Ro pirou**

**JUCA KFOURI**

**Romário ainda se ilude, apesar de agir bem. E Ronaldo Fenômeno não engana mais ninguém**

da vez, mas erra ao imaginar que Sanchez possa ser a solução para a CBF.

Incomparavelmente pior tem sido a atuação de Ronaldo.

Depois de se deixar usar por Teixeira no COL, e permanecer no papel com Marin, o garoto-propaganda de bebida alcoólica e explorador da imagem de Neymar, além de intermediário na venda de assentos para estádio da Copa do Mundo que o tem como representante, eis que será também comentarista de TV.

Parece que o conflito de interesses foi inventado em sua homenagem.

O comentarista, que não poderá criticar o eventual desabamento da cobertura de um desses estádios superfaturados, e terminados às pressas, aparecerá no intervalo dos jogos, em que Neymar deverá ser preservado, para vender cerveja.

Porque Ronaldo agora é do COL, da Ambev, da Nine e da Globo e pa-

rece ter desistido de ir passar uma temporada em Londres para estudar, como anunciara — para alívio da rainha que correria o risco de perder o trono.

Como conciliar isso tudo?

Como seria melhor se houvesse uma máquina do tempo e a dupla Ro-Ro pudesse voltar a jogar — para ajudar o Palmeiras a golear o Mirassol.

De quebra, Sanchez poderia rever suas posições e não se aliar ao mafioso Boris Berezowsky, da MST assim como evitaria seus parceiros bicheiros em Parque São Jorge.

E Romário poderia pensar melhor para não dizer o que disse sobre o ex-cartola corintiano, cumplice lembre-se, de Teixeira na CBF.

Já o Felipão ganharia dos gregos e voltaria ao Brasil como o verdadeiro dom Sebastião.

## ANEXO 5: COLUNA DE TOSTÃO – FOLHA DE SÃO PAULO, 31/03/2013

FOLHA DE S. PAULO

DOMINGO, 31 DE MARÇO DE 2013 ★ ★ ★ esporte D3

**A arte e o artista**

TOSTÃO

**Messi, pela média muito maior de gols e pela regularidade, está, tecnicamente, acima de Maradona**

*JMA CORREÇÃO. Na coluna anterior, escrevi que a seleção tem vários problemas, mas que não está tão ruim nem totalmente desatualizada na parte tática. Retiraram a palavra totalmente. Ficou como se a seleção estivesse atualizada. Mudou o sentido. Escrevo, há mais de dez anos, que o futebol brasileiro não sabe marcar por pressão, deixa muitos espaços entre os setores, atua com zagueiros encostados à grande área, que há muita distância entre o jogador mais recuado e o mais adiantado e que depende demais das jogadas aéreas e de lances individuais e esporádicos.*

Espanha e Alemanha são as duas melhores seleções. O Brasil não está entre as quatro melhores, mas, por jogar em casa, é a quarta com mais chances de ganhar a Copa. A Argentina é a terceira. Se o Mundial não fosse em casa, as possibilidades do Brasil seriam mínimas.

A Espanha, mesmo sem um ótimo atacante, é a melhor. Sobram craques no meio-campo, além de vários excelentes defensores. Contra a França, como na Copa de 2010, a Espanha, fora de casa, dominou a partida, ficou quase todo o tempo com a bola, fez um gol e segurou o placar.

Critiquei, várias vezes, Vicente del Bosque por escalar dois volantes (Busquets e Xabi Alonso) mais Xavi e um volante (Busquets). Agora, compreendo o técnico. Além de melhorar muito a marcação, Xabi Alonso é excepcional, mestre no passe rápido, para a frente e para o atacante livre, antes que chegue o zagueiro.

A Alemanha possui um ótimo conjunto, como a Espanha, porém tem menos craques. Nas duas últimas partidas, o técnico, por causa das contusões dos dois centroavantes, Mario Gómez e Klose, colocou, mais à frente, o jovem e brilhante meia de ligação Götze, reserva de Özil. O técnico deve ter gostado. Ele tem a chance de escalar mais um craque.

A Argentina possui o melhor quarteto ofensivo entre as seleções, formado por Messi, Higuain, Agüero e Di Maria. Faltam reservas à altura dos quatro. A Argentina, após a chegada do treinador e a saída dos zagueiros veteranos, arrumou a defesa, que era o ponto fraco.

Messi sabe que precisa ser campeão e brilhar intensamente para ficar na história acima de Maradona. Tecnicamente, já está, por ter uma média muito maior de gols e pela regularidade. Messi é humilde, simples, discreto, mas é também ambicioso, como todo craque.

O maior compromisso de um grande talento, em qualquer atividade, é com sua arte, com sua paixão. Não é com o sucesso, a fama e o dinheiro. Por isso e para evoluir, o craque precisa se dedicar bastante à sua técnica, além de atuar ao lado e contra os melhores atletas e times. Imagine se Messi jogasse em uma grande equipe da Argentina. Seria excepcional, mas não seria Messi. Seria um Neymar.



## ANEXO 6: COLUNA DE FERNANDO CALAZANS – O GLOBO, 08/04/2013

calazans@oglobo.com.br

# FERNANDO CALAZANS



## Gols que empolgam

O adversário não chega a ser um parâmetro, nenhum time pequeno é, mas outros times chamados de grandes têm passado maus momentos. O Botafogo, pelo menos, não. Enfiou três gols no Olaria, em jogadas individuais bonitas e bem finalizadas por Lodeiro e Vitinho (duas). O Botafogo pode não ser o melhor time do Rio, por causa do Fluminense, não sei, mas é com certeza o melhor time do Campeonato do Rio.

**E** tem mostrado coisas curiosas, como por exemplo as atuações de Rafael Marques nos dois últimos jogos, contra Vasco e Olaria, seis gols a favor, nenhum contra. Duramente criticado, com razão, por suas atuações como atacante fixo, ele cresceu inesperadamente ao sair mais da área para dar espaço a um segundo atacante. Vejam só: melhorou o toque de bola, está acertando passes, fazendo gol e oferecendo outros para os colegas. Devem ser as tais surpresas do futebol.

Ontem, ele teve outra atuação interessante, mesmo superado pelos dois citados acima, Lodeiro e Vitinho. Depois de um primeiro tempo em que o goleiro Gustavo anulou as poucas jogadas do Botafogo, o cenário mudou no segundo. Primeiro com Lodeiro, que tem sido sempre um dos melhores do time e que começou a resolver a parada: aproveitou o escorregão do zagueiro, partiu pra cima, se livrou da marcação e tocou para o gol.

Lodeiro começou, e Vitinho acabou com a parada e com o jogo, depois de entrar no lugar de Bruno Mendes. Foram duas jogadas individuais, aos 34 e aos 46 minutos, dois chutes muito bem desferidos, dois golaços, grande atuação. A torcida já está empolgada, fazendo questão da presença do garoto de apenas 19 anos.

## Hitchcock, Fred e Rhayner

O Fluminense, que anda cheio de novidades, agora adquiriu um toque hitchcockiano, espero que na intenção de homenagear o grande diretor de cinema. Fred fez exames ontem, mas o resultado, e seu consequente aproveitamento no jogo com o Grêmio, quarta-feira, só serão anunciados hoje.

Os médicos querem fazer um exame mais atualizado ou será mesmo um suspense criado para intrigar a imprensa e, mais ainda, o adversário em seus preparativos para o grande jogo?

A vitória de sábado sobre o Resende (2 a 0) teve acontecimentos de caráter antagônico para o Fluminense. Primeiro, logo no início, a contusão de Fred às vésperas de jogo tão importante da Taça Libertadores, sonho do clube este ano. Depois, no segundo tempo, o gol com que Rhayner espera encerrar sua longa fase de aridez. Foram 83 jogos, dois anos, sem fazer gol. É bem verdade que ele não pretendia fazer o gol. Quis fazer um cruzamento, e a bola acabou entrando. Mas a jogada, ótima jogada, foi dele mesmo.

E, para bem da verdade outra vez, deve-se dizer que Rhayner tem sido jogador de grande utilidade para o Fluminense, pelo futebol que tem mostrado e também pelo empenho, pela entrega à competição. A torcida tricolor tem sido uma aliada fiel do atacante, mesmo quando o gol não entrava.

O técnico Abel acredita que agora, com sustentação maior ainda, inclusive no aspecto do moral, uma fase mais fértil terá início. Eu também acredito no Rhayner.

## Amistoso amadorístico

É mesmo uma beleza enfrentar em amistoso a Bolívia no atual momento (ainda) de experiências da seleção brasileira. Felipão, inclusive, deve ter adorado, como adorou a participação de Ronaldinho Gaúcho, que parecia mesmo estar jogando pelo Atlético Mineiro. Mas o que pesou, na verdade, não foi o time em que Ronaldinho atuava, foi sim o time que Ronaldinho enfrentava. Exatamente o time amadorístico da Bolívia.

Então fica tudo mais fácil, como ficou desde o início, com os bons passes de Jean, Ronaldinho Gaúcho e Jádson para os gols de Leandro Damiano (que, além disso, fez faltas abomináveis em jogo tão desimportante), e de Neymar (dois).

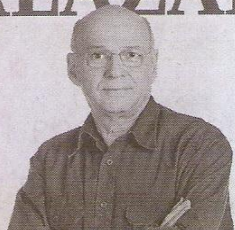
Tão desimportante que no segundo tempo o Brasil não quis mas saber de jogar, prejudicando um pouco jogadores que entraram naquela hora para ser testados, como Pato, Osvaldo, Leandro e Dória. Mesmo assim, Leandro fez o quarto gol nos acréscimos finais, e Osvaldo foi um dos melhores e mais entusiasmados no campo. Em mais essa oportunidade, Jefferson nem pôde (e não precisou) exibir sua habitual categoria e seu senso de colocação.

Para piorar a fama do amistoso, o nome do garoto boliviano Kevin Spada morto num jogo da Libertadores, a quem seria (ou foi) destinada parte da arrecadação, não foi lembrado sequer no minuto de silêncio que antecedeu o jogo. O reverenciado foi (é claro) um ex-cartola da Federação Boliviana, num ato altamente representativo do atual estágio de cafajestagem do futebol sul-americano. ●

## ANEXO 7: COLUNA DE FERNANDO CALAZANS – JORNAL O GLOBO, 10/04/2013

calazans@oglobo.com.br

# FERNANDO CALAZANS



## Alvorço fora de hora

O Departamento Médico do Fluminense e a cabeça do técnico Abel estão um alvoroço só. Uma quantidade de jogadores importantes nas dependências do primeiro, uma quantidade de interrogações nos meandros da segunda. Tudo isso, neste momento decisivo para o time na Taça Libertadores, a começar por hoje, no jogo contra o Grêmio, no Sul. Não podia haver ocasião pior.

**F**red, Deco, Wellington Nem, Thiago Neves, Valencia, para falar só em nomes assíduos no time titular, são alguns dos frequentadores do departamento. Os dois primeiros não chegam a ser novidades, mas, quando a eles se junta o Wellington Nem, a escalação do time começa a ficar muito mais complicada.

Apesar disso e das interrogações, Abel parece ter o time desenhado em sua cabeça para o jogo de logo mais: Cavalieri, Bruno, Gum, Leandro Euzébio e Carlinhos; Edinho, Jean, Wagner e Rafael Sóbis; Michael e Rhyner. Não seria um mau time se a gente não soubesse a falta que fazem Fred e Wellington Nem e a falta que fazia o Deco em seus melhores tempos, como no ano passado.

O setor mais desfalcado, naturalmente, é nada menos do que o ataque. Michael e Rhyner têm se saído bem — Rhyner chegou a marcar um gol depois de dois anos, o que pode lhe dar mais confiança — mas, atuando juntos, sem alguém de peso maior ao lado, o time todo pode perder seu poder ofensivo. Imagine seu time desfalcado de Wellington Nem e Fred de uma vez só.

Tenho uma preocupação particular em relação a este jogo. É que, com o time gravemente desfalcado, no campo do forte adversário, em jogo de tal relevância, Abel exagere no seu espírito defensivo, o que atrairia o adversário para cima do Fluminense. Cautela, num jogo desses, é mesmo recomendável, mas deve ser utilizada na medida exata.

## Ironia do futebol

Em sua histórica entrevista ao nosso caderno de esportes, e entre os vários temas abordados, o técnico Paulo Autuori disse que pontas ainda têm lugar no futebol, notadamente agora que, em alguns campos, sobretudo na Europa, eles voltaram a dar o ar de sua (imensa) graça. A propósito, o leitor Rogério de Oliveira enviou mensagem lamentando que nossos verdadeiros pontas tenham desaparecido do mapa do futebol, e que agora tenhamos de ver jogadores de outras posições deslocados para fazerem o papel dos antigos.

Não quero discutir se a mudança tática operada no século passado, e que matou os pontas, foi boa ou foi ruim para o futebol. Mas que chega a ser engraçado — ou mesmo ridículo — nossos times e nossa seleção escalando jogadores do meio para ocupar a lateral do campo por causa da necessidade de abrir o jogo e criar jogadas pelas pontas — quanto a isso não tenho dúvida mesmo.

Só para citar o exemplo da nossa querida seleção, nos últimos tempos, lembro-me de Neymar e até o pobre do Lucas jogando paticamente fixos na ponta esquerda, na seleção de Mano Menezes. Agora, fui obrigado a ver o valoroso meia Oscar atuando permanentemente na ponta direita, na seleção de Luiz Felipe Scolari, e sem jogar nem a décima parte do que joga em sua verdadeira posição. Também vi Neymar na ponta esquerda do mesmo jeito.

Se o sumiço dos pontas que tínhamos no passado se deveu à necessidade de que eles tivessem, hoje, que cumprir mais funções — como voltar atrás para ajudar a marcação, por exemplo — teria sido muito mais fácil adaptar aqueles pontas às novas exigências do que deslocar jogadores do meio para fazer papel de extremas. Ou não seria?

Não quero defender que pontas estáticos continuassem a esperar a bola chegar a seus pés na extremidade do campo. Ao contrário, quero defender os meias-armadores, coitados, que são isolados naquela mesma extremidade, sem características da posição. Não ganhamos um ponta e ainda perdemos um amador de jogadas pelo meio. É o que se vê repetidamente, porque nossos técnicos, daqui e de fora, descobriram, quero dizer, REDESCOBRIRAM como é essencial ter jogadas pelos lados que não sejam entregues apenas aos chamados alas. Não sei se a mudança imposta pelas duas épocas era ou não era inevitável. Sei que ela é perversamente irônica.

## Questão de tempo

Renato Abreu reagiu às críticas da torcida do Flamengo e da imprensa sem perder a compostura. Mas declarou, estranhamente, que “até pouco tempo nosso time era considerado o melhor.” Sinceramente, não me lembro dessa qualificação. Só se Renato Abreu se referia ao time campeão mundial de 1981 e toda aquela geração de Zico, Adílio, Leandro, Júnior, Andrade, Mozer... Então, era um pouco melhor mesmo... ●

## ANEXO 8: COLUNA DE FERNANDO CALAZANS - JORNAL O GLOBO, 14/04/2013

calazans@oglobo.com.br

# FERNANDO CALAZANS



## Autodestruição

Quem assistiu ao jogo — ou clássico — entre Grêmio e Fluminense, no meio da semana, não deve ficar tão surpreso com a colocação do Brasil no ranking da Fifa. A seleção brasileira caiu mais uma posição e está, neste momento, em 19º lugar, atrás de países como Croácia, Colômbia e Equador, que nunca sonharam em chegar a uma final de Copa do Mundo. Repetindo: o Brasil está em 19º lugar... No futebol!!!

**N**ão sei, sinceramente, se esse ranking, por ser coisa da Dona Fifa, pode ser confiável, mas a julgar pelos dois primeiros colocados, parece que sim. São Espanha e Alemanha. Perfeito. Então passa a ser provável que o 19º lugar expresse a mesma justiça. É o Brasil.

Mas o que tem a ver com isso o jogo — ou clássico — entre Fluminense e Grêmio? É que todos esperávamos que um jogo da Taça Libertadores entre dois grandes do futebol brasileiro, com boa campanha na competição, rivais no mesmo grupo — todos esperávamos que o jogo, ou clássico, fosse um jogão. E acabou sendo um joguinho.

Pouco futebol, pouca criação de jogadas de gol, pouca ambição ofensiva, nenhum golzinho em 90 minutos. Zero a zero (cabendo dizer que houve um gol de Rhayner muito mal anulado). Em compensação, tivemos faltas à vontade (sobretudo do Fluminense), entradas desleais (sobretudo do Grêmio), como a que originou a expulsão corretíssima de Cris, chutando adversário por trás), times armados definitivamente com a intenção de defender, pouquíssima participação dos goleiros, grande satisfação dos dois lados com o 0 a 0 final do joguinho. Foi uma espécie de sumário do futebol jogado atualmente aqui no país, onde se podem enxergar, no momento, talvez duas verdadeiras exceções: Atlético Mineiro e Corinthians.

Além do brevemente exposto aí em cima, pudemos assistir a um vício deliberado do futebol brasi-

leiro, quero dizer, dos técnicos brasileiros: a clara, claríssima instrução para parar as jogadas com faltas — sobretudo as jogadas de contra-ataque, como foi muito bem observado na transmissão da TV Globo, inclusive pelo sério comentarista de arbitragem Renato Marsiglia. Este vício também chamado de “rodízio de faltas”, como se viu nitidamente na marcação exercida sobre o meia Zé Roberto, do Grêmio, e que é uma das coisas que mais se fazem presentes em nos nossos campos, de uns tempos pra cá: a falta proposital, deliberada, ensaiada, para paralisar jogadas de contra-ataque e evitar que a própria defesa seja apanhada desprevenida, com espaços abertos. Chamadas também de “faltas táticas”, que foram praticadas pelos dois times, pelos “professores” dos dois times.

Já que nossos professores em geral — atrasados, como observaram em pequeno intervalo o brasileiro Paulo Autuori e o alemão Paul Breitner — não sabem criar novas jogadas nem seguir as novas filosofias de jogo, tratam de preparar seus alunos para interromper com faltas as jogadas dos outros. Eles, os “comandantes”, como também são chamados, acham mais fácil jogar assim.

Justamente por se tratarem de dois clubes cheios de glória como Grêmio e Fluminense — não de dois pobres coadjuvantes — é que o jogo, ou clássico, vira uma representação do futebol ora classificado em 19º lugar no ranking da Fifa. Os alertas de Breitner e Autuori — que atingiram o alvo em cheio, embora alguns poucos “professores” daqui tenham ficado zangadinhos — parecem estar mudando também a percepção de parte da crítica que antes se mostrava tão cerimoniosa e bem-comportada na análise do trabalho de nossos técnicos e jogadores.

O futebol brasileiro e a qualidade de nossos jogos vêm decaindo neste século, e não é por causa somente dos cartolas, das confederações e federações, dos calendários, das tabelas malfeitas, dos gramados ruins, das torcidas organizadas e violentas, da insegurança nos estádios, da desorganização infinita na venda de ingressos, da arbitragem chinfrim, da chuva, do sol, do vento, dos mosquitos... Antes fosse SÓ isso.

Pior é que uma das causas mais profundas está exatamente dentro dos campos de treino e de jogo, no trabalho dos nossos “professores” e “alunos”, a forma chucra, rasteira, de enxergar o futebol sem exigência de qualidade, de técnica, de talento, de beleza. De criação, enfim. “Não podemos deixar eles jogarem. Vamos parar as jogadas com falta.” “Pega, pega”, gritam os “professores” à beira do campo, onde não param de vociferar um só minuto. É tudo que seus “alunos” querem ouvir para fazer como o Cris fez com o Rafael Sóbis (dois chutes por trás), ou como dias antes o Sandro Silva fez com o Fellype Gabriel, no jogo entre Vasco e Botafogo (um carrinho de sola no tornozelo).

“É mais fácil destruir do que criar.” O velho chavão, velhíssimo, parece orientar a preparação de nossos times na nova era que se apresenta em certos campos de fora. É assim, então, que o futebol brasileiro vai se destruindo. Ou com mais ênfase ainda: vai se autodestraindo. ●

## ANEXO 9: COLUNA DE FERNANDO CALAZANS – O GLOBO, 21/04/2013

calazans@oglobo.com.br

# FERNANDO CALAZANS



## Lágrimas de São Januário

Outro dia um amigo, fiel torcedor do Vasco, fez uma comparação que me deixou assustado pela impressionante franqueza. Disse ele que, se nada mudar (e melhorar) pelas bandas de São Januário, o clube corre o risco de seguir o caminho de América e Bangu, que deixaram para trás seus momentos de glória e desapareceram do círculo estelar do futebol do Rio.

**O** tema tinha como acontecimento central a venda de Dedé — afinal liberada ou bloqueada pela Justiça? — para outro clube do Brasil, companheiro do Vasco no rol dos chamados grandes. É o Cruzeiro, de Belo Horizonte. Embora da mais alta linhagem do futebol, o clube comprador nem se trata de um desses europeus milionários capazes de despende 50, 80 ou 100 milhões por um craque de renome. O que o Vasco deve angariar com o negócio (14 milhões) é de fazer chorar.

Não tanto por ser pouco dinheiro, mas sobretudo levando em conta o que Dedé representava no Vasco atual. Eu, por mim, não quero (nem posso) asseverar que o Vasco esteja trilhando o caminho do abismo profundo, o caminho do desaparecimento, mas, que está em queda inédita e preocupante, não há dúvida. Queda tão constrangedora que, creiam ou não, há muita gente em São Januário começando a sentir saudades do ex-deputado e ex-presidente do clube. Que perigo!

Porque é realmente entristecedor, chega a ser deprimente, que um clube como este, o histórico Vasco da Gama, tenha que se desfazer do maior ídolo atual do time e da sua grande torcida para pagar salários atrasados de jogadores, de comissão técnica, de funcionários contratados seja por competência, por amizade, por interesse ou por nepotismo.

E, pior, para receber por empréstimo — ou por uma espécie de favor, ou de gorjeta — outros jogadores que nem chegam aos pés daquele que está indo embora (está mesmo?).

Nunca imaginei, em meio século de olho no futebol, que o Vasco fosse chegar a esse ponto. E agora só estou de olho no que a diretoria vai fazer para sair dessa. Se é que vai fazer e que vai sair.

## CBF e Conmebol

Como estava escrito há quatro dias, num título de reportagem aqui no caderno de esportes, “Federações se unem pela permanência de Marin e aprovam contas sem ressalvas.”

Isso é que é confiança, hein? Confiança unânime das federações do país, apoio unânime diante das acusações de ligação com a ditadura e envolvimento na prisão do jornalista Vladimir Herzog (depois assassinado), compreensão absoluta no caso da compra da nova sede da CBF, aprovação de todas as contas e de tudo que vier mais tarde também. Tudo em ordem na CBF.

O que é prova, mais uma, de que a situação do futebol brasileiro, em geral, está longe de ser responsabilidade apenas da Dona CBF. Paremos de falar mal só dessa senhora. As federações estaduais são da mesma estirpe. E, por que não?, nossos clubes também, a começar pelos grandalhões, que não fazem outra coisa senão baixar a cabecinha, curvando-se diante dessas “poderosas” entidades. Curvam-se diante de suas respectivas federações estaduais, como se curvam diante da CBF, mesmo que seus interesses sejam seguidamente ignorados, desrespeitados, atirados para debaixo do tapete.

E todos os citados acima — clubes, federações e confederação brasileiras — se curvam também, feito cordeirinhos, diante da vergonha que é essa Conmebol, promotora da vergonha que é essa Copa Libertadores da América.

Porque não há dúvida: esta Libertadores (se podemos chamá-la assim) é uma vergonha, não por ela, uma competição que deveria ser tão nobre, mas por esta Conmebol que não tem vergonha da selvageria que promove, e diante da qual se omite, se esconde, se acovarda, assim como as Federações dos países participantes e — mais uma vez — dos “grandes” clubes submissos que a disputam. Mais um jogo termina em pancadaria, Huachipato 1 x 1 Grêmio, desta vez tendo como figuras centrais, vejam só, os técnicos — Jorge Pellicer e Vanderlei Luxemburgo — que se acusam mutuamente. Afinal os dois, assim como outros colegas espalhados por aí, são “professores” de quê? De futebol, é que não são, pelo que estamos vendo nesta competição esportiva desonrosa para os povos da América do Sul. Resta saber como tratará do caso essa Conmebol de quinta categoria.

## Tomara

Houve algo de bom na rodada da Libertadores do meio da semana? Sim, a ótima atuação de Paulo Henrique Ganso na vitória do São Paulo contra o Atlético Mineiro, que aliás não jogou nada. Será o renascimento de Ganso como craque do futebol que ele prometia ser? ●

## ANEXO 10: COLUNA DE FERNANDO CALAZANS – O GLOBO, 22/04/2013

calazans@oglobo.com.br

# FERNANDO CALAZANS



## Guerreiros sul-americanos

A julgar pelo que temos visto ultimamente, a raça, a força, os times de guerreiros, em vez de jogadores de futebol, ganharam a batalha. Hoje, é o que mais se espera do jogo, e o que mais inflama e estimula a plateia a praticar também atos de violência nos campos da América do Sul, incluindo o Brasil: raça, força, guerra. Mas vamos fazer o seguinte: vamos botar aspas nessas palavrinhas.

**A**ssim: A “raça”, a “força”, os times de “guerreiros” em vez de jogadores de futebol ganharam a batalha. Por que as aspas? Porque essas palavras ditas assim, exaltadas assim, a torto e a direito no jogo de futebol, essas palavras, repito, que a princípio seriam normais, adquiriram sentidos diferentes no contexto altamente violento do futebol sul-americano de hoje.

Raça e força, por exemplo, deveriam ser inerentes às disputas esportivas entre rivais. São exigências da competição. Só que, com a vulgaridade do seu emprego, acabaram por se sobrepor à própria exigência de saber jogar e de poder proporcionar um espetáculo bonito de futebol. O importante é a “força”, é a “raça”, é a vitória a qualquer custo, ainda que seja no braço, na violência, no pontapé, no rodízio de faltas para parar o rival ou na briga generalizada dentro de campo.

O resultado é que, enquanto a Europa se esmera (ou tenta) no exercício de um futebol mais técnico e plástico, nós, sul-americanos, estamos criando novas gerações que já se acostumaram como esse jogo bruto, grosseiro, e que, no caso de torcedores, vão aos estádios sem nenhuma exigência de apreciar um espetáculo esportivo de futebol.

Tostão escreveu uma frase precisa: “As pessoas, aos poucos, se acostumam (com a violência) e não percebem a gravidade. Por isso, pela pouca qualidade técnica, diminui cada vez mais o número de torcedores que têm prazer em ver futebol.”

Jogadores e técnicos já se acostumaram também, há mais tempo até. Nem esses acontecimentos na Taça Libertadores da América lhes causam incômodo. Como Ugo Giorgetti observou, com precisão também, técnicos e jogadores, quando indagados sobre as demonstrações de selvageria na competição, em geral dizem assim: “Isso é a Libertadores.” E aproveitam para exaltar a “raça”, a “força”, o time de “guerreiros”. Desde que vençam, de qualquer maneira, nem querem saber se o time jogou bem ou jogou mal.

Não é de espantar tanto. Até na mídia, na chamada crítica, ou seja, aquela que deveria zelar justamente por qualidade, há quem não se revolte com as cenas deprimentes que se veem nos campos da América do Sul. Simplesmente as ignora, por causa daquilo mesmo exposto um pouco acima: muitos já se acostumaram com a pancadaria, que virou algo normal, corriqueiro.

Afinal, não dizem que “futebol é pra homem”? Não dizem também que “falta é do jogo”? E, com mais cinismo ainda, até para justificar as tantas faltas, não dizem que “futebol é jogo de contato”?

Botem contato nisso. Essa Taça Libertadores da vergonhosa Conmebol está aí como prova, com toda a sua impunidade.

## Diferença nas semifinais

O jogo final da Taça Rio já está delineado desde ontem: Botafogo x Fluminense. Quanta surpresa, não é? Neste tipo de competição, como é hoje o Campeonato Estadual do Rio, as surpresas não estão nas presenças, e sim nas ausências. No caso, as ausências de Flamengo e Vasco nos jogos decisivos.

Surpresas em parte, quero dizer. Só para quem não viu jogar os times de Vasco e Flamengo. Para quem viu, as ausências não são espanto. Quem viu, ou quem já vê há algum tempo o futebol carioca, sabe muito bem que, em matéria de elenco, o Fluminense é o melhor. Na teoria, portanto. E sabe muito bem que, na prática, o Botafogo é o melhor time deste campeonato que chega à fase decisiva.

Na última rodada da Taça Rio, Botafogo e Fluminense já estavam tão serenos, tão bem acomodados, que entraram com times praticamente de reservas. Agora, vejam bem a diferença: o Resende, também classificado para as semifinais, perdeu simplesmente para o Boavista nesta última rodada. É com essa diferença entre os dois grandes e os dois pequenos que serão disputadas as semifinais.

## Aproveitem bem

Flamengo e Vasco entram num período que está sendo chamado de “intertemporada”. Uma fase de treinos para o Campeonato Brasileiro. O técnico do Vasco, Paulo Autuori, está consciente de que o time exige reforços: “É impossível abrir mão de tantos jogadores e não trazer outros”. É sim.

O Flamengo parece animadíssimo com as duas últimas vitórias, com os gols de Hernane, com um gol enfim do Nixon, com João Paulo, com Ramon, Cléber Santana, Wallace... Eu hein! ●

## ANEXO 11: COLUNA DE FERNANDO CALAZANS – O GLOBO, 28/04/2013

calazans@oglobo.com.br

# FERNANDO CALAZANS



## Sem mais desculpas

Na atual conjuntura do futebol brasileiro, não é de se estranhar que o Estadual do Rio, entre outros, tenha sido tão fraco. Além dos problemas de estrutura como estádios e gramados, tivemos a ausência de público, times pequenos em quantidade, times grandes em fase ruim, com exceção do Botafogo. E, talvez, do Fluminense, do qual se espera enfim uma atuação digna, na semifinal de hoje, contra o Volta Redonda.

**U**ma atuação, digamos assim, de campeão brasileiro que ele é. Mesmo prejudicado por contusões de jogadores importantes e mesmo ocupado em jogos da Copa Libertadores, o Fluminense ficou devendo à torcida e à crítica a exibição que poderia proporcionar, com ou sem esses problemas. O clube tem elenco para fazer isso, em vez de se mostrar, como ocorreu na maioria dos jogos, tão tímido e pouco confiante. A oportunidade de hoje é decisiva, e a repetição de desfalques não pode servir de desculpa.

## O fruto da presunção

Um assunto domina as discussões sobre o futebol brasileiro atual e está longe de perder a validade. Por isso, reproduzo aqui trecho do artigo que escrevi sexta-feira para o “Globo a Mais”, nosso vespertino para tablet:

“O meio da última semana — com a atuação dos times alemães nas goleadas sobre os espanhóis na Liga dos Campeões e com o empate da seleção brasileira contra a chilena — podia e devia ser o ponto de partida para a recuperação do nosso futebol no cenário mundial. Isso, naturalmente, se os treinadores brasileiros não tivessem a arrogância que têm, a soberba de se acharem intocáveis, acima de todos os questionamentos, e revissem imediatamente a formação de seus times e a formação de

nossos jovens jogadores nas categorias de base.

“Porque foram duas apresentações absolutamente distintas de uma mesma modalidade esportiva. De um lado, Bayern de Munique 4 x 0 Barcelona e Borussia Dortmund 4 x 1 Real Madrid; de outro lado, Brasil 2 x 2 Chile. Nem tanto pelos placares avantajados dos jogos europeus, mas sim pela forma de atuar daqueles times. Com jogadores agrupados, bem próximos uns dos outros, os setores das equipes também — defesa, meio de campo e ataque —, troca de passes em espaços mais curtos, velocidade da bola, não dos jogadores em correrias inúteis, marcação adiantada no campo do adversário e outras coisas mais.

“Tudo diferente do que fazemos aqui: setores do time afastados, distância gigantesca entre defesa e ataque, chutões pra frente estimulando as tais correrias insanas, dispersão completa pelo campo, falta de movimentação. (...)

“(...) De técnicos brasileiros já ouvimos, nos últimos meses, que seus colegas de fora só poderiam ser considerados bons mesmo se trabalhassem nos nossos campeonatos, e já ouvimos também que não precisamos deles aqui. Sentiram a presunção? Diante disso, não pode haver surpresa por causa do nosso atraso atual.”

## Outra diferença

Agora, uma coisa nova sobre os dois jogos da Liga dos Campeões da Europa, reunindo quatro grandes rivais: duas goleadas humilhantes, como até os espanhóis classificaram os resultados, seus times praticamente eliminados nas semifinais da competição — e nenhuma briga ou desentendimento entre jogadores ou técnicos, durante e após as partidas. Ao contrário, cumprimentos aqui, ali e acolá. Imaginem se fosse na Libertadores da América desta nossa Conmebol!

## Aldir Blanc e Casagrande

Dizem que, no Brasil, música e futebol andam sempre lado a lado no cenário da cultura popular. Dois lançamentos já em destaque nas livrarias são mais uma prova de sucesso da dobradinha.

O primeiro é “Aldir Blanc — Resposta ao tempo”, da Casa da Palavra. Nosso compositor e poeta tem a vida contada pelo jornalista Luiz Fernando Vianna, craque neste e em outros temas culturais. Como se não bastasse, a obra apresenta todas as letras e versos de Aldir, para fazer parte do patrimônio da música brasileira.

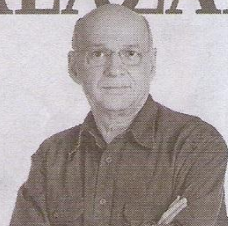
O outro livro é “Casagrande e seus demônios”, da Globo Livros, escrito pelo próprio Casagrande e pelo jornalista Gilvan Ribeiro, narrando a rica história de vida do ex-jogador, com passagens marcantes pelo futebol, pela seleção, pela Democracia Corintiana, pela corajosa atividade política, pelo envolvimento com drogas, pelos seus “demônios” enfim, e pela feliz recuperação, até se transformar em destacado comentarista de futebol.

São duas contribuições valiosas, do futebol e da música, para a nossa literatura. ●

## ANEXO 12: COLUNA DE FERNANDO CALAZANS – O GLOBO, 29/04/2013

calazans@oglobo.com.br

# FERNANDO CALAZANS



## Como times grandes

Não foi só o Botafogo, dono da melhor campanha no Campeonato do Rio, que passou pelas semifinais do segundo turno com exibição de time grande e gols bonitos. O Fluminense também. Alguém poderá dizer que os rivais, respectivamente Resende e Volta Redonda, são fracos. Eu sei. Mas Flamengo e Vasco ficaram fora da decisão exatamente por causa dos dois, que ocuparam os seus lugares.

**F**luminense e Botafogo não deram essa colher de chá a nenhum dos chamados pequenos, em nenhum dos dois turnos. E souberam mostrar por que motivos, nos dois jogos deste fim de semana. Depois da goleada de 5 a 0 do Botafogo, sábado, com show de bola no Resende, o Fluminense não quis ficar atrás nos seus 4 a 1, show de bola também, no Volta Redonda.

O concerto do Botafogo na véspera teve Seedorf e Lodeiro como habituais regentes do time, ou da orquestra, que o Oswaldo de Oliveira conseguiu afinar este ano. Os dois mostraram um repertório de passes de encher os olhos. Com 17 minutos, o Botafogo já vencia por 2 a 0, gols do jovem zagueiro Dória e dele, o jovem meia-atacante Lodeiro. Felipe Gabriel fez um desses pênaltis absolutamente bobos — que Jéfferson se encarregou de defender — mas se redimiou em seguida, fazendo o terceiro gol, de cabeça. No segundo tempo, com mais um toque de inteligência e habilidade, Lodeiro preparou o chute de Rafael Marques, no quarto gol. Finalmente, Seedorf deixou o dele. O Botafogo se deu ao luxo de permitir certas liberdades ao Resende, deixou que o rival criasse algumas oportunidades para que o jogo ficasse mais interessante e para que Jéfferson pudesse brilhar também em três ou quatro defesas do seu alto nível.

O Fluminense, ontem, não foi tão exuberante, mas chegou perto, com uma exibição digna enfim de seu elenco, sem contar com Fred e Deco. Mas Je-

an, Rafel Sóbis, Rhayner e sobretudo o lateral Carlinhos estavam em dia de gala. Foi Carlinhos que criou mais jogadas de ataque, com arrancadas pela esquerda. Sóbis deu início à goleada. Recebeu um passe de presente de Jean, driblou muito bem o zagueiro e concluiu a jogada melhor ainda. O empate marcado por Zé Augusto, logo depois, não chegou a perturbar o Fluminense, com uma disposição ofensiva que nem sempre é marca do time. Sóbis deu um chute espetacular no travessão (foram três finalizações dos tricolores na trave) e, aos 30 minutos, Carlinhos botou no pé de Nem, livre na área, para fazer o segundo gol.

No tempo final, logo aos seis minutos, Sóbis fez mais um e, mais para o fim, logo após entrar no lugar de Nem, Thiago Neves reapareceu no time para dar o chamado fecho de ouro à goleada. Percebendo o goleiro adiantado, colocou a bola por cima dele, com um chute bem calculado no ângulo. Um golão, num fundamento que Thiago Neves quase não tinha acertado ainda em sua volta ao Fluminense: o chute a gol.

Para repetir seu adversário na final da Taça Rio, domingo que vem, o Fluminense também permitiu que o Volta Redonda testasse seu goleiro Diego Cavalieri. Ele foi testado e aprovado, como Jéfferson. Dois dos melhores goleiros do Brasil, ou os melhores mesmo, no grande duelo da final.

## A madame e os macaquinhos

Conforme li ontem aqui mesmo, no nosso caderno de esportes, um operário convidado para o jogoteste feito sábado, no novo Maracanã, disse que “o melhor de tudo é saber que vamos entrar nesta maravilha, que a gente construiu, antes dos ricos.”

É bom mesmo. Depois dos ricos, é que os operários não vão mesmo entrar no Maracanã, por causa da elitização e da privatização do estádio, que aliás provocaram manifestações contrárias na mesma festa.

O Maracanã, que ficou bonitão mesmo, já perdeu seu espírito popular, como outros estádios que estão sendo preparados para a Copa da Madame Fifa. Vão ficar para trás os tempos dos milhares de torcedores que enchem nossos estádios, agora chamados assim — de “arenas” —, por causa do modismo e por causa da nossa colonizada mania de copiar tudo que vem de fora, como se fôssemos macaquinhos de imitação. Acho que somos mesmo.

Como diria a turma do meu amigo e colega Anselmo Gois, arena é o cacete!

## Reforços ou mentirinhas?

E como vão os reforços de Flamengo e Vasco? Parece que não vão. Estou sabendo que, na falta de reforços, ou pelo menos de reforços que não sejam de mentirinha, o técnico Jorginho quer um Flamengo com força, fôlego e obstinação. Ué, e com futebol, nada? É esta a ameaça que paira não só sobre o Flamengo, mas sobre o Vasco também. Times com força e obstinação, mas sem futebol. Chega a ser assustador, com o Brasileirão aí pela frente. ●

## ANEXO 13: COLUNA DE JUCA KFOURI - FOLHA DE SÃO PAULO, 04/04/2013

FOLHA DE S. PAULO

QUINTA-FEIRA, 4 DE ABRIL DE 2013 ★ ★ ★ esporte D3

## Ronaldo explica

JUCA KFOURI

**Incomodado com as críticas por acumular a função de comentarista de TV, ele se defende**

RONALDO GARANTE absoluta independência e isenção como comentarista da Globo nas Copas das Confederações e do Mundo: "Eu não tenho rabo preso com ninguém", afirmou ao procurar o colunista.

"Gosto de você e sei que você gosta de mim, daí não admitir que há diferenças desnecessárias entre nós. Vou fazer exatamente o que o Platini fez na Copa da França e o Beckenbauer fez na Alemanha, sem que ninguém estranhasse. Mas aqui..."

Ao ouvir que um membro do COL não poderia exercer a função de comentarista com espírito crítico, contra-argumentou: "Por quê? Tudo bem, sou otimista, acho que tudo vai dar certo, mas, se não der, apontarei sim o que estiver errado. Não será culpa minha, mas dos governos, e eu vou falar".

Diante da dificuldade de estar na

tribuna de honra e na cabine de TV ao mesmo tempo, não se apertou: "Cumprirei o que o cerimonial exigir, irei à cabine dar meus pitacos e voltarei à tribuna".

Compromisso do Fenômeno. Cumpra-se.

**COPA DO BRASIL**

Começou ontem o torneio mais democrático do Brasil, completo, com todos os grandes.

Melhor obra de Ricardo Teixeira em sua interminável gestão na CBF, a Copa do Brasil, que a própria CBF destratou neste século, desde 2001,

ao impedir que os participantes da Libertadores a disputassem, volta à tona com toda a força.

Jogada ao longo da temporada, outra vez com os clubes que estão no torneio continental, menos o São Paulo, que entrarão nas oitavas de final, a Copa do Brasil é uma graça.

Com 86 clubes neste ano, a Copa

só será decidida no dia 27 de novembro, diminuída agora a chance de uma zebra campeã, embora não eliminada a deliciosa possibilidade.

A Copa da Inglaterra, mais antigo torneio de futebol do planeta, disputada pela primeira vez na temporada 1871/72, já chegou a ter 761 participantes quatro anos atrás, muitos amadores.

Ontem, nos 13 jogos que abriram a 25ª Copa do Brasil, havia cinco clubes campeões do torneio, desde os poderosos Flamengo e Inter, passando pelo Sport e terminando no Criciúma e no Santo André, que ven-

ceu o Flamengo (2 a 0) na final no Maracanã com mais de 70 mil torcedores, em 2004. Repetiu a façanha do Criciúma, campeão em 1991 contra o Grêmio, primeiro clube a vencer a Copa como integrante da segunda divisão nacional.

O futebol paulista é o papão de títulos, oito, embora o São Paulo ainda esteja virgem, coisa que o Paulista não é, ao bater o Fluminense em 2005.

Os gaúchos vêm a seguir, com seis, quatro do Grêmio e uma de Inter e Juventude.

Minas ganhou quatro vezes, todas com o Cruzeiro, como o Rio, que só não viu o Botafogo campeão, derrotado numa final pelo Juventude.

Pernambuco e Santa Catarina ganharam uma vez cada um esta Copa que tem clubes que se chamam Esporte Clube Primeiro Passo Vitória da Conquista.

COLUNISTAS DA SEMANA segunda: Juca Kfourí e PVC, terça: Lúcio Ribeiro, quarta: Tostão, quinta: Juca Kfourí, sexta: Fábio Seixas, sábado: Edgard Alves e Xico Sá, domingo: Juca Kfourí, PVC e Tostão

## ANEXO 14: COLUNA DE JUCA KFOURI – FOLHA DE SÃO PAULO, 08/04/2013

Do esporte ★ ★ ★ SEGUNDA-FEIRA, 8 DE ABRIL DE 2013

FOLHA DE S. PAULO

## Admirável gado novo

JUCA KFOURI

**Povo marcado, povo feliz. Em 1979, Zé Ramalho compunha o hino também de nosso futebol**

NEYMAR FUGIU da pergunta quando quiseram saber se ele concordava com seu técnico no Santos, que classificou como inoportuno o amistoso disputado pela seleção brasileira na Bolívia.

O menino repetiu as platitudes de sempre, ao falar de seu orgulho em servir a seleção e, lamentável, disse que não entraria na polêmica proposta pelo técnico do Santos, Muricy Ramalho.

Poderia perfeitamente ter feito as duas coisas: reafirmar a satisfação em jogar pelo time e concordar com seu treinador.

Sabe que o aconteceria com ele por tamanha coragem? Rigorosamente nada!

Mas não.

Na trilha da maioria de seus companheiros, Neymar não se expõe, é incapaz de uma atitude cidadã, razão pela qual é submetido aos calendários massacrantes, aos grama-

dos ultrajantes e às botinadas sem castigo.

Neymar é um brasileiro típico, como aquele descrito por Zé Ramalho em sua música que está no título da coluna, mas que é mais conhecida como "Vida de gado".

Gado que é encaminhado para o matadouro sem mugir, porque as coisas são como são e o melhor é que cada um cuide do próprio umbigo, ou do bolso, onde, dizem, dói mais.

Neymar não disse, mas pode muito bem ter pensado, que, se em vez de Luiz Felipe Scolari fosse Muricy Ramalho o técnico de plantão na CBF, ele também convocaria quem

foi convocado e não faria nenhuma crítica.

Infelizmente são raras as manifestações valentes de nossos jogadores e é ocioso relembrar de Tostão, Afonsinho, Sócrates, não por coincidência todos médicos, Paulo César Caju, Casagrande, Wladimir, ou, nos dias de hoje, Paulo André.

Aves sozinhas que não fazem ver, apenas arejam o ambiente para serem tratados como quixotescos

—como se fosse uma ofensa.

Porque são poucas, também, as demonstrações cidadãs do povo brasileiro, acostumado a ser tratado feito gado e com estômago de avestruz.

Cerca de 8.000 pessoas no culto ecumênico na praça da Sé, em 1975, para denunciar o assassinato de Vladimir Herzog.

Um milhão e meio em comício pelas Diretas-Já, no vale do Anhangabaú, também em São Paulo, em 1984, logo depois que outra multidão de um milhão se reuniu na Candelária, no Rio.

Cerca de 750 mil caras-pintadas, em 1992, outra vez no vale do Anhangabaú, para derrubar Fernando Collor.

E o que mais?

Collor, o primeiro presidente eleito depois das Diretas, está aí, todo pimpão.

Quem ajudou a complicar Herzog também, na CBF e no Comitê Organizador Local da Copa.

O Engenho está interdito.

O Maracanã, superfaturado, terá de ser reformado para os Jogos Olímpicos, o complexo olímpico ao seu lado foi fechado e será demolido e, em Itaquera, e pelo país afora, moradores são removidos sem mais para obras da Copa do Mundo e dos Jogos de 2016.

Zé Ramalho tem carradas de razão.

Mas têm, também, Vitor Martins e Ivan Lins, com seus "Desesperar jamais".

Se bem que Neymar poderia ajudar um pouquinho que fosse.



## ANEXO 15: COLUNA DE JUCA KFOURI – FOLHA DE SÃO PAULO, 11/04/2013

FOLHA DE S. PAULO

QUINTA-FEIRA, 11 DE ABRIL DE 2013 ★ ★ ★ esporte D5

## Filosofando em alemão

JUCA KFOURI

**Breitner não deixou pedra sobre pedra. Talvez ele ignore que há forças como a do Palmeiras**

leira de 1970 como a melhor que já viu, no que revelou bom gosto e coerência com seu atual encantamento com o Barcelona, mas imagina que para o Brasil recuperar sua hegemonia, desde que retome suas origens, levará de seis a oito anos.

Ai provavelmente, embora repleto de lógica, ele se engane, porque o futebol brasileiro é capaz de ir da depressão à euforia num átimo, e desprezar o fator local das próximas Copas da Confederação e do Mundo é temerário, para dizer o mínimo.

Também como Tostão já disse, afirmou que Lionel Messi não seria

o que é se jogasse na Argentina, com o que, agora, concordo, mas, diferentemente de Neymar, o número 1 do mundo jamais jogou profissionalmente em seu país.

Seja como for, o bom-senso recomenda que a entrevista de Breitner seja levada a sério, porque foi mais uma demonstração de que ninguém mais está levando a Canarinho a sério, desrespeitada por alemães e mexicanos.

**NOITE VERDE**

Que o Pacaembu estará ecologicamente correto nesta noite (em que temos de ganhar) já se sabe.

Uma vitória do Palmeiras sobre o paraguaio Libertad significará a duvidada passagem para as oitavas de final da Libertadores.

Qual o exército de Brancalione, é hora de ressurgir imponente.

Algumas nem tão novas, mas ditas de maneira tão crua que, de verdade, doeu.

O alemão, embora em inglês, só se referiu ao futebol brasileiro no passado. “Vocês foram, vocês encantaram, vocês ensinaram, mas já eram.”

Até de gramado ele falou, esse detalhe que de detalhe nada tem, assim como o piano não é pouco para o pianista. Mas vá convencer nos seus cartolas disso...

Algumas vezes ele exagerou ou, pelo menos, não relativizou, esquecido de que, por paus ou por pedras,

por acaso ou não, mesmo em baixa o futebol brasileiro produziu três clubes campeões mundiais da Fifa nos últimos sete torneios.

Outras vezes o que falou não foi exatamente original, por exemplo ao dizer que Neymar para ser grande tem de ir jogar na Europa, coisa que nosso Tostão diz faz tempo, embora, humildemente, eu continue discordando, talvez utopicamente, jamais por nacionalismo, pecado cometido em alguns momentos pelo enfático Breitner.

A Premier League, para ele, está “out” e a Bundesliga é que é “in”.

Breitner elegeu a seleção brasileira de 1970 como a melhor que já viu, no que revelou bom gosto e coerência com seu atual encantamento com o Barcelona, mas imagina que para o Brasil recuperar sua hegemonia, desde que retome suas origens, levará de seis a oito anos.

Ai provavelmente, embora repleto de lógica, ele se engane, porque o futebol brasileiro é capaz de ir da depressão à euforia num átimo, e desprezar o fator local das próximas Copas da Confederação e do Mundo é temerário, para dizer o mínimo.

Também como Tostão já disse, afirmou que Lionel Messi não seria

**COLUNISTAS DA SEMANA** segunda: Juca Kfourri e PVC, terça: Lúcio Ribeiro, quarta: Tostão, quinta: Juca Kfourri, sexta: Fábio Seixas, sábado: Edgard Alves e Xico Sá, domingo: Juca Kfourri, PVC e Tostão

## ANEXO 16: COLUNA DE JUCA KFOURI – FOLHA DE SÃO PAULO, 14/04/2013

D4 esporte ★ ★ ★ DOMINGO, 14 DE ABRIL DE 2013

FOLHA DE S. PAULO

## Cresce o sócio torcedor

JUCA KFOURI

**A ideia entrou em prática há apenas três meses e já revela que o caminho é promissor**

Manchester United, os campeões mundiais Fifa da Europa, imagine se ananhã diminuir a diferença

Ai sim se poderã imaginar a festa. Há quem acredite e esteja trabalhando para isso acontecer.

Se a massa torcedora também acreditar não haverá limites para o crescimento do futebol brasileiro.

Para tanto, contudo, os dirigentes terão de ganhar a confiança do torcedor.

Companhias gigantes cas fazer sua parte para que, quem sabe, o futebol-empresa no Brasil possa criar o seu modelo, sem precisar dos magnatas que saíram comprando grandes clubes pelo mundo afora, motivo de justificada preocupação dos torcedores dessas agremiações.

O futebol brasileiro não vive apenas de más notícias.

JANEIRO, 14.

Dia em que a Ambev lançou sua campanha do sócio-torcedor. Sem nenhuma participação oficial, do governo ou da CBF.

Então, eram 158 mil os sócios dos clubes que aderiram à iniciativa, com 11 dos 13 clubes de maior torcida do país, sem a dupla Gre-Nal, que acaba de entrar.

Hoje, ainda sem contar com eles, o número já é de 232 mil, um crescimento de 47%, quantia que será acrescida de cerca de 130 mil sócios com as adesões dos gaúchos —80 mil pelo Inter, o primeiro colocado no quesito.

Só o Flamengo, que aderiu duas semanas atrás, cresceu mais de 12 mil sócios, quase mil por dia.

Potencialmente, segundo as projeções, se o comportamento dos

bro-negros for como o dos torcedores do Benfica português que tem 4% de sua torcida associada ao clube, o Flamengo terá uma renda anual de quase R\$ 1 bilhão.

Um espanto, mesmo que fique pela metade disso.

Entre os clubes brasileiros, a maior taxa de adesão é a da Ponte Preta, com 1,2% de sua massa torcedora associada à campanha.

O Corinthians, com 51 mil sócios torcedores adimplentes (sim, todos os números são de sócios em dia), atrás apenas do Inter, tem ainda

uma taxa decepcionante, de 0,20%, resultado da turbulência existente na área de marketing no Parque São Jorge. Perde para o Santos (0,97%), Ceará (0,68%), Fluminense (0,50%), Cruzeiro (0,36%), Fortaleza (0,29%) e América-MG, Portuguesa e Vitória, todos com 0,24%.

Nove grandes empresas partici-

## ANEXO 17: COLUNA DE JUCA KFOURI - FOLHA DE SÃO PAULO, 18/04/2013

**D4 esporte** ★ ★ ★ QUINTA-FEIRA, 18 DE ABRIL DE 2013 FOLHA DE S. PAULO

## Não chore, Marin!

JUCA KFOURI

**QUEM CHORA** somos nós. Chora a nossa pátria, mãe gentil.  
Choram Marias e Clarices no solo do Brasil.  
E choramos pela miséria a que está reduzido o nosso futebol, sob esta CBF dirigida tal e qual fosse pela dona de um bordel.  
Por mais que saibamos que temos talento para virar o jogo, por mais que mantenhamos a esperança equilibrista.  
Porque, se o show de todo artista tem de continuar, é constrangedor vislumbrar a cena de terça, quando a tarde caía feito um viaduto na sede da Casa Bêbada do Futebol, trajando luto e sem lembrar de Carlitos, o nosso Mané Garrincha.  
Eram 27 cartolas de chapéu-co, todos com brilho de aluguel.  
Todos submissos, menos o que não foi, o presidente da federação mineira, talvez por tentar se equilibrar de sombrinha.  
Como se fossem os irmãos do Henfil, os repórteres Leandro Colon, Martín Fernandez e Sérgio Rangel tinham publicado no mesmo dia, nesta **Folha**, a incrível história do prédio que custava R\$ 39 milhões e foi comprado por R\$ 70 milhões.  
Fora os vazamentos com a voz de Marin humilhando o coletivo dos presidentes das federações estaduais, todos dispostos a fazer cena antes da assembleia para, depois de bons uísques, aprovar tudo por unanimidade. Não sem antes receber cheques entre R\$ 100 e R\$ 400 mil, para compensar a mesada, que é menos da metade do que recebem os atuais donos da CBF.  
Evidente que tudo isso reflete diretamente em nossos campeonatos sem torcida e com audiência em queda e numa seleção que não comove mais o torcedor.  
Canastrão, Marin não enganava nem com suas lágrimas de crocodilo nem com sua simulada irritação.  
Ao dizer que só sairá morto da CBF não lembra Getúlio Vargas, mas Chaves, o mexicano, do seriado da televisão.  
Ninguém quer que Marin morra, ou que, aos 80 anos, seja preso.  
O que se quer é que ele deixe nosso futebol, volte a desfrutar da vida com tudo o que amealhou nos tempos da ditadura a que serviu — como os documentos do SNI revelam sobre ele, segundo informaram, no UOL, do Grupo Folha, os repórteres Aiuri Rebello e Rodrigo Mattos.

Será demais pedir a cada estrela fria que Marin parta num rabo de foguete, se não para Boca Raton, como o colega que fugiu, mas, tudo bem, para Nova York, onde também tem luxuoso apartamento?  
É que o futebol brasileiro anda de luto, chupando manchas torturadas, incapaz daquelas velhas irreverências mil nas noites, e nas tardes, do Brasil.  
Chega de viver nas nuvens ou no fundo do poço.  
É hora de passar o mata-borrão do céu e acabar com esta dor pungente que não haverá de doer inutilmente, mestres Aldir Blanc e João Bosco.  
E que cada passo desta linha, de Ronaldinho a Neymar, seja para machucar o gol do rival, livre, azar, desta cartolagem equilibrista.  
Que sufoco. Louco!

COLUNISTAS DA SEMANA segunda: Juca Kfourí e PVC, terça: Lúcio Ribeiro, quarta: Tostão, quinta: Juca Kfourí, sexta: Fábio Seixas, sábado: Edgard Alves e Xico Sá, domingo: Juca Kfourí, PVC e Tostão

## ANEXO 18: COLUNA DE JUCA KFOURI - FOLHA DE SÃO PAULO, 25/04/2013

**D4 esporte** ★ ★ ★ QUINTA-FEIRA, 25 DE ABRIL DE 2013 FOLHA DE S. PAULO

## A Fifa está feliz

JUCA KFOURI

**CINCO BILHÕES** de dólares é o que se projeta que a Fifa lucrará com a Copa no Brasil. Mais de 35% acima do que ganhou no Mundial de 2010 e 110% a mais do que em 2006.  
Os números são da consultoria BBO, publicados recentemente e não contestados pela entidade.  
Mas a Fifa nega que tenha havido uma troca de comando em seu escritório, como aqui informado na última segunda-feira: "Estamos muito satisfeitos com as instalações do Riocentro", informa comunicado recebido pela coluna.  
"Sobre a nota que menciona a chegada de Ron DelMont, gostaria de ressaltar que sua chegada não tem nenhuma relação com a mudança da Fifa e do COL para o Riocentro. Fulvio (Danilas) continua administrando o escritório, mas a chegada de Ron (...) significa que estamos nos aproximando da competição. Ron tem larga experiência tanto em Jogos Olímpicos como na Copa do Mundo, tendo sido o chefe do escritório da Fifa na África do Sul. Seu papel é realmente acima do de Fulvio, como diretor-geral, mas seu foco é totalmente voltado aos aspectos de organização do evento propriamente dito, pelo lado da Fifa. Sua interação é com Ricardo Trade, que desempenha um papel equivalente por parte do COL."  
Recordando: Trade, o Baka, de tro do COL, nas barbas do chefe do setor, Hilário (é ou não o país da piada pronta?) Medeiros, ex-policia federal e ex-guarda-costas de Lula.  
O COL impressiona pelo entra e sai de funcionários e tem um monte deles espalhados pelo Rio.  
Daí não surpreender que Trade se diga surpreso quando informado de que o estádio de Brasília sofrerá novo atraso, tal é o descontrolado que fez do COL um caos.  
Fontes nas diversas sedes também garantem que o atendimento à imprensa mundial na Copa das Confederações será precário e que o material utilizado na maioria dos estádios é de segunda, o que poderia ser visto como maldade não fosse a recente interdição do Engenhão.  
Ah, sim, o chefe dessa bagunça se chama José Maria Marin.

**Às vésperas de fazer a Copa do Mundo mais rentável da história, a Fifa simula alegria**  
bacalhau, que até fisicamente lembra Chacrinha, foi indicado a Ricardo Teixeira para o COL por Danilas, e a mudança do COL para o Riocentro não só atrasou mais de um ano como reforçou a demissão da então diretora de planejamento, Fernanda Pizzi, que nada planejou, ela que foi indicada por Joana Havelange.  
Mas, diante de uma perspectiva de lucro tão apetitoso, é natural que a Fifa se comporte como algodão entre cristais e negue em público aquilo que a incomoda, e muito, privadamente.  
Basta dizer que o COL já praticamente esgotou seu orçamento.  
Segundo representantes nas sedes da Copa, os escritórios em cada uma delas estão comprometidos e podem ser suspensos.  
Na área de segurança, os cortes chegaram a tal ponto que uma onda absurda de furtos acontece den-

COLUNISTAS DA SEMANA segunda: Juca Kfourí e PVC, terça: Lúcio Ribeiro, quarta: Tostão, quinta: Juca Kfourí, sexta: Fábio Seixas, sábado: Edgard Alves e Xico Sá, domingo: Juca Kfourí, PVC e Tostão

## ANEXO 19: COLUNA DE JUCA KFOURI – FOLHA DE SÃO PAULO, 28/04/2013

D4 esporte ★ ★ ★ DOMINGO, 28 DE ABRIL DE 2013 FOLHA DE S. PAULO

## Cuidado com a dengue

JUCA KFOURI

**De tudo o que foi dito sobre o amistoso em Belo Horizonte, o alerta contra o mal foi o melhor**

*DIZIA O CARTAZ: “Galvão, cuidado com a dengue em BH!”. Podia ser para Felipão.*

A imagem, captada segundos antes do fim da transmissão, foi a melhor de tantas críticas sobre o jogo, embora seu conteúdo extrapolasse o que se viu no 2 a 2 no Mineirão.

O torcedor alertava para a ganância de dinheiro público no estádio numa cidade que não consegue, como tantas outras, debelar a dengue, as enchentes e que tem péssimas estradas para acessá-la.

Se não bastasse, não consegue nem mesmo que a chegada ao estádio seja civilizada, além de não garantir os assentos marcados, a qualidade e a quantidade do que se come dentro dele e por aí afora.

Para coroar, não apresentou aquilo que não podia mesmo garantir: uma boa seleção, tão decepcionante que parecia prostrada, como se com dengue.

Não se trata de querer que o time jogue por música se nem treinar treina e era o time B.

Mas o do Chile também era, e aí é que mora a preocupação —principalmente depois de ver as exibições alemãs diante dos espanhóis. Pareceu que o futebol deles é um esporte diferente do nosso.

Só que os chilenos também não fizeram ligações diretas, jogaram compactados, tiveram por mais tempo a bola nos pés (54%), acertaram mais passes (446 a 304), mais finalizações (6 a 4) e desarmaram melhor (31 a 28).

Neymar não joga como no Santos porque o Santos joga para ele e a seleção não.

Ronaldinho não joga como no Galo porque o Galo joga para ele e a seleção não.

Ralf e Paulinho não jogam como no Corinthians porque no Corinthians os que jogam na frente deles também marcam e na seleção não.

A turma de Felipão está na fase em que a de Mano esteve após 2010. Mas a seleção está num estágio ainda mais atrasado como concepção de futebol.

Felipão não disse, mas dá medo pensar que alguém como Schweinsteiger não tivesse lugar em seu time, por ser daqueles meio-campistas de que só jornalista gosta.

Como é inacreditável que tenha dito, como se publicou, depois da goleada sofrida pelo Barcelona, que queria ver a cara dos adeptos do estilo do time catalão.

Será que nosso treinador está no grupo dos que acham que o Barça acabou? Porque levou uma goleada? Meu deus dos estádios! Quantas vezes vimos o Santos de Pelé ser atropelado e ressurgir?

Estão indo depressa demais como o andar embora nem Messi nem Xavi nem Iniesta sejam de barro.

Que os alemães, com um time mais jovem que o espanhol, e já rodado, pintam como tetracampeões em 2014 é uma possibilidade bem real, ainda mais com as pitadas de Guardiola até lá, no Bayern.

Mas em vez de se preocupar com o Barça, Felipão precisa se concentrar em tirar dois atrasos: o natural de seu time, e o estrutural, como ideia de futebol.

Que dor de cabeça. Como a da dengue. Cuidado, Felipão.

## ANEXO 20: COLUNA DE TOSTÃO - FOLHA DE SÃO PAULO, 03/04/2013

FOLHA DE S. PAULO QUARTA-FEIRA, 3 DE ABRIL DE 2013 ★ ★ ★ esporte D3

## Espaço e movimento

TOSTÃO

**Tardelli é o elo entre a inteligência espacial e cinestésica de Ronaldinho e as finalizações de Jô**

*NO EMPATE entre Paris Saint-Germain e Barcelona, Messi fez o primeiro gol e foi substituído, no intervalo, com problema muscular. Se tivesse jogado o segundo tempo, teria chance de fazer mais gols, por causa do avanço do time francês. O primeiro gol do PSG foi em claríssimo impedimento. Thiago Silva e Daniel Alves foram brilhantes. Lucas só atuou bem no primeiro tempo.*

Todos os treinadores e armadores deveriam assistir aos jogos do Barcelona só para observar Xavi jogar, como ele faz a passagem da bola de um lado para o outro, de pé em pé. Xavi quase não erra passes porque é craque nesse fundamento e porque nunca dá o passe para o jogador marcado. Espera sempre o momento exato para tentar o passe decisivo.

Corinthians, São Paulo e Atlético-MG jogam hoje e amanhã, pela Libertadores. Corinthians e São Paulo fizeram um bom jogo no domingo. Cada equipe com seu estilo. O São Paulo, com muita troca de passes, enquanto o “inglês” Corinthians, com duas rígidas linhas de quatro jogadores, próximos à área, privilegiava o contra-ataque. Essa disciplina tática foi importante para a conquista de títulos.

O São Paulo jogou bem, graças ao desprendimento e talento coletivo de Jadson, fora de posição, pela organização tática.

Pelas características, Ganso e Ronaldinho preencheriam esse vazão, esse elo entre os setores. Ronaldinho, por não ser tão veterano, deveria ser o mestre da seleção, como é no Atlético-MG. Ganso seria, no imaginário de todos, o herdeiro da inteligência espacial e cinestésica (relativa ao movimento) de Ronaldinho. Ambos não estão na seleção principal. Só agora Ganso voltou a ser titular no clube. Quando foram escalados, não foram bem. Muitas coisas não se explicam. Acontecem.

O futebol brasileiro e a seleção precisam aprender e gostar de jogo coletivo. Hoje, com poucos craques, ele é importantíssimo. Essa dificuldade é, em parte, reflexo do narcisismo e do individualismo da sociedade.

delli, a maioria das jogadas ofensivas era pelo alto. Tardelli não é um centroavante, um meia de ligação nem um ponta. Ele é uma mistura de tudo isso. Toca e avança. Dribla, dá passes e faz gols.

Falta à seleção um atleta com esse estilo, com talento coletivo, agregador em campo, que aproxima jogadores de posições diferentes. A seleção possui volantes que marcam, meias-atacantes que driblam em velocidade e um centroavante fixo. Tudo compartimentado. É necessário misturá-los, sem perder a

direita. Mesmo assim, foi brilhante no gol. Ganso teve mais uma boa atuação. Pena que toca a bola e não avança para recebê-la.

O Atlético-MG melhorou muito com Tardelli. Ele é o elo, a ponte, entre os passes espetaculares de Ronaldinho, a velocidade de Bernard e o centroavante Jô. Antes de Tar-

COLUNISTAS DA SEMANA segunda: Juca Kfourri e PVC, terça: Lúcio Ribeiro, quarta: Tostão, quinta: Juca Kfourri, sexta: Fábio Seixas, sábado: Edgard Alves e Xico Sá, domingo: Juca Kfourri, PVC e Tostão

## ANEXO 21: COLUNA DE TOSTÃO – FOLHA DE SÃO PAULO, 07/04/2013

**D4 esporte** ★ ★ ★ DOMINGO, 7 DE ABRIL DE 2013 FOLHA DE S. PAULO

## Cresce a descrença

TOSTÃO

**Crescem a descrença e o pessimismo com a seleção e com a Copa do Mundo no Brasil**

Dois anos atrás, achava que a maior deficiência da seleção era individual. Hoje, mesmo com poucos craques, penso que é coletiva. Não me refiro aos sistemas táticos (4-2-3-1, 4-4-2 e tantos outros). Isso não tem importância. Qualquer técnico medíocre conhece os sistemas táticos. O jogo coletivo e os detalhes estratégicos vão muito além disso.

Cresce a descrença com a seleção e com a Copa no Brasil, por causa do exagerado gasto de dinheiro público e da falta de importantes legados à população. Além disso, só os comprometidos querem e toleram José Maria Marin na presidência da CBF. Há inúmeros outros graves problemas. O último absurdo, mostrado pela repórter Gabriela Moreira, da ESPN Brasil, é que o novo Maracanã, que custou mais de R\$ 1 bilhão, terá de ser reformulado, após o Mundial de 2014, para ser usado na Olimpíada.

Alguns falam que vão torcer contra o Brasil, pois, para eles, será a única maneira de se fazer uma limpeza no futebol brasileiro, dentro e fora de campo.

Quando a bola rolar na Copa do Mundo, haverá um grande número de possibilidades e de sentimentos contraditórios, racionais, emocionais, nacionalistas, ufanistas, de revoltas e de protestos. Não dá para prever o que vai acontecer.

*OS CONFLITOS de interesses decorrentes das várias atividades de Ronaldo são óbvios. O comentarista Ronaldo, que é membro do comitê da Copa, vai opinar sobre a organização do Mundial e sobre a atuação de jogadores, que têm relações comerciais com o empresário Ronaldo. Não adianta Ronaldo dizer que é independente. Após assumir tantos compromissos afins, a independência já foi perdida.*

Na coluna anterior, citei a inteligência espacial e cinestésica de Ronaldinho. Tento explicar melhor.

A ciência já mostrou que o grande craque, em uma fração de segundos, é capaz de mapear tudo o que está à sua volta, perceber os movimentos dos jogadores e calcular a velocidade da bola, dos companheiros e dos adversários. Ele sabe, sem saber que sabe. Faz.

Quando jogava com Pelé, ele, antes de a bola chegar, parecia me dizer, com seu olhar expressivo, tudo o que ia fazer. A comunicação analógica é inexistente, porém, mais ampla e mais rica que a digital. O corpo fala primeiro. E não mente.

Para ser um grande craque, não basta ter inteligência espacial e cinestésica. São necessárias uma excepcional técnica e ótimas condições físicas e emocionais.

Após as ótimas atuações de Thiago Silva e Daniel Alves e o bom desempenho de Lucas, no primeiro tempo, na partida entre Barcelona e Paris Saint-Germain, renovam-se as esperanças de que a seleção brasileira possa ter uma boa equipe. Se Ronaldinho jogasse, na seleção principal, contra bons adversários, metade do que joga no Atlético-MG, melhoraria muito o time nacional.

## ANEXO 22: COLUNA DE TOSTÃO - FOLHA DE SÃO PAULO, 10/04/2013

**D4 esporte** ★ ★ ★ QUARTA-FEIRA, 10 DE ABRIL DE 2013 FOLHA DE S. PAULO

## Péssimo dos péssimos

TOSTÃO

**Hoje é quarta-feira, dia de bons e decisivos jogos, pela Libertadores e pela Copa dos Campeões**

O a 0, mas corre muitos riscos, ainda mais se Messi não jogar. Quando a bola é lançada na área do Barcelona, para o grandalhão, forte e excepcional Ibrahimovic, é um grande perigo. No primeiro jogo, Beckham só entrou para bater escanteios, faltas e para jogar a bola na área.

O Bayern tem dois gols de vantagem sobre a Juventus. Mesmo assim, o bom time italiano tem razoáveis chances de se classificar. A Juventus é a única das grandes equipes da Europa que atua com três zagueiros. Os dois alas jogam muito à frente, e os volantes avançam, especialmente Pirlo, o organizador da equipe.

A seleção brasileira só terá um grande time quando tiver um volante como Pirlo, que, além de marcar se torna o armador da equipe, já que é menos marcado. Isso ocorre em todos os melhores times do mundo.

O Grêmio, em casa, enfrenta o Fluminense. Outro jogo. Amanhã o Palmeiras joga com o Libertad. O time paraguaio é superior, mas, em casa e se for apoiado pela torcida aumentam as chances do Palmeiras. Só não entendi tanta confiança com a equipe por causa da vitória sobre o Tigre. Parafraseando um antigo comentarista mineiro, o Tigre, na Libertadores, é o péssimo dos péssimos.

*O QUE fazem os membros do comitê da Copa? Marin troca favores, Ronaldo viaja para Londres, para fazer curso de publicidade relacionado às suas atividades empresariais, e o deputado estadual Bebeto sorri.*

Marin e vários políticos brasileiros acharam que a Bolívia é uma república, que a justiça do país não tem independência e que, para soltar os 12 coríntios, bastaria apelar ao presidente da Bolívia, Evo Morales, além de tentar comprar a dor da família do adolescente Kevin. Quebraram a cara.

A pelada entre Brasil e Bolívia não serviu para avançar na parte tática nem para selecionar jogadores para a Copa das Confederações. Na transmissão da TV Globo, tiraram várias conclusões. Há dois tipos de futebol, quando joga a seleção. Um, distante da realidade, é o dito na transmissão das partidas pela TV Globo e repetido pela maioria. Outro, próximo dos fatos, é falado e discutido pela minoria.

Contra a Rússia, Kaká, Neymar e Oscar tiveram más atuações. Kaká não foi pior que os outros dois. Depois do jogo, parte da imprensa e, provavelmente, Felipão concluíram que não há lugar para Kaká, que o lugar é de Ronaldinho, que tinha perdido o lugar, após o jogo contra a Inglaterra.

Hoje é dia de bons e decisivos jogos. Real Madrid e Borussia Dortmund já estão na semifinal. Muito do que acontece em um jogo ocorre sem ser planejado, e não porque o técnico mudou um jogador três metros para a direita ou para a esquerda, como muitos acham.

O Barcelona é favorito, joga em casa, pode empatar por 1 a 1 ou por

**COLUNISTAS DA SEMANA** segunda: Juca Kfourir e PVC, terça: Lúcio Ribeiro, quarta: Tostão, quinta: Juca Kfourir, sexta: Fábio Seixas, sábado: Edgard Alves e Xico Sá, domingo: Juca Kfourir, PVC e Tostão

## ANEXO 23: COLUNA DE TOSTÃO – FOLHA DE SÃO PAULO, 14/04/2013

FOLHA DE S.PAULO

DOMINGO, 14 DE ABRIL DE 2013 ★ ★ ★ esporte D

APESAR DE presunçoso, em alguns momentos, Paul Breitner, campeão do mundo pela Alemanha, em 1974, mostrou, em entrevista à ESPN Brasil, um grande conhecimento do futebol mundial e foi duro e correto nas críticas ao atual futebol brasileiro. Isso gera diferentes reações.

Uma, prepotente, geralmente dos técnicos brasileiros, é a de que não temos nada a aprender. Outra, nacionalista, é a dos que concordam com as críticas, desde que não venham de fora. Foi o que ocorreu durante a Copa de 2010, quando Cruyff, antes de a seleção ser eliminada, disse que não pagaria para ver o Brasil jogar. Muitos brasileiros sentiram-se ofendidos.

A terceira reação, a do complexo de vira-latas, é a de valorizar demais as críticas de fora. Há ainda os que

entendem do assunto, que não têm rabo preso e que sabem separar as coisas, como escreveu o mestre Juca, na quinta-feira.

Breitner enfatizou a falta de velocidade do futebol brasileiro e, ao mesmo tempo, elogiou bastante Espanha e Barcelona, que trocam muitos passes curtos e que usam pouco a velocidade nos contra-ataques, característica do Real Madrid. Parece contraditório.

Imagino que ele falou da mobilidade e da velocidade na troca de passes, como diz uma antiga máxi-

## A verdade dói

TOSTÃO

### O alemão Paul Breitner fez críticas duras e corretas ao atual futebol brasileiro

ma brasileira, que quem corre é a bola, e não o jogador. Hoje, o que mais existe no Brasil, do meio para frente, são jogadores velozes, que correm demais com a bola e que trocam poucos passes.

O Bayern, o Borussia e a seleção da Alemanha costumam unir os estilos do Barcelona e do Real Madrid.

O Bayern contratou Guardiola porque gosta mais do estilo do Barcelona. O clube quer a sintonia fina entre segurar a bola e tentar uma jogada decisiva, entre pensar e correr. Querem ainda a marcação por pressão, o que o Barcelona fez muito bem contra o Milan e, com frequência, fazia com Guardiola, e que não fez contra o PSG.

Quando o Barcelona avança na marcação e não toma a bola, abrem-se grandes espaços na defesa, para o contra-ataque. Se ocorrer o mesmo contra o Bayern, o time não che-

ga à final. Guardiola vai torcer para o Bayern ou para o Barcelona?

Sobre Neymar, Breitner disse que ele precisa jogar na Europa, para evoluir e para o mundo saber se ele ao lado e contra os melhores times e jogadores, é realmente um fora de série. Penso que, se Neymar for, em pouco tempo, será candidato habitual a melhor do mundo.

O futebol brasileiro está atrasado, como disse Breitner.

A verdade dói. A solução não retornar ao passado. O mundo e futebol mudaram. Nem é copiar tudo o que os outros fazem. Independentemente do que ocorrer na Copa, é necessário mudar nomes e conceitos, dentro e fora de campo, desde as categorias de base, e criar uma identidade. Chega de politiquês e de incompetentes.

## ANEXO 24: COLUNA DE TOSTÃO – FOLHA DE SÃO PAULO, 21/04/2013

FOLHA DE S.PAULO

DOMINGO, 21 DE ABRIL DE 2013 ★ ★ ★ esporte D5

EU VI muito dos maiores craques do futebol. Joguei na mesma época de vários e ao lado de alguns, como o maior de todos, Pelé.

Antes da Copa de 1966, em Cambu, sul de Minas, o Cruzeiro fez um jogo-treino com o Brasil. Atuei contra meu time. Tinha 19 anos e iniciava minha carreira na seleção. Meu pai foi ver o jogo, e o apresentei a Pelé. Ele chorou. É raro um plebeu conhecer pessoalmente um rei. Quando alguém me elogia e diz ao filho quem fui, fala que joguei ao lado de Pelé. Sinto-me orgulhoso.

Eu vi Garrincha. Antes do Mundial de 1966, o Brasil fez um jogo-treino contra uma fraquíssima equipe de operários da Suécia. Eu era reserva. Garrincha pegava a bola, a poucos metros do banco, e driblava o marcador só com o olhar. Eu e a

torcida mais próxima não parávamos de rir. Por causa desse jogo, Garrincha foi escalado no Mundial. Não tinha condições. Driblava, mas não saía do lugar. Era o fim de um gênio, o Charles Chaplin do futebol.

Eu vi o russo Yashin, o maior goleiro de todos os tempos. Em 1971, fui convidado para o jogo de sua despedida, em Milão. No outro dia, almocei no Milan, com os jogadores e os dirigentes. Todos os atletas tomaram vinho. Queriam me contratar, mas dependia do fim da proibição de importar jogadores. Isso não

### Contra o Atlético-MG, o São Paulo jogou no ritmo do Palmeiras, ante o Libertad, e do Galo no Independência

ocorreu. Por pouco, mudava toda minha vida.

Eu vi Beckenbauer, Baresi e Nilton Santos, três dos maiores defensores da história. Os três jogavam sem sujar o calção. Beckenbauer foi o único espetacular líbero, pois era craque, ao mesmo tempo, como zagueiro de sobra e como jogador de

meio-campo. Nilton Santos foi a Enciclopédia do Futebol.

Eu vi os melhores armadores e atacantes do mundo. Não vou citá-los, porque, certamente, deixaria alguns de fora. Hoje, vejo Messi, Cristiano Ronaldo, Xavi, Iniesta, Neymar, que ainda não é do grupo dos maiores, mas tem grandes chances de estar, brevemente. Pela habilidade e efeitos especiais, Neymar tem um estilo mais próximo de Maradona e de Ronaldinho Gaúcho. Messi, pela concisão e precisão, lembra mais Zico e Pelé.

Eu vi o São Paulo, contra o Atlético-MG, repetir o ritmo alucinante do Palmeiras, contra o Libertad. É o que o Galo faz no Independência. Isso só é possível em casa, pois é essencial a participação numerosa, apaixonada e solidária da torcida. Quando o time, raçudo e em casa perde, costuma apelar para a violência, como na partida entre Huachipato e Grêmio.

O futebol sul-americano, principalmente o de fora do Brasil (entre clubes, e não entre seleções), está cada dia mais violento. As pessoas aos poucos, se acostumam e não percebem a gravidade. Por isso, pela pouca qualidade técnica e por tantas trapaças, fora de campo, diminui, cada vez mais, o número de torcedores que têm prazer em ver futebol.

## Eu vi

TOSTÃO

## ANEXO 25: COLUNA DE TOSTÃO – FOLHA DE SÃO PAULO, 24/04/2013

FOLHA DE S. PAULO

QUARTA-FEIRA, 24 DE ABRIL DE 2013 ★ ★ ★ esporte D3

## Debaixo do tapete

TOSTÃO

O Bayern, em casa, em um ritmo alucinante e com talento, anulou e goleou o Barcelona, por 4 a 0. Em vez de recuar e de fechar os espaços na defesa, como fazem quase todas as equipes que enfrentam o Barcelona, o Bayern marcou por pressão e manteve o time catalão longe de seu gol. Dois gols foram ilegais, o que não diminui a superioridade da equipe alemã. O Barcelona mostrou novamente suas deficiências.

Talvez a melhor solução para o Brasil ganhar a Copa do Mundo, em casa, ainda mais que há seleções melhores que a nossa, será repetir o ritmo alucinante e a marcação por pressão, sem deixar o adversário pensar e trocar passes, como fizeram o São Paulo, contra o Atlético-MG, e o Palmeiras, contra o Libertad, faz o Galo, no Independência, e fez o Bayern, contra o Barcelona.

Para isso, é necessário criar fortes laços afetivos entre a torcida e os atletas. Felipão terá uma dura tarefa. Ele vai esticar a corda para um lado, e Marin, para o outro.

Marcar por pressão e tentar sufocar o outro time, pelo menos em parte do jogo, é cada dia mais comum na Europa. Evidentemente, cada país tem suas particularidades. Não é também novidade.

Nos anos 1960, quando jogava contra Grêmio e Inter, em Porto Alegre, raramente, recebia uma bola livre. A Holanda, no Mundial de 1974, o Milan, com o treinador Arrigo Sacchi, nos fim dos anos 1980, e o Barcelona atual, em seus melhores momentos, são alguns exemplos de grandes times que marcam muito bem por pressão.

Na entrevista ao repórter Martín Fernandez, da **Folha**, Felipão disse que volante goleador só é bom para a imprensa. Hoje, os melhores times e seleções possuem volantes que marcam, dão bons passes e avançam para continuar as jogadas.

Mesmo os mais marcadores são jogadores de meio-campo. Não atuam plantados atrás, apenas para proteger zagueiros e laterais. Os dois volantes e os dois laterais avançam alternadamente.

O futebol compartimentado e com grandes espaços entre setores é uma das grandes deficiências do futebol brasileiro, que Mano Menezes tenta corrigir na seleção.

Felipão, que trabalhou muitos anos na Europa, disse que conversa com os melhores técnicos estrangeiros (deveria conversar também com Tite e Cuca) e assiste a todos os grandes jogos pela TV.

Mas, como muitos profissionais de todas as áreas, mesmo os bem informados, Felipão confia e acredita mais na experiência pessoal e no que acha que deu certo do que na ciência e no que é reconhecido como referência de excelência. É a onipotência do pensamento, frequente no ser humano.

Muitos treinadores agem como se tivessem apenas uma maneira de vencer e como se não houvesse erros nas vitórias e acertos nas derrotas. O que deu errado é jogado para de baixo do tapete.

**COLUNISTAS DA SEMANA** segunda: Juca Kfourri e PVC, terça: Lúcio Ribeiro, quarta: Tostão, quinta: Juca Kfourri, sexta: Fábio Seixas, sábado: Edgard Alves e Xico Sá, domingo: Juca Kfourri, PVC e Tostão

## ANEXO 26: COLUNA DE TOSTÃO - FOLHA DE SÃO PAULO, 28/04/2013

FOLHA DE S. PAULO

DOMINGO, 28 DE ABRIL DE 2013 ★ ★ ★ esporte D5

## Ocultos mistérios

TOSTÃO

UM LEITOR me perguntou por que os times brasileiros, e de todo o mundo, com superatletas, amparados pela tecnologia e pela ciência, não repetem, com frequência, o ritmo alucinante e a sufocante marcação por pressão, como fizeram Bayern de Munique e Borussia Dortmund, nas goleadas sobre Barcelona e Real Madrid.

Essas são partidas especiais, heroicas. Não dá para ser herói em todos os jogos. Os apressados já tiraram milhares de conclusões por causa de dois resultados atípicos. Um jogador do Borussia, substituído nos minutos finais da partida, tinha uma cara muito mais de sofrimento, de dor, pela exaustão física e emocional, do que de alegria.

Será esse o futuro do futebol, com atletas perfeitos fisicamente, atuando, de rotina, no limite físico, assediados ao talento individual? Ou será a união do futebol com o rúgbi? Muitas equipes que atuam com essa intensidade jogam mal e perdem. A garra está próxima da intranquilidade. Muitos técnicos acham que pressionar demais quem está com a bola é um suicídio, pois, quando a marcação avança e não recupera a bola, abrem-se grandes espaços na defesa. Esse tem sido um dos vários problemas do Barcelona, que não desarma tanto quanto antes.

A seleção brasileira, contra o Chile, não pressionou nem recuou, para o futuro do futebol será jogar, de rotina, e não só em partidas heroicas, como fizeram os alemães?

Real Madrid e Barcelona, que está em uma situação muito pior, só chegarão à final se fizerem partidas heroicas, além de atuações desastrosas dos alemães e de uma sequência favorável de acasos.

Nem mesmo os mistérios do futebol são capazes de ocultar tantas surpresas.

Assistirei, em Munique, pela TV, às partidas de volta da Copa dos Campeões da Europa. É uma viagem de férias, já programada há meses, por duas semanas. Torci, no sorteio, para que o segundo jogo fosse em Munique. Já tinha até planejado como comprar o ingresso. Dei azar.

**MAMATA**

Para aproveitar a festa da Copa, o governo, brevemente, vai anistiar todas as dívidas dos clubes, com as alegações de que os clubes são de interesse social, que não visam lucros e que vão quebrar, segundos os dirigentes, se não houver o perdão. Justificam ainda que haverá contrapartida, com os clubes investindo em projetos sociais e na formação de atletas olímpicos. Tudo balela! Essa mamata afronta o cidadão.

Os clubes, que arrecadam hoje muito mais do que antes, são balcões de negócios, rodeados de dezenas de interesses, alguns escusos. Com a anistia, vão aumentar ainda mais os gastos, até oficializarem mais um calote.

## ANEXO 27: COLUNA DE FERNANDO CALAZANS – O GLOBO, 15/05/2013

calazans@oglobo.com.br

# FERNANDO CALAZANS



## Sem drama na seleção

Eu teria convocado o Ronaldinho Gaúcho, mas quem convoca a seleção é o Luiz Felipe Scolari. Com essa frase inicial óbvia, já transformada em lugar-comum do futebol, o que quero dizer é o seguinte: por mim, Ronaldinho estaria na seleção, mas, já que não está, não enxergo um drama nisso. Assim como não enxergo drama na ausência de Kaká. Preferia mesmo o primeiro.

**É** o que está jogando mais futebol em seu time, o Atlético Mineiro elogiado por todos. Não acho absurda a ausência do meia, porque, de uns tempos para cá, Ronaldinho é um aqui, é outro ali, um terceiro acolá. E também porque, se mantiver a atual excelência, ainda poderá ser convocado para a Copa do Mundo, daqui a um ano.

Quer dizer que gostei da lista do Felipão? Mais ou menos. É mediana, como aliás é o futebol brasileiro. Há um nome de destaque que cada vez me agrada menos, o lateral Daniel Alves, mas creio que Jean pode socorrer o time em caso de emergência, embora eu o prefira mesmo no meio de campo. Há, também, Luís demais no elenco, com S ou com Z, como Filipe Luís e Luiz Gustavo. Ao menos um, o volante, poderia ceder a vaga a Ramires, de futebol mais arejado.

Os três goleiros são indiscutíveis, os melhores que temos, assim como os zagueiros. Gostei particularmente da lembrança do nome de Réver. Na lateral esquerda, o problema não é futebol. Marcelo é muito bom de bola, mas é muito ruim de cabeça. Se conseguirem desentortá-la, temos um lateral e tanto. No meio de campo, excluindo naturalmente a ausência de Ramires como volante e Ronaldinho como meia, não há discussão a propósito de Oscar e Jádson, nem de Lucas e Bernard (bem lembrado), que jogam mais adiantados.

No ataque é que vejo interrogações, não por causa da dupla titular — Neymar e Fred — mas por causa da reserva — Hulk e Damiano — que é de

amargar. Hulk é um atacante interessante por exemplo, para Flamengo, Palmeiras, Vasco, Botafogo, São Paulo, e até para nossos melhores times, como Atlético Mineiro, Fluminense e Corinthians. Mas, em seleção brasileira, me causa desgosto, pela correria e pela força, ambas tresloucadas. E, do Leandro Damiano com camisa amarela, só tenho visto carrinhos e faltas. Até o Pato, eu acho melhor.

## Fixo, só o goleiro

Mesmo com as restrições aí de cima, não condeno as escolhas feitas por Felipão, nem quero julgar seu trabalho por ela. Minha preocupação não é tanto com este ou aquele jogador, mas com a forma como este e aquele jogador vão atuar dentro do esquema, digamos, felipiano.

Uma declaração do nosso excelente zagueiro Thiago Silva, pouco depois da divulgação da lista, me deixou mais preocupado ainda. Disse ele que, como zagueiro, prefere dois volantes fixos à sua frente. Se um volante fixo — eu escrevi “fixo” — já acho muito, imaginem dois! Além do mais, não me importa muito o que é melhor para Thiago Silva, me importa, sim, o que é melhor para o futebol brasileiro. Como temos visto, volante fixo já era. Ao menos, na maioria dos times que nos atraem neste momento.

Por falar em jogador fixo, também vejo com reserva a função do centroavante típico. Não que um ótimo time não possa ter este homem de área — ao contrário, ele ainda pode ser muito útil, no caso exatamente de ser o Fred —, mas como titular constante e absoluto, acho meio extemporâneo.

Jogador fixo no futebol que estou vendo por aí, só mesmo o goleiro — e assim mesmo um fixo que precisa de muita agilidade para conter os chutes cada vez mais fortes e mais bem colocados dos jogadores de todas as posições no campo.

## Do lado de fora

Mas então, com uma breve olhadela restrita ao futebol do Rio, quais foram os clubes que não tiveram jogador algum convocado para a seleção da Copa das Confederações? Adivinhem!

A resposta é... Flamengo e Vasco. Sintomático, não? Em outros tempos, era sempre o caso de torcedores de um e de outro saírem esbravejando pelas esquinas e pelos bares, em sinal de protesto. Mas tenho quase certeza de que isso não acontecerá agora.

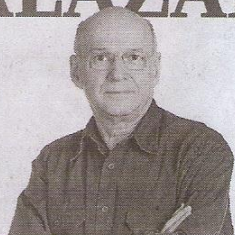
A torcida do Flamengo, por coincidência, até que tem outra coisa com que se ocupar logo mais, que é o segundo jogo com o Campinense, pela Copa do Brasil. O Flamengo, que já venceu o primeiro por 2 a 1, conseguirá repetir o time pela quarta ou quinta vez seguida, o que tem sido motivo de imensa satisfação no clube.

Eu não repetiria. Faria uma mudança, que é a entrada de Luiz Antônio no lugar de Amaral. Lembrem-se da conversa ali de cima de que volante não deve mais ser fixo, tem que saber jogar? Pois é. ●

## ANEXO 28: COLUNA DE FERNANDO CALAZANS - O GLOBO, 20/05/2013

calazans@oglobo.com.br

# FERNANDO CALAZANS



## Isso é decisão

Em primeiro lugar, é bom deixar claro que não se trata de particularidade do futebol paulista, nem do mineiro, nem do baiano, nem nada. O conflito e a violência, dentro ou fora do campo, estão presentes no futebol brasileiro e no sul-americano, mais ainda quando são jogos decisivos. Neste caso, não há erro: a gente já sabe que o espetáculo de futebol não poderá acontecer sem que algo restrinja seu brilho, sua civilidade.

A decisão em São Paulo começou tal e qual a decisão do Rio, entre Botafogo e Fluminense. Nada de futebol. Só faltas, pontapés, agarrões, chutes para as laterais, coisas assim. E eram Corinthians e Santos que estavam, digamos assim por hábito, “jogando”, não eram times de quinta divisão. Nenhuma jogada podia ser produzida por este ou aquele time. Em dois minutos de jogo, três faltas; em três minutos, quatro faltas; em quatro minutos, cinco faltas e mais um cartão amarelo para Fábio Santos (falta em Neymar, claro). Em menos de 14 minutos, já eram 10 faltas (cinco para cada lado) e, no fim do primeiro tempo, eram 25. Vinte e cinco faltas na metade de um jogo.

Outra vez como na decisão do Rio, o jogo — ou o que se pode chamar de jogo — começou por volta dos 15 minutos. Até com lances e jogadas interessantes, entre uma falta e outra. O Santos quebrou o domínio do Corinthians no meio do primeiro tempo, e Durval ajeitou de cabeça na área para a emendada bonita de Cícero, que abriu o placar para o Santos. O que não chegou a assustar o Corinthians porque, dois minutos depois, nem mais nem menos, Danilo deu o troco, emendando também uma rebatida na área do Santos e fazendo o 1 a 1 que durou até o fim.

O segundo tempo foi mais civilizado, apesar das faltas dos dois lados vistas com condescendência pelo juiz fraquinho. Foi equilibrado também, mas isso encobriu a evidência. O Corinthians, justíssi-

mo campeão, é muito mais bem armado como time de futebol, como equipe, como conjunto, enquanto o Santos depende — e depende mesmo! — de Neymar. O resto é figurante. Como estrela, o Corinthians tem (ou tinha) Paulinho, o melhor volante brasileiro, dentro ou fora do país.

Antes do jogo, houve um conflito feroz, uma guerra entre torcedores do Santos e policiais, com selvageria dos dois lados. Nos minutos finais, um sinalizador, lançado da arquibancada para o campo, interrompeu a partida por minutos. Sim, os sinalizadores ainda entram nos estádios.

Na decisão em Minas, pouco antes da celebração do título do Atlético Mineiro, a briga foi dentro do campo, entre seus jogadores e outros do Cruzeiro. Tinha que haver uma briga. Como se costuma dizer em relação à pancadaria na América do Sul: “Isso é Libertadores”.

Como se pode dizer no Brasil: “Isso é decisão.”

## Vai sobrar para quem?

A final de ontem entre Corinthians e Santos foi anunciada como suposta despedida dos dois maiores jogadores, cada qual de um lado: Neymar e Paulinho. Isso é que é perda, não apenas para Santos e Corinthians. Se fosse só isso...

É perda para o futebol brasileiro, em época tão crucial, em que o mundo está de olho aqui, por causa da Copa das Confederações e da Copa do Mundo. Dizem que nosso futebol, ou seja, nossos clubes, encontraram o caminho para manter seus principais jogadores. Alguns clubes podem, outros não. O Santos deu ótimo exemplo com o próprio Neymar. Porém, mais do que poder, a questão é querer. Porque o chamado futebol de negócios, o famoso business, é mais forte do que o desejo de futebol bem jogado dentro do campo. E quantos clubes resistiriam à oferta que, segundo as especulações, está sendo feita para levar o Paulinho?

Outra matéria em discussão é se realmente nossos jogadores crescem, ganham qualidade lá fora, conforme apregoam sobretudo os culturalmente colonizados, como alguns de nossos técnicos, em atividade ou não. Eu diria a mesma coisa ali de cima: há jogadores que podem melhorar, outros não. Ou será que vão me convencer de que Robinho e Pato, por exemplo, ganharam alguma coisa lá fora?

Não é uma regra e, portanto, não pode ser generalizada, menos ainda com a certeza com que o “complexo de vira-latas” nos impele a fazer. Se fosse assim, estaria oficialmente reconhecida a queda brutal no processo de formação dos nossos jogadores. Ou alguma vez, nos tempos do tricampeonato mundial por exemplo, algum de nós, técnico ou crítico, cogitou a transferência de Pelé ou Garrincha, de Didi ou Gérson, de Tostão ou Rivellino, e mais tarde de Sócrates ou Zico, para aprimorarem o futebol na Europa?

Se hoje, realmente, os melhores jogadores do Brasil têm que se transferir para o exterior, é porque algo está muito errado aqui dentro. Mas nessa discussão os “professores” não se metem. Pode sobrar para o lado deles. ●



## ANEXO 29: COLUNA DE JUCA KFOURI – FOLHA DE SÃO PAULO, 02/05/2013

**D4 esporte** ★ ★ ★ QUINTA-FEIRA, 2 DE MAIO DE 2013 FOLHA DE S. PAULO

## Os alemães e seus canhões

JUCA KFOURI

**É bom ver a Alemanha voltar a jogar um futebol refinado. Melhor ainda é vê-la em festa**

NENHUMA COPA do Mundo fez tão bem a um país como a da Alemanha, em 2006.

Embora já tivesse feito uma, em 1974, a mais recente foi a primeira grande vitrine do país unificado.

As gerações pós-Segunda Guerra, fartamente influenciadas pelo cinema norte-americano, tinham dos germânicos a imagem de um povo sombrio.

A Alemanha era em preto e branco, mesmo quando o filme era colorido.

Berlim era sombria na sala escura de projeção, embora seja das cidades mais alegres do mundo, se não a mais.

Curiosamente não é lá que está o melhor futebol do país, mas nas razoavelmente dela distantes Munique, a 583 km, e Dortmund, a 493 km. Entre as duas capitais do futebol alemão a distância é ainda maior, de 604 km.

Preta e branca também é a seleção alemã e o futebol que é capaz de jogar tem todas as cores do arco-íris.

A propaganda que o país fez de si mesmo, durante um mês, atingiu todos os objetivos.

Vendeu festa, apesar de cuidadosa com manifestações exageradamente nacionalistas.

Saudou o terceiro lugar de seu time com entusiasmo e daquele grupo tem ainda hoje quatro brilhantes titulares: o capitão Phillip Lahm; seu companheiro na defesa Per Mertesacker; o extraordinário Bastian Schweinsteiger e o goleador Lukas Podolski, além do técnico Joachim Löw, então auxiliar de Jürgen Klinsmann.

Que virão ao Brasil no ano que vem como favoritos.

É muito bom em todos os sentidos que assim seja.

O país de Johann Sebastian Bach, de Johann Wolfgang von Goethe e de Karl Marx; de craques da estirpe de Fritz Walter, campeão mundial de 1954, Franz Beckenbauer e Wolfgang Overath, ambos campeões mundiais em 1974, Karl-Hein Rummenigge, e Lothar Matthäus, campeão do mundo em 1990, mereça a alegria que Bayern de Munique e Borussia Dortmund proporcionam mirando Wembley, em 25 de maio, quando, enfim e pacificamente, Londres será invadida.

Impossível não lembrar de meu pai que contava ter ouvido, apavorado, pelo rádio, Mussolini discursar e prometer, confiante na Luftwaffe, a Força Aérea Alemã: "Quanta sera Londres será destruída".

Não, não só Londres não foi destruída como, para comemorar os 150 anos da FA, sua orgulhosa federação de futebol, receberá dois times que honram as melhores tradições do futebol moderno que os ingleses criaram, deixando para trás dois gigantes como Barcelona e Real Madrid, que, por vivos, haverão de animar ainda os próximos cenários.

Que bom que os canhões alemães agora são outros, um deles até polonês, como Lewandowski, nascido em Varsóvia.

**OFENDE?**

Por mera curiosidade: quando um atleta é pego dopado perde suas medalhas e honorárias. E quando um cartola é pego vendendo?

Permanece com seu nome em estádios? Com seus títulos de homem do ano etc.?

Só para saber...

**COLUNISTAS DA SEMANA** segunda: Juca Kfourí e PVC, terça: Lúcio Ribeiro, quarta: Tostão, quinta: Juca Kfourí, sexta: Fábio Seixas, sábado: Edgard Alves e Xico Sá, domingo: Juca Kfourí, PVC e Tostão

## ANEXO 30: COLUNA DE JUCA KFOURI - FOLHA DE SÃO PAULO, 20/05/2013

FOLHA DE S. PAULO

SEGUNDA-FEIRA, 20 DE MAIO DE 2013 ★ ★ ★ esporte **D3**

## Tetra não, 27 vezes sim!

JUCA KFOURI

**Só faltava o Timão entre os grandes para impedir que o Santos igualasse o feito do Paulistano**

O PRIMEIRO foi o Palmeiras, em 1963, que impediu que a máquina santista do Rei Pelé conquistasse o inédito tetracampeonato estadual no profissionalismo.

O segundo foi o São Paulo, que repetiu a maldade em 1970. Agora chegou a vez do Corinthians, com o requinte de fazê-lo na Vila Belmiro.

Depois de ficar em quinto lugar na primeira fase do Paulistinha, o Corinthians fez o que precisava na fase final. Certamente os corinthianos trocariam seu 27º Paulista pela vaga nas quartas de final da Libertadores, mas essa possibilidade virou passado e resta olhar para o futuro.

Mais uma vez o Corinthians criou chances para ganhar do Santos com folga, não fossem as três bolas nas travessas santistas e os gols cara a cara desperdiçados por Romarinho e Alexandre Pato. Um Neymar sozinho, por mais elétrico que estivesse, não poderia fazer mais do que fez, desassistido por André num time esforçado, mas decadente.

Aos novos velhos e maiores campeões paulistas há um futuro sem Paulinho, que se decidirá entre a oferta para ganhar € 3 milhões por ano na Inter italiana ou € 5 milhões no Shakhtar ucraniano, que oferece € 20 milhões ao clube e um contrato de cinco anos ao jogador.

No sábado que vem, já pelo Brasileiro, o adversário será o campeão carioca 20 vezes, o Botafogo, sem se falar na Copa do Brasil e na Recopa Sul-Americana, cujo valor está quase todo no adversário, o São Paulo.

Que o Corinthians pode tudo, pode. Poderia até ter virado as costas para a Libertadores, o que evitaria o sentimento de impotência e injustiça produzido pela camarilha apresentada por Amarilla.

Sim, é passado, repita-se, mas se nada for feito a sério, se repetirá no futuro. Tão certo como é certo que se os moribundos Estaduais não mudarem, ou acabarem, logo mais a Fiel comemorará o 30º título.

Quem sabe ganhando o tetracampeonato, que já lhe escapou também três vezes, duas delas ainda no amadorismo, que só teve o Paulistano como dono da façanha.

Em 1925, graças ao São Bento da capital; em 1931 por causa do São Paulo da Floresta e, em 1940, por intervenção do Palestra Itália.

Só o Santos não participou dessas quebras, embora se possa perguntar: São Bento e São Paulo são o quê?

**CORREÇÃO**

Nenhum "pessimista de plantão" disse, como disse Dilma Rousseff a "eles" se referindo, que os estádios não ficariam prontos para as Copas.

O que os críticos, que têm a preocupação de relatar os fatos como os fatos são, sempre disseram é que haveria atrasos e superfaturamentos. Exatamente como está acontecendo.

E que boa parte dos estádios virarão elefantes brancos. Exatamente como acontecerá. O inacabado Mané Garrincha, mas aberto antontem, é um deles. Os estádios de Cuiabá, Manaus, Natal e, provavelmente, Recife são os outros.

**COLUNISTAS DA SEMANA** segunda: Juca Kfourí e PVC, terça: Lúcio Ribeiro, quarta: Tostão, quinta: Juca Kfourí, sexta: Fábio Seixas, sábado: Edgard Alves e Xico Sá, domingo: Juca Kfourí, PVC e Tostão

## ANEXO 31: COLUNA DE JUCA KFOURI – FOLHA DE SÃO PAULO, 27/05/2013

**D4 esporte** ★ ★ ★ SEGUNDA-FEIRA, 27 DE MAIO DE 2013 FOLHA DE S. PAULO

## Complexo de pastor-alemão

JUCA KFOURI

**INVEJA DOS ALEMÃES.** *Vontade de ser como eles quando crescer só para jogar o futebol que jogaram na casa dos vizinhos de Londres, mais ou menos assim como se Boca Juniors e River Plate decidissem a Libertadores no Maracanã.*

Jogar sem simular, jogar sem reclamar, jogar sem parar, jogar. Verdade que só a metade dos 22 que entraram naquele gramado impecável nasceram na Alemanha, porque os demais 11 vieram da Polônia, do Brasil, da Áustria, Croácia, Bósnia, Espanha, República Tcheca, França e da Holanda. Verdade também que os principais protagonistas do grande jogo que valeu o quinto título europeu ao Bayern de Munique, além dos goleiros germânicos, foram o francês Ribéry, o croata Mandžukić, autor do primeiro gol, e, é claro, de vilão a herói, o holandês Robben.

Quase que o extravagante penalti cometido pelo nosso Dante faz dele um retrato cruel do futebol brasileiro, o que nem seria justo com o Corinthians nem com o Galo, os times nacionais que talvez possam encerrar os bávaros, algo que depende agora apenas dos mineiros.

Para que ninguém acuse aqui algum sinal de complexo de vira-latas, fique claro que, ao contrário, trata-se de assumir que podemos nos comportar como pastores-alemães.

**É melhor ser metido a superior, megalomaniaco, ou ser tímido e padecer de vira-latismo?**

Porque também os clubes brasileiros estão cheios de bons estrangeiros, embora quase só da América. Neste Brasileirão, por exemplo, a dupla Gre-Nal tem Vargas e Barcos, D'Alessandro e Forlán, como o Corinthians tem Guerrero, o Botafogo, Seedorf, a exceção, e o Santos, Montillo. Paremos por aqui para pensar

Por que raios estamos condenados a ficar invejosos do que vemos na Europa, se temos o sétimo PIB do mundo, atrás de países campeões mundiais de futebol como a Alemanha, França e Grã-Bretanha, mas na frente de Itália, e, consideravelmente, adiante de Espanha, Argentina e Uruguai?

Por que Real Madrid e Barcelona, da 15ª economia do mundo, são tão mais poderosos que clubes como Flamengo e Corinthians com muito mais torcedores? Será porque todos os países que

levam nossos craques como Neymar têm suas ligas de clubes para defender os interesses de seus campeonatos e por aqui ainda se permite que a CBF, que só pensa na seleção e em Copas do Mundo, dê as cartas? Que peso tem em nossa misérrima organizativa imaginarmos que nós estamos no passo certo, com um calendário que marcha na contra-mão do Primeiro Mundo do futebol? Se no século passado invejávamos menos até por não vermos tanto os europeus pela TV, neste, lembremos, vimos Corinthians, São Paulo e Inter baterem os invejados europeus em campo neutro, prova de que podemos.

Ao contrário do que se supõe, complexo de vira-latas têm os cartolas que se submetem ao arbítrio da CBF, não quem inveja o que dá certo.

**COLUNISTAS DA SEMANA** segunda: Juca Kfourí e PVC, terça: Lúcio Ribeiro, quarta: Tostão, quinta: Juca Kfourí, sexta: Fábio Seixas, sábado: Edgard Alves e Xico Sá, domingo: Juca Kfourí, PVC e Tostão

## ANEXO 32: COLUNA DE TOSTÃO – FOLHA DE SÃO PAULO, 19/05/2013

**FOLHA DE S. PAULO** DOMINGO, 19 DE MAIO DE 2013 ★ ★ ★ esporte D3

## Despedida de Neymar

TOSTÃO

**NÃO FIQUEI** surpreso com a ausência de Ronaldinho na lista para a Copa das Confederações. Foi mais por motivos técnicos que disciplinares. A convocação não foi também para a Copa do Mundo.

Ronaldinho atuou muito mal nos dois jogos com Felipão. Além disso, Neymar, Oscar e Lucas precisam jogar mais e juntos, para evoluírem. Eles são a grande esperança de o Brasil ter na Copa uma equipe muito melhor do que a atual.

Surpreendente foi a ausência de Ramires. Não foi também por indisciplina. Ele não é um volante excepcional, mas não pode ficar fora de um grupo que tem Fernando, Luiz Gustavo e Hernanes. Faltou também Tardelli, como opção de centroavante. Ele éartilheiro, habilidoso e facilita bastante para os companheiros. Sua chegada foi fundamental para o crescimento do Atlético-MG.

A convocação de 11 jogadores que atuam no Brasil é decorrente da manutenção e contratação de melhores atletas, do pouco número de brasileiros nas principais equipes da Europa e da tentativa de cativar e de criar um forte laço afetivo com a torcida. O slogan do governo para a Copa: "Pátria de chuteiras", aliás, nada original, possui o mesmo objetivo.

Das equipes brasileiras, só restaram, na Libertadores, Atlético-MG

**Não foram surpresas as ausências de Ronaldinho e Kaká. Surpreendente foi Ramires ficar fora**

Renato Augusto está contundido, e Pato, mais uma vez, mostrou que é mais famoso do que joga.

O mesmo raciocínio, porém, em um nível muito mais alto, ocorre com Neymar. Antes de brilhar contra as melhores equipes do mundo, ele já é um dos mais famosos e bem pagos jogadores do planeta, personagem de revista em quadrinhos, além de ter todos os trejeitos e idiotices das grandes estrelas.

A melhor solução, para o craque e para o ser humano, será jogar ao lado de grandes craques, que tenham outro comportamento, como Messi, Xavi e Iniesta. Hoje, pode ser sua despedida.

O Atlético-MG não é um time moderno nem antigo. Não segue a moda nem é convencional. A equipe não possui um volante habilidoso que marca e ataca, nem se preocupa demais com a troca de passes e a posse de bola, desejos dos grandes times do mundo. O Galo utiliza muito, com sucesso, os chutes para o grandalhão João e as jogadas aéreas, práticas pouco comuns nas principais equipes europeias.

O Atlético-MG é uma mistura de estilos. Mostra que é possível ganhar e jogar bem de outras maneiras.

Cuca não inventa nem copia. Faz do seu jeito, além de conhecer profundamente os detalhes e o que é essencial.

## ANEXO 33: COLUNA DE TOSTÃO – FOLHA DE SÃO PAULO, 22/05/2013

**D4 esporte** ★ ★ ★ QUARTA-FEIRA, 22 DE MAIO DE 2013 FOLHA DE S. PAULO

**O chutão é universal**

TOSTÃO

*PELOS NOTICIÁRIOS, parece que o Fluminense é um timinho, com poucas chances de ganhar a Libertadores, e o Atlético-MG, um timaço, espetacular, fantástico. Os que criticam os chutes e o excesso de jogadas aéreas no futebol brasileiro são os mesmos que acham belíssimas esses lances no Atlético-MG.*

*Fluminense e Atlético-MG são fortes candidatos ao título. O Galo tem mais chances, porque está melhor e, principalmente, porque, no Independência, inibe o adversário, e só ele joga. Mas, se o Atlético-MG for eliminado, todos os méritos, que são inúmeros, serão esquecidos. Dirão até que Cuca amarela e que é chorão.*

*Sábado, Borussia Dortmund e Bayern de Munique fazem a final da Copa dos Campeões. Estava em Munique, quando os dois eliminaram*

*Real e Barcelona. Vi pela TV. Estive, depois, na belíssima cidade de Viena. Realizei o desejo de conhecer o Museu Freud, onde ele morava e trabalhava. Fiquei impressionado como os austríacos homenageiam o criador da psicanálise e outros grandes artistas, que viveram na mesma época, como o pintor Gustavo Klimt.*

*Na época em que Freud, Klimt e outros revolucionários trabalhavam, foram contestados. Não se tinha a exata dimensão da importância de suas obras. Demoramos a*

**Teremos jogos decisivos da Libertadores e a decisão da Liga dos Campeões. O Bayern tem mais chance**

*compreender o óbvio. Será que o atual futebol alemão, tão badalado, ficará na história? Será que vai ocupar, nos próximos anos, o lugar dos espanhóis? Ou logo perderá o prestígio?*

*Não há nenhuma novidade na maneira de jogar dos alemães. A estratégia é a mesma dos últimos anos*

*e da maioria das grandes equipes. Mudou apenas a intensidade e a eficiência com que os alemães executam o que foi planejado. A evolução do futebol será pelo físico, pela formação de superatletas?*

*Bayern e Borussia ensinaram à seleção alemã como se faz para marcar os espanhóis. Na Copa de 2010, os alemães, considerados favoritos, por causa da goleada sobre a Argentina e das vitórias apertadas da Espanha, assistiram ao show de troca de passes dos espanhóis. Os dois times alemães mostraram*

*que é possível pressionar quem está com a bola, durante todo o jogo, em todas as partes do campo.*

*O Brasil não tem de copiar, na íntegra, os alemães, os espanhóis nem repetir o passado. O futebol mudou. Temos de reinventar nosso estilo e reaprender a jogar coletivamente. O que não se pode é atuar por espasmos, como hoje, com uma jogada aqui e outra ali.*

*Bayern e Borussia se parecem. Marcam e atacam com muitos jogadores, alternam a marcação por pressão com a mais recuada, contra-atacam com rápidas trocas de passes e deixam poucos espaços entre os setores. O Borussia usa, com sucesso, como o Atlético-MG, os lançamentos, longos e pelo alto, para o centroavante Lewandowski. O chutão é universal. Às vezes, funciona.*

**COLUNISTAS DA SEMANA** segunda: Juca Kfourir e PVC, terça: Lúcio Ribeiro, quarta: Tostão, quinta: Juca Kfourir, sexta: Fábio Seixas, sábado: Edgard Alves e Xico Sá, domingo: Juca Kfourir, PVC e Tostão

## ANEXO 34: COLUNA DE TOSTÃO - JORNAL FOLHA DE SÃO PAULO, 26/05/2013

**D2 esporte** ★ ★ ★ DOMINGO, 26 DE MAIO DE 2013 FOLHA DE S. PAULO

**Prostituir o talento**

TOSTÃO

*PELÉ FAZIA dupla com Coutinho. Neymar, com André, Miralles ou Paulinho. Já imaginou se Messi, hoje, jogasse na Argentina, Cristiano Ronaldo, em Portugal, e Ibrahimovic, na Suécia?*

*Neymar, no fraco time do Santos, é um desrespeito a seu talento.*

*A situação de Neymar é bem diferente da dos inúmeros bons jogadores brasileiros, que, dificilmente, seriam titulares de uma grande equipe da Europa. Por isso, muitos voltaram. Ser destaque no Brasil, além de ganhar salários tão bons, ou maiores, é melhor que jogar em um time médio europeu.*

*Se a situação do futebol brasileiro fosse outra, seria ótimo Neymar ficar por aqui. Muitos argumentam que é muito melhor vê-lo jogar mais de perto, do que fora, como se Ney-*

*mar fosse um produto de consumo, à nossa disposição.*

*A sociedade do espetáculo idolatra, consome e descarta rapidamente seus ídolos. A impaciência com Neymar já começou. Querem que ele dê show em todas as partidas.*

*O maior compromisso de um artista é com sua arte e com a busca da perfeição, sem nunca alcançá-la. Ficar no Brasil, porque ganha mais do que Cristiano Ronaldo e é o rei da cocada preta, seria estagnar, prostituir seu talento.*

*Neymar não vai para provar que*

**O maior compromisso do artista é com sua arte. Não é com a fama nem com o dinheiro**

*é um cracaço nem para ser eleito o melhor do mundo.*

*Ele vai porque vai enfrentar defesas melhores e mais compactas, porque precisa de concorrência para evoluir, porque vai jogar ao lado e contra os melhores jogadores, porque vai aprender a ser um coadjuvante, como Messi foi no início, e,*

*principalmente, a jogar coletivamente.*

*No Santos, há dois times, o de Neymar, formado só por ele, e o do Santos, com o restante dos jogadores. Um time não se mistura com o outro. O de Neymar é muito melhor.*

*Tentar driblar, de rotina, vários jogadores, para fazer um golaco e ganhar o prêmio da Fifa vai levar à ineficiência.*

*Temo que se transforme em apenas um grande craque circense.*

*Messi disse que Neymar é excepcional na jogada de um contra um.*

*Messi já o imaginou no Barça. Quando Messi, Xavi e Iniesta trocam passes pelo meio, até a entrada da área e não conseguem penetrar, o quem tem sido mais frequente, um dos três toca a bola para o atacante pelo lado, livre, pois o lateral fecha para o meio, para fazer a cobertura. Mesmo assim, nada ocorre. Costumam voltar a bola para o meio, e tudo começa. Messi, Xavi e Iniesta estão loucos para a chegada de Neymar.*

*Neymar é que tem que decidir sua vida. Não temos nada com isso.*

*Se optasse por ficar, porque achava que aqui seria mais feliz, que poderia ser ator da TV Globo e o reizenho, nunca ameaçado, teríamos de respeitar sua decisão.*

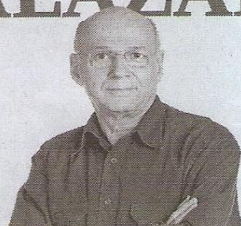
*Se optasse por desaparecer e gastar sua fortuna pelo mundo, seria também uma decisão interessante*

**COLUNISTAS DA SEMANA** segunda: Juca Kfourir e PVC, terça: Lúcio Ribeiro, quarta: Tostão, quinta: Juca Kfourir, sexta: Fábio Seixas, sábado: Edgard Alves e Xico Sá, domingo: Juca Kfourir, PVC e Tostão

## ANEXO 35: COLUNA DE FERNANDO CALAZANS – O GLOBO, 02/06/2013

calazans@oglobo.com.br

# FERNANDO CALAZANS



## Escalção promissora

O esboço da seleção brasileira para o amistoso de hoje com a Inglaterra e que, imagino eu, é também o esboço para a disputa da Copa das Confederações até que me agrada. Pelo menos na teoria, o time nada tem de defensivo, mantendo um equilíbrio interessante entre os três setores. Acredito, inclusive, que o técnico Felipão esteja bem-intencionado nesse aspecto.

**S**e não, vejamos: Júlio César, Daniel Alves, Thiago Silva, David Luiz e Marcelo; Fernando, Paulinho e Oscar; Lucas, Fred e Neymar. Não seria novidade dizer que faço algumas restrições — todos fazem, em qualquer das seleções brasileiras já formadas e ainda por se formarem —, mas, com aquilo de que dispomos hoje, no chamado material humano, acho o time bem escalado. Se o esquema e o futebol serão bons, saberemos depois.

As restrições de que falei foram vistas no treino, mas no quesito das substituições: Hernanes no lugar de Paulinho, e Hulk no lugar de Lucas. Para mim, seria uma experiência terrível ver, por um lado, a saída de Paulinho do time e, por outro lado, a entrada de Hulk. Terrível. Mas não acredito que isso se realize, ao menos por enquanto. No mais, é preciso ver como se comportam as cabeças dos laterais Daniel Alves e Marcelo, ambas um tanto desequilibradas. A propósito do primeiro, é bom também se certificar de que seu futebol não se desequilibrou nos últimos tempos.

Tudo isso são dúvidas cabíveis num time de clube, e mais ainda numa seleção nacional. Mas, na escalação aí de cima, não vejo nenhum desses brutcutos e caneleiros do futebol. Vejo apenas (se me perdoam a expressão) um “volante de contenção”, vejo outro que sabe jogar e até fazer gol, vejo um bom armador e três homens bastante ofensivos.

Quanto ao esquema que a escalação sugere, minha dúvida é se um centroavante fixo, ainda que seja eficiente como Fred, ainda funciona nos dias de

hoje. Não quero afirmar que não, mas acredito que o tema ainda será objeto de debate.

É um teste respeitável este de hoje, contra a Inglaterra, ainda mais para uma seleção como a nossa, ainda em formação. E a maior expectativa será em relação à nossa forma de jogar, se estará mais atualizada com o que se vê de melhor em dois ou três cantinhos do mundo, ou se repetirá o que temos visto aqui dentro, como a distância enorme entre setores das equipes, como chutes pra frente e bolas altas a esmo na área do adversário. Vamos ver.

## Sem xenofobia, por favor

A propósito das últimas linhas ali de cima, há fortes indícios do aparecimento não digo de um consenso, porque isso é coisa quase impossível no futebol, mas de uma forte corrente convencida de que nosso quadro atual de treinadores não dá mais para o gasto. Com uma ou outra exceção apenas.

Depois da saída de Muricy Ramalho, do Santos, pesquisa dá conta de que o preferido da torcida é um técnico estrangeiro, o argentino Marcelo Bielsa, com o dobro da votação do segundo colocado, o brasileiro Dorival Júnior.

Não é só a torcida que demonstra esse sentimento, boa parte da crítica também. Sou favorável a isso que eu chamaria de uma experiência, de uma tentativa de elevar o nível aqui dentro, que está em queda livre. Nunca afirmei, com certeza, que seria uma solução, algo definitivo. Penso que vale a pena o risco. O que me deixa intrigado mesmo é a convicção, a certeza com que, do outro lado, pessoas dizem que NÃO se pode importar um treinador de fora, e fim de papo. Até quando se sabe que outros já deram certo por aqui em outras épocas.

O que eu sei mesmo é que, da forma como está caminhando o futebol de nossos times, com uma ou outra exceção de novo, não dá mais. A prova mais recente é esta Copa Libertadores em curso. Éramos seis times no início, alguns com fama de maiores da competição e da América do Sul. Depois das quartas de final, somos um time só. Isso, diga-se com ênfase, numa Libertadores bem aquém do nível que ela já teve no tempo dos melhores times de Argentina, Uruguai, Chile, Paraguai e Brasil, claro.

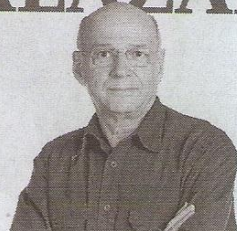
## Victor, um herói

O representante brasileiro na Libertadores, muito merecidamente, é o Atlético Mineiro, que não jogou bem contra o Tijuana — melhor time, por exemplo, do que o Olimpia, algoz do Fluminense —, mas proporcionou um final histórico em que seu goleiro Victor virou, merecidamente também, mais um herói do clube. Foi emocionante sua consagração pela torcida, pelos companheiros, por todos os presentes, depois de defender, aos 47 minutos do segundo tempo, o pênalti que daria a classificação ao Tijuana. Sua torcida, que já chorava de dor antes da cobrança, continuou chorando de emoção, de felicidade e de agradecimento a ele, Victor, um grande goleiro. ●

## ANEXO 36: COLUNA DE FERNANDO CALAZANS – O GLOBO, 03/06/2013

calazans@oglobo.com.br

# FERNANDO CALAZANS



## A dúvida que permanece

A escalação promissora da seleção brasileira, que comentei aqui, não saiu do papel ou da prancheta do Felipão. Não entrou em campo para o amistoso de ontem com a Inglaterra, na reinauguração do Maracanã. Deve ter sido mesmo muita pretensão minha acreditar nela, e, pior ainda, elogiá-la. Era uma escalação inspirada na qualidade dos jogadores e num planejamento ofensivo.

O time que pisou o gramado novinho tinha Filipe Luís no lugar de Marcelo, Luiz Gustavo no lugar de Fernando, e, aqui reside o maior perigo, Hulk no lugar de Lucas. O motivo anunciado era a necessidade de dar mais força e mais altura à equipe que ia enfrentar a seleção inglesa de jogadores... fortes e altos.

Pois a seleção alta e forte da Inglaterra simplesmente não quis jogar no primeiro tempo. Desfalcada e meio improvisada, preferiu abdicar do ataque, satisfez-se em ficar apenas defendendo. A seleção brasileira dominou amplamente, com uma medida bem interessante do Felipão: Neymar no meio, com ampla liberdade, em vez de ficar amarrado na esquerda. Quem sabe por isso teve, nesse primeiro tempo, uma de suas melhores atuações na seleção. Foi o melhor nas 18 finalizações do Brasil, contra nada mais do que duas da Inglaterra, sendo a primeira apenas aos 39 minutos do primeiro tempo. Mas, tirando Neymar e Oscar, a seleção brasileira tampouco teve brilho. Nem mesmo Paulinho, preso entre as duas intermediárias, apareceu para o jogo. Nos chutes a gol do Brasil, quem sobressaiu foi o goleiro Hart, melhor do seu time o tempo todo.

As modificações vieram logo depois do intervalo, com Marcelo no lugar de Filipe Luís, e Hernanes no lugar de Luiz Gustavo. Bem melhor assim, sobretudo por causa de Hernanes, que, logo aos 11 minutos, desferiu um belo chute, mandando a bola no travessão. No rebote, Fred deu um ar de sua presença, vencendo pela primeira vez o Hart e colo-

cando o Brasil na frente do marcador. Foi uma das raríssimas vezes que Fred pegou a bola.

Bastou a seleção inglesa estar perdendo para resolver atacar, e bastou atacar para virar o jogo. Primeiro, foi o jovem Chamberlain, com um chute no canto, e depois o veterano Rooney, com outro chute, que desviou na zaga e encobriu Júlio César. Dois a um para os ingleses. Lucas já tinha entrado no lugar de Oscar. O jogador certo no lugar errado, pois a situação aconselhava a permanência de jogadores ofensivos. Mas Lucas cumpriu à risca o seu papel: centrou muito bem da direita, e Paulinho, enfim liberado da prisão na intermediária, emendou de voleio, em seu melhor estilo, para empatar o jogo — e tornar mais justo o resultado final.

Quanto à escalação, Felipão nos deixou em suspense. A seleção brasileira vai preferir a altura e a força ou a qualidade e o espírito ofensivo? A Copa das Confederações vem aí para nos dar a resposta.

## Altos e baixos no Rio

O Botafogo continuou firme em sua série invicta, mas desta vez não jogou tão bem como vinha fazendo. Pudera: o adversário era o Cruzeiro, um dos times bem cotados neste Campeonato Brasileiro e que, sábado, chegou a abafar o adversário com uma marcação adiantada. O Botafogo teve dificuldade na saída de bola, mas teve facilidade na defesa do Cruzeiro, quando, logo aos seis minutos de jogo, Leandro Guerreiro errou o passe, Vitinho criou a jogada pela esquerda, e Lodeiro fez 1 a 0.

Foi assim durante a maior parte do jogo, com o Cruzeiro mais perto do gol (Anselmo Ramon empatou no primeiro tempo), mas com o Botafogo mostrando os recursos que tem. Boas defesas dos goleiros, bolas na trave, e um pouco mais de sorte do lado botafoguense. No segundo tempo, outra vez no início, a defesa do Cruzeiro voltou a colaborar com o Botafogo. Desta vez, com o lance atabalhoado de falta do ex-vascaíno Nilton (nenhuma novidade) dentro da área. Lodeiro, de pênalti, fez o segundo. Vitória de um time consistente e com uma dose de sorte que não faz mal a ninguém.

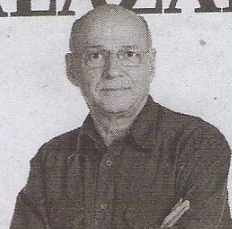
Difícil mesmo é ter sorte com os times atuais de Flamengo e Vasco. O primeiro ainda se safou com um empate de 2 a 2 contra o Atlético-PR, depois de estar perdendo de 2 a 0. O outro também levou dois gols, do Vitória, também fez dois gols, mas estes foram muito mal anulados pelo juiz Héber Roberto Lopes, cada vez pior. E o Vasco perdeu pela segunda vez consecutiva.

Jorginho tem feito mudanças consecutivas na escalação do Flamengo, o que não é bom, mas é compreensível com o time que ele (não) tem. As mudanças são causadas pela más atuações, que, naturalmente se repetem, por falta de qualidade no elenco. A circunstância também ameaça Paulo Autuori no Vasco, quem sabe até com mais gravidade. Esse tipo de problema, falta de elenco, passa longe do Fluminense, que, com modificações também, não teve dificuldade alguma para sapear 3 a 0 no time fraquinho do Criciúma. ●

## ANEXO 37: COLUNA DE FERNANDO CALAZANS – O GLOBO, 09/06/2013

calazans@oglobo.com.br

# FERNANDO CALAZANS



## De olhos bem fechados

A seleção brasileira caiu mais três posições no ranking da Fifa e está agora em vigésimo segundo lugar. Não sei, sinceramente, o grau de credibilidade que pode merecer essa lista, mas, alto ou baixo, chega a ser assustadora a queda da nossa seleção, que foi a maior do século passado em qualquer ranking do planeta. O declínio seria até de certa utilidade, se servisse para abrir os olhos de cartolas e técnicos do nosso futebol.

**M**as não creio que isso aconteça, porque cada técnico e cada cartola estão preocupados apenas com o próximo resultado de seu time e se mantêm absolutamente distantes de uma análise profunda do contexto do nosso futebol. É cada um por si e, no máximo, por seu clube.

Mas há uma boa pergunta que pode ser feita aos nossos treinadores, a partir de uma certa relação, ou, vista de outro modo, de uma certa provocação. Será que a queda prolongada do futebol brasileiro no tal ranking tem a ver com a necessidade de um craque como Neymar partir para o exterior com o intuito de aprimorar seu futebol?

Sim, acho que existe uma relação. Porque naquela época dourada do futebol brasileiro, nenhum cidadão medianamente sadio cogitou a hipótese de mandar o Gérson, o Pelé, o Tostão, o Rivellino ou o Jairzinho para aprender a jogar na Espanha, na Inglaterra ou no Japão. Nem mesmo o Zico, o Sócrates e o Falcão, que, para azar da Copa do Mundo, deixaram de ser campeões 12 anos depois.

Agora, temos essa novidade — e eu não vou afirmar, nem de longe, que as pessoas favoráveis à transferência de Neymar estejam erradas. Hoje, que ele já está mesmo indo embora, prefiro acreditar que o raciocínio faz sentido.

Faz (ou faria) sentido, se as mesmas pessoas, diretamente ligadas ao futebol, procurassem estudar e explicar o que está errado aqui dentro, em nossos clubes e em nossos campos, para obrigar nossos jogadores a recorrer ao superior futebol europeu. Porque alguma coisa, ou muitas coisas desanda-

ram por aqui, a ponto de nosso maior jogador ter que se transferir para a Espanha (campeã mundial uma vezinha só) para jogar entre os cobras locais.

Entre os defensores da saída de Neymar estava e está Carlos Alberto Parreira, naturalmente em decorrência da evolução do futebol europeu em relação ao nosso. Muito bem. Então por que o mesmo Parreira se mostrou tão convictamente contrário à contratação de técnicos do exterior para os clubes ou para a seleção do Brasil? Chegou a garantir que não precisamos deles.

Vamos ver, então, se eu entendo o raciocínio: Neymar deve se estabelecer na Europa porque o futebol de lá está mais adiantado e vai ajudá-lo a evoluir, mas nós não podemos contratar os técnicos desse futebol mais adiantado para melhorar o nosso aqui? É isso? Estranho raciocínio, com forte inspiração corporativista.

Porque uma coisa não preciso perguntar a ninguém para saber a resposta: se o futebol brasileiro caiu a tal ponto que os candidatos a craque têm que ir jogar lá fora, os técnicos daqui, chamados de “professores”, têm muito a ver com isso. Ou alguém vai dizer que não têm?

Para esta outra pergunta, sim, eu gostaria de ter resposta: quantos de nossos treinadores, os das categorias principais naturalmente, estão interessados em estudar, acompanhar e aperfeiçoar o trabalho que vem sendo feito nas nossas categorias de base? Quantos?

Quem sabe com uma reformulação nesse trabalho da base, os próximos Neymares, os craques das gerações futuras, não precisem sair do país para aprender a jogar? Uma coisa eu imagino: sem reformar essas categorias juvenis, que hoje produzem mais “guerreiros” do que jogadores de futebol, vai ser difícil o Brasil se manter numa posição digna, seja no ranking da Fifa ou em qualquer outro.

Voltando ao presente. Por enquanto, gostaria que Neymar “aprendesse” a jogar aqui mesmo, na seleção brasileira, começando por hoje, no amistoso de treinamento para a Copa das Confederações, contra a França. É o que atrai a minha atenção no jogo de daqui a pouco. Ah, sim, uma pequena dúvida mais: a escalação do Felipão. A escalação!!!

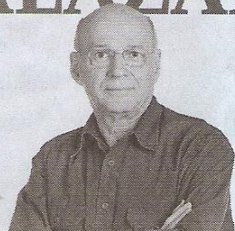
## Fora dos trinquês

A situação está feia mesmo, e cada vez pior, para os clubes cariocas, no Campeonato Brasileiro ou em qualquer outro. Para eles, que esperavam a reabertura do Engenhão no segundo semestre, a notícia de sexta-feira foi explosiva: o estádio, seja com que nome for, só reabrirá no início de... 2015! Mais um ano e meio de obras para quem imaginava que tudo estaria nos trinquês em três ou quatro meses. Só faltava essa! Agora, por singular ironia, a esperança voltou a ser o novo Maracanã. É, o mundo dá muitas voltas... não raro para voltar ao mesmo lugar. Enquanto isso, muitas viagens, muitos prejuízos, muitos transtornos para esses quatro clubes daqui, que já não vão bem das pernas nem dos bolsos. ●

## ANEXO 38: COLUNA DE FERNANDO CALAZANS - JORNAL O GLOBO, 10/06/2013

calazans@oglobo.com.br

# FERNANDO CALAZANS



## Em busca da confiança

A vitória categórica da seleção brasileira, por 3 a 0, certamente vai dar à comissão técnica e aos jogadores a confiança que estava faltando. Só tenho dúvida se a atual seleção francesa pode ser chamada de “grande” e figurar entre as maiores da atualidade. Campeã do mundo, ela foi em 1998, portanto não há exagero em dizer que voltamos a ganhar de um campeão. A dúvida, para mim, é se ainda ostenta aquela grandeza.

**A** grandeza do tempo de Platini e do tempo de Zidane, por exemplo. A atual tem a louvável intenção de sair da defesa trocando passes rasteiros até o ataque, mas, quando chega ali, a falta absoluta de qualidade técnica destrói maiores ambições. Nem seriam necessários os cuidados que a seleção brasileira teve em alguns momentos do segundo tempo, porque, ainda que estivessem jogando até agora, a França não teria feito gol. Só por curiosidade, a maior defesa de Júlio César, em todo o jogo, foi para evitar um gol contra de David Luiz, à queima-roupa. David Luiz foi quem levou mais perigo ao gol do companheiro.

A seleção brasileira só não jogou bem nos primeiros 20, 25 minutos, quando, contrariando os princípios do futebol que se propaga hoje em dia, tratou de fazer a chamada ligação direta, com chutes da defesa para o ataque, que tornavam inútil a presença de jogadores importantes como Paulinho e Oscar.

Assim, foi a França que dominou o campo, quer dizer, dominou até a zona de ataque, onde seus jogadores perdiam o duelo com a bola. Depois, a seleção brasileira começou a avançar e começou também a tomar conta do campo e do jogo. Sua primeira oportunidade foi aos 30 minutos, quando Oscar apareceu e fez ótimo cruzamento da direita. Neymar teria empurrado a bola para o gol, se Debuchy não chegasse a tempo de abafar o chute.

Mas Oscar apareceu para se tornar o melhor jogador da equipe e para inspirar os companheiros

com sua movimentação. Ele, Oscar, meio preso na direita, Neymar bastante preso na esquerda — não é assim que me agrada o futebol da seleção. Também com a prisão de Paulinho na intermediária e a de Fred, bem à frente, no meio dos zagueiros.

No segundo tempo, quando não só eles, mas outros também, como Marcelo, se soltaram, a seleção brasileira de Felipão deu seus primeiros ares de verdadeira seleção brasileira.

## Colaboração peruana

Tanto que, logo aos 8 minutos, Fred, em movimentação pela meia-esquerda, deu o toque para Oscar finalizar na área e abrir o placar para o Brasil, com ajuda do juizinho peruano, que ignorou a falta de Luiz Gustavo, na origem da jogada.

A seleção brasileira deu uma breve parada, de que aliás não precisava. Júlio César salvou o gol contra do estabonado (na prática das faltas também) David Luiz, e o time só voltou ao comando do jogo com a entrada de Lucas e, depois, de Hernanes. Este mesmo aproveitou um toque caprichado de Neymar, no centro de Lucas, e fez 2 a 0.

Nos acréscimos, definitivamente solto, Marcelo foi driblando, entrou na área e sofreu pênalti bem marcado. Lucas bateu com uma categoria que pouco se vê hoje na cobrança de pênaltis, estabelecendo o placar final de 3 a 0. Um pouquinho exagerado, talvez, mas representando uma vitória absolutamente merecida do Brasil.

## Mudanças sem fim

O técnico Jaime de Almeida mudou a escalação do Flamengo mais até do que o Jorginho já vinha mudando, mas o time só mostrou o novo espírito de que estão falando quando o Criciúma teve um jogador expulso (Fabinho), logo aos 15 minutos de jogo. Pouco depois, Hernane recebeu ótimo passe de Elias (o melhor do jogo), abriu o placar, e deixou os dois gols do segundo tempo para Gabriel, outro que se destacou, sendo, o último, gol olímpico.

O Bahia também teve um jogador expulso (Jones, no segundo tempo), mas o Vasco não foi tão feliz quanto o Flamengo, mesmo com ajuda do juiz, que inventou um pênalti num lance pirotécnico de Carlos Alberto, se atirando na área. O próprio Carlos Alberto bateu para estabelecer o placar final de 1 a 1. Não foi só aí que o juizinho ruim (Marcelo Aparecido de Souza, de São Paulo) errou. Fingiu que não era com ele a série de faltas violentas e desleais dos dois lados, sobretudo de Sandro Silva (Vasco) e Fael (Bahia), ambos vezeiros em agredir rivais.

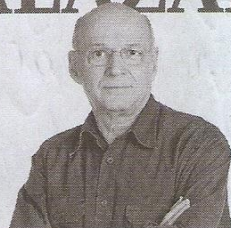
## O que é aquilo?

Por falar em agressão, o que é aquela entrada que Rhayner deu no goleiro Renan, do Goiás? Além de agressão, é burrice, como se vê em tantos de nossos jogos. Foi expulso no primeiro tempo e quase estraga a virada heroica do Flu, nos minutos finais. ●

## ANEXO 39: COLUNA DE FERNANDO CALAZANS – O GLOBO, 12/06/2013

calazans@oglobo.com.br

# FERNANDO CALAZANS



## O volante diferente

O volante Paulinho, um dos melhores jogadores em atividade por aqui, foi um pouco contraditório na entrevista que deu em Goiânia sobre sua posição na seleção brasileira. Disse, em primeiro lugar, que Felipão quer que ele faça o que faz (muito bem) no Corinthians. E admitiu, depois, que fica mais recuado quando atua pelo Brasil. Aí eu não entendi. Está mesmo difícil decifrar a colocação de Paulinho.

**A** não ser, talvez, quando ele explica que volante é assim mesmo: tem que estar atento à marcação e, quando possível, se adiantar para ajudar o ataque. Mas isso todos nós sabemos. A diferença é que, no Corinthians, ele se mostra muito mais disposto e atrevido nas incursões pela área do adversário. Se Felipão quer mesmo ver na sua seleção o Paulinho do Corinthians, então é ele, Paulinho, que tem se mostrado mais tímido. E cabe exatamente ao Felipão cortar essa timidez, se é que o treinador pensa mesmo assim...

A discussão seria redundante se Paulinho não fosse, ou não devesse ser, um dos jogadores mais importantes desta nossa seleção. Exatamente pela diferença entre ele e os outros volantes do atual padrão brasileiro. Qual é esse padrão? É o padrão formado nas nossas categorias de base, o padrão do volante cão de guarda, meio brucutu, que agrada à maioria dos nossos treinadores. Eles não sabem viver sem um deles na sua “cabeça de área.”

Um dia, quem sabe até por ser (ainda) o Brasil, aparece um volante diferente. É o Paulinho, que marca, passa, dá início à jogada, avança, passa de novo e até finaliza esse ou outro lance. Finaliza e faz gol. Por isso, ele é diferente no Corinthians e exatamente por causa disso ele está na seleção: para ser diferente. Para mim, faz parte do (pequeno) grupo de jogadores que podem tornar a seleção brasileira respeitável outra vez.

## Safra e entressafra

Pelé anda mais exigente do que eu. Pudera: o Rei do futebol é ele. Afirmou em entrevista que a nossa safra atual “não é muito boa” — com o que concordo plenamente —, e nomeou apenas três jogadores capazes de representar o verdadeiro futebol brasileiro: Neymar, Oskar e Lucas. É o melhor trio, reconheço, mas eu, mais benevolente, incluiria Paulinho (de um setor menos ofensivo, claro) para formar um quarteto. Quer dizer: se nosso volante corresponder ao que se espera dele na Copa das Confederações e que é justamente o que ele faz no Corinthians.

Outro dia, Pelé criticou duramente o Mano Menezes, que não teria deixado um legado na seleção. Então discordei. Mano montava esse legado, quando foi intempestivamente afastado do cargo pelos poderosos chefões da CBF. Mesmo assim, uma parte de sua base está na base do Felipão. Se essa base não constituir um legado, é porque Pelé e eu estamos certos: a safra não é muito boa.

## Peso pesado

Somente agora e de forma bem civilizada, Jorginho revelou uma queixa durante a recente passagem pelo Flamengo: o não cumprimento do projeto ou da proposta de time que a diretoria apresentou a ele. Desse projeto, constava a contratação de reforços de peso para que se formasse uma equipe do tamanho do clube. A conclusão é que a promessa não foi cumprida pela diretoria.

Foi Jorginho que disse, não eu. O que eu digo é que os jogadores trazidos pela diretoria, com Paulo Pelaipe à frente, não foram de peso. Aliás, não foram nem reforços.

E Jorginho, hesitando aqui ou ali, mexendo lá e cá a cada jogo, sofreu também com a falta desses tais “reforços de peso”. Sua safra, portanto, foi cercada pelo mesmo cenário que cerca a prolongada negociação com Mano Menezes.

Com um ou com outro, Jorginho ou Mano, com o reservado Pep Guardiola ou com o superstar midiático José Mourinho, é necessária uma reformulação do elenco do Flamengo. Ou a chegada de dois ou três reforços... de peso. **Peso pesado.**

Não há técnico no mundo que arme bom time sem bons jogadores. Esse delírio crescente que fez o técnico virar estrela, professor, comandante em chefe, general, última palavra em qualquer clube e em qualquer seleção — com decisiva participação da mídia deslumbrada — foi uma das causas da queda do nosso futebol a partir da primeira década do século. Os salários astronômicos e descabidos de 500, 700 e 900 mil reais — na verdade, IRREAIS — somados às multas por rescisão de contrato, só contribuíram para aumentar a penúria e o endividamento de nossos clubes.

O que se viu no Flamengo dirigido por Jaime de Almeida foram jogadores mais imbuídos do espírito rubro-negro, sem dúvida. Mas que só começaram a se impor ao Criciúma (3 a 0), quando o adversário teve um homem expulso. ●



## ANEXO 40: COLUNA DE FERNANDO CALAZANS – O GLOBO, 14/06/2013

calazans@oglobo.com.br

# FERNANDO CALAZANS



## Desculpas de sempre

Mesmo com o time desfalcado dos jogadores convocados para a seleção e de quem está deixando o clube, o Fluminense podia (e devia) estar jogando mais do que jogou na derrota para a Portuguesa, isso mesmo, a Portuguesa. Desfalques não podem ser desculpa para quem tem elenco tão festejado, ainda menos em confronto com a Portuguesa. Problema maior é que o time parece ter perdido a regularidade de 2012.

**R**egularidade, quero dizer, no sentido de consistência, de padrão de jogo, de eficiência. Mais até do que brilho. No Campeonato Brasileiro do ano passado, mesmo quando não era brilhante em cada jogo, o Fluminense mostrava um padrão, mostrava um time eficiente e consistente. Foi isso que lhe deu o título de campeão brasileiro.

Este ano, nem no campeonato fraquinho do Estado do Rio, o time conseguiu mostrar as qualidades anteriores. Seria exagero pedir a Abel que seu time se esmerasse em jogar com brilho e com beleza, pois este não é seu intuito, mas sim um futebol de eficiência e de pragmatismo. Nem isso, porém, o Fluminense mostrou este ano, tendo ficado abaixo do Botafogo, a quem dominara sem maiores problemas no ano passado.

Abel atribuiu essa queda à questão dos desfalques, que pode ter influência naturalmente, mas que está longe de ser tudo. Há a meu ver, acima disso, o rendimento mais baixo de jogadores como Bruno, Gum, Jean, Wellington Nem e o próprio Fred. Este ano, mantiveram, ou mesmo aumentaram seu nível de produção, o Carlinhos e o Rafael Sóbis, sendo que este último é inexplicavelmente retirado do time em certas ocasiões.

Mas, em coerência com seu diagnóstico, Abel acredita que estas duas semanas sem jogos, por causa da Copa das Confederações, servirão para corrigir as deficiências do time, que não têm sido poucas. Aliás, não é só o Fluminense que confia

nesse intervalo forçado para fazer o time evoluir. Imagino que sejam 99 por cento dos clubes do Campeonato Brasileiro. Assim sendo, ainda segundo o raciocínio do Abel, será preciso que o Fluminense cresça, e os outros... não.

## Pressão para todos

A pressão sobre Neymar foi um assunto que ganhou amplitude na imprensa, a partir de uma certa queda de rendimento do jogador, este ano, no Santos e na seleção brasileira (no Barcelona, ainda não sabemos). Em entrevista, ontem, ele garantiu que esse negócio de pressão não é com ele, não o afeta nem um pouco.

Era essa mesma a impressão que eu tinha, que o espírito de Neymar, o prazer com que exerce seu ofício, estivesse acima dos questionamentos feitos por torcedores e críticos. Eu tinha. Não sei se ainda tenho essa impressão, apesar das garantias dadas pelo próprio craque. Na tal entrevista, achei Neymar um pouco convencido. Ao contrário da entrevista que deu ao chegar ao Barcelona, quando foi um modelo de humildade.

Nunca vi como defeito que um jogador se sentisse desconfortável com tanta pressão que atiram sobre ele, sobretudo o jogador considerado decisivo, o jogador de destaque, como ele, Neymar. Acho natural. O grande jogador é exatamente aquele que supera esse tipo de pressão. E é o que Neymar precisará fazer agora, a começar por esta Copa das Confederações em que ele e a seleção brasileira estreiam amanhã, contra o Japão.

Fique certo o Neymar de que não é só ele que está submetido a essa pressão. Todos os jogadores, nenhum deles com carreira firmada na seleção brasileira, estão sob esse tipo de carga. Neymar um pouco mais, justamente por ser considerado o melhor. Integrantes da comissão técnica estão no mesmo caso, até o Felipão, vejam só, que já ostenta um título de campeão mundial. A pressão da próxima Copa do Mundo, a se realizar no nosso país, começa amanhã mesmo, um ano antes, nesta Copa das Confederações. Para todos.

## Mano de volta

A novela nem foi tão longa assim. Como se previa, Mano Menezes acertou com o Flamengo. Em sua origem, o compromisso entre clube e treinador é que se desenhava mais longo, não apenas até 2014, por causa do projeto que prevê uma reformulação não só no elenco, mas em todo o futebol do clube. Penso que Mano está em condições de empreender a reformulação de um e de outro, incluindo aquilo que se relaciona com as categorias de base, com a formação de jogadores. Ao contrário da maioria dos nossos técnicos atuais, Mano é estudioso e atualizado. Só não pode deixar de lembrar à diretoria a necessidade urgente de contratar reforços para o time principal. Sem sucesso nessa área, tudo mais irá por água abaixo. Existe novidade nisso? ●

## ANEXO 41: COLUNA DE FERNANDO CALAZANS – O GLOBO, 16/06/2013

calazans@oglobo.com.br

# FERNANDO CALAZANS



## Abertura tranquila

Com um time fraco e um ataque absolutamente inofensivo, a seleção do Japão ficou muito abaixo da propaganda que fazem dela. O Brasil é que não tem nada a ver com isso. A seleção do Neymar e do Felipe cumpru o seu dever com tranquilidade e segurança, abrindo a Copa das Confederações com a vitória indiscutível de 3 a 0, no Estádio (do grande) Mané Garrincha, em Brasília.

**S**ó é preciso observar agora como a mesma seleção brasileira se comportará contra adversários teoricamente mais fortes — pelo menos é o que se imagina de México e Itália — para saber a que ponto ela vai chegar até o fim da competição. Ontem, a seleção foi praticamente a mesma no primeiro e no segundo tempos. Por coincidência ou não. Um início entusiasmante, com o gol de Neymar no primeiro, um gol de Paulinho no segundo (ambos aos 3 minutos), uma descansada na metade dos dois tempos para ver se o Japão fazia alguma coisa e, como o Japão não fazia nada, uma volta brasileira ao ataque na parte final de um e de outro.

Com uma ou outra diferença. Por exemplo: no primeiro tempo, Oscar, que tem sido um de nossos jogadores mais importantes, ficou meio desaparecido, quase assistindo à movimentação de Neymar e Hulk. No segundo, ele reapareceu na tal parte final e criou simplesmente o lance mais bonito, a arrancada de contra-ataque e o passe bem concebido para Jô, no terceiro gol.

Foi muito conveniente para a seleção brasileira que Neymar e Paulinho marcassem os gols que já tinham decidido a parada. Paulinho provou mais uma vez que pode ser decisivo também na área do adversário. Mais uma vez também, Marcelo mostrou que dá mais opções ao ataque quando vai à frente.

## Nem drama nem euforia

A propósito do relacionamento entre torcida e seleção brasileira, entre crítica e Neymar, reproduzo o texto que escrevi para o Globo a Mais:

“Ninguém precisa perder a cabeça se o Brasil não for bem-sucedido na Copa das Confederações. Muito menos devemos nos imbuir do espírito do ‘já ganhou’ (o Mundial de 2014) se o time for campeão agora. Uma das características curiosas da Copa das Confederações é que, disputada não mais do que um ano antes da Copa do Mundo, ela exerce pouca influência na outra, a que realmente conta, no ano que vem.

“Menos influência ainda, no caso do Brasil, como mostram as duas últimas edições de cada uma das Copas. Olhem só a coincidência. A seleção brasileira, com Parreira, foi campeã da Copa das Confederações em 2005 e foi eliminada no Mundial do ano seguinte, nas quartas de final. Foi campeã da Copa das Confederações em 2009, com Dunga, e outra vez eliminada nas quartas de final da última Copa, em 2010. Dois troféus consecutivos na Copa das Confederações e duas participações medíocres nos Mundiais que se seguiram. Mais do que coincidência, parece uma escrita, um tabu. Em contrapartida, antes dos dois insucessos, o Brasil, que fora precocemente eliminado da Copa das Confederações de 2001, conquistou o penta mundial no ano seguinte, na Coreia e no Japão. Para vocês verem.

“Quero dizer que não estará em jogo agora o destino da seleção brasileira na segunda Copa que disputará em casa, em 2014. Portanto, nada de dramas ou de euforias, nada de reações extremas.

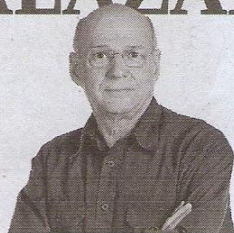
“A propósito de reações extremas, o mesmo raciocínio pode ser aplicado em relação a Neymar. Sem fazer comparações entre um e outro — por favor, hein! — tomemos o exemplo de Pelé. O legítimo Rei do Futebol foi campeão do mundo pela primeira vez (ele e o Brasil) em 1958, na Suécia. Pelé tinha 17 aninhos. Era nada mais do que um adolescente. Mas vejam só o ‘resto’ (se me permitem) do time em que ele teve uma vaguinha de presente: Gilmar, Djalma Santos, Bellini, Orlando, Nilton Santos, Zito, Didi, Garrincha, Vavá, Zagallo... Até o Hernane, do Flamengo, jogaria bem nesse time. Pelé não era sequer o astro, pois outros nomes, como Didi (eleito o melhor jogador da competição), Garrincha e Nilton Santos, já estavam num patamar acima.

“O entorno de Neymar, hoje, aos 21 anos, é diferente. Ele é o maior nome, é o mais exigido, o mais cobrado, o mais vigiado, o mais estudado, para o bem ou para o mal. Além disso, seus companheiros de time estão muito abaixo daquele patamar a que me referi acima, o dos companheiros de Pelé, que o receberam num cenário praticamente pronto. Hoje, ainda falta bastante para que Neymar e o time estejam prontos. Daí a necessidade de haver uma certa paciência, sem perder naturalmente o tom crítico com que devemos considerar o futebol brasileiro de hoje. Portanto, nem o derrotismo dos acometidos pelo complexo de vira-latas, nem o deslumbramento da turma do oba-oba.” ●

## ANEXO 42: COLUNA DE FERNANDO CALAZANS – O GLOBO, 17/06/2013

calazans@oglobo.com.br

# FERNANDO CALAZANS



## Entre altos e baixos

O primeiro tempo foi muito bom, com Itália e México jogando, o segundo foi ruim, pois só jogou a Itália — e nem tanto quanto antes. O gol da vitória de Balotelli no segundo tempo (2 a 1) foi de grande oportunismo, e sua atitude de tirar a camisa, para exibir os músculos, foi de enorme irresponsabilidade, pois ele já levou, de graça, o primeiro cartão amarelo. Pior ainda, disse que não conhecia a regra da suspensão com dois cartões.

**F**oi assim o jogo de ontem, no Maracanã. Altos e baixos, coisas boas e ruins. A melhor de todas não foi a Itália, nem foi o Balotelli. Foi Pirlo, o que não é novidade, com a marca histórica de cem jogos pela seleção italiana e com a marca absolutamente pessoal de um gol de falta magistralmente cobrada, que abriu o marcador aos 27 minutos do primeiro tempo.

Assim mesmo, não entendi até agora por que o goleiro mexicano Corona, que voou na direção da bola, encolheu o braço em vez de esticá-lo. Não acho que teria alcançado a bola do Pirlo, mas não apreendi o motivo da desistência. Balotelli já tinha ameaçado a meta do México, até porque, ao menos neste jogo, ele deu a impressão de ser o único atacante italiano capaz de fazê-lo.

No primeiro tempo, o México também ameaçou com chute no travessão, com mais um ou dois chutes e com o pênalti convertido por Hernandez no gol de empate. No segundo, mesmo com a igualdade no marcador, o México desanimou e parou de jogar. Num padrão inferior ao do tempo inicial, a Itália manteve o domínio do campo. Pirlo também continuou produzindo as principais jogadas do time, Balotelli fez seu gol, teve seu momento de exibicionismo infantil, e a Itália conquistou a merecida vitória.

Conquistou também mais confiança para, certa-

mente, ameaçar o Brasil no grande jogo do Grupo A, sábado que vem. Não creio que, antes disso, na quarta-feira, o México possa fazer o mesmo.

## Ponto final

A seleção brasileira começou a Copa das Confederações melhor até do que eu esperava, o que não significa que tenha sido uma beleza. E começou melhor do que eu esperava também em entrevistas depois do jogo, incluindo a do técnico Felipão, que pôs fim à era da sua famosa “família”.

Disse ele: “Por favor, não existe mais essa coisa de família Scolari. Isso foi em 2002, mas ficou para trás. Acabou”.

É um bom indício. Aquilo que pode ter sido útil para a seleção campeã mundial, há 11 anos, não quer dizer que tenha de se perpetuar nela. Até porque cria um tipo de dinastia, um sentido de grupo, de restrição e de discriminação, que não é nada condizente com a seleção de futebol de qualquer país. Dunga e seu auxiliar Jorginho também quiseram utilizar o artifício — ou pior, acrescentando-lhe um caráter religioso — e, ao contrário de Felipão em 2002, deu errado. Muito errado, com a eliminação nas quartas de final da Copa da África do Sul.

Embora não seja dos meus técnicos preferidos, é inegável que Felipão tem um espírito que agrega os jogadores, que une o elenco, e nem precisa adotar a prática um tanto personalista, que parecia tornar a seleção brasileira uma coisa própria, particular, privada.

Num momento em que manifestantes nas principais cidades do país, envolvidas com a Copa das Confederações, protestam, entre outras coisas, contra os gastos públicos para a Copa do Mundo e o preço dos ingressos, ao menos a seleção tem que ser pública mesmo, tem que ser de todos e para todos. É claro que Luiz Felipe Scolari não quis torná-la algo privado, nem mesmo na Copa de 2002, mas o sentido da expressão — seja família isso ou aquilo — não se adapta a uma seleção do Brasil pentacampeã mundial.

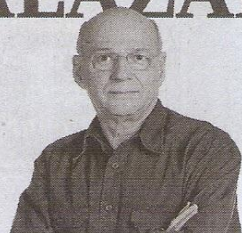
## Um show sofrido

Quem pensava (ou ainda pensa) que o futebol espanhol — seja da seleção, seja do Barcelona, seja do Real Madrid — estivesse por acabar deve ter mudado de ideia ao apreciar a vitória de 2 a 1 sobre o Uruguai. Mas só pelo primeiro tempo, quando a Espanha, impecavelmente orquestrada pelo craque Iniesta, deu show para o público de Recife. O Uruguai mal teve a bola (a posse da Espanha chegou a 80 por cento) e pareceu conformado com isso. Pedro e Soldado marcaram os gols da Espanha. No segundo tempo, é que a Espanha bobeou, não quis nada mais do que fazer passar o tempo, exagerou no toque de bola, chateou o público e, como uma espécie de castigo, sofreu nos últimos minutos, depois que Suárez fez um gol para o Uruguai, em bonita cobrança de falta. Então, a seleção da Espanha passou o finalzinho do jogo com o coração nas mãos. Não precisava disso. ●

## ANEXO 43: COLUNA DE FERNANDO CALAZANS – O GLOBO, 19/06/2013

calazans@oglobo.com.br

# FERNANDO CALAZANS



## Aparência de seleção

Outro dia discutíamos que equipe teria sido a maior decepção da primeira rodada da Copa das Confederações — o que não quer dizer, necessariamente, que será a maior decepção do torneio. Depende. Os citados foram Japão, México, Uruguai, três perdedores, e um vencedor, a Nigéria, que goleou o Taiti por 6 a 1. Isso é o futebol: até um time capaz de golear por 6 a 1 pode ser uma decepção.

**B**asta que o adversário seja a equipe de amadores do Taiti, cuja inocência no futebol conquistou a simpatia do público, em Belo Horizonte. Para mim, a maior decepção foi o time uruguaio, que não é o pior de todos, mas justamente por não ter mostrado nada que possa representar o que foi o futebol de seu país. Perder para a Espanha não é demérito, muito menos vergonha, mas se conformar em ficar, durante um dos tempos inteiro, sem pegar na bola, apenas assistindo ao outro time jogar, causou em mim uma baita decepção. Achei a seleção do Uruguai simplesmente isto: conformada.

Uma outra seleção também, a que vai enfrentar o Brasil daqui a pouco em Fortaleza: a do México, derrotada pela Itália, que não chegou a brilhar tanto quanto a Espanha. Se, imbuídos de um espírito de reabilitação, os mexicanos resolverem jogar com brio, podem dificultar ou mesmo ameaçar o êxito do Brasil. Mas terão que melhorar muito, porque é o momento exatamente em que a seleção brasileira está parecendo adquirir uma fisionomia de time de futebol, de conjunto, de padrão. Se esse time vai ser bom mesmo, ainda não se sabe. Ele mostrou pela primeira vez uma aparência de time, na vitória de 3 a 0 contra o Japão. E tem hoje, contra o México, uma oportunidade melhor ainda de consolidar essa impressão.

Apesar de terem sido duas das decepções, o México tem mais reputação do que o Japão para olhar de frente o Brasil.

## Mostrando a cara

Pois não é que tenho gostado das declarações de Felipão em suas entrevistas? Sobre manifestações e protestos que têm acontecido nas ruas de nossas cidades, disse não temer em absoluto que se virem contra a seleção brasileira.

— A seleção é do povo — afirmou. — Somos do povo. Foi uma espécie de concordância com o que eu expressei aqui, em forma de elogio à outra declaração do técnico de que a “família Scolari” acabara, era coisa de 2002, já tinha ficado para trás. É isso mesmo: a seleção brasileira não é de família alguma, é da imensa torcida brasileira.

E Felipão foi além, afirmou que os brasileiros têm o direito de protestar:

— Isso é comum e normal numa democracia. Tomara que (as manifestações) sejam pacíficas, democráticas, normais.

Foi mais além ainda. Aprovou a manifestação de seus jogadores que publicaram apoio ao movimento nas redes sociais:

— Os jogadores têm total liberdade para opinar sobre qualquer assunto, desde que cada um assuma sua responsabilidade.

É exatamente isso. Tomando conhecimento dessas declarações do técnico, chego à conclusão de que o mesmíssimo Felipão deve ter mudado bastante, para melhor, naturalmente, desde o tempo em que manifestou certa simpatia pelo ditador chileno Pinochet. A volta da democracia em tantos países do nosso continente parece ter feito bem a ele.

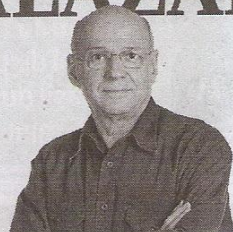
Repetindo: “Tomara que sejam pacíficas, democráticas, normais.” É claro. Mas aqui é que está o perigo dessas manifestações — e de qualquer outra, em qualquer país, porque não é só no Brasil que existe isso, não. Em meio aos milhares de jovens que saem às ruas para fazer protestos pacíficos, existe, existiu e existirá sempre uma minoria de aproveitadores, vândalos e bandidos. Porque são vândalos aqueles que quebram janelas e portas do Centro Cultural Banco do Brasil, do Palácio Tiradentes ou de lojas, que incendeiam carros, assim como são bandidos aqueles que, numa foto de ontem, no GLOBO, aparecem destruindo uma agência bancária no Centro (para ficar só no Rio). Tanto são bandidos que usaram panos e máscaras para cobrir o rosto. Como aproveitadores, escolhem aquele dia exato, aquele hora e aquele momento, para praticar seus crimes e incitar a polícia à violência. Os cidadãos conscientes, civilizados e honestos das passadas, protestos e manifestações fazem justamente o contrário: querem mostrar a cara.

## Os estrategistas

Tostão na “Folha de S. Paulo”: “Os treinadores costumam achar que as vitórias são sempre decorrentes de suas estratégias. As derrotas são por outros motivos.” ●

## ANEXO 44: COLUNA DE FERNANDO CALAZANS – O GLOBO, 20/06/2013

# FERNANDO CALAZANS



## Transformação radical

No começo do jogo, a seleção brasileira mostrou um futebol esfuziante. Partiu para cima do México, atacou, marcou a saída de bola do adversário, imprensou-o na defesa, fez um gol aos 9 minutos. Tive quase certeza de que assistiria a uma grande exibição do Brasil, mas me enganei. Esse futebol de primeira durou não mais do que 20, 25 minutos e se transformou no oposto. Um jogo superado de chutões e bolas altas.

**N**ão deu para entender o motivo da transformação radical. Valeu pela vitória naturalmente, Brasil 2 x 0 México, ou, para ser mais preciso, para resumir o jogo de forma mais breve, Neymar 2 x 0 México. Neymar fez o primeiro gol no início e deu o segundo gol para Jô fazer nos acréscimos finais. Entre um e outro, é que a seleção brasileira teve problemas. Foi bom, por isso, ouvir o Felipão falar, em sua entrevista, que “não fomos tão bem como contra o Japão”. Sinal de que ele está consciente do que se passou no campo.

Cheguei a sonhar que nossa seleção tivesse quase alcançado um patamar, por exemplo, de Espanha, logo no início, porque assistimos seguramente a 15 minutos de bola rolando de pé em pé brasileiro, sem que os mexicanos vissem a cor dela. Nem a sombra. E é justo dizer que podíamos ter feito um gol a mais, o que praticamente liquidaria a partida.

Como não houve esse gol, vivemos uma situação inversa. David Luiz teve que sair de campo, com sangue escorrendo do nariz, e os mexicanos aproveitaram para trocar os papéis. Foram eles para frente, encurralaram o Brasil e, em vez de nos parecermos com os espanhóis, ficamos tontos como os uruguaios quando enfrentaram os espanhóis.

Não acho que a mudança no panorama do jogo tenha se devido apenas à ausência de David Luiz por alguns minutos — longos minutos, tratando-se de um jogo de futebol. Mesmo nos melhores momentos iniciais, Oscar, que tanto me agrada, esteve meio desaparecido do campo, e assim permaneceu até desaparecer por completo quando foi substituído no segundo tempo. Outro jogador importante,

Marcelo, tampouco mostrou seu futebol. Assim como esses dois, Hulk e Fred nada fizeram de útil, a não ser, quem sabe, recuar para ajudar a defesa nos cruzamentos de córner ou de falta sobre a nossa área. Agradecemos por não sofrer gol no primeiro tempo — e agradecemos a Neymar pelo belo chute de primeira, no início, depois da rebatida da zaga no cruzamento de Daniel Alves. Uma canhota indefensável que botou o Brasil na frente.

## O fraco e o forte

Foi no segundo tempo que começou o “estilo” dos chutes longos da defesa, em ligação direta com o ataque. E, quando chegava lá, dos cruzamentos para a área, ou seja, a antítese do que aplaudimos nos primeiros 20 minutos.

A jogada brasileira mais insinuante foi de Paulinho aos 19 minutos, vencendo os marcadores da defesa até o ataque, em veloz arrancada, e passando a Neymar, que concluiu para a defesa de Corona a córner. Era pouco para uma seleção brasileira, e ainda bem que a seleção do México é fraquinha de ataque.

Neymar é que é fortíssimo. Aos 47 minutos, ali na esquerda, onde tem se concentrado — e acho que é pouco para ele —, livrou-se de dois marcadores passando a bola por entre as pernas de um deles, num drible espetacular, entrou na área bem perto da linha de fundo e, sem ângulo, escolheu o companheiro certinho para dar o presente, quer dizer, o passe. Jô emendou com segurança para o gol. Depois de uma jogada dessas, só restava ao juiz encerrar a partida.

A festa da torcida se prolongou no estádio, assim como a homenagem a Neymar, que foi abraçado por todos os companheiros, titulares e reservas em fila. Vitória dedicada a ele.

## O justo e o injusto

Não era o esperado, mas o jogo entre Itália e Japão foi o melhor (muito melhor) da Copa das Confederações até aqui. Disparado. Emocionante, do primeiro ao último minuto, com seus sete gols. Ninguém podia prever que a seleção japonesa, uma das decepções da primeira rodada, fosse jogar tanto contra a renomada seleção italiana. Mas jogou, comandada por Honda e Kagawa.

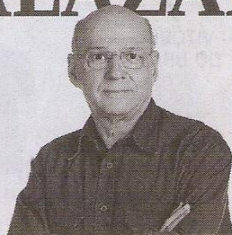
Pena que esse grande jogo tenha terminado de forma injusta: 4 a 3 para a Itália. Se bem que quem faz quatro gols não pode ter a vitória subestimada. Digamos então, se isso é possível, que o resultado foi justo com a Itália e injusto com o Japão, que jogou demais. Imaginem que, nos minutinhos finais, os japoneses mandaram três bolas na trave, levantando toda a plateia no estádio.

Depois do jogo, o italiano De Rossi, outro nome do jogo, reconheceu o grande mérito dos japoneses. ●

## ANEXO 45: COLUNA DE FERNANDO CALAZANS – O GLOBO, 22/06/2013

calazans@oglobo.com.br

# FERNANDO CALAZANS



## Jogo dos nove títulos

Já ouvi muita propaganda do jogo de hoje como “o maior clássico do futebol mundial”. Do ponto de vista histórico, a definição é precisa. Afinal, são os dois países com mais títulos de campeões mundiais, o Brasil com cinco, a Itália com quatro. Não é pouco. Mas, no atual panorama do futebol internacional, as duas seleções ficam devendo a outras de melhor futebol, até prova em contrário.

**A** começar por Espanha e Alemanha, quem sabe por Holanda e Argentina, essas quatro mais faladas do que Brasil e Itália. Pelo menos, mais “faladas”, mais celebradas, mais consideradas, no momento. Infelizmente, só a Espanha nos deu o ar de sua graça nesta Copa.

De qualquer forma, o jogo de hoje entre Brasil e Itália é um grande clássico mundial, o mais importante desta Copa, ao menos até aqui. Sobre tudo pela rivalidade que envolve os nove títulos somados. É uma atração.

Há desfalques dos dois lados, os de maior peso do lado italiano. São, simplesmente, Pirlo e De Rossi, jogadores importantes na formação tática e técnica da seleção de Cesare Prandelli. Pirlo, então, nem se fala, embora não tenha repetido na vitória de 4 a 3 sobre o Japão — no melhor jogo, disparado, do torneio — a atuação magistral que teve na estreia, 2 a 1 pra cima do México. Mas é o Pirlo, craque da bola.

O desfalque brasileiro é Paulinho, um dos meus jogadores preferidos no cenário atual, mesmo, é claro, sem ter alcançado aqui a relevância que Pirlo tem lá. Creio que seu substituto, Hernanes, pode cumprir o papel com igual eficiência. Outro desfalque seria David Luiz, de nariz quebrado, mas ele já parece ter convencido a comissão técnica de que não joga futebol com o nariz, joga com o pé e com a cabeça. Por isso, estará em campo.

David Luiz parece imbuído do propósito de me convencer que é mesmo o jogador de que fala a maioria dos observadores. Ou seja: um ótimo zagueiro. A julgar por sua atuação no último jogo, a vitória de 2 a 0 sobre o Japão, com o nariz quebrado, sangrando, e com um chumaço de algodão enfiado nele, teve mesmo uma atuação impecável, sem dever nada a seu parceiro Thiago Silva. Agora, torço para que me convença em definitivo até o fim da competição. Seria uma zaga de respeito mundial na seleção brasileira e poderia ser também a confirmação de uma certa tese de que o Brasil tem hoje melhores jogadores de defesa do que de meio-campo e ataque.

Em relação ao meio-campo, posso até concordar. Em relação ao ataque, não. O ataque tem Neymar.

## Comilões de pipoca

Fico até chocado com mensagens, recados, torpedos, ou lá o que sejam, com opiniões de que “esse Neymar não joga nada”. Estão espantados? Pois acreditem que “opiniões” assim pipocam nas chamadas redes sociais. Devem ser coisa mesmo de pessoas que vivem comendo pipoca.

Além de denotarem completo desconhecimento de futebol, e sobretudo do que é jogar futebol, bem ou mal, essas opiniões transmitem a impressão de que há uma parte da população — minoritária, é verdade — que torce contra esse craque da seleção brasileira. Seria o prazer, por exemplo, de torcer contra um jogador que não é do seu time? Neymar era do Santos, não é mais. É do Barcelona. E é da seleção brasileira. Possui um talento que devia ser admirado e aplaudido por todos. Afinal, se não torcermos pelo talento de Neymar, vamos torcer por quem nos nossos clubes e na nossa seleção? Digam-me um nome.

Neymar foi excepcional na vitória de 2 a 0 sobre o México. Não quer dizer que vá ser o mesmo no jogo de daqui a pouco contra a defesa mais qualificada e mais experimentada da Itália. Pode ser, pode não ser. De uma forma ou de outra, tem que ser visto como a maior atração produzida pelo futebol brasileiro neste século e nossa maior esperança nesta e em outras Copas que vêm por aí.

## Na direção do ataque

A vitória de 4 a 3 da Itália sobre o Japão foi o tipo de jogo que pode apontar para uma nova direção do futebol, um jogo mais ofensivo, com dois times voltados para o ataque, para uma busca desenfreada do gol. Um grande espetáculo de futebol. Está certo que o Japão ainda não tem peso internacional para impulsionar uma mudança — mas a Itália tem. A Itália que já foi uma espécie de modelo do futebol pragmático, de resultados, e que, nos últimos tempos, vem tentando mudar essa filosofia enjoada. Entre os que estão aqui nesta Copa, um dos que poderiam contribuir também era o Uruguai. Mas não tem feito isso. Ao contrário, o que mais mostrou na vitória sobre a Nigéria foi violência e deslealdade. ●

## ANEXO 46: COLUNA DE FERNANDO CALAZANS – O GLOBO, 23/06/2013

calazans@oglobo.com.br

# FERNANDO CALAZANS



## Vitória de time grande

Depois de um primeiro tempo frio, insosso, Brasil e Itália cresceram no segundo tempo e transformaram aquela falta de graça num dos melhores jogos da Copa das Confederações, até aqui, com seis gols nos 90 minutos. Ainda bem que quatro foram da seleção brasileira, que alcançou 100% de aproveitamento na primeira fase da competição e o primeiro lugar no Grupo A

**A**ssim como na vitória de 2 a 0 sobre o Japão, a seleção brasileira começou imprensando o adversário, que ficou sem ver a bola e só atravessou a linha central pela primeira vez aos 5 minutos. Mas por aí, também, o Brasil parou de jogar, com atuação apagada de dois de seus principais jogadores, Oscar e Neymar. Hulk, como sempre, acertava uma jogada e se desentendia com a bola em outra, no complicado relacionamento que tem com ela. Fred não era acionado.

A Itália, por sua vez, sentia claramente a falta de Pirlo e também de De Rossi. E o primeiro tempo ficou muito feio, com uma sucessão de faltas, de agarrões, cotoveladas dos dois lados, sobretudo do Brasil. David Luiz, como sempre também, cometeu uma de suas atabalhoadas faltas por trás e levou o justo cartão amarelo, até se contundir um pouco depois e ser substituído por Dante. O cartão amarelo seguinte foi para Neymar, numa falta tão violenta quanto tola, infantil, que tirou Abate do campo. Para que isso? Neymar se juntou a Daniel Alves, Thiago Silva, David Luiz e Luiz Gustavo, todos com cartão. Será que Felipão, com todo o espírito agregador que atribuem a ele, não consegue amansar o nervosismo dos jogadores ou será que não se interessa em fazê-lo?

O zagueiro Dante entrou no lugar de David Luiz e, nos acréscimos do primeiro tempo, aproveitou

uma rebatida de Buffon para abrir o marcador, como se fosse o Fred. Num lance muito difícil para a arbitragem, Dante estava impedido. De volta para o segundo tempo, os dois times cresceram tanto em coragem e ímpeto ofensivo que, logo aos cinco minutos, Balotelli deu um passe esplêndido para Giaccherini, que avançou na área pela direita e empatou. Uma trama entre os dois melhores jogadores italianos na rodada de ontem.

Neymar brilhou enfim na cobrança magistral de uma falta que ele mesmo cavou (ou simulou), fazendo 2 a 1. E, então, num jogo digno de seleções fortes na busca da vitória, sobressaiu Fred, em dois gols típicos de centroavante, típicos sobretudo dele, Fred. Entre um e outro, no vaivém e no equilíbrio do jogo, Chiellini havia diminuído para a Itália. O jogo teve equilíbrio, sim, em sua melhor parte, mas a vitória brasileira foi merecida e relevante.

## Saudades da Espanha

Temos bom jogo hoje, que é Espanha x Nigéria, em Fortaleza. A Espanha é a Espanha, e a Nigéria, mesmo saindo de uma derrota dura para o Uruguai (2 a 1), teve uma atuação elogiável, em alguns momentos melhor até do que o vencedor, pelo seu espírito ofensivo e determinado. Tanto que o time uruguaio não se furtou a recorrer à violência para conter o ímpeto dos nigerianos. Nem se envergonhou disso. A estrela absoluta do jogo de logo mais é naturalmente a Espanha, cujo time titular, poupado na goleada de 10 a 0 sobre o Taiti, nos deixou com saudades. Vamos matá-las daqui a pouco.

Sobretudo as saudades de Iniesta e Xavi. A atuação da Espanha no primeiro tempo da estreia, 2 a 1 sobre o Uruguai, foi a melhor de um time nesta competição. (O jogo, não. O melhor foi Itália 4 x 3 Japão). Mas o futebol coletivo, tático e técnico da Espanha, nos 45 minutos, foi um exemplo para times sul-americanos, que estão abaixo daquele patamar de concepção e de execução de jogo. Só espero que, se for o caso de abrir vantagem sobre a Nigéria, a seleção da Espanha não fique fazendo passar o tempo com seu toque de bola indestrutível. Quando esse toque de bola tem por objetivo a busca do ataque e do gol, é uma dádiva do futebol. Mas, quando se torna repetitivo e redundante, como no segundo tempo com o Uruguai, mesmo que mantenha a segurança do time, pode enjoar a plateia (e a mim também).

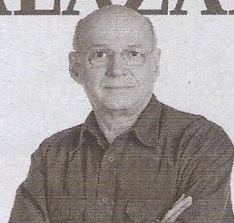
## Dona do mundo

Madame Fifa não se contenta em ser apenas a dona das Copas do Mundo. Quer ser a dona do mundo. Na última semana, passou um pito na CBF e na seleção brasileira, porque o técnico Felipão teve a "ousadia" de abrir as portas, em certo momento do treino, para satisfazer o anseio de um batalhão de alegres torcedores brasileiros. Que crime contra a organização da Copa das Confederações, não é? Torcedores aplaudindo sua seleção! Há momentos em que a intromissão da maior entidade mundial do futebol chega a ser desagradável. ●

## ANEXO 47: COLUNA DE FERNANDO CALAZANS – O GLOBO, 24/06/2013

calazans@oglobo.com.br

# FERNANDO CALAZANS



## Tarefa cumprida

Sugeri na coluna de ontem que a verdadeira seleção da Espanha mataria nossas saudades no jogo com a Nigéria, porque atuara com o time reserva na partida anterior, 10 a 0 contra o Taiti. Mas não chegou a tanto. Não chegou a exterminar as saudades, apenas amenizou-as, jogando o suficiente para vencer por 3 a 0. Sem repetir outras atuações que a tornaram a seleção do momento, campeã do mundo.

No começo do jogo, foi a Espanha do toque de bola, aquela que nós conhecemos e reconhecemos, tanto que podia ter inaugurado o marcador exatamente no primeiro minuto, quando o cracaço Iniesta, maestro do time, saiu driblando pela esquerda, meteu a bola entre as pernas de um marcador e chutou para a defesa firme do goleiro Enyeama.

A Espanha não fez o gol no primeiro minuto, mas fez no terceiro, quando, depois da troca de passes da defesa ao ataque, o mesmo Iniesta enfiou a bola para o lateral Jordi Alba na esquerda. Alba driblou feito Iniesta, com a vantagem de que chutou sem defesa: 1 a 0. Aos 8 minutos, Fábregas perdeu um gol que um jogador de seleção não pode perder, e os espanhóis esfriaram seu estilo de domínio do campo, passando a dividi-lo com os nigerianos.

Não foi um jogo típico da seleção espanhola, foi um jogo mais equilibrado, com os dois times — sim, inclusive o da Nigéria — criando e desperdiçando oportunidades. Do lado da Espanha, que precisa se preocupar com isso, os atacantes Soldado e Pedro estiveram bem abaixo do nível de categoria dos companheiros, finalizando muito mal as jogadas. Muito mal mesmo.

E, do lado da Nigéria, os jogadores simplesmente não sabem como decidir o lance final, perdendo-se na tentativa de dribles e toques de inútil preciosis-

mo. No curso do jogo, a posse de bola da Espanha chegou a cair para cinquenta e poucos por cento, o que é quase nada em relação à sua média geral.

No segundo tempo, ela cresceu, e o domínio espanhol se consolidou, sobretudo na questão da capacidade de decisão. Fernando Torres entrou aos cinco minutos no lugar de Soldado e, ao contrário deste, acertou o gol um minuto depois, sem perda de tempo, concluindo de cabeça o cruzamento de Pedro, da esquerda.

A parada estava decidida, mas Jordi Alba, em grande tarde, na defesa e no ataque, fez o trajeto (quase) completo, entrou livre de contra-ataque no campo da Nigéria, driblou o goleiro com categoria e fechou o marcador e o jogo, em que dividiu o estrelato com Iniesta. Foi a dupla da tarde.

## Ainda bem!

A Espanha se juntou assim ao Brasil, os dois países com 100% de aproveitamento na fase de grupos, e comandando portanto as semifinais do meio da semana: Brasil x Uruguai e Espanha x Itália. Está certo que é o óbvio, que é a falta absoluta de novidade, mas ainda bem, não é? São os maiores jogos que podiam acontecer nesta Copa das Confederações.

## Faltas: Brasil 28 x 3 Espanha

Há um detalhe interessante — porque isso é tratado, aqui entre nós, apenas como um “detalhe” — a ser observado na comparação entre as seleções do Brasil e da Espanha. Quando escrevi às pressas, de sábado para domingo, sobre o jogo entre Brasil e Itália, cheguei a abordar brevemente a forma violenta como se comportaram alguns jogadores brasileiros, como, por exemplo, David Luiz, Luiz Gustavo e até Neymar. Foi depois disso que me informei sobre a quantidade de faltas cometidas pela nossa seleção: foram 28! Vinte e oito faltas do Brasil num só jogo — DEZ a mais do que a Itália!

Pois vocês sabem quantas faltas cometeu a Espanha ontem? Cometeu três faltas, exatamente três faltas, no jogo todo. Mesmo considerando a diferença entre Itália, rival do Brasil, e Nigéria, adversária da Espanha, não há nada que se compare à diferença entre o número de faltas entre as duas seleções. Vinte e oito faltas do Brasil num jogo, três faltas da Espanha no outro. É a diferença de se assistir a um espetáculo em que um time para o jogo 28 vezes, e outro em que um time para três vezes.

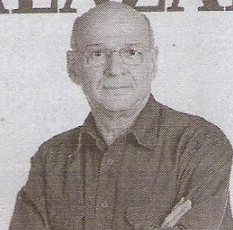
Escrevi que o tema é um “detalhe” entre nós, mas, fazendo uma ressalva, ele foi muito bem observado nas transmissões do Sportv, no jogo do Brasil e no jogo da Espanha. Neste último, o comentarista Belletti, que jogou na Espanha durante uns cinco anos e conhece bem o ambiente por lá, disse que o técnico Vicente del Bosque é um adepto e um defensor do fair play no futebol, fazendo questão de que seu time, ou sua seleção, se comporte como uma instituição civilizada. E o que fazem os técnicos brasileiros — incluindo o da seleção! — a propósito de civilidade e do tal fair play no futebol? ●



## ANEXO 48: COLUNA DE FERNANDO CALAZANS – O GLOBO, 26/06/2013

calazans@oglobo.com.br

# FERNANDO CALAZANS



## Professores de faltas

Sem qualquer intenção ruim, pernicioso, o goleiro Júlio César declarou em entrevista, entre muitas outras coisas, e com absoluta naturalidade, que o técnico Felipão orienta os jogadores da seleção brasileira a cometer faltas para parar as jogadas do adversário. O que mais me espanta é que alguém tenha recebido a declaração como novidade ou como surpresa. Foi mesmo?

**S**e foi assim, é porque esse alguém simplesmente não sabe ver nada de futebol, nem sabe interpretar o que está acontecendo no campo, diante de seus olhos. Em primeiríssimo lugar, porque Felipão está longe, está infinitamente longe, de ser o único técnico brasileiro (de outros países também) a utilizar esse recurso baixo, de quem não tem requinte estético para apreciar — e praticar — um jogo de brilho, qualquer jogo, de qualquer modalidade esportiva. Digamos que são assim 98% dos treinadores que temos por aqui, e que temos também em outras terras, só que em proporção bem menor.

Felipão é apenas um deles. Não há nenhuma novidade em relação a ele, nem em relação aos outros. O que então faz parecer que estamos sabendo disso somente agora, pelas palavras inocentes do Júlio César? Dois motivos: o pouco caso que damos — a mídia inclusive — à violência no esporte, nossa infame tolerância com essa violência, e a cerimônia (ou temor) que temos de falar a verdade, ou ao menos falar sem eufemismos, sobre esses deuses do futebol em que transformamos os treinadores.

Assim como outros poucos, pouquíssimos jogadores e técnicos que têm peito e sinceridade para abordar o tema, Júlio César empregou a ressalva de sempre: fazer falta para parar a jogada — mas sem violência, hein!!! Bonito, não é? Muito bem explica-

do. Por ingenuidade, outra vez, e sem querer, nosso (excelente) goleiro fez uso do cinismo presente nessa justificativa de todos. Sua frase, ou melhor, sua ressalva, quer dizer o seguinte: desde que não se quebre a perna, a cabeça ou o pescoço do adversário, nossos times podem cometer 28, 50, 123 ou 237 faltas num jogo. Desde que não mande de maca para o hospital o querido companheiro de profissão que está do outro lado. (Mesmo assim, Neymar mandou pelo menos para fora de campo e do jogo o italiano em que deu uma entrada violenta por trás. Levou um amarelinho por isso e, por isso também, foi substituído mais cedo no segundo tempo, para não levar outro).

Há dois pensamentos que me intrigam. O primeiro é que “falta é do jogo”. A falta eventual, da disputa de bola, do ímpeto, do espírito de luta — essa é do jogo. A falta “tática”, ao estilo do Felipão, não é do jogo, não. É premeditada, é preconcebida, é deliberada — é TREINADA na seleção brasileira, como estamos sabendo, e nos times de outros treinadores, esses “professores” de faltas.

O segundo pensamento é que o futebol brasileiro tem muitas faltas, faltas demais mesmo, porque os juízes marcam, como dizem, qualquer “faltinha”. Concordo em parte. Porque responsabilizar só os juízes pela marcação de “faltinhas”, sem responsabilizar os técnicos, que treinam e mandam fazer as “faltonas” — isso é ignorar o que se passa no nosso futebol, é não saber interpretar o que está vindo no campo, ou seja, as faltas e o rodício de faltas praticados como táticas ilícitas.

## O Novo Futebol Brasileiro

Então, até os ingênuos que acreditam na pureza e na inocência dos treinadores podem estar entendendo agora por que o Brasil pentacampeão mundial foi o país que mais cometeu faltas na primeira parte desta Copa das Confederações. Foram nada menos do que 67, em três jogos. Simplesmente 15 a mais do que o segundo colocado, o Uruguai, com 52. Sabem quantas faltas cometeu a Espanha, atual campeã do mundo e, tal e qual o Brasil, com cem por cento de aproveitamento até aqui na Copa das Confederações? Cometeu 30 — menos da metade. E sabem que, entre os cinco jogadores mais faltosos da competição, estão três brasileiros — mais da metade? Este é o que poderíamos chamar de “Novo Futebol Brasileiro”, se ele já não estivesse em prática desde a virada do século. O futebol dependente de faltas. Futebol que foi cinco vezes campeão mundial, que já produziu os jogadores mais técnicos e mais geniais do planeta, que já foi o modelo de perfeição para os rivais, hoje é o futebol que faz mais faltas numa competição internacional. Mas os “professores” não têm nada a ver com isso, não. São só os juízes, os bandeirinhas, a chuva, o campo escorregadio, o quero-quero na grama, o buraco... O que fazer se os críticos, os comentaristas, cuja função é exatamente analisar a QUALIDADE do espetáculo, não se incomodam em presenciar um jogo interrompido 58, 97, 189 vezes pelas faltas táticas de seus queridos professores? ●

## ANEXO 49: COLUNA DE FERNANDO CALAZANS – O GLOBO, 27/06/2013



[calazans@oglobo.com.br](mailto:calazans@oglobo.com.br)

# FERNANDO CALAZANS



## Viva o volante que faz gol

Quem sabe agora o professor Felipão começa também a gostar de volante que faz gol, como Paulinho? Porque outro dia, lembrem-se, com a seleção já em preparativos, ele disse que quem gosta de volante que faz gol é a imprensa. Ainda bem. Porque se a imprensa não gostasse de volante, de beque, de atacante, de lateral ou de qualquer jogador que fizesse gol, quem não ia gostar da imprensa era eu.

**P**orque eu gosto de gol e gosto de jogador que faz gol. Seja atacante ou seja goleiro (o Rogério Ceni, por exemplo, também faz gol. Legal!). Mas, justiça seja feita, acho que Felipão gosta pelo menos do Paulinho, que é titular de sua seleção e que — vejam só! — faz gol. Faz gol em seu time, o Corinthians, e faz gol na seleção do Felipão.

Façamos uma outra justiça ao treinador. Ele mesmo reconheceu, depois da vitória de 2 a 1 sobre o Uruguai e da consequente classificação do Brasil para a finalíssima da Copa das Confederações, que a seleção não tinha jogado bem. Nada bem. O gesto é uma raridade entre treinadores brasileiros — reconhecer que seu time não se saiu como ele queria — e é uma prova de que Felipão é um dos mais sinceros que existem por aqui. Em suas qualidades e até em seus defeitos.

Pelo menos ontem, a Fifa acertou em cheio, o que é, sem dúvida, um acontecimento mais raro do que a sinceridade dos técnicos, e, portanto, um acontecimento a ser celebrado. O jogador eleito como o maior, ou mais importante da partida, foi o goleiro Júlio César, que defendeu o pênalti (mal) cobrado por Forlán, logo aos 14 minutos. E aqui me cabe reconhecer a razão de Felipão ao falar da imprensa em relação a gol, só que por um outro viés. Não duvido que, se dependesse dela, imprensa, ou de sua maior parte, o melhor teria sido Fred ou Paulinho, autores dos gols. É o item principal da crítica para escolher o melhor

jogador em todos os campos. Só que, gol por gol, o mais importante foi mesmo o de Júlio César, defendendo o pênalti que daria vantagem ao Uruguai no início. Um verdadeiro gol, o primeiro do Brasil na semifinal, e bem interpretado pela Dona das Copas e Dona do Mundo.

## Um contra, outro a favor

A defesa do pênalti foi um gol a favor do Brasil, porque, se dependesse do (quase) sempre destrambelhado David Luiz, o gol seria contra, pela forma espalhafatosa, irresponsável, como ele cometeu a falta, agarrando e derrubando Lugano na área. No início, a começar pelo pênalti, a seleção brasileira fez tudo direitinho para dar a classificação ao Uruguai. Apesar da maior posse de bola pelo Brasil, o Uruguai era um pouco mais eficiente na criação e na finalização das jogadas. E teria sido muito mais eficiente se os elogiadíssimos Forlán e Suárez tivessem jogado dois tostões de futebol. Mas o único atacante que fez isso — jogar futebol — foi mesmo Cavani, não por acaso o autor do gol de empate e que ainda se deu ao trabalho de ajudar sua defesa. Paulinho não só foi o autor do gol decisivo como também do lançamento para Neymar, dentro da área, que originou o primeiro gol. Neymar chutou à queima-roupa, Muslera fez grande defesa, mas a bola caiu no pé de Fred, que não perdoa. Quer dizer: Paulinho é mesmo o tipo do volante de que a imprensa e eu gostamos.

## O desastrado

Não satisfeito com a falta que fez em sua área, David Luiz foi à área do adversário no fim, para “ajudar” no gol da vitória. Na cobrança de córner por Neymar, deu um empurrão sem bola em Cavani, que a tevê mostra muito bem até agora, na repetição do lance. Se o juiz tivesse visto, não duvido que anulasse o gol de Paulinho, o que seria, digamos assim, a consagração do comportamento desastroso de David Luiz no jogo. O que ele mostrou ontem foi que, seja em sua área, seja na área do adversário, o que ele sabe fazer “melhor” mesmo é falta.

## Imprensa não é torcida

Na sua boa entrevista após o jogo, com a dose de sinceridade e sensatez de que já falei, Felipão só reclamou de uma certa “emissora de televisão”, que, segundo ele, faz questão de exibir dados críticos à seleção brasileira. Felipão deixa claro que quer todo o mundo torcendo por ela — e por ele. Eu não sei qual é a emissora a que ele se referiu, e Felipão não sabe que a imprensa, a crítica, não tem obrigação de torcer por ninguém, nem no futebol, nem em qualquer outro ramo de atividade. Tem que mostrar o que acontece. Ele se referia à questão das faltas, salientando que ontem o Brasil cometeu apenas 14, dez a menos do que o Uruguai. Foi mesmo. Curiosamente, Felipão não puxou o assunto na primeira fase da competição, quando seu time foi, disparado, o recordista de faltas. ●

## ANEXO 50: COLUNA DE FERNANDO CALAZANS - O GLOBO, 28/06/2013

calazans@oglobo.com.br

## FERNANDO CALAZANS



### Time forte, ataque fraco

Foi preciso que a segunda semifinal, entre Espanha e Itália, chegasse à decisão por pênaltis para que a torcida no estádio e o telespectador vissem um golzinho. Aliás, 13 golzinhos. Porque, com pênaltis muito bem batidos dos dois lados, a Espanha venceu por 7 a 6, compensando (se podemos dizer assim) os 120 minutos sem gol, em que se alternaram alguns momentos de emoção e muitos outros de causar sono.

**O**s melhores momentos aconteceram no primeiro tempo, quando a Itália levou mais perigo ao gol espanhol. Os piores foram no segundo, quando os italianos já andavam em campo de cansaço, e a seleção da Espanha era alguma coisa muito abaixo do que se espera dela.

No início, foram necessários uns 15 minutos para a Espanha perceber que, sem ataque, sua posse de bola resultava inútil. O time de Del Bosque vai muito bem da defesa à intermediária adversária, brilha ali com Xavi e sobretudo Iniesta (bõtem sobretudo nisso), mas na frente se apaga, com pouca gente na área, e gente que está jogando quase nada, como Pedro, Torres e David Silva. Então, o que falta à seleção atual da Espanha para representar o futebol jogado no seu país? É simples. Falta o Messi. Messi é do Barcelona, mas não é da seleção da Espanha, cujo ataque não corresponde ao resto do time.

No primeiro tempo, quem merecia a vitória era a Itália, pela excelente marcação e pelos contra-ataques velozes que criaram as melhores chances daquela parte do jogo. Então, o que faltou à seleção da Itália para liquidar a parada ali? É simples também. Faltava o Balotelli, que sabe muito bem enfiar a bola dentro do gol. Os outros, não. Tínhamos dois times fortes no campo, ambos sem atacantes.

A Espanha só voltou a conduzir o jogo no segundo tempo da prorrogação, quando o adversário já

caía aos pedaços. Xavi foi mais para a frente, o zagueiro Piqué também, Iniesta fez jogadas geniais, mas onde estava o finalizador? Não estava. Quer dizer que o Brasil está com a taça nas mãos? Ainda não. A Espanha tem time para criar as oportunidades necessárias até que seu ataque aproveite uma.

### Nem toque nem chutão

O zagueiro Thiago Silva disse que não abaixa a cabeça. Nem deve mesmo. Não precisa. Ele se referia ao erro que cometeu no gol do Uruguai, quarta-feira, marcado por Cavani. Num bate-rebate típico de grande área, ele preferiu tocar a bola para Marcelo, em vez de desferir o tradicional chutão para a frente. Cavani interceptou o passe e fulminou Júlio César.

Não discuto que um bico pra longe, pra qualquer canto, teria sido mais adequado naquela situação, mas o lance tem uma curiosidade. A bola sobrou para Thiago Silva exatamente depois que o tal bico, desferido por David Luiz, deu errado também. O chutão foi em cima do uruguaio e a bola sobrou para Thiago Silva, que optou pela solução oposta. Deu o toque para Marcelo, e errou também, porque não percebeu que Cavani estava em cima do lance. Quer dizer: as duas opções foram malsucedidas por erros dos nossos zagueiros centrais, não por ser esta ou aquela. Estava escrito que aquele lance seria de Cavani e do Uruguai, assim como o lance do pênalti, no início do jogo, tinha sido de Júlio César e do Brasil. David Luiz e Thiago Silva que caprichem um pouco mais no próximo bate-rebate da grande área (que não é coisa rara), em busca de um meio-termo. Nem o atabalhoamento de David Luiz, nem a presunção de Thiago Silva.

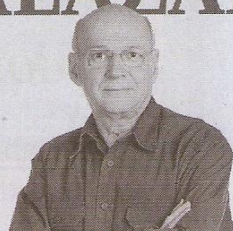
### Aplausos e vaias

Felipão externou sua emoção com o comportamento da torcida brasileira. Sobretudo no momento em que o hino do Brasil para no meio, por determinação da Dona Fifa, e a torcida continua cantando — assim como os jogadores —, mesmo sem música. É uma resposta à altura da falta de respeito da madame ao hino e ao país do hino. Ou aos países. É exatamente uma das coisas que têm me agradaado nesta Copa: a participação da torcida nos estádios, durante os jogos. Houve quem não entendesse bem o que já escrevi sobre esses torcedores participativos, com o argumento de que não posso aceitar, por exemplo, as vaias à seleção da Espanha. Eu, hein! O comentário positivo que fiz foi dirigido à participação, à motivação, à paixão, à manifestação das torcidas. E vaias também são manifestações legítimas dos torcedores. É direito deles, sua forma de participar da disputa. As vaias tanto quanto os aplausos. Aos jogadores, aos técnicos, aos árbitros, aos políticos, à cartolagem, a quem quer que seja. Vaias e aplausos, aplausos e vaias. Sem episódio de violência dentro dos estádios, pelo menos até onde eu sei. As torcidas brasileira e estrangeira, repito, têm proporcionado espetáculo também nas arquibancadas. ●

## ANEXO 51: COLUNA DE FERNANDO CALAZANS – O GLOBO, 30/06/2013

calazans@oglobo.com.br

# FERNANDO CALAZANS



## Paciência nesta hora

O volante Luiz Gustavo disse, na sexta-feira em que escrevo, que a grande final de hoje, domingo, vai ser “um jogo de paciência”. A declaração me deixou um tanto preocupado. Se vai ser mesmo um jogo de paciência, imagino a terrível dificuldade que terá ele próprio, Luiz Gustavo. E não apenas ele. O estabonado David Luiz, por exemplo, como se sairá logo mais na marcação? E até Neymar, pilhado do jeito que anda.

**S**e há jogadores na seleção que não têm mostrado uma gota de paciência — e também de discernimento — na forma de disputar as jogadas nesta Copa das Confederações, são esses três aí de cima, inclusive o que está alertando para a característica do jogo. Independentemente, esclareço, da qualidade (ou não) de cada um. Por exemplo, a de Neymar, para mim, é indiscutível. A dos outros dois, ainda não sei bem.

Para complicar um pouco a advertência de Luiz Gustavo, e também por curiosíssima ironia, o grande adversário, a seleção da Espanha, esta, sim, é o modelo mundial de paciência dentro de um campo de futebol. Até hoje, não percebi nada que lhes tirasse a paciência, ou que lhes afetasse o sistema nervoso, durante um jogo. Nem que lhes roubasse a consciência e o raciocínio. Em contrapartida, acompanhar com os olhos o trajeto de David Luiz pelo campo é tomar um susto atrás do outro, seja em sua (nossa) área, seja na do adversário. Não sei como os corações da torcida do Chelsea suportam isso. Nós, brasileiros, temos que suportar também.

Alguns leitores manifestam preocupação idêntica. Um deles lembra que na Copa do Mundo, competição mais exigente (ainda bem) em matéria de disciplina e fair play, David Luiz corre o risco de ser expulso em algum momento crucial, por causa de sua “violência” e sua “deslealdade”. Bem, pelo menos, para o Mundial, ainda falta um ano. Roberto

Antonio de Carvalho estranha que Felipão não esteja percebendo o risco que está correndo.

Eu não estranho, não. Ao contrário, acho até que nosso técnico tem algo a ver com isso, com essa “pilha” que acometeu certos jogadores da seleção. Neymar, por exemplo, que sempre gostou de fazer as “faltinhas” dele, agora anda cometendo “faltonas” que justificariam até sua exclusão do campo, como a que fez em Abate, no jogo com a Itália. Pode ter alguma relação com o estilo Felipão de ser. Por enquanto, nem quero imaginar na Copa.

## O primeiro encontro

Por falar em paciência, acho que ela deve estar presente não só no time, mas também na torcida e na crítica diante, quem sabe?, de uma derrota esta NOITE. (Sim, porque a final da Copa das Confederações está marcada inacreditavelmente para as 19 horas. Coisas da Fifa. Se houver prorrogação e pênaltis, termina lá pelas 22 horas de um... domingo). Paciência e calma na vitória ou na derrota. Tenho a modestíssima opinião de que, mais importante até do que o título é simplesmente esse primeiro encontro dos nossos jogadores (jovens ou não) com o estilo diferente (renovador ou não) deste futebol espanhol que está ganhando o mundo. É uma tendência forte, e da qual nós aqui, técnicos e jogadores, ainda estamos distantes.

Por isso, esta final é importantíssima, muito mais para a seleção e o futebol brasileiros do que para os espanhóis. Para observarmos a reação da nossa seleção (mais jovem), dos nossos times, dos nossos jogadores e nossos treinadores. O primeiro encontro da seleção brasileira com este estilo espanhol, seja qual for o resultado, é um acontecimento extraordinário no futebol do nosso país.

## A tempestade

Estava para tocar no assunto, quando li a coluna de Antero Greco, no “Estadão”, com um tópico breve como este aqui, sobre o carnaval feito pela imprensa por causa do calor que espanhóis e italianos sentiram no Nordeste. “Como se italianos e espanhóis não saibam o que é temperatura alta”, escreveu ele. “Tente ir a Madri, Sevilha, Roma, Nápoles em julho e agosto pra ver como a moleira esquenta.”

É mesmo. Em Madri, a hora da sesta é aquela em que ninguém aguenta sair à rua por causa do calor (tudo está fechado), e eu, velho carioca de tantos e tantos verões, tinha de ficar trancado no quarto do hotel, até porque preferia mesmo. Em Roma, é muito parecido no verão. Até, em Paris, sim, Paris, já passei por sensações térmicas por volta dos 40 graus. Mas a mídia tem uma incrível obsessão, no futebol, em relação a calor, frio, chuva, sol, orvalho, nuvem, mormaço, luar, etc. Tudo maltrata os pobres jogadores, tão fraquinhos... Essa querida mídia bem que podia se preocupar menos com climatologia para se restringir, como faz tão bem, à análise técnica e tática dos jogos. Tomara que não caia uma tempestade hoje sobre o Maracanã. ●

## ANEXO 52: COLUNA DE JUCA KFOURI - FOLHA DE SÃO PAULO, 03/06/2013

**D6 esporte** ★ ★ ★ SEGUNDA-FEIRA, 3 DE JUNHO DE 2013 FOLHA DE S. PAULO

## Seleção tem futuro

JUCA KFOURI

O SALDO do amistoso contra a Inglaterra foi positivo. Felipão há de ter visto que as características dos jogadores têm de ser respeitadas e seu esquema a elas deve ser adaptado e não o contrário, como fez durante 70 minutos com Paulinho.

Que não resolveu como volante de marcação e resolveu como meio-campista que avança.

Neymar jogou para o time em vez de o time jogar para ele porque, afinal, ele ainda não tem todo esse tamanho e fez bom primeiro tempo, inferior apenas a Oscar, o melhor dos brasileiros.

Que tiveram em Hulk o Judas da torcida no novo e festivo Maracanã, embora seja um atacante que não deixa defesa nenhuma em paz e se a capaz de alternar bisonhices extremas com outras jogadas de alta sofisticação.

O décimo empate entre brasileiros e ingleses em 25 jogos, com 11 vitórias nacionais, só não agradou mais porque lá se vão três anos e caqueirada que a seleção não vence um time do primeiro mundo do futebol.

Mas também não precisa ser agora nem mesmo no domingo que vem contra a França.

Quem sabe na Copa das Confederações, projeção que a atuação de ontem permite fazer sem nenhuma pachequite.

Basta que Felipão faça o simples como é capaz e não pense em Filipe Luís se puder controlar a cabeça

O empate contra a Inglaterra serviu para mostrar que, sem teimosias, dá para sonhar

ro tempo, pôde perceber.

**ESTRANHO**  
Coisas estranhas andam acontecendo nos campos de futebol.

No jogo mais importante do domingo no Brasileiro, no Independência, a torcida do Galo não lotou o estádio como era obrigatório depois da epopeia vivida pela Libertadores.

São Victor, o herói, saiu caçando borboleta na primeira bola que foi ao seu gol, e o São Paulo só não saiu na frente porque Marcos Rocha salvou na linha fatal.

Já Luan, no lugar de Bernard, com

a seleção, perdeu o gol de abertura duas vezes.

A defesa do goleiro no pênalti cobrado por Riascos é comparada àquela do corintiano Cássio contra o Vasco de Diego Souza. Mas é de se dar conta de que o gol de Luan, no minuto final em Tijuana, lembra o de Romarinho, na Bombonera, gols tão sintomáticos para se definir a sorte de campeões como as intervenções dos goleiros.

Libertadores à parte, quem esperava a pressão total do Galo no começo do jogo viu o inverso, com o São Paulo partindo para o sufoco, como fizera, com sucesso, duas vezes no Morumbi.

O Galo sem Réver e Bernard, o São Paulo sem Jadson e Luís Fabiano, disputaram um clássico mais lutado que jogado, com pouco brilho e domínio tricolor, mesmo depois que ficou com dez jogadores.

**COLUNISTAS DA SEMANA** segunda: Juca Kfourri e PVC, terça: Lúcio Ribeiro, quarta: Tostão, quinta: Juca Kfourri, sexta: Fábio Seixas, sábado: Edgard Alves e Xico Sá, domingo: Juca Kfourri, PVC e Tostão

## ANEXO 53: COLUNA DE JUCA KFOURI – FOLHA DE SÃO PAULO, 06/06/2013

**D4 esporte** ★ ★ ★ QUINTA-FEIRA, 6 DE JUNHO DE 2013 FOLHA DE S. PAULO

## Branquearam o futebol

JUCA KFOURI

QUE PERDOEM os que vivem num país tão diferente que imaginam não haver racismo no Brasil.

Que perdoem, ainda, os que dizem que a política de cotas é que estabelecerá discriminação racial em nossas faculdades, o que os fatos têm desmentido à exaustão.

Que perdoem, também, os complacentes de plantão que a tudo justificam, até a entrega de estádios macabros, sujos, com entornos pegajosos, por mais que as obras tenham estourado todos os prazos e quase dobrado os custos.

Porque o preço médio do ingresso na reabertura do Maracanã ficou na casa dos R\$ 150!

Negros, no estádio, só os que láoram para trabalhar.

Dê uma olhada neste time, dos mos 80, convocado por Telê Santana: Valdir Peres, Leandro, Oscar, Edinho e Pedrinho; Falcão, Sócrates e Zico; Dirceu, Careca e Éder. Sabe o que ele tem de extraordinário, apesar de jamais ter entrado em campo, embora os 11 tenham convivido na mesma concentração para a Copa da Espanha? São todos brancos.

Fruto do momento em que a várzea perdeu para a especulação imobiliária, do surgimento da escolinhas de futebol e, é claro, de circunstâncias aleatórias.

Curiosamente, os maiores ídolos dos times mais populares do eixo

O perigo da elitização dos estádios na contramão da paixão dos torcedores mais pobres

Rio-São Paulo eram brancos, Zico e Sócrates, filhos da classe média.

João Saldanha se preocupava e apelava: “Não acabem com os nossos crioulos!”.

Do time que disputou a Copa de 1982, Luisinho, Júnior, Toninho Cerezo e Serginho eram os titulares que davam o tom mestiço que sempre

caracterizou nossas seleções de Djalma Santos, Didí, Maré Garrincha, Pelé, Zózimo, Amarildo, Jairzinho, Brito, Everaldo, Cafu, Aldair, Márcio Santos, Mauro Silva, Mazinho, Romário, Ronaldos, Rivaldo, Roque Júnior, Gilberto Silva, Kleber-son, Roberto Carlos, para citar apenas os titulares campeões mundiais.

Será que teremos de criar cotas também nos estádios, para evitar que a elitização em marcha exclua ainda mais os excluídos? Se até no velho Pacaembu, nos jogos mais cotados do Corinthians, é perceptível

o branqueamento, como será nos novos estádios da Copa-14, chamados impropriamente de arenas?

Dia desses esta **Folha** fez certo editorial sobre as oportunidades que a nova situação enseja para a modernização do futebol brasileiro.

Organização, conforto, segurança e bons gramados, tudo é essencial e há décadas se luta por isso.

Como não se deve esquecer de que o bom gestor do negócio do futebol haverá de ser aquele profissional que, friamente, for capaz de exacerbar a paixão.

Que perdoem as arenas, mas sem os crioulos a paixão será absorvida pela areia virtual e movediça que as caracterizam, porque até do ponto de vista puramente da língua elas são uma fraude, plastificadas, pasteurizadas e higienizadas.

**COLUNISTAS DA SEMANA** segunda: Juca Kfourri e PVC, terça: Lúcio Ribeiro, quarta: Tostão, quinta: Juca Kfourri, sexta: Fábio Seixas, sábado: Edgard Alves e Xico Sá, domingo: Juca Kfourri, PVC e Tostão

## ANEXO 54: COLUNA DE JUCA KFOURI – FOLHA DE SÃO PAULO, 09/06/2013

D4 **folha na copa** ★ ★ ★ DOMINGO, 9 DE JUNHO DE 2013 **Itaú** FOLHA DE S. PAULO

**KFOURI NA COPA**

## Souvenirs tricolores

O PRIMEIRO Brasil x França de minha vida é inesquecível como devem ser as primeiras vezes: o da Copa de 1958.

Aquela França de Kopa e Fontaine, melhor ataque do torneio, assustava o complexo de vira-latas, apesar de a melhor defesa ser a nossa.

Pois se o time bleu-blanc-rouge havia feito 7 a 3 no Paraguai na estreia, tomou de 5 a 2 no que Edson Leite descreveu pelo rádio como "primorosa exibição brasileira".

Verdade que os tricolores ficaram com dez jogadores ainda com o jogo empatado 1

a 1, mas levaram uma sova como castigo por terem sido os primeiros a vazar a metar de Gyldmar, já na semifinal.

De lá para cá, as outras vitórias nacionais foram em amistosos – como o de hoje, que nem será preciso vencer, mas evoluir.

Porque os quatro jogos oficiais que se seguiram acabaram com festa ao som da Marselhesa.

Que tristeza!

Na Copa de 1986, o jogo terminado em 1 a 1 e decidido nos pênaltis, bola na trave, nas costas de Carlos e

França nas semifinais, no dia em que os geniais Zico, com o jogo em andamento, Sócrates e Platini perderam cobranças da marca da cal.

Também jamais esquecerei ter ouvido do Magro que eu deveria ter alertado os telespectadores para o fato de ele ser cobrador sempre do quinto e último pênalti, nunca do primeiro, como aconteceu.

A maldade cometida pelo deus dos estádios naquela tarde teve uma crueldade com requinte: Zico acabara de entrar em campo no segundo tempo, tinha se preparado para poder jogar aquela Copa, sua derradeira, com o joelho estropiado. A primeira bo-

la que pegou, 1 a 1 no marcador, enfiou de maneira brilhante para Branco sofrer pênalti. Imagine o que ele pensou: "Valeu o sacrifício, chegou a minha vez, este pênalti é meu". Será? Pois, perdeu.

Mas nada como uma Copa após a outra?!

Nada mesmo.

Veio a de 1998, com o Stade de France sendo palco na final da mais impressionante, e comovente, execução do hino francês desde a Segunda Guerra Mundial, cantado a pleno pulmão enquanto Ronaldo se recuperava de uma convulsão e Zidane liderava um baile que acabou 3 a 0.

Como esquecer do ar de re-provação do Cony ao me ver

sair da tribuna com o jogo em andamento? Ele desconhecia que eu tinha de fazer o "Cartão Verde", do outro lado da cidade, e imaginou que fosse só gesto de mau perdedor.

Para piorar, veio a Copa das Confederações em 2001, na Coreia do Sul, e o time de Emerson Leão levou de 2 a 1. Admito que desse jogo só fui lembrar ao pesquisar.

Mas o da Copa de 2006 é também desses que ficam guardados, menos pelo 1 a 0, nas quartas de final, em Frankfurt, mais pela exibição impecável de Zidane em seu canto do ciske, uma verdadeiro homem-equipe ao mesmo tempo que um solista genial.

Allez, Brésil!

## ANEXO 55: COLUNA DE JUCA KFOURI - FOLHA DE SÃO PAULO, 10/06/2013

FOLHA DE S. PAULO **Itaú** ★ ★ ★ SEGUNDA-FEIRA, 10 DE JUNHO DE 2013 **folha na copa** D5

**JUCA NA COPA**

## Ulalá, Brasil

HAJA PACIÊNCIA.

O jogo contra a França foi, de certa forma, o avesso do jogo contra a Inglaterra.

No Maracanã, a seleção fez um bom primeiro tempo, com algum brilho, mas nada de gols. Caiu no segundo, com pouco brilho e dois gols.

No campo do Grêmio, o primeiro tempo foi de paciência, pouca luz e nenhum gol. No segundo, pressão, rapidez, exploração do óbvio cansaço francês e três gols dos ex-são-paulinos Oscar, Hernanes e Lucas. Estão enterradas as

natórias, também não pareça ser aquele que tem assombrado o futebol brasileiro.

A parada inicial na Copa das Confederações será a Itália, mas, antes, há que definir melhor como Paulinho deve jogar e se Hernanes é mesmo para ficar no banco, além de Lucas, apesar de Hulk encontrar, aqui, um raro defensor.

O time mostrou a virtude essencial de marcar a saída de bola francesa e assim, em duas bolas roubadas, fez dois gols – verdade que a primeira roubada com falta de Luiz Gustavo, no campo tricolor, e a segunda, limpamente por Paulinho, no brasileiro.

Ganhar da França por 3 a 0, mesmo com todos os po-

réns tricolores, e mesmo sem boa atuação de Neymar, dá confiança ao time e esperança ao torcedor, que pode começar a mudar seu olhar em relação à seleção que, desnecessário dizer, tem de manter os pés no chão, porque mais importante que a vitória foi a evolução mostrada.

**BRAÇO DE FERRO**

A superestrutura do futebol está disposta a mostrar ao ex-presidente Lula quem é que manda na CBF. O futuro imediato será palpitante.

**PARA TODOS**

Os mais de 51 mil pagantes no estádio do Grêmio gastaram, em média, R\$ 132 por in-

gresso. Como no Maracanã, a cena era de brancura total.

Provocado, Andrés Sanchez, que comanda o estádio do Corinthians, garantiu ao colunista que o bando de loucos não padecerá do mesmo mal: "O Fiel Torcedor pobre terá os mesmos confortos dos ricos e pagará ingressos na casa dos R\$ 20". A conferir.

**FALEM MAL**

Onze em cada dez opiniões criticam a cor da bola abóbora usada no Brasileiro.

A Nike, cujo marketing é de primeira, parece ter adotado a linha do falem mal, mas falem de mim. Ou, esperamos todos, mudará a bola na volta do campeonato.

## ANEXO 56: COLUNA DE JUCA KFOURI - FOLHA DE SÃO PAULO, 13/06/2013

D4 **folha na copa** ★ ★ ★ QUINTA-FEIRA 13 DE JUNHO DE 2013 **Itaú** FOLHA DE S. PAULO

**JUCA NA COPA**

## Todos japoneses

**O JAPÃO CHEGOU.**

O Brasil também, se bem que jamais tenha saído de Brasília, esta cidade marciana para os visitantes e que só revela seus encantos, muitos, para quem mora nela.

Como não moro, estranho, do mesmo modo que tenho dificuldade em olhar para o jogo de estreia e temer.

Admito que as coisas mudaram no mundo do futebol e que o que era pejorativo virou nivelamento, porque os que eram só japoneses progrediram e os que não eram permiti-

tiram ser alcançados.

Só acho que deva ser registrado que o rival na abertura da Copa das Confederações chegou da Ásia anteontem, praticamente ao mesmo tempo em que a seleção brasileira chegou de Goiânia —se isso não faz diferença, teremos de concluir que nossos times exageram na antecedência com que vão ao Japão para disputar o Mundial de Clubes.

Brasília mostrou agilidade no credenciamento da brava equipe desta **Folha**, e seu novo estádio, que exorbitou nos custos ao quase dobrar o previsto (de R\$ 745,3 milhões para R\$ 1,2 bilhão) para se tornar, ao lado do Maracanã, o mais caro de todos, virou um marco imponente e belo até para a arrojada arquitetura da capital federal.

Sim, tudo indica que será, como o Soccer City em Johannesburg, um lindo elefante branco. Pena que nas placas que indicam como chegar a ele seja chamado de Estádio Nacional, suprimido o nome mágico de Mané Garrincha.

Lembremos que a Fifa garante não ter nada a ver com isso e sou obrigado a reconhecer que a má ideia nasceu assim que o antigo Mané Garrincha foi ao chão, num tom-

bo surpreendente como os que ele causava ao driblar seus marcadores.

Diz a lenda que Garrincha tratava todos como João, como chamávamos quem não sabia jogar bola de japonês.

Temor mesmo há em relação a como se comportarão as telecomunicações no sábado, tantas foram as lambanças causadas pelo atraso na entrega do estádio, e pela incompetência do falido COL que, embora no Rio, parece fazer parte de um Brasil irreal, outra marca da capital.

Nisso, convenhamos, os japoneses ganham de goleada.

Gostaria de estar aqui só pelo futebol, por mais que haja incertezas em torno do ti-

me em obras da CBF.

Mas sempre que venho aqui e lembro dos que querem mudar a sede da CBF para Brasília, imagino a festa, de arromba, que a mudança acarretaria, para tornar ainda menos transparentes os bastidores de nosso esporte predileto.

Enfim, cá estamos, Marcelo Rizzo, Martín Fernandez, PVC, Sérgio Rangel e eu para tentar contar a você, rara leitora, raro leitor, o melhor, o pior e o mais ou menos desta Copa das Confederações.

E se você, como eu, sentiu falta de alguém, não se preocupe: Tostão, um dos jogadores menos japoneses da história, nos ilumina de sua BH.

## ANEXO 57: COLUNA DE JUCA KFOURI - FOLHA DE SÃO PAULO, 14/06/2013

D4 **folha na copa** ★ ★ ★ SEXTA-FEIRA, 14 DE JUNHO DE 2013 **Itaú** FOLHA DE S. PAULO

**JUCA NA COPA**

## É fogo no boné do guarda

A EXPRESSÃO do título é de Osmar Santos, o locutor que marcou a história do rádio esportivo brasileiro, antes e depois dele, a OS e d.OS.

A seleção treinou no excelente gramado do quartel do Corpo de Bombeiros do Distrito Federal.

A expressão não precisa de explicação e, se precisar, não será aqui que você, rara leitora, raro leitor, irá encontrá-la.

Já a seleção se explica cada dia mais.

Treina fechado, treina aberto, como sempre, tudo como dantes no quartel de Abrantes, isto é, dos Bombeiros.

Felipão começa a treinar David Luiz para ser, eventualmente, o Edmílson na Copa de 2002, ideia que provavelmente lhe ocorreu ao ver o zagueiro desempenhando, bem, a função no Chelsea.

O último treino que vi de uma seleção brasileira foi a de Dunga, antes do jogo contra a Holanda, na África.

O clima, então, era tenso na relação com a imprensa, um bode expiatório muitas vezes criado artificialmente pelos que, como o ex-técnico da CBF, precisam sempre achar um inimigo externo.

O clima de agora é incomparavelmente menos beligerante, apesar dos treinamentos seguidos em dependências militares tanto no Rio, na Escola de Educação Física do Exército, quanto em Brasília.

Depois de levar FHC e Aécio Neves ao seu camarote no Maracanã, José Maria Marin foi ao Instituto Lula convidar o ex-presidente para o jogo de abertura da Copa das Confederações.

Entre uma articulação e outra nos meios civis antagônicos, não custa cassandrear pelos quartéis, prática que conhece bem.

Porque é de corar a nenhuma questão de nossos políticos com suas biografias, esquecidos que até hoje o líder comunista Luís Carlos Prestes paga o preço de ter subido no palanque com Getúlio Vargas, que havia extraditado sua mulher Olga e a entregue para os nazistas na Alemanha, onde foi executada.

O que junta Marin, agora condecorado também pelo governador do DF, Agnelo Cordeiro em italiano, Queiroz aos tucanos e petistas, não envolve os interesses da nação, mas só os da simples e abjeta bajulação de uns e os sonhos de eleição de outros.

Todos, enfim, como consagrau o linguajar petista, farinhas do mesmo saco, quatro letrinhas com as quais também se escreve asco.

Hoje a seleção treinará no bellissimo Mané Garrincha impossível olhar para ele e não perceber seus lindos dentes de marfim, suas enormes orelhas, sua tromba imponente. Que lindo elefante branco.

É fogo, torcida brasileira.

## ANEXO 58: COLUNA DE JUCA KFOURI - FOLHA DE SÃO PAULO, 15/06/2013

D10 **folha na copa** ★ ★ ★ SÁBADO, 15 DE JUNHO DE 2013 **Itaú** FOLHA DE S. PAULO

**JUCA NA COPA**

## Quem tem medo do Japão?

**TODOS TÊM** medo do Japão. Ou respeito.

Zico, por exemplo, que conhece bem o futebol daquelas bandas, chega a dizer que será o jogo mais duro entre brasileiros e japoneses em todos os tempos. Tempos que registram nove jogos, com sete vitórias nacionais e dois empates, curiosamente em duas Copas das Confederações, em 2001 e 2005 – 0 a 0, em Kashima, e 2 a 2, em Dortmund.

Das sete vitórias, a única em jogo oficial foi na Copa do Mundo de 2006 e por fáceis 4 a 1, apesar de muito se dizer e escrever, então, sobre os perigos daquele jogo.

Você sabe que o Japão tem no jogador do Manchester United, cujo sobrenome, Kagawa, já causou os acessos de riso possíveis em nossos locutores, sua grande estrela, secundado por Honda.

O meia Shinji Kagawa é chamado de o “Messi japonês” e Keisuke Honda, também meia que chuta bem de fora da área, não é herdeiro da fábrica e joga no CSKA Moscou.

Sim, o Japão, organizado e rápido, apesar de ainda um pouco ingênuo, assusta à medida que a hora do jogo se aproxima.

A hora do jogo, aliás, ou as horas que faltam para o jogo, às 16h de e em Brasília, não serão suficientes para adaptar os rivais ao fuso, porque os japoneses chegaram no meio da tarde da quarta-feira do Qatar, onde enfrentaram e venceram o Iraque no dia anterior, depois de uma viagem de 17 horas e com diferença de seis para o Distrito Federal, somadas às outras seis do Japão.

Correrão como sempre, marcarão sem parar, perderão como quase sempre, empatarão como poucas vezes ou vencerão como nunca?

Quanto valerá o melhor entrosamento do time oriental, em regime, contra o time nacional ainda em construção?

A resposta teremos logo mais, sabendo por antecipação que uma derrota brasileira não será nada parecido com Hiroshima ou Nagasaki, embora possa ter o efeito de aumentar as desconfiças do torcida.

Lembremos que, na estreia da Olimpíada de Atlanta, em 1996, sob o comando de Zagalho, com Dida e Aldair, que trombaram, Roberto Carlos, Rivaldo, Bebeto e Ronaldo Fenômeno em campo, os nipônicos surpreenderam e ganharam pela chamada contagem mínima.

Pode se repetir nesta estreia na Copa das Confederações? Pode, tudo pode em futebol. Mas não quero crer.

## ANEXO 59: COLUNA DE JUCA KFOURI – FOLHA DE SÃO PAULO, 17/06/2013

D8 **folha na copa** ★ ★ ★ SEGUNDA, 17 DE JUNHO DE 2013 **Itaú** FOLHA DE S. PAULO

**JUCA NA COPA**

## Efeitos colaterais

**EXPERIÊNCIA E IDADE** não são garantia de coisa alguma.

Este experiente e, digamos, rodado jornalista, bobeou ao receber as passagens para seguir a seleção brasileira na Copa das Confederações e não percebeu que o voo reservado para sair de Brasília a Fortaleza, às 17h de ontem, impediria ver tanto o jogo da tarde quanto o da noite.

Convenhamos que para quem tem o compromisso diário desta coluna, além de participar, também diariamente, do Linha de Passe da ESPN Brasil, não ver os dois embates soa como fatal.

Pois foi.

A tal ponto que me obrigou a fazer este longo intróito que, bem sei, soa como mera desculpa para ligar a um outro tema, muito mais candente, que também envolve experiente, se não tão rodado, soldado da Polícia Militar do DF.

Ao cabo do conflito mal resolvido pela PM nas imediações do estádio Mané Garrincha, na tarde de abertura da Copa das Confederações, o tenente-coronel Zilfrank Antero, responsável pela área de comunicação da corporação, explicou ao repórter André Plihal, da ESPN Brasil, que tudo havia sido controlado apenas com o uso de armas não letais, como bombas de gás lacrimogêneo, pimenta e balas de borracha.

Ao ouvir do jornalista se balas de borracha não poderiam ser letais caso atingissem uma criança, o oficial concordou que poderiam, mas logo tratou de tranquilizar a sociedade: “Nós tomamos cuidados para evitar esses efeitos colaterais”.

Como é?!

O encarregado da comunicação social da PM na capital do país que, supõe-se, sabe exatamente o significado de cada palavra que diz, considera que a eventual morte de uma criança atingida por uma bala de borracha seria um “efeito colateral”?

Assim como um antibiótico que ataca o estômago? Um antialérgico que causa sonolência? Bala de borracha, criança, morte? Colateral?!

Dá ter quem diga que podemos estar vivendo a Copa da Conscientização, tantos são os absurdos perpetrados como, entre outros, decretar feriados em Fortaleza e Salvador nos dias de jogos para evitar congestionamentos de trânsito. Seria este o legado de mobilidade urbana?

Já a Justiça mineira proibiu manifestações nos 853 municípios do Estado quando houver partidas em Belo Horizonte! Mas nem em Juiz de Fora?

Tudo em nome do direito de ir e vir, embora os produtores rurais pareçam ter alvará para interromper estradas pelo interior do país afora.

A garotada estará cansada de conviver com Justças e justças?



## ANEXO 60: COLUNA DE JUCA KFOURI – FOLHA DE SÃO PAULO, 19/06/2013

D6 **folha na copa** ★ ★ ★ QUARTA-FEIRA, 19 DE JUNHO DE 2013

Itaú FOLHA DE S. PAULO

**JUCA NA COPA**

## A Copa das manifestações

**POLÍTICOS E CARTOLAS** tentam minimizar as manifestações pelo país afora.

Joseph Blatter diz que o futebol superará os protestos.

Geraldo Alckimin descobriu a pólvora ao ver fundo político nas passeatas.

Marco Polo Del Nero declarou que os atos são coisa de quem não tem o que fazer e endossou a opinião de Blatter: ambos veem oportunismo nos que surfam sobre as aten-

ções que o futebol desperta. Queriam o quê? Que não se aproveitasse o momento em que o mundo está olhando para cá? Brincam com fogo.

Já Aloizio Mercadante repete que se misture política e futebol, mesma falácia de João Havelange, o que lhe permitia conviver alegremente com Videlas e Médicis da vida.

O presidente da Fifa está tão iludido como quando pediu fair-play para evitar as

vaías que ele e Dilma Rousseff receberam.

O governador de São Paulo, que se supunha político, repele a prática e, talvez, passe a se dedicar à medicina.

O presidente da FPF que não viu excessos na ação da PM e quer que as pessoas gritem Brasil, parece que além de cego está surdo, porque o que mais se ouviu foi o grito de Brasil nas ruas.

Além disso não se dá conta de como representa muito do que causa a indignação dos ativistas, no faraônico prédio da federação, vampira dos recursos do futebol.

Já o ministro da Educação,

cuja maior contribuição para a língua portuguesa foi desmoralizar o significado da palavra irrevogável, aloprou novamente, ao tentar dissociar o indissociável.

Ofato é que o povo se encheu e a gota d'água apareceu também na suntuosidade de estádios pagos com o seu dinheiro, dinheiro que a cartolagem e os políticos, além das empreiteiras, querem só para superfaturar. Mas quem que a patuleia pague e cale.

Quando o povo grita para diminuir a tarifa e mandar a conta para a Fifa ou que Copa não, mas saúde e educação, está sendo o mais claro possível.

Tão claro que a seleção brasileira não está sendo confundida nem com os políticos, nem com os cartolas, nem com os empreiteiros, a exemplo do que aconteceu com a seleção tricampeã mundial em 70, quando o país soube distinguir o time da ditadura.

A superestrutura o futebol brasileiro faz parte da miséria nacional. Quem está nas ruas também gosta de futebol e sabe o quanto tudo poderia ser melhor.

Que ninguém perca por esperar, pois a hora da cartolagem está prestes a chegar. E, que raro, Hulk e David Luiz apoiam as manifestações.



## ANEXO 61: COLUNA DE JUCA KFOURI - FOLHA DE SÃO PAULO, 20/06/2013

FOLHA DE S. PAULO Itaú

★ ★ ★ QUINTA-FEIRA, 20 DE JUNHO DE 2013 **folha na copa** D7

**JUCA NA COPA**

## Fortaleza, mas nem tanto

**JAMAIS HAVIA** ido a uma praça esportiva em minha vida sob tanta tensão.

Dizer que não estava com medo dentro do ônibus disponibilizado pela Fifa para levar os jornalistas seria provocação e de provocadores estamos cheios.

Mas, pensei em alguns caras amigos que cobriram guerras pelo mundo afora como José Hamilton Ribeiro, o Zé Palmito, que perdeu uma perna no Vietnã, e em seu genro, Sérgio Dávila, além de Fernando Valeika de Barros, filho do inesquecível cavalheiro e editor de moda, Fernando de Barros, sem esquecer de Leão Serva e do xará Varella.

Deve mesmo ser uma experiência e tanto.

Porque ver rostos raivosos, sofridos, aos berros, e ouvir bombas e vê-las, não é coisa para quem está com o espírito de ir cobrir um simples jogo de futebol. Pobre Fifa.

Imagine o arrependimento

pela escolha deste complexo Brasil. Imagine o Lula, apesar de alertado para o risco de que suas duas vitórias ao trazer Copa e Olimpíada para o país poderiam se transformar em tiros no pé. Pois é.

Curiosa e comovente a reação de quem estava dentro do Castelão, cantando o hino à capela e plenos pulmões.

Impressionante a reação do time, que saiu mordendo o México com volúpia que poderia ter resultado, no mínimo em dois, talvez três gols nos primeiros 20 minutos.

Ficou só em um, mais um, novo golaço de Neymar.

Passada a pressão inicial,

os mexicanos equilibraram, assustaram e terminaram o primeiro tempo com 52% de posse de bola, situação invertida ao fim dos 90 minutos, com 51% de posse brasileira.

O segundo tempo foi mais tenso porque o México rondou a área nacional com a pica de Giovani dos Santos e David Luiz teve de ser, atrás, o leão que Hulk é na frente.


O time de Felipe dá mais um passo, ganha corpo, bocheira ainda, seja em gestos impensados dos dois laterais, um que dá chapéu na área, outro que deixa a mão no rosto do rival, seja na dificuldade de sair jogando com mais

qualidade, o que explica parte do predomínio azteca.

Verdade que o jogo dos mexicanos encaixa com o nosso e o nosso encaixa conosco com o deles.

Verdade também que Neymar, inspirado, resolve os problemas não só ao fazer o gol que fez como ao dar o passe que deu para Jô ampliar nossos acréscimos. Melhor ainda: dribles que aplicou em dois adversários antes de dar o passe. Ou o chapéu que deu num zagueiro e no árbitro inglês ao mesmo tempo.

Fortaleza viveu o que tem de melhor e pior no mesmo dia. Para mim, deu.



## ANEXO 62: COLUNA DE JUCA KFOURI – FOLHA DE SÃO PAULO, 21/06/2013

D4 **folha na copa** ★ ★ ★ SEXTA-FEIRA, 21 DE JUNHO DE 2013 **Itaú** FOLHA DE S. PAUL

**JUCA NA COPA**

## Ser ou não ser

**JOSÉ TRAJANO** disse ontem, no “Linha de Passe” da ESPN Brasil, que os ares de Brasília e de Fortaleza tinham transformado este pobre colunista num conservador.

Tudo porque achei que a seleção brasileira evoluiu da estreia contra o Japão para a vitória sobre o México e por ter sido mais condescendente com o time do que o próprio técnico Luiz Felipe Scolari.

Talvez tenha sido mesmo, a julgar por tudo que ouvi, lição como há muito tempo não se via.

Sem tensões desnecessárias e até relaxada, muito provavelmente porque sob a liderança segura de um treinador que, gostemos ou não dele, tem o respeito quase reverencial dos jogadores, visto como um vencedor capaz de levá-los a portos seguros.

Além disso, os acontecimentos pré-jogo fora do estádio e na execução do hino brasileiro foram de tamanha carga emocional que aqueles 20 minutos iniciais revelaram um futebol que até então não havíamos visto — e há muito tempo não víamos.

Tal constatação, somada ao gol já nós acréscimos para coroar a vitória, fruto da fabulosa jogada de Neymar, produziu minha opinião que não é ufanista nem, ao contrário do que disse meu querido e respeitado amigo Trajano, conservadora.

Tratou-se apenas de uma opinião feliz, por infeliz que possa ter sido — não sei se me faça entender.

“Odeio ser malentendido”, costuma dizer o caro Trajano. Somos dois, embora seja o que mais acontece devido ao analfabetismo funcional que nos assola por falta de escolas de padrão Fifa.

Melhor que o começo da apresentação — e se realizada uma vez pode se repetir a boa notícia que o gramado nos deu anteontem —, foi a torcida dizendo em brados, à capela, que o Brasil é nosso.

A voz do estádio somou-se à voz das ruas, e erra quem supõe que no gesto não havia solidariedade aos que estavam do lado de fora.

Não confundir a seleção com as misérias do país, ou com a CBF, é tão saudável como não ver o futebol como alienante. O povo não confundiu o tri de 1970 com a ditadura e não atribuiu a derrota de 2010 à democracia.

## ANEXO 63: COLUNA DE JUCA KFOURI - FOLHA DE SÃO PAULO, 24/06/2013

FOLHA DE S. PAULO **Itaú** ★ ★ ★ SEGUNDA-FEIRA, 24 DE JUNHO DE 2013 **folha na copa** D5

**JUCA NA COPA**

## Reforma do futebol já!

NESTES TEMPOS de mudança, o futebol, gota d'água com seus estádios faraônicos que ajudou a transbordar o copo da insatisfação popular, não pode deixar de ser meta, objetivo, gol!, da necessária ruptura.

Por incrível que pareça, em 15 dias, a seleção, que não agradava ninguém, está melhor que o país, que aparentemente vivia feliz — embora não pudesse nem devesse.

Se Dilma Rousseff é uma presidente democrática e legalmente eleita, quem manda no futebol não é.

Convivemos há anos com a excrescência da tal bancada da bola no Congresso, um time de pilantras que a CBF alimentou nas campanhas eleitorais.

Gente que contraria abertamente os desejos da torcida e que se reelege sistematicamente porque as regras eleitorais são como são.

Precisou que mais de 1 milhão de cidadãos fossem às ruas para que a reforma política ganhasse a urgência que merece desde a redemocratização. Não serão os pilantras que a farão por mais que agora temam perder, além dos anéis, os dedos.

Por isso é rica a ideia de uma mini-Constituinte para tratar dela imediatamente, assim como é rico o que propõe o mesmo grupo que articulou a Lei da Ficha Limpa, que sugere uma nova campanha para colher 1,5 milhão de assinaturas que reduntem na mudança da legislação eleitoral já para o ano que vem.

O impacto também no futebol será inevitável.

Nunca mais teremos de conviver com cartolas biônicos como o atual presidente da CBF e do COL.

Nem com o que preside a FPF e caíntia com 27 cartolas como ele, os das capitães hereditárias estaduais, sua eleição para reinar na CBF.

Este, lembremos, no primeiro dia de protestos, disse que os brasileiros deveriam curtir a seleção e gritar Brasil. Agora, como tantos, está feito avestruz.

Feito avestruz como são feitos os conchavos e financiamentos de campanhas eleitorais neste país, sem transparência, sem decência, o que permite que os presidentes do Senado e da Câmara sejam e que são. Sem que se possa dizer que careçam de legalidade, apenas de legitimidade.

Liquidar os partidos é coisa de fascista, já foi exaustivamente dito. Implodir o sistema que os criou deformados não.

Dizem que ninguém sabe e que as ruas querem e estão dizendo. Não é bem assim.

As ruas querem e estão dizendo que querem tudo. Do bom e do melhor, em todas as áreas.

Epodem e têm todo o direito de querer e dizer.

Resta saber fazer.

Mãos à obra!

## ANEXO 64: COLUNA DE JUCA KFOURI – FOLHA DE SÃO PAULO, 25/06/2013

D4 **folha na copa** ★ ★ ★ TERÇA-FEIRA, 25 DE JUNHO DE 2013 Itaú FOLHA DE S. PAULO

**JUCA NA COPA**

## Respeitem os uruguaaios

**LEIA ABAIXO** texto de Ugo Giorgetti após um Brasil e Uruguai, 3 a 3, pelas eliminatórias da Copa de 2006.

“No ano 2000, Franklyn Morales, um dos mais antigos e venerados jornalistas uruguaaios, estava lançando um livro em que revisitava mais uma vez a Copa de 50. Sabendo da minha presença na cidade, me convidou para o lançamento. No salão do evento havia uma mesa onde se empilhavam os livros,

atrás da qual estavam sentados o próprio Morales e um sociólogo. O sociólogo falou primeiro e não me lembro bem do que disse. Daí veio Morales e seu tom era outro. Relembrou com crescente emoção as condições desiguais da disputa, com o grande time brasileiro que já se achava campeão, o público fanático do Maracanã, a absoluta arrogância da imprensa e das autoridades brasileiras. Falou de Zizinho, Jair Ro-

sa Pinto e Ademir. Depois falou do Uruguai, daquele punhado de homens sem medo enfrentando tudo, Obdulio, Ghiggia, Schiaffino, onze contra cento e cinquenta mil! Levantou-se da mesa, punhos erguidos, para bradar num gran finale: “foi a vitória da humildade contra a soberba!” Nesse momento me viu entre os assistentes. E surgiu imediatamente a outra face desse povo admirável. Julgando que tivesse de alguma forma me ofendido chamou imediatamente a atenção de toda a sala para o “amigo brasileiro” que lhe dava a honra de sua presença e passou a quase se desculpar pela vitória uruguaia naquele perdido 1950. Isso, entretanto, não impediu que, para terminar, os presentes fossem convidados a ouvir a irradiação do histórico gol de Ghiggia. De algum lugar da sala surgiram ruídos de uma gravação ancestral de meio século. Não era possível distinguir quase nada, apenas no fim o grito de gol, intenso, porém distante, como vindo do fundo da memória. Houve um silêncio depois do gol e as pessoas começaram a se retirar. Entre elas um homem de cabeça muito branca que recebeu muitos abraços e foi saindo majestosamente da sala. Era Roque Maspoli, o goleiro e, na ocasião, um dos poucos sobreviventes da equipe mitológica. Todo esse ritual seria ridículo em qualquer parte do mundo. Menos no Uruguai. Em Montevideu ele acabou por se revestir de uma insuspeitada grandeza, de uma nobreza quase comovedora, feita da necessidade permanente de cultuar seus heróis para manter a qualquer custo essa identidade oriental feita de bravura e gentileza. É difícil enfrentar essa gente”.

## ANEXO 65: COLUNA DE JUCA KFOURI – FOLHA DE SÃO PAULO, 26/06/2013

D4 **folha na copa** ★ ★ ★ QUARTA-FEIRA, 26 DE JUNHO DE 2013 Itaú FOLHA DE S. PAULO

**JUCA NA COPA**

## Um Tostão de prosa

**QUANDO CHEGUEI** para o almoço ele já estava à mesa, cabelos brancos compridos, esvoaçantes como os dos poetas.

Sou recebido com o calor afetuosos, insuspeito nele para quem não o conhece.

Tostão vive e circula em Belo Horizonte como se fosse mais um mineiro, embora, ao fim do almoço, duas belas jovens que poderiam ser filhas dele, tenham se aproximado excitadas para posar a seu lado e pedir ainda por cima um texto exclusivo para o blog delas, chamado 40 Forever.

Ok, elas não eram tão jovens assim, mas bem que pareciam, Maria Pia e Bebel, ter uns 30, no máximo.

Sábias, quando lhes disse que elas tratassem de aproveitar que ele estava escrevendo diariamente nesta **Folha**, ambas bateram o pé por um texto exclusivo para o blog.

Como já contei, tenho a alegria de já ter sido motorista de Tostão na Copa do Mundo da África do Sul, três anos atrás.

Provavelmente ele não irá ao jogo de hoje, porque imagina o congestionamento que haverá em torno do novo, e belo, Mineirão.

Tostão admite que nos deve novos livros, mas diz que sua preguiça é maior que a necessidade assumida.

Tostão não tergiversa e exala sinceridade, como Oscar Tabárez, o técnico uruguaio que vi mais tarde, no começo da noite, numa entrevista coletiva digna de alguém que é chamado de Maestro.

Tabárez passa com tal franqueza que o jogo de hoje é uma incógnita que faz duvidar do favoritismo brasileiro. Os uruguaaios são mesmo diferentes e merecem, além de respeito, admiração.

Aditem sem disfarçar que lhes agrada muito estragar a festa de seus anfitriões, como têm feito ultimamente seja na África do Sul, seja na Venezuela ou na Argentina. Será também no Brasil, hoje, nas Minas Gerais.

Não haverá um Mineirão como o Maracanazo, porque são duas situações e expectativas absolutamente diferentes.

Mas estes uruguaaios são tão especiais que Diego Lugano quando perguntado se preferia enfrentar outra seleção que não a brasileira pelas ligações dele com o São Paulo, respondeu que o privilégio de enfrentar o Brasil está acima de tudo.

E provocado a elogiar o Maestro na entrevista coletiva, lado a lado com Tabárez, sorriu constrangido para dizer que “nossa cultura é diferente, fazemos o elogio como o trabalho, não com as palavras”.

Como ensinou Ugo Giorgetti, “respeitem essa gente”.

## ANEXO 66: COLUNA DE JUCA KFOURI – FOLHA DE SÃO PAULO, 27/06/2013

D6 **folha na copa** ★ ★ ★ QUINTA-FEIRA, 27 DE JUNHO DE 2013 **Itau** FOLHA DE S. PAULO

**JUCA NA COPA**

## A Júlio César o que é dele



JÚLIO CÉSAR, o goleiro da seleção, estava com o radar bem orientado, ao contrário do colunista, que viu o jogo do hospital, vítima de pequeno acidente isquêmico.

Na entrevista coletiva que ele concedeu às vésperas do confronto Brasil x Uruguai, disse que o clássico contra os orientais era para muitos de mais rivalidade do que contra os argentinos.

Talvez não seja isso tudo, mas, certamente, é o de mais dramaticidade, e o único que

decidiu uma Copa do Mundo. Vi o jogo pela TV, frustrado, e interrompido pelos cuidados de praxe num hospital de excelência como o Mater Dei de Belo Horizonte, de onde devo sair hoje de manhã.

Mas Júlio César disse, também na coletiva, que teria gostado se o árbitro do Uzbequistão tivesse marcado mesmo o pênalti no jogo contra a Itália, porque o goleiro sempre gosta da chance de defender uma penalidade máxima num jogo desses.

E não é que mais que isso, ele evitou o 1 a 0 do Uruguai, ao pegar, dando a adiantadíssima também de praxe entre os bons goleiros, a cobrança de Diego Forlán.

Que sorriu antes da batida, como só se vê pela televisão, provavelmente por se lembrar das vezes em que treinou com o goleiro brasileiro quando ambos jogaram na Inter de Milão.

Sair atrás pela primeira vez na Copa das Confederações e contra um rival que se impunha em campo, muito mais experiente que a seleção nacional, poderia ser fatal.

Júlio César fez um golaço

ao defender e Fred, de canela, sem que o time merecesse, abriu o placar no fim do primeiro tempo, porque sem sorte não se chupa um chicabon nem se grita é campeão.

Sorte e competência, diga-se, porque no segundo tempo o time equilibrou as coisas com o concentrado Uruguai de Cavani, autor do gol de empate logo no reinício do jogo e em tarde de homem-esquadra no Mineirão.

O gol de Paulinho, no fim da etapa final, foi daqueles para decretar vitórias dramáticas, pelos mesmos 2 a 1 do célebre Maracanazo.

O time de Felipão não só

não conseguiu pressionar o de Oscar Tabárez, ao contrário, mas soube se impor com técnica e coração para vencer um adversário que chegou a parecer imbatível.

Agora será no Maracanã. Contra a Itália, se for a zebra diante da Espanha, ou contra os campeões mundiais, para sermos nós as zebras e candidatos a bobinhos contra os reis do toque de bola. Mas não era exatamente o jogo que queríamos ver?

Sem atrevimento nem soberba, é o que eu quero e os médicos acham que poderei. É, também, o jogo que Parreira quer disputar.

## ANEXO 67: COLUNA DE JUCA KFOURI – FOLHA DE SÃO PAULO, 29/06/2013

D4 **folha na copa** ★ ★ ★ SÁBADO, 29 DE JUNHO DE 2013 **Itau** FOLHA DE S. PAULO

**JUCA NA COPA**

## Lá vem a Roja!



NUNCA JAMAIS na história da seleção brasileira desde 1958 houve um jogo com as características desta decisão da Copa das Confederações.

Um jogo inusitado porque os brasileiros, mesmo em casa, não são os favoritos.

Mais: não fosse o jogo contra a Itália, os espanhóis, além de favoritos, seriam candidatos a golear, como fez o Barcelona contra o Santos, embora ali os catalães tivessem quem faz muita falta à

Roja (ainda há quem a chame de Fúria, hein?), o hermano Lionel Messi.

Diversas vezes, desde que a primeira taça do mundo veio para o Brasil, nossa seleção enfrentou times campeões mundiais.

Mas em nenhuma, fossem os alemães, em amistosos, os ingleses, como na Copa de 1970, os franceses, italianos ou argentinos, o jogo era cercado pelo quase temor do enfrentamento como hoje.

Motivos há para tanto, mesmo com o desgaste espanhol depois de enfrentar uma prorrogação dramática e uma temperatura de rachar mamonas em Fortaleza e apesar de o jogo no Maracanã, à noite, vir a ser disputado em clima quase de verão europeu.

De todo jeito, Brasil x Espanha era o jogo que os brasileiros, e o mundo, queriam ver agora — como França x Brasil, na Copa do Mundo de 1998, foi o jogo que os franceses queriam.

O risco de o resultado se repetir não é pequeno. Só que, então, favoritos eram os brasileiros, que não contavam

nem com Zidane nem com o transtorno causado pela convulsão de Ronaldo.

Friamente, é possível dizer que uma derrota digna no domingo será bem-vinda, porque uma vitória nacional poderá criar um clima enganoso em torno do time de Felipão. Mas quem quer perder?

Recomenda-se, ao menos, já que as novas gerações não sabem cantar “As touradas em Madrid”, como em 1950, que a torcida não apupe o genial Iniesta, pois, como ensinou Armando Nogueira, Deus castiga quem craque fustiga.

Que a Espanha é mais entrosada, muito mais experiente e tem mais jogadores que desequilibram é quase desnecessário dizer.

Vontade de ganhar o título inédito também eles têm mais, porque afinal o Brasil já conta com três na estante, além da superstição de que ganhá-lo é mau sinal para a Copa que interessa, a de 2014.

Não se imagina nenhuma festa nas ruas do Brasil caso a taça seja conquistada amanhã. Mas negar que acabou virando uma questão de honra quem há de?

Então, vamos alegremente e com espírito leve às touradas em Madrid, para tim bum, bum, bum!

## ANEXO 68: COLUNA DE TOSTÃO – FOLHA DE SÃO PAULO, 02/06/2013

FOLHA DE S. PAULO

DOMINGO, 2 DE JUNHO DE 2013 ★ ★ ★ esporte D3

## Tudo ou nada

TOSTÃO

**O Brasil, em casa, não precisa jogar muito para ganhar da desfalcada Inglaterra**

É UMA irresponsabilidade realizar a partida de hoje, entre Brasil e Inglaterra, com enorme público e com o Maracanã inacabado, por causa das obras em volta do estádio. A suspensão e liberação do jogo, pela Justiça, despertou, em todo o mundo, mais temor sobre a organização do Mundial.

Há uns 15 anos, crítico a maneira de jogar no Brasil. Não vou repetir os detalhes. O leitor já está cansado de ler. Alguns jornalistas discordam, por terem ótimos conhecimentos técnicos, e outros, porque não entendem do assunto. São os que mais opinam. Isso tem mudado. Recentemente, até a turma do oba-oba aplaudiu as duras críticas do alemão Breitner e de Paulo Autuori.

O brilhante jornalista inglês Tim Vickery, radicado no Brasil há mu-

to tempo, que admira e que tem uma visão ampla, correta e imparcial do futebol brasileiro, disse, no programa Redação SporTV, sem o exibicionismo de Breitner nem a excessiva tolerância e submissão de parte da crônica esportiva, que não entende como o Brasil valoriza hoje muito mais o estilo guerreiro, brigado, do que os conceitos de como se jogar um bom futebol.

As partidas entre Atlético e Tijuana e entre Fluminense e Olímpia mostraram novamente que o futebol sul-americano se aproxima, ca-

da vez mais, do jogo tumultuado, emocionante, do jeito que gosta o torcedor apaixonado, e, cada vez menos, do jogo mais técnico e dos torcedores que querem apreciar, entender, e não apenas torcer. Neste caminho, piora a qualidade de nosso futebol. Evidentemente, há também partidas, no Brasil, que reinem

muita emoção e muito talento, muitas delas em jogos do Galo.

Preciso explicar algo que tenho dito nestes 15 anos. Sempre critiquei a supervalorização dos técnicos brasileiros, porque deram a eles uma excessiva importância nos resultados. Por outro lado, houve, neste tempo, crescimento da importância dos sistemas táticos e, consequentemente, dos treinadores, em todo o mundo. Parece contraditório, mas não é. Nesta evolução tática, os treinadores do Brasil ficaram para trás.

Nosso futebol não evoluiu, ou pio-

rou, mas não está tão ruim. Em casa, se melhorar bastante, passa a ter chances de ganhar a Copa do Mundo. O Brasil não precisa jogar muito para ganhar dos ingleses. A Inglaterra pratica um futebol coletivo melhor que o do Brasil, mas tem um jogo muito linear, previsível. Não tem a impetuosidade dos alemães, a delicadeza, no trato da bola e na troca de passes, dos espanhóis nem um fenômeno, como a Argentina.

Quando o Mundial terminar, dependendo do resultado, da atuação da Seleção e da organização do evento, haverá uma grande depressão ou uma grande euforia. No Brasil, é tudo ou nada. Seja o que for, é necessário haver uma profunda reformulação, a médio prazo, de conceitos e de nomes, dentro e fora do campo.

## ANEXO 69: COLUNA DE TOSTÃO – FOLHA DE SÃO PAULO, 05/06/2013

FOLHA DE S. PAULO

QUARTA-FEIRA, 5 DE JUNHO DE 2013 ★ ★ ★ esporte D3

## Discussões ideológicas

TOSTÃO

**A seleção dominou a partida e trocou mais passes porque a Inglaterra deu o domínio do jogo**

O NOVO Maracanã acirrou antigas disputas ideológicas, entre os que estão revoltados com a total descaracterização do estádio, chamados, de uma maneira pejorativa, de saudosistas, e os modernistas, apaixonados pelo novo.

Os saudosistas, chamados, pelos modernistas, de viúvas do antigo Maracanã, são contra também a elitização do futebol em todo o Brasil, os preços excessivos dos ingressos, o superfaturamento dos estádios, a ausência dos “geraldinos” e dos mais pobres e a mudança no hábito da torcida, mais comportada.

Do outro lado, os modernistas acham que é essencial a elitização — não usam essa palavra para não soarem arrogantes — para diminuir a violência e melhorar o futebol, como foi na Inglaterra. Os saudosistas

falam que os modernistas são mandados por seus patrões, parceiros dos novos donos do futebol.

Não tenho nada contra a modernidade, contra a transformação do Maracanã nem contra ingressos mais caros para quem quer mordomia. Minha indignação, a mesma dos chamados de saudosistas, é com a ausência de preços acessíveis para os mais pobres, com conforto e segurança, com a destruição de várias coisas importantes em volta do Maracanã, para atender à Fifa, com o absurdo custo da reforma do

estádio (R\$ 1,2 bilhão) e com a falta de transparência e gastos excessivos e nebulosos para a realização da Copa do Mundo.

Passo para o campo. Como minha expectativa era pequena, a seleção foi melhor do que eu esperava, facilitada pela atitude inglesa, de marcar muito atrás, com uma li-

nha de quatro defensores e outra de cinco, sem pressionar os armadores brasileiros. A Inglaterra, para tentar contra-atacar, deu o domínio do jogo para o Brasil.

No segundo tempo, logo após sofrer o gol, os ingleses mudaram de atitude e fizeram dois. O gol de Rooney foi uma repetição dos de Balotelli, pela Itália, e de Messi, pela Argentina, ambos contra o Brasil. Os defensores assistiram aos atacantes conduzirem a bola, até próximo à área, para finalizar.

A seleção piorou também por cau-

sa da saída de Luiz Gustavo. Ele marca melhor que Hernanes e tem o passe mais rápido e mais para a frente. Isso é importante para a posição. Hernanes se destaca por lances individuais. Ele demora demais com a bola. Dá tempo para a defesa se posicionar.

Neymar foi novamente discreto, pela grandeza de seu talento. Muitos acham que ele não vai se dar bem no Barcelona, porque dribla muito, e o time troca muitos passes. Penso diferente. O Barcelona precisa de quem dribla, no momento certo, quando estiver mais adiantado pela esquerda e contra apenas um marcador. Quando voltar para receber a bola, terá de trocar passes mais rapidamente. Isso é fácil de aprender. Até Pedro, Villa, Sanchez e Tello fazem bem.

## ANEXO 70: COLUNA DE TOSTÃO - FOLHA DE SÃO PAULO, 09/06/2013

FOLHA DE S. PAULO **Itaú** ★ ★ ★ DOMINGO, 9 DE JUNHO DE 2013 **folha na copa D7**

**TOSTÃO NA COPA**

## 400 gols de talento



ALEX, 35, é mais um dos veteranos que voltam para brilhar e ensinar aos treinadores e jogadores que técnica é diferente de habilidade e que não basta ser rápido, driblador e habilidoso para ser craque.

O passe e o gol, na vitória do Coritiba sobre o Fluminense, foram mais duas demonstrações de sua exuberante técnica. Alex não se destacou na seleção principalmente porque competia com Ronaldinho, Rivaldo e outros. Se jogasse hoje, como quando era mais jovem, seria titular.

A França pode repetir a marcação inglesa, com menos disciplina, com oito a nove jogadores bem distribuídos entre a intermediária e o meio-campo.

O Brasil teve muitas dificuldades para driblar e trocar passes em pequenos espaços. Em compensação, havia muitos espaços nas costas dos defensores. Faltaram talento e sincronia entre o jogador que passava a bola e o que partia para receber na frente. Além disso, o ótimo goleiro inglês, fora do gol, atento, chegava antes do atacante.

Fred joga de costas para o gol, de pivô, ou dentro da área, para finalizar. Por ter pouca velocidade, raramente recebe a bola nas costas dos zagueiros.

Como a seleção atua com dois volantes, um meia de cada lado (Oscar e Hulk ou Lucas) e Neymar perto de Fred, não existe um meia de ligação centralizado.

Paulinho tem de fazer dupla função, de marcar como um volante e avançar como um meia. Ele faz isso muito bem no Corinthians. Na seleção, é mais difícil, pois os laterais avançam mais que os do Corinthians.

Felipão gosta do jogo com

partimentado, com um centroavante fixo, um volante mais atrás, outro com um pouco mais de liberdade e com um lateral que ataca mais que o outro. Daí, a dúvida entre Marcelo e Filipe Luís.

Marcelo é muito melhor. Seria mais eficiente se os dois laterais e os dois volantes marcassem e avançassem, alternados e sincronizados. Essa é uma das qualidades do Bayern e de grandes equipes.

Nesta semana, assisti, pela TV, a vários treinos da seleção, com as opiniões e informações precisas de PVC, da ESPN Brasil. Vi que o time treinou bastante a marcação por pressão. Ótimo, desde que todos participem. Quando os

volantes avançam para tomar a bola, os zagueiros não podem ficar atrás, deixando um grande espaço entre os dois setores, como tem ocorrido.

Vi ainda treinos de posicionamento e movimentação da defesa, com os dois volantes protegendo os quatro defensores. Faltou um meia de cada lado. Se os dois não voltarem para marcar, os defensores, principalmente os laterais, ficarão perdidos.


Na Copa de 1970, Zagallo fazia o mesmo treino, todos os dias. Só que eram três jogadores de meio-campo (Clodoaldo, Gerson e Rivellino), em vez de dois, à frente dos zagueiros. O futebol mudou, mas nem tanto.

## ANEXO 71: COLUNA DE TOSTÃO – FOLHA DE SÃO PAULO, 12/06/2013

D4 **folha na copa** ★ ★ ★ QUARTA-FEIRA, 12 DE JUNHO DE 2013 **Itaú** FOLHA DE S. PAULO

**TOSTÃO NA COPA**

## Dilema shakespeariano



FREUD DISSE, cem anos atrás, que não existe observador neutro, totalmente imparcial. Os filósofos de botequim e a ciência moderna falam o mesmo. Somos todos tendenciosos. Galvão Bueno, mais que os outros. Costumamos pensar, analisar e agir de acordo com nossos pré-conceitos, preferências e conhecimentos, às vezes, sem perceber.

O jornalista esportivo, diante das incertezas do futebol, corre atrás de fatos e explicações que justifiquem e aprovem

suas opiniões. Torce por suas ideias. “Não falei”, costuma dizer o orgulhoso comentarista de televisão, durante as partidas. Quando os fatos contrariam suas opiniões, diz que o futebol é uma caixinha de surpresas.

Hernanes é um bom jogador, uma opção nas posições de volante e de terceiro no meio-campo, como atuou contra a França, junto com Paulinho e Fernando. Mas dizer que o time melhorou, após a entrada de Hernanes, quando a

França estava desfigurada e sem marcar ninguém, é uma opinião tendenciosa e/ou de quem não percebe as mudanças durante as partidas. Uma coisa é entrar no início, e outra, nessa situação.

Apesar da claríssima falta cometida por Luiz Gustavo, detalhe (acaso) que mudou a história do jogo, o primeiro gol só saiu porque o volante brasileiro pressionou para desarmar no campo da França, como foi bastante treinado.

Hulk, mais uma vez, foi o mais eficiente dos quatro jogadores mais adiantados. Quando erra, é chamado de grosso. Há também uma insistência em rotular Lucas de craque. Não é. É um bom jogador, coadjuvante no Paris Saint-

Germain.

Marcelo foi o melhor atacante, o que criou mais chances de gol. Como dizia o saudoso mestre Armando Nogueira, “quem ataca é atacante”. Sua atuação foi facilitada por Valbuena, que ia para o centro e deixava Marcelo livre para receber a bola. Mesmo assim, o treinador Deschamps não fez nada para corrigir o erro.

Escrevi, domingo, que Alex, se jogasse hoje, como fazia quando era jovem, seria titular da Seleção. O mesmo seria para Zé Roberto, de volante, posição que atuou na Copa de 2006, quando foi escolhido para a seleção do Mundial. Mas não há nenhum motivo para os dois serem hoje con-

vocados. Seria o mesmo se a Holanda chamasse Seedorf. Não dá mais para a seleção. O tempo passou. Como diz a letra de um tango, “não é o tempo que passa; nós é que passamos e não enxergamos o presente”.

Aumentaram as esperanças com a Seleção e, paradoxalmente, cresceram as preocupações com Neymar, que, se evoluísse, seria o principal responsável pela melhoria do time. Atuou, mais uma vez, como um jogador comum. Receio que a precoce celebridade o tenha perturbado, o colocado em um dilema shakespeariano, entre driblar e passar, entre fazer um gol de placa e jogar coletivamente, entre ser ou não ser um fenômeno.

## ANEXO 72: COLUNA DE TOSTÃO – FOLHA DE SÃO PAULO, 14/06/2013

FOLHA DE S. PAULO **Itaú** ★ ★ ★ SEXTA-FEIRA, 14 DE JUNHO DE 2013 **folha na copa D3**

**TOSTÃO NA COPA**

## Poderosas cidades-Fifa

**MANO MENEZES**, no programa Bola da Vez, da ESPN Brasil, mostrou, mais uma vez, que é o treinador brasileiro que melhor fala de detalhes técnicos e táticos e que possui mais argumentos para defender suas ideias. Muitos o acham professoral e chato. Melhor assim do que escutar a maioria dos técnicos, que não diz nada e/ou não tem nada para dizer.

Mano disse que Fred é o melhor centroavante do Bra-

sil, com o que concordo, mas queria um ataque com mais mobilidade, com Neymar mais perto do gol, pois é um excepcional artilheiro. Com um centroavante fixo, Neymar teria de ser um meia de ligação pelo centro, o que ele não é, ou atuar pela esquerda, longe do gol e com a obrigação de marcar o lateral.

O ideal é ter um atacante que seja artilheiro, que se movimente muito e abra espaços para os meias penetrarem,

que atue também de pivô e que possua velocidade para receber a bola nas costas dos zagueiros. Há vários atacantes no mundo com essas características. Em vez de pedir mais bolas para Fred finalizar, deveríamos pedir mais participação no jogo coletivo, o que o tornaria ainda melhor.

Mano criticou as partidas na América do Sul, excessivamente corridas, brigadas e com vários jogadores que correm demais com a bola.

A principal razão da queda do Fluminense na Libertadores foi que o time brigou muito e jogou pouco. Bastou o Flu virar contra o Goiás pa-

ra torcida e imprensa exaltar o time guerreiro.

Como a seleção tem oito titulares que atuam fora (Neymar será o nono), fica muito mais fácil jogar de uma maneira diferente da dos times brasileiros. Era o caminho com Mano. Felipão, em alguns aspectos, faz o mesmo.

Não dá mais para jogar com marcação individual, enormes espaços entre os setores, sem pressionar quem está com a bola, com excesso de chutes e de cruzamentos para a área e com um volante plantado à frente ou entre os zagueiros, para sobrar um defensor. Não faz sentido, já

que os adversários têm apenas um atacante fixo.

As poderosas cidades-Fifa já tomam conta das áreas de dois quilômetros quadrados de raio em volta dos estádios. Paralisaram até a UFMG (Universidade Federal de Minas Gerais). Mais que isso, mesmo sendo só um ensaio para o Mundial, as cidades-Fifa prejudicam milhares de pessoas que querem estudar e trabalhar. Imagine na Copa.

É impressionante que, a um ano da Copa, já aconteceram milhares de eventos, festas, com tantas pessoas querendo faturar ou arrumar uma boquinha com o poder.

## ANEXO 73: COLUNA DE TOSTÃO – FOLHA DE SÃO PAULO, 15/06/2013

**D4 folha na copa** ★ ★ ★ SÁBADO, 15 DE JUNHO DE 2013 **Itaú** FOLHA DE S. PAULO

**TOSTÃO NA COPA**

## Estreia no Elefantão

**POR ATUAR** em casa, querer recuperar o prestígio do futebol brasileiro e promover a Copa do Mundo de 2014, o Brasil vai jogar a Copa das Confederações com muito mais gana, como se fosse um Mundial. Por tudo isso, e porque pode evoluir, é um forte candidato ao título.

Na Europa, os grandes times são melhores que as seleções. No Brasil e na América do Sul, é o contrário. Com isso, a diferença técnica en-

tre as principais seleções da Europa e as da América do Sul é menor do que a entre os mais fortes times europeus e sul-americanos.

Hoje, o Brasil estreia no Elefantão, futuro elefante branco de Brasília. Na goleada por 4 a 0, quando o técnico era Mano Menezes, os japoneses foram ofensivos e deixaram muitos espaços na defesa. O time brasileiro, sem um centroavante fixo, com Kaká, Oscar e Neymar, criou

inúmeras chances de gols. Hoje, o técnico italiano Zaccaroni, o mesmo da goleada, deve mudar a atitude.

O Japão tem um ótimo conjunto e troca muitos passes com velocidade. Parece que vai ganhar de uma forte seleção, mas, geralmente, perde, apesar de ter vencido, recentemente, a França, completa, por 1 a 0, em Paris. A equipe, por deficiências nos fundamentos técnicos, costuma errar onde não pode, na finalização e no desarme do zagueiro mais recuado.

Felipão deve manter a escalação. Dependendo do jogo, Hernanes pode entrar no

lugar de Paulinho ou ser um terceiro no meio-campo, o que é mais provável. Nesta formação, protegidos por um volante mais recuado, Hernanes e Paulinho podem chegar mais à frente, o que fazem melhor.

Existe uma preocupação do governo, da CBF e da comissão técnica, de criar fortes laços afetivos com o torcedor. Querem fazer, na Copa das Confederações, um ambiente de Mundial. Milhares de propagandas patrióticas estão em todos os lugares.

Porém existe uma resistência ao poder da Fifa, a Marín e à CBF. Escuto também, todos os dias, que há dinheiro

para a Copa, mas não há para resolver os problemas sociais. O atual torcedor da seleção é parecido com o que vai frequentar os novos estádios, após a Copa. Pagou caro pelos ingressos. Ele vai ao jogo para se distrair e ver um espetáculo, como no teatro. Se for bom, aplaude. Se for ruim, protesta.

Existe até um manual de conduta, feito pela Fifa. Resumindo, querem um torcedor tranquilo, respeitador, racional, altruísta, patriota, politicamente correto, ou seja, um santo. Será que pedem também aplausos para Marín e para a CBF?

## ANEXO 74: COLUNA DE TOSTÃO - FOLHA DE SÃO PAULO, 17/06/2013

FOLHA DE S. PAULO **Itau** ★ ★ ★ SEGUNDA, 17 DE JUNHO DE 2013 **folha na copa D9**

**TOSTÃO NA COPA**

## Chute no traseiro



A CONSTRUÇÃO de estádios belíssimos, modernos e caríssimos, sendo que alguns deles se transformarão em elefantes brancos, como o de Brasília, com custo de R\$ 1,3 bilhão, me lembram dos enormes estádios, maiores que os atuais, feitos pela ditadura. Eram também bonitos e caros, para a época. Atuei na inauguração do estádio de Erechim, no Rio Grande do Sul, onde havia mais lugares no estádio do que moradores

na cidade. Felizmente, vivemos na democracia. Mas a megalomania e a politicagem são as mesmas. Não há razão para 12 novos estádios. Empresários perceberam que vários dos muitos hotéis que estão sendo construídos em Belo Horizonte podem se tornar também elefantes brancos. O secretário da Fifa, Jérôme Valcke, disse, na semana passada, que, se falhasse a venda de ingressos, mereceria um chute no traseiro. Já pode levar.

As manifestações contra os gastos da Copa e contra a falta de soluções para os graves problemas sociais são bem-vindas e legítimas, desde que sejam sem violência, dos dois lados. Tiro de bala de borracha pode matar.

Para entender melhor alguns detalhes, vi, novamente, parte do jogo contra o Japão. Houve mais lançamentos longos e chutes do que tinha notado. Os zagueiros fizeram isso por falta de opção no passe. A saída de bola continua ruim. Luiz Gustavo joga muito atrás, e Paulinho mui-

to à frente. Um longe do outro. Falta um volante, que toca, avança, recebe, toca e comanda o jogo. Não temos esse craque. O ataque depende muito de estocadas isoladas.

Após ver novamente a partida, mudei minha nota para Neymar. Em vez de sete, passo para oito, pelo golaço e pela atuação durante o jogo.

Ontem, a Itália foi muito melhor que o México. Dominou a partida, perdeu gols e teve um claro pênalti, a seu favor, não marcado. O time italiano mostrou suas virtudes, Balotelli, De Rossi e, especialmente, Pirlo, e suas deficiências, falta de melhores

laterais e de um companheiro para Balotelli. A Itália cansou no segundo tempo. O calor será um forte aliado do Brasil, na Copa das Confederações e no Mundial.

O México atuou mal, como nas Eliminatórias. Será que jogarão bem contra o Brasil?

Hoje, no Mineirão, teremos o clássico entre Nigéria e Taiti. As escolas e as repartições públicas não funcionarão. As pessoas que precisam se locomover ficarão em casa, como medo de engarrafamentos e da burocracia da Fifa. A Copa das Confederações existe para teste e para a Fifa faturar duas vezes.

## ANEXO 75: COLUNA DE TOSTÃO – FOLHA DE SÃO PAULO, 18/06/2013

D6 **folha na copa** ★ ★ ★ TERÇA-FEIRA, 18 DE JUNHO DE 2013 **Itau** FOLHA DE S. PAULO

**TOSTÃO NA COPA**

## Construção e desconstrução



AS MELHORES seleções (Espanha, Itália e Brasil) e os maiores destaques (Xavi, Iniesta, Pirlo, Neymar e outros) brilharam na primeira rodada da Copa das Confederações.

Xavi e Pirlo possuem várias semelhanças. Por causa da idade, deverão deixar as seleções após a Copa do Mundo. Os dois atuam de uma intermediária à outra. Não são volantes nem meias. São ar-

madores, defensivos e ofensivos. Pirlo se destaca ainda pelos passes longos e pelas jogadas de bola parada. Já Xavi, por saber o momento exato de dar um passe difícil e decisivo. Raramente, dá a bola para a frente.

O Brasil, desde Falcão e Cerezo, não tem um craque no meio-campo. Há muitos bons jogadores. Não tem porque não quis ter. Não é por entressafra. Durante muito tempo,

os técnicos dividiram o meio-campo entre os que marcam e atuam do meio para trás e os que atacam e atuam do meio para a frente.

Se um Pirlo e um Xavi chegassem às categorias de base de um clube brasileiro, seriam meias ofensivos ou alas.

Xavi e Iniesta se complementam. Xavi é mais volante, organizador, passador, técnico, e Iniesta, mais meia, ofensivo, habilidoso, driblador, insinuante. Como nada é perfeito —Pelé foi a exceção—, Xavi e Iniesta não são ótimos finalizadores.

Por isso, por não querer perder a bola e, principalmente, por não ter um exce-

lente atacante, a Espanha faz poucos gols. Soldado mostrou, mais uma vez, que é melhor que Fernando Torres e David Villa.

O Brasil não tem um Xavi, um Iniesta, um Pirlo, mas possui Neymar no ataque. Ele não está ainda pronto, mas tem grandes chances de se tornar, nos próximos anos, um fenômeno mundial.

Escrevi, após a vitória sobre o Japão, que o Brasil já tem um time. Isso não significa que seja um grande time, que jogue do jeito que gostaria —sonho com outro futebol—, que não tenha deficiências individuais e coletivas nem que esteja pronto.

Ninguém está, nem Alemanha e Espanha. Temos todos os dias algo a aprender. Estamos sempre em construção, reconstrução e desconstrução.

O Brasil não tem um grande time, mas já tem um time, com uma estratégia definida e com jogadores que cumpram o que foi estabelecido.

Felipão sabe o que quer e sabe como fazer, mesmo com alguns conceitos equivocados, ultrapassados ou que não aprecie. Pior é o técnico confuso, indeciso.

Os treinadores costumam achar que as vitórias são sempre decorrentes de suas estratégias. As derrotas são por outros motivos.



## ANEXO 76: COLUNA DE TOSTÃO – FOLHA DE SÃO PAULO, 19/06/2013

D8 **folha na copa** ★ ★ ★ QUARTA-FEIRA, 19 DE JUNHO DE 2013 **Itaú** FOLHA DE S. PAULO

**TOSTÃO NA COPA**

## Jeitos diferentes de jogar

UMA JOVEM, participante dos protestos, disse que trocaria a vitória, no primeiro jogo, pelo sistema educacional do Japão. Eu também.

Enquanto o Japão está no 12º lugar no IDH (Índice de Desenvolvimento Humano), o Brasil ocupa a 84ª posição. O México, rival de hoje, tido como um país muito parecido com o nosso, está na 57ª.

O México costuma jogar bem contra o time brasileiro.

Nos dez últimos jogos, foram cinco vitórias do México, três derrotas e dois empates. Segundo o chavão futebolístico, o jogo do México encaixaria bem com o do Brasil.

Não enxergo motivo técnico para isso. Deve ser algo psicológico. Os jogadores são facilmente influenciáveis por atos de repetição. Hoje, o Brasil está melhor.

O México deve atuar com duas linhas de quatro, recua-

das. Será importante a marcação por pressão, para tomar a bola, quando a defesa estiver desprotegida. A Seleção Brasileira tem feito bem isso. Tenho muito mais receio dos times que pressionam o Brasil no meio-campo.

Continuo o assunto sobre as dificuldades da passagem da bola, sem chutes, da defesa para o ataque, do time brasileiro. Crítico isso há muito tempo. Sei que não dá para jogar como a Espanha.

Não temos craques no meio-campo, nem é mais, há muito tempo, nossa característica. O estilo brasileiro é de lançamentos longos e de jogadas individuais e de velocidade.

Com Dunga, também era assim. Felipão já disse que não gosta de ver o Barcelona jogar. Muitos pensam da mesma forma.

É preciso separar os lançamentos longos dos zagueiros, para tentar colocar a bola nas costas dos defensores, como David Luiz e Thiago Silva tentam fazer, o que pode dar certo, dos lançamentos ou chutes, para se livrar da bola e contar com a sorte. Às vezes, também funciona.

Luiz Gustavo e Paulinho jogam muito separados, e os dois ficam longe dos três meias. Deveriam se aproximar mais, para trocar passes. Além disso, como Oscar joga mais pelos lados, falta um

meia de ligação.

Prefiro, em tese, dependendo da qualidade e das características dos jogadores, atuar com três no meio-campo (dois que marcam e avançam como meias) a ter dois volantes só para marcar e um meia só para criar.

Com três no meio-campo, melhora a saída de bola da defesa, e o time ataca e defende com mais jogadores. Espanha e Itália jogam com três no meio-campo.

Cada equipe tem de encontrar seu jeito de atuar. Mais importante que o tipo de estratégia é a execução bem feita do que foi ensaiado e planejado.

## ANEXO 77: COLUNA DE TOSTÃO – FOLHA DE SÃO PAULO, 20/06/2013

D8 **folha na copa** ★ ★ ★ QUINTA-FEIRA, 20 DE JUNHO DE 2013 **Itaú** FOLHA DE S. PAULO

**TOSTÃO NA COPA**

## Neymar, espetacular

DEPOIS QUE perceberam a importância e a legitimidade das manifestações, até a CBF, a Fifa, Marín, Marco Polo Del Nero, governantes, amigos e parceiros do poder e corruptos, de todos os tipos, passaram a ser a favor dos protestos.

Só falta irem a passeatas e chorarem, enrolados na bandeira brasileira.

Se não fosse Neymar, o jogo terminaria empatado em 0 a 0. Ele foi espetacular, nos dois gols e durante quase toda a partida. Os torcedores

do Barcelona devem estar eufóricos.

O Brasil jogou muito bem os primeiros 20 minutos e muito mal o restante da partida.

No início, o time marcou muito bem por pressão, tomou a bola com facilidade e criou chances de gol, graças à velocidade e habilidade de Neymar e, às vezes, de Hulk.

Depois disso, apenas belos lances de Neymar, como no gol de Jô.

Na metade do primeiro tempo, o México equilibrou o

jogo. Foi melhor no segundo tempo. Apesar de não ter tido claras chances de gol, o México, pelos lados, principalmente no de Marcelo, fez vários cruzamentos, com perigo, da linha de fundo. Por detalhes, alguém, livre na área, não fez o gol.

O Brasil não sabe alternar as jogadas em velocidade com o jogo cadenciado e o domínio da partida.

Se soubesse, ficaria com a bola, trocaria passes e paralisaria o adversário.

Fred e Oscar tiveram atuações apagadas ontem. Continuam as dúvidas sobre as condições do Brasil para enfrentar as melhores seleções. Como os dois zagueiros são

excepcionais, e temos Neymar, poderemos vencê-los, principalmente por jogarmos em casa, nos beneficiarmos do calor e estarmos com muito mais vontade para conquistar a Copa das Confederações.

**JOGOS DE HOJE**

Imagino que a Espanha, com os reservas, deve fazer menos gols no Taiti do que fez a Nigéria.

Com a ausência de Xabi Alonso, contundido, o time titular ficou ainda mais parecido com o Barcelona. Dos seis do meio para a frente, apenas Soldado, do Valencia, não atua no time catalão.

A defesa da Espanha é me-

lhor que a do Barcelona, principalmente nas jogadas aéreas, com o zagueiro Sergio Ramos, do Real Madrid, ao lado de Piqué.

Daniel Alves é muito melhor que Arbeloa, no apoio, mas o lateral do Real Madrid marca mais, além de ser mais alto.

O Uruguai tem um pouco mais de chances que a Nigéria porque tem Suárez, um excelente atacante.

Suárez é um dos raros atacantes que unem habilidade e técnica com força física e agressividade.


Algumas vezes, passa do limite. Chegou até a morder um adversário, como se fosse um animal irracional.

## ANEXO 78: COLUNA DE TOSTÃO – FOLHA DE SÃO PAULO, 21/06/2013

FOLHA DE S. PAULO **Itaú** ★ ★ ★ SEXTA-FEIRA, 21 DE JUNHO DE 2013 **folha na copa D5**

**TOSTÃO NA COPA**

## Lembranças e reflexões



ONTEM, DOIS dias antes do jogo contra a Itália, foi lançado, em Salvador, o livro “82: Uma Copa, 15 Histórias”, uma seleção de contos de poetas e escritores, organizada por Mayrant Gallo, sobre “A tragédia de Sarriá (5 de julho de 1982). Os autores contam o que faziam e o que sentiam no dia do jogo. Tive o prazer de fazer a orelha do livro.

Na época, terminava meu primeiro ano de residência de Clínica Médica, no Hospital

das Clínicas, da UFMG (Universidade Federal de Minas Gerais). Trabalhava e estudava muito. Não tinha tempo para acompanhar futebol.

Mesmo assim, troquei meus plantões para ver a Seleção Brasileira. Foi triste a derrota.

O operatório Dunga disse que não entende porque a seleção de 1982, que perdeu, é mais festejada que a de 1994, que venceu. Ele nunca vai entender.

Discordo que a derrota de 1982 foi o motivo da transformação do futebol, para pior, e que todos passaram a seguir a pragmática Itália.

O futebol mudou no Brasil, a partir da Copa de 1970. A seleção que encantou o mundo foi a grande inspiradora do futebol moderno.

Por causa da excelente preparação científica, revolucionária para a época, surgiram, progressivamente, em todos os clubes, grandes comissões técnicas, com vários especialistas, além de excelentes estruturas profissionais, de treinamento e apoio aos atletas.

Com isso, houve uma supervalorização do jogo tático e físico, em detrimento do ta-

lento e da improvisação. Os técnicos tomaram conta do futebol. O jogo ficou feio e ruim. Proliferaram também as discussões, inúteis, que continuam até hoje, entre futebol de resultado versus futebol bonito.

Quem joga bem costuma jogar bonito e vencer. José Miguel Wisnik chamou o período entre 1974 e 1994 de intermezzo. Coincidentemente, o Brasil não ganhou um único título mundial. A Seleção de 1982 foi uma exceção nesse período de declínio.

A partir da Copa de 1994, o futebol teve altos e baixos. Melhorou nos últimos dez anos, especialmente entre os times da Europa, que contra-

taram os melhores jogadores do mundo, formaram campeonatos organizados e com excepcionais gramados e passaram a jogar em um estilo mais agradável, de troca de passes.

As grandes equipes são melhores que as seleções. No Brasil e na América do Sul, por causa da saída dos melhores atletas, ocorre o contrário.

O dilema entre a vitória e o encanto transcende o futebol. Tem a ver com as dúvidas existenciais do ser humano, dividido entre a razão e a paixão, entre os devaneios individuais e os interesses coletivos, entre a imaginação e o simbólico.

## ANEXO 79: COLUNA DE TOSTÃO - JORNAL FOLHA DE SÃO PAULO, 22/06/2013

D8 **folha na copa** ★ ★ ★ SÁBADO, 22 DE JUNHO DE 2013 **Itaú** FOLHA DE S. PAULO

**TOSTÃO NA COPA**

## O Mundial corre perigo



A EMOÇÃO da torcida, em Fortaleza, ao cantar o Hino Nacional, incorporada pelos jogadores, foi fundamental nos primeiros 20 minutos alucinantes e de bom futebol da seleção brasileira.

Havia, antes da partida, um grande temor de que as bem-vindas manifestações, fora do estádio e em todo o país, passassem para as arquibancadas, por meio de hostilidade ao time brasileiro. Não foi o que ocorreu. Pelo contrário. Os torcedores

separaram a seleção do contexto. Mais que isso, sentiram-se orgulhosos em torcer para o Brasil.

Há também uma contradição em tudo isso, de ter protesto, fora, e festa, dentro do estádio.

Uma das reivindicações das manifestações são os absurdos gastos com os novos estádios, frequentados por torcedores que dizem apoiar os protestos. Não há mais lugar também para as fanfests, nas principais praças da ci-

dades, organizadas pela Fifa e parceiros.

Hoje, é outro dia. Não sei o que vai acontecer, dentro e fora do estádio. Provavelmente, o torcedor da Bahia vai apoiar a seleção, ainda mais se o time jogar bem.

Mas não será surpresa se os protestos chegarem dentro dos estádios. A situação é grave. A Copa do Mundo corre perigo.

Quando não há violência, é emocionante ver as manifestações com pessoas de todas as idades.

Espero que os protestos sirvam também de estímulo para que os indignados com as misérias sociais e com os absurdos gastos da Copa se tor-

nem, cada vez mais, cidadãos conscientes, mesmo quando silenciosos. Isso é muito mais importante que atitudes exibicionistas e marqueteiras, para mostrar que é engajado.

Por ser contra os gastos excessivos e não prioritários do governo e ter total independência em minhas opiniões, recusei o prêmio de R\$ 100 mil aos campeões das Copas de 1958, 1962 e 1970.

O Brasil é favorito porque tem jogado bem, atua em casa, o calor ajuda, o time está com mais gana de ser campeão, e a Itália não terá Pirlo e De Rossi, além de ter se arastado no segundo tempo do jogo com o Japão.

O técnico Prandelli foi mui-

to importante na mudança da maneira de jogar da Itália, agora com um time mais leve, ofensivo e trocando mais passes.

Dentro de campo, os responsáveis por isso são De Rossi (27 anos) e Pirlo (34 anos). O único jovem brilhante é Balotelli (22 anos). Não dá para comparar as ausências de Pirlo e De Rossi com as de Paulinho e, talvez, Oscar. O Brasil piora pouco ou nada.

Falta a Neymar uma atuação espetacular contra uma grande seleção, mesmo bastante desfalcada, como a Itália. Pode ser hoje.


Se não for, será na semifinal, na final, no Barcelona ou na Copa do Mundo. É questão de tempo.

## ANEXO 80: COLUNA DE TOSTÃO – FOLHA DE SÃO PAULO, 24/06/2013

D8 **folha na copa** ★ ★ ★ SEGUNDA-FEIRA, 24 DE JUNHO DE 2013 **Itaú** FOLHA DE S. PAULO

**TOSTÃO NA COPA**

## Está bom, mas nem tanto



UM LEITOR me perguntou se tenho assistido aos jogos pela TV ou nos estádios. Por minha opção, vejo pela TV. Na Copa do Mundo, pretendo estar nos estádios. É mais emocionante, e posso ver detalhes que não vejo pela televisão, como o posicionamento dos zagueiros, quando o time está no ataque, mas posso deduzir, pelos espaços que existem entre os zagueiros e os volantes, quando o time recebe o contra-ataque.

Graças às excepcionais câmeras de TV, que mostram

as imagens bem abertas e os detalhes, se foi pênalti, falta ou não, vejo coisas que não veria nos estádios, além de ter mais informações e desfrutar de uma confortável preguiça, para um sexagenário, mais perto dos 70 que dos 60.

De todos os narradores, das televisões abertas, fechadas e das que não transmitem a Copa das Confederações, gosto mais de Milton Leite, do SporTV. Ele une a descrição precisa do lance com críticas e elogios, no momento e na

intensidade certas, além do bom humor.

O outro narrador do SporTV Luiz Carlos Júnior continua chamando a seleção espanhola de Fúria, nada mais ultrapassado.

Dos comentaristas, pelos conhecimentos técnicos e táticos e pelo senso crítico, prefiro os da ESPN Brasil, que não transmitem os jogos da Copa das Confederações. Ronaldo e Casagrande, da TV Globo, não dizem nada mais que o óbvio.

Como se esperava, o Brasil vai enfrentar o Uruguai na semifinal, e a Espanha, a Itália. A Espanha, contra a Nigéria, mostrou, novamente, sua deficiência, a falta de bons

atacantes. Pedro, Soldado, Villa e Fernando Torres não estão à altura da qualidade do time.

Brasil e Espanha são favoritos, mas não será uma grandíssima zebra se ocorrer o contrário. O Uruguai, além da rivalidade, sabe jogar contra o Brasil. Os quatro gols que sofreu contra a Espanha, na final da Eurocopa-2012, ocorreram porque a Itália ficou com um jogador a menos durante grande parte do jogo.

Na primeira fase da competição, do meio para a frente, só Neymar brilhou, como se previa. Os outros, com bons e maus momentos, tiveram atuações sem serem espe-

ciais. Do meio para trás, David Luiz e Thiago Silva foram os destaques.

Apesar de o Brasil ter, do meio para a frente, apenas um jogador especial, a equipe fez nove gols em três partidas, além de criar outras chances. Isso mostra a força coletiva, especialmente a marcação por pressão, recuperando a bola perto do outro gol.

Assim como não podemos achar picuinhas para desmerecer as boas atuações e as vitórias do time brasileiro, não podemos ignorar os fatos, as deficiências individuais e coletivas nem as arbitragens caseiras. A Fifa é uma potência econômica.

## ANEXO 81: COLUNA DE TOSTÃO – FOLHA DE SÃO PAULO, 25/06/2013

FOLHA DE S. PAULO **Itaú** ★ ★ ★ TERÇA-FEIRA, 25 DE JUNHO DE 2013 **folha na copa** D5

**TOSTÃO NA COPA**

## Futebol é vendaval



NA COLUNA anterior, falei sobre minhas preferências entre narradores e comentaristas da TV. Escrevi como telespectador. Faltou apenas dizer que Tino Marcos, da TV Globo, é o mestre dos repórteres da televisão.

Depois das boas atuações e da vitória sobre a Itália, existe um sentimento generalizado, talvez um saber inconsciente, intuitivo, que se mistura com uma prepotente euforia, de que o Brasil vai ganhar a Copa das Confederações e a Copa do Mundo.

Se vencer a atual competição, mesmo jogando melhor que a Espanha, na final, não significa que já temos uma grande equipe. Significa que temos um bom time, que Felipe, mesmo com algumas ideias ultrapassadas, executa bem o que deseja, o que é uma grande qualidade, e que o Brasil tem chances de ganhar a Copa do Mundo, no ano que vem.

Antes da partida contra a Itália, Fred era muito criticado, pela falta de gols e por jogar parado. Muitos pediam a

entrada de Jô. Bastou Fred marcar dois gols e se movimentar mais para ser exaltado, como se fosse excepcional. Fred é o melhor centroavante do Brasil, bom jogador e artilheiro. Quase todos os centroavantes fazem muitos gols, até Fernando Torres.

Antes da Copa das Confederações, escrevi que, se o Brasil aproveitasse bem a vantagem de jogar em casa e conquistasse o torcedor, o que tem ocorrido, ficaria atrás apenas de Espanha, Alemanha e Argentina, como favoritos para ganhar a Copa do Mundo.

Se o time mantiver boas atuações nos dois próximos jogos, sobe um degrau e fica

na frente dos argentinos.

O México, em casa, uma seleção mediana, já ganhou uma Copa das Confederações, vencendo o Brasil na decisão. A África do Sul, sob o comando de Carlos Alberto Parreira, foi a única seleção anfitriã que não se classificou na primeira fase de uma Copa do Mundo.

Até a fraquíssima Coreia do Sul, beneficiada por árbitros caseiros, foi quarta colocada no Mundial de 2002. Os árbitros, na dúvida, conscientemente ou inconscientemente, favorecem os times da casa e/ou os mais fortes. Isso ocorre em todo o mundo e em todos os tipos de competição.

As arbitragens a favor da Coreia do Sul, contra Espanha e Itália, foram mais que caseiras, foram vergonhosas.

Na última Copa das Confederações, a Espanha foi eliminada pelos Estados Unidos e ganhou o Mundial-2010.

O Brasil venceu as duas últimas competições e foi mal nessa Copa. Temos de ficar alegres, se o Brasil vencer, mas sem oba-oba.

No futebol, uma mesma equipe costuma ir muito bem em uma competição e muito mal na seguinte. Há muitos fatores envolvidos no resultado. Futebol é vendaval, uma metáfora da fragilidade e da finitude humana.

## ANEXO 82: COLUNA DE TOSTÃO – FOLHA DE SÃO PAULO, 26/06/2013

**D6 folha na copa** ★ ★ ★ QUARTA-FEIRA, 26 DE JUNHO DE 2013

**Itaú** FOLHA DE S. PAULO

**TOSTÃO NA COPA**

## Clássico sul-americano



O URUGUAI deve jogar com sete ou oito jogadores próximos da área, para tentar ganhar do Brasil no contra-ataque. A dívida é se vão jogar com dois ou três na frente (Cavani, Suárez e Forlán). Se forem dois, saíria Forlán para a entrada de mais um marcador no meio-campo ou de um terceiro zagueiro. Como os zagueiros, os laterais e os volantes uruguaios têm uma enorme dificuldade para sair trocando passes, co-

meia de cada lado, para obstruir o avanço dos laterais. Não me lembro de Felipão adotar, de rotina, a marcação por pressão, que tem dado muito certo. Ele sabe que, em casa, geralmente, funciona. O time fica mais vibrante e inflama o torcedor, que apoia ainda mais. Forma um ciclo positivo. Há também riscos. Se a equipe que pressiona termina o primeiro tempo em desvantagem, terá dificuldade física para reagir, por causa do desgaste. Outro risco é deixar muitos espaços na defesa. Para isso, é necessário zagueiros rápidos, como Thi-

ago Silva e David Luiz. Mesmo assim, no primeiro gol da Itália, o atacante recebeu, livre, a bola nas costas de Marcelo, que marcava na frente. Felipão tem pedido para fazer a falta tática, parar o jogo, como disse Júlio César, na entrevista coletiva. O técnico não deve ter gostado. Quem marca por pressão tem mais chance de fazer faltas. Por isso e porque os meios e atacantes não têm o hábito de desarmar, o Brasil é, dispareada, a seleção que fez mais faltas (67) na competição. A Espanha marca também por pressão e fez 30. A maioria dos jornalistas e

quase todos os treinadores são a favor da falta tática. Os que são contra são chamados de românticos, utópicos. Por causa da pressão e da importância da vitória, compreendo a atitude dos técnicos de pedir falta tática. Mas discordo. Não há necessidade de se fazer faltas para marcar bem e ganhar a partida. O olhar de um comentarista não deveria ser o mesmo dos treinadores. Deveríamos nos preocupar mais com o espetáculo e o jogo limpo. Além disso, como alguém já disse, quem faz faltas não recupera a bola. Ela continua com o adversário.

## ANEXO 83: COLUNA DE TOSTÃO – FOLHA DE SÃO PAULO, 27/06/2013

**D4 folha na copa** ★ ★ ★ QUINTA-FEIRA, 27 DE JUNHO DE 2013

**Itaú** FOLHA DE S. PAULO

**TOSTÃO NA COPA**

## Pinta de campeão



O BRASIL não jogou bem. Não sei por que não repetiu a marcação por pressão das outras partidas. O time foi mais cadenciado. Essa não é uma qualidade da equipe. Não houve a blitz no início do primeiro tempo, que inflama os torcedores e inibe o adversário. Dois dos três atacantes uruguaios voltavam para marcar, pelos lados, o que dificultou ao time brasileiro. No segundo tempo, o Uruguai marcou mais atrás. Por isso, o Brasil pressionou, e os uruguaios tiveram mais espaços para os contra-ataques. Se o Uruguai tivesse convertido o pênalti — Júlio César se adiantou —, o Brasil teria ficado, pela primeira vez na competição, em desvantagem. Seria mais difícil, ainda mais contra os bravos uruguaios. No primeiro gol, Paulinho deu belo passe, Neymar dominou no peito com enorme técnica, antes de finalizar, e Fred fez o gol. No segundo, Paulinho mostrou uma de suas qualidades, o cabeceio. No gol do Uruguai, Thiago Silva errou o passe, dentro da área. Acontece. Felipão, bravo, gritou: "Dá de bico". Espero que Thiago Silva continue saindo com a bola, dando bons passes. Isso e outras qualidades o diferenciam de outros zagueiros. Os melhores da seleção brasileira foram Paulinho, pelo gol e pelo passe, Júlio César, pela bela defesa no pênalti, Neymar, pela participação nos dois gols, apesar de não ter jogado bem, como antes, e Fred, por mais um gol. Desta vez, os dois ótimos zagueiros tiveram falhas importantes, David Luiz, no pênalti, e Thiago Silva, no pas-

se errado. O Brasil está com pinta de campeão.

### CLÁSSICO EUROPEU

A Espanha é favorita, mas não será uma zebra se a Itália vencer. A Espanha domina as partidas, mas faz poucos gols. Não há um atacante excepcional, e o time não gosta de perder o domínio da bola e do jogo, se não tiver uma boa chance de marcar. A Espanha raramente faz gol feio. É virtude e defeito. Nas conquistas das duas últimas Eurocopas e da Copa do Mundo, o meio-campo era formado por dois volantes (Busquets e Xabi Alonso), além de Xavi e Iniesta. Com a ausência de Xabi Alonso, contundido, o time tem jogado com apenas um volante mais marcador, Busquets, e mais Xavi, Iniesta e Fábregas. É o meio-campo do Barcelona. A Espanha, por ter tantos craques no meio-campo, uma ótima defesa, melhor que a do Barcelona, e dar poucas chances ao adversário, por ficar com a bola na maior parte do jogo, ganhou títulos importantes, mesmo sem ter um grande atacante. A Itália não terá Balotelli, seu único bom atacante. E talvez não tenha Pirlo, que, junto com Xabi Alonso, são os volantes que têm o melhor passe longo.

## ANEXO 84: COLUNA DE TOSTÃO – FOLHA DE SÃO PAULO, 28/06/2013

D6 **folha na copa** ★ ★ ★ SEXTA-FEIRA, 28 DE JUNHO DE 2013 **Itaú** FOLHA DE S. PAULO

**TOSTÃO NA COPA**

## Tudo indefinido

**ENFIM, TEREMOS** o jogo tão esperado, entre Espanha e Brasil. Itália e Espanha fizeram um jogo equilibrado, lento, por causa do calor (30 graus de temperatura). As equipes estavam exaustas.

A Espanha mostrou, mais uma vez, que não tem bons atacantes. Fernando Torres e Pedro não jogariam na seleção brasileira. Com a prorrogação, a Espanha estará mais cansada na final de domingo. Na coluna anterior, escrevi

que o Brasil está com pinta de campeão. É apenas um palpite. Pode dizer também que é sorte de campeão. Obviamente, não disse isso porque a equipe está uma maravilha. Acho que está com pinta de campeão pelo calor, por jogar em casa e saber aproveitar essa vantagem, pela vibração e seriedade da equipe e porque tudo tem dado certo.

Pelos mesmos motivos, o Brasil é forte candidato ao título mundial, mesmo sem ter

uma grande equipe. Na Copa, será muito mais difícil, pelo número maior de rivais fortes. Discordo que o Brasil vá evoluir muito até a Copa. Quase todos os titulares eram também de Mano Menezes. Não haverá nada novo.

O Brasil já está definido, na qualidade e na maneira de atuar. A única novidade, que poderia mudar a equipe para melhor, seria Ronaldinho ou Kaká (ou os dois, se estiverem em forma).

Noto que muitos comentaristas valorizam demais o tempo, como se muitos treinos e jogos fossem motivo para formar sempre um ótimo

conjunto. Isso pode acontecer, mas é mais comum em clubes, que treinam todos os dias e jogam toda semana. Além disso, é frequente uma equipe atingir o máximo que pode jogar, em pouco tempo, e cair, rapidamente. As grandes seleções surgiram de repente, sem avisar.

Discordo que o Brasil tenha vários jovens que se tornarão craques. Neymar é exceção. Ele já é um fora de série, embora precise brilhar por mais tempo, contra fortes rivais.

Os outros são bons, mas não são nem parece que se tornarão excepcionais. Os grandes atletas, mesmo os

que demoraram a ser reconhecidos, já mostravam, desde o início, grandes talentos. Um dos fascínios do futebol é não saber o que vai ocorrer na frente, em um instante ou daqui um ano. Um lance pode mudar toda a história. Assim é também na vida. “Um instante-já é um pirilampo que acende e apaga, acende e apaga. O presente é o instante em que a roda do automóvel em alta velocidade toca mininamente no chão. E a parte da roda que ainda não tocou, tocará num imediato que absorve o instante presente e torna-o passado” (Clarice Lispector).

## ANEXO 85: COLUNA DE TOSTÃO – FOLHA DE SÃO PAULO, 29/06/2013

FOLHA DE S. PAULO **Itaú** ★ ★ ★ SÁBADO, 29 DE JUNHO DE 2013 **folha na copa** D5

**TOSTÃO NA COPA**

## Não é o jogo do século

**JUCA KFOURI** gosta de dizer que foi meu motorista na Copa da África do Sul. Nesses dias, fui sua baby-sitter, como ele mesmo disse. No hospital, me encontrei com alguns brilhantes e experientes médicos, que foram meus alunos na Faculdade de Medicina.

O tempo passa. Tive várias atividades profissionais. Gostei de todas, principalmente a de baby-sitter do Juca.

Os torcedores que vão aos estádios ver o Brasil jogar es-

tão orgulhosos de cantar o hino nacional e de torcer pela seleção. Temia-se o contrário. Enquanto isso, os torcedores que não foram ao campo, mesmo os indiferentes aos protestos e os que gostam de futebol, parecem não ligar para a Copa das Confederações.

A Fifa nunca imaginaria tudo o que está acontecendo no “país do futebol”. Ela achava que os brasileiros eram alienados. A Fifa está tensa e preocupada com a possibili-

dade de os protestos continuarem até o Mundial e se tornarem mais seletivos, contra os enormes gastos públicos para a Copa. Se isso ocorrer, o Mundial corre riscos.

Gosto de ver a Espanha atuar, pelo jogo limpo, bonito e quase sempre eficiente, mas não acho que é uma equipe excepcional, mesmo com tantas conquistas. A Espanha não tem um bom lateral-direito nem um ótimo atacante.

Barcelona e Real Madrid são melhores que a seleção da Espanha por causa, principalmente, de Messi e Cristiano Ronaldo. Já a defesa do time espanhol é superior à do Bar-

celona, por ter Sergio Ramos ao lado de Piqué, ainda mais quando Puyol não joga. Se Puyol estivesse bem, Sergio Ramos seria lateral-direito.

Daniel Alves é muito melhor que Arbeloa, no apoio. Na seleção, Daniel Alves marca mais e apoia menos que no Barcelona. Daí, a decepção com suas atuações.

Além de Júlio César, que tinha de ser titular, outro jogador que conquistou a posição, nos amistosos e na Copa das Confederações, foi Luiz Gustavo. Não foi surpresa.

Ele, reserva do Bayern, joga bem quando entra. Desarma muito e tem um passe rá-

pido. Volante que recebe a bola e demora um dia para ajeitar o corpo e pensar no que vai fazer facilita a marcação. Ganhar da Espanha em uma final aumenta a confiança do time brasileiro. Mas sem oba-oba. Na Copa das Confederações anterior, a Espanha foi eliminada pelos EUA, que é inferior ao Brasil, e depois foi campeã mundial.

Uma das razões que aumentam as chances do Brasil é a importância que jogadores, comissão técnica e parte da imprensa dão ao título. Na entrevista com Neymar, um repórter, antes de perguntar, disse que é o jogo do século.

## ANEXO 86: COLUNA DE TOSTÃO – FOLHA DE SÃO PAULO, 30/06/2013

D12 *folha na copa* ★ ★ ★ DOMINGO, 30 DE JUNHO DE 2013 itau **EXIB** FOLHA DE S. PAULO

**TOSTÃO NA COPA**

## Não é final do Mundial

**SE PERDER**, a Espanha, pelo que joga e jogou durante os últimos anos, continuará superior ao Brasil. Não se mudam os conceitos por causa de um jogo. O Brasil, mesmo se for derrotado, já mostrou que, em casa, é forte candidato ao título mundial.

Em uma decisão, é impossível prever o comportamento emocional dos jogadores. A maioria fica mais tensa. A ansiedade, até certos limites, é benéfica. O corpo aumenta a produção de algumas substâncias químicas, e o jogador fica mais atento, esperto e com mais força física. É o doping fisiológico.

Se a ansiedade for muito intensa, o atleta fica mais agressivo, tem mais pressa de chegar ao gol, a bola bate na canela, além de perder a capacidade de antever o lance e de perceber, em uma fração de segundos, a movimentação dos companheiros e adversários. Quem joga em casa corre um pouco mais de risco de ficar mais tenso.

O Brasil tem boas chances de vencer porque possui ótimos zagueiros, especialmente Thiago Silva, e a Espanha não tem um grande atacante.

Os excepcionais armadores espanhóis não se destacam também pelas finalizações, além de entrarem pouco na área, com exceção de Fàbregas, que talvez não jogue. Difícilmente, o time espanhol fará mais de um gol.

O Brasil tem boas chances de vencer porque a Espanha marca mais à frente e, se o time brasileiro desarmar, com frequência, no meio-campo, os velozes Neymar, Oscar e Hulk terão mais espaços nos contra-ataques. A Itália fez isso bem, contra a Espanha, e criou várias chances de gols.

O Brasil tem boas chances de vencer porque a Espanha não tem meias, pelos lados, que protegem os laterais. Daniel Alves e Marcelo terão espaço para avançar e fazer duplas, pelas laterais, com Hulk, Oscar e Neymar.


O Brasil tem boas chances de vencer porque a Espanha está muito desgastada, pelo calor, pelo jogo na quinta-feira e pela prorrogação.

O Brasil tem usado bem a vantagem de atuar em casa, está com mais gana e se preparou para a competição, com muita seriedade, pela responsabilidade diante da torcida e porque quer recuperar o prestígio.

A Espanha possui também muitas chances de vencer porque é melhor, mais experiente, sofre poucos gols, tem ótimos zagueiros e goleiro, excepcionais armadores, um lateral, Jordi Alba, que avança muito bem.

A Espanha costuma comandar a partida, ficar com a bola, paralisar o adversário, até alguém penetrar para receber e fazer o gol. Felpão, para tentar equilibrar o meio-campo, tem a opção de escalar Hernanes, no lugar de Hulk ou de Oscar.

É um jogo muito esperado, uma decisão, mas não é final de Copa do Mundo nem motivo para comemorações nas ruas, no Brasil e na Espanha.



## ANEXO 87: COLUNA DE FERNANDO CALAZANS – O GLOBO, 01/07/2013

calazans@oglobo.com.br

# FERNANDO CALAZANS



---

## A um passo do topo

Que a seleção brasileira podia vencer a da Espanha, considerada favorita na teoria, muita gente sabia. O que ninguém imaginava é que fosse com um domínio tão absoluto, uma superioridade tão grande, um placar tão efusivo e eloquente: 3 a 0, dois do Fred — o melhor do jogo —, um de Neymar. Menos ainda se imaginava que o primeiro gol fosse logo aos dois minutos, sem dar ao adversário, campeão do mundo, sequer um gostinho.

**N**em o gostinho de começar o jogo já ostentando a sua típica posse de bola, sua troca de passes, seu toque privilegiado. Nada disso. Exatamente porque, naqueles dois minutos, Fred aproveitou a jogada de Oscar e Hulk pela direita, aproveitou o bate-rebate na pequena área, e caído, com impressionantes oportunismo e poder de decisão, venceu Casillas.

Era o segundo minuto de jogo, o primeiro instante da superioridade que perdurou até o último, até o apito final. Mesmo com a Espanha recuperando mais tarde o domínio da posse de bola, menor do que aquele a que está habituada, o time do jogo, do ataque, dos gols, do perigo na área rival, foi o Brasil. Senhor absoluto.

Nem precisava, ainda por cima com o gol inicial que destruiu a Espanha, que os jogadores voltassem a mostrar um espírito violento, de faltas, de reclamações contra o juiz a qualquer marcação — mesmo as certíssimas — e contra os adversários. Sempre, em todos os momentos. O Brasil cometeu 25 faltas, foi o time que mais fez faltas na competição. Disparado. É a face sombria do Felipão, sem a qual ele não pode trabalhar, nem viver.

Sua face luminosa é o sentimento que incute nos jogadores, sentimento de união, de confiança, de luta e vitória. E, também, como ocorreu ontem especificamente, a arrumação que deu ao time, o for-

te sistema de marcação, a supremacia na defesa, no meio de campo e no ataque. A projeção de um futuro melhor para o futebol brasileiro.

No fim do primeiro tempo, em ótimo passe de Oscar, Neymar desferiu uma bomba, da esquerda e de esquerda, fazendo 2 a 0. No segundo, no início também, Fred concluiu outra jogada de Oscar e Hulk para estabelecer os 3 a 0 finais. Todos jogaram bem. Júlio César fez ótimas defesas, David Luiz salvou um gol debaixo do travessão, Paulinho foi sempre o Paulinho, Oscar fez sua melhor partida na Copa, Hulk também, e não é preciso falar de Fred e Neymar — o ataque que a Espanha não tem.

Com esse título, a seleção brasileira volta a olhar para o topo do mundo.

### Neymar, escolha certa

Uma prática que me intriga em competições de futebol espalhadas pelo mundo é a forma da escolha dos melhores jogadores, seja feita pela organização, seja feita por jornalistas, observadores, jogadores, técnicos ou quem mais seja. É uma tradição que atrai as vistas de todo mundo, eu sei, mas é também algo tão difícil que causa, pelo menos a mim, espantos em todas as épocas.

Eu, por exemplo, tenho essa dificuldade, mesmo num campeonato interno, seja um Estadual ou um Brasileiro. Nem tanto para escolher o melhor, o grande craque da Copa ou do Campeonato, mas sim para escolher uma seleção inteira. Há sempre uma posição, ou duas, até quem sabe mesmo três, em que simplesmente não chego a uma conclusão. Mas essa lista que a Dona Fifa me apresenta para escolher o melhor da competição, o chamado Bola de Ouro, contém ao menos uma aberração, que é a inclusão do atacante uruguaio Suárez. Ele marcou três gols, é verdade, mas na fase realmente decisiva não jogou nada, ou não jogou nem a metade do que jogou seu companheiro Cavani, este sim merecedor de estar na lista, por ter sido um dos melhores atacantes da Copa.

Cavani foi o melhor do Uruguai na disputa pelo terceiro lugar, ontem, assim como o goleiro Buffon foi o grande jogador na decisão por pênaltis e na vitória final da Itália, terceira colocada. Além de ter sido, para mim, o melhor da posição em toda a Copa, acima dos fortes rivais Júlio César e Casillas. Mas, na escolha do melhor de todos os jogadores, estou com a Madame Fifa: Neymar.

### Itália em ascensão

Apesar do desgaste dos dois times, sobretudo o da Itália, foi muito boa também a partida com o Uruguai, na decisão do terceiro lugar. Diga-se logo, times bem treinados e bem arrumados pelo italiano Cesar Prandelli e pelo uruguaio Óscar Tabárez. É evidente, clara, notória, a evolução da seleção italiana depois da Copa de 2010, sob a batuta de Prandelli. A surpresa negativa é a dificuldade que o Uruguai de Tabárez vem enfrentando nas eliminatórias da Copa do Mundo, em que ocupa modestíssimo quinto lugar. ●

## ANEXO 88: COLUNA DE FERNANDO CALAZANS – O GLOBO, 03/07/2013

calazans@oglobo.com.br

# FERNANDO CALAZANS



## A coisa é mais complexa

Não existe uma forma única de se jogar futebol, é bom que fique claro. Porque, às vezes, as pessoas (inclusive eu) se sentem inclinadas a julgar que só aquela forma que consideram a melhor é capaz de apresentar resultados positivos. É a única. Pode ser, pode não ser. Por exemplo, as seleções brasileiras de 58 e 70, a holandesa em 74, o Barcelona ou o Bayern Munich de agora...

O futebol é mais complexo, como acaba de nos mostrar (mais uma vez) a Copa das Confederações. Venceu a seleção brasileira contestada, a princípio, por mim e por muita gente boa. Não apenas venceu, mas o fez com uma atuação mais do que convincente na final com a... Espanha!. Pois é, a Espanha, que ditava, ou parecia ditar, o método (quase) invencível de se praticar futebol, pelo menos nestes últimos anos.

Essa Espanha foi derrotada, diga-se forçando um pouco a barra, por um estilo Felipão, que podia ser apontado exatamente como um símbolo da filosofia oposta. Particularmente, prefiro o estilo mais técnico, mais talentoso, mais envolvente — mas devo reconhecer que, na vitória de 3 a 0 contra a Espanha, a seleção brasileira apresentou uma dose respeitável de cada um desses ingredientes. Quer dizer: mesmo estilos diferentes de jogo, como são os da Espanha e do Brasil atual, podem conter virtudes que tornam o futebol bem jogado. O que não quer dizer que não se possa preferir e defender um deles.

Já havia externado aqui, mais de uma vez, que considero um tanto superada a função do centroavante fixo, aquele que permanece mais preso nas imediações da área, sempre pelo meio, com a missão quase única de dar o último toque para dentro do gol ou, no máximo, se tiver boa vontade, como diz a mídia, num de seus lugares comuns, “fazendo” o pivô.

Pois chega a Copa das Confederações, vem os jogos da seleção brasileira, os gols, as vitórias, o título e quem eu escalo na seleção da competição? Ele mesmo, Fred, uma espécie de protótipo desse centroavante mais convencional. Votei nele com absoluta convicção, pelo desempenho nos jogos e sobretudo pela capacidade de decidir, de resolver a parada.

Mas insisto: não quer dizer que eu tenha, obrigatoriamente, de mudar de opinião. Mantenho a preferência, dentro do futebol que tenho visto pelo mundo nos últimos anos, por atacantes de maior mobilidade e versatilidade.

O que quero manifestar é que os dois estilos podem dar resultado, na mesma época, em equipes diferentes. Podem, não quer dizer que darão. Até porque não foi o Fred que ganhou a Copa das Confederações. Foi o time do Fred, com Neymar, Paulinho, Thiago Silva, Júlio César, Luiz Gustavo, Oscar... Foi o conjunto em que ele se enquadrou com harmonia.

Xavi e Iniesta também podem dar certo e vencer com ou sem o Messi, como fazem no Barcelona e na seleção. Bem... pelo menos neste caso não há dúvida de que são muito melhores COM o Messi.

## Não se esqueçam

Da coluna de Luiz Zanin, no “Estado de S.Paulo”, sobre lições da vitória. Um dos tópicos: “Jogador brasileiro tem de ir para a Europa se aperfeiçoar. Impressionante como o jogo de Neymar evoluiu depois que foi para o Barcelona, não é?”

Queria compartilhar com ele a sagaz ironia da sua pergunta. E quero dizer a todos que, quando Neymar acertar no Barcelona — porque ele vai acertar —, causando êxtase na rapaziada, lembrem-se de que ele já saiu daqui não só como campeão da Copa das Confederações, mas também como melhor jogador da competição. Só um lembrete.

## Tranquilo por enquanto

De volta ao Campeonato Brasileiro e, quem sabe, ao Maracanã, com previsão de abertura para “joguinhos” não pertencentes à Dona Fifa, a partir do dia 21 deste mês.

O volante Abuda, do Vasco, disse que as dificuldades causadas pelo recorrente atraso de salários, como cancelamento de treinos por exemplo, serviram para unir mais ainda os jogadores. Não devia ter feito essa declaração, porque a diretoria pode levar para outro lado e não pensar mais em solucionar o grave problema, para desespero (justíssimo) do técnico Paulo Autuori.

Mais tranquilo (por enquanto), Mano Menezes disse que aprovou o time na vitória amistosa de 1 a 0 contra o São Paulo. Nem devia dizer outra coisa. Mas, na mesma hora disse que o Flamengo precisa de reforços para qualificar o time. O termo foi este: qualificar. Foi, aliás, um dos itens negociados pelo treinador, com toda a razão, quando acertou o contrato. Fala-se no Emerson, vulgo sheik. Se for para arrumar confusão, é o nome certo. ●



## ANEXO 89: COLUNA DE FERNANDO CALAZANS – O GLOBO, 31/07/2013

calazans@oglobo.com.br

# FERNANDO CALAZANS



## Fuga da responsabilidade

Vida de técnico é assim mesmo. Vanderlei Luxemburgo entrou ontem nas Laranjeiras e hoje entra em campo com o time do Fluminense para enfrentar, de cara, o Cruzeiro. O Fluminense na zona de rebaixamento, o Cruzeiro na liderança do campeonato. Tudo porque a diretoria tricolor optou pelo caminho mais fácil, óbvio e vulgar: em meio à crise, demite-se o técnico.

**P**ronto: não é mais com ela, a diretoria. A partir de hoje, a sobrevivência do Fluminense está nas mãos de Vanderlei Luxemburgo, escolha da Dona Unimed, que, como se vê mais uma vez, não pode ser contrariada. O presidente do clube pode ser. O presidente da Unimed não pode.

Faço, como sempre fiz, mesmo com o Fluminense campeão brasileiro no ano passado, algumas restrições ao futebol posto em prática por Abel Braga. Não gosto da enxurrada de bolas altas atiradas na área do adversário, nem gosto de ver o time recuar logo para defender a primeira vantagem conseguida no jogo. São questões subjetivas. Agora: atirar a culpa da crise (como se fosse a bola alta) nas costas de uma pessoa só, por sinal o técnico campeão brasileiro, é recurso de quem quer fugir da responsabilidade. Só isso.

O Fluminense teve perdas no elenco, a principal delas o jovem Wellington Nem, ajudante mais importante de Fred no ataque. Neste caso do elenco, a Unimed e o presidente da Unimed não se manifestaram. Ninguém entrou no lugar dos jogadores que saíram. No outro caso, o da saída do treinador, manifestaram-se os dois, de pronto: a Unimed e o presidente da Unimed. O homem é Vanderlei Luxemburgo. Decidido.

A carreira de Luxemburgo foi altamente vitoriosa no passado e é altamente conturbada, de uns tempos para cá. Não sei o juízo que ele faz, particular-

mente, do elenco do Fluminense. O meu foi apresentado aqui muitas vezes. Primeiro ponto: o Fluminense tem (ou tinha em 2012) um dos melhores elencos do futebol brasileiro. Segundo ponto: este mesmo elenco estava (e está) longe de ser a maravilha que boa parte da mídia preconizava. São duas coisas diferentes. O melhor time deste Campeonato Brasileiro pode ser este ou aquele, conforme o julgamento (ou a torcida) de cada um. Posso concordar perfeitamente com a escolha. Mas, qualquer que seja ele, para mim não é um grande time.

Um elenco, compreendendo portanto titulares e reservas, com Digão, Gum e Leandro Euzébio brigando pelas duas vagas na zaga, com Edinho ou Diguinho à frente dela e com Samuel substituindo Fred na área do adversário, não pode ser o assombro de que falavam. O que planejou a diretoria em relação ao elenco? Até agora, nada. Mas a mudança de técnico foi rapidinha. Abel foi demitido na segunda-feira, Luxemburgo foi apresentado na terça e estreia na quarta, logo mais. Que eficiência!

Luxemburgo sabe que sua ação tem que ser tão rapidinha quanto a da diretoria. Ele surge em pleno Campeonato Brasileiro, com o time na zona de rebaixamento, com o líder pela frente e, ainda por cima, com a necessidade de mostrar que ainda pode ser vitorioso como nos tempos de tantos títulos conquistados. É pressão em cima de pressão.

Ainda bem que a Unimed tem bons médicos para acompanhar o Vanderlei Luxemburgo.

## Semelhança de coirmão

Por falar em elenco e por falar em técnicos, a diretoria do Flamengo é bem parecida com a do Fluminense. Em matéria de treinador, está até ganhando do coirmão: já mudou duas vezes este ano. Em matéria de elenco também, já fez contratações, mas é quase como se não tivesse feito. A exceção positiva, naturalmente, é Elias, um reforço tão bom que de volante já se transformou até em centroavante e artilheiro.

No contexto, não há dúvida de que Luxemburgo dispõe de mais recursos humanos do que Mano Menezes, que também tem um compromisso difícil (todos os compromissos são difíceis para este time do Flamengo). É o Bahia, uma das surpresas bem-vindas do campeonato, a um passo do cobicho G-4. Vêm mudanças por aí no time de Mano, com aproveitamento das chamadas "pratas da casa", já que de fora não deve vir ninguém mesmo.

## O privilegiado

E, por falar mais ainda de elenco, o melhor de todos, este sim, é o de Luiz Felipe Scolari, um privilegiado, como prova mais uma de suas convocações para a seleção brasileira, em que teve o critério de chamar o mesmo grupo vencedor da Copa das Confederações, para o amistoso com a Suíça, dia 14 de agosto. A única novidade tem 31 anos (estranho, não é?), o lateral-esquerdo Maxwell, do Paris Saint-Germain, chamado para o lugar do também único campeão da Copa das Confederações preterido por causa de outro jogador: Filipe Luís. ●

## ANEXO 90: COLUNA DE JUCA KFOURI - FOLHA DE SÃO PAULO, 01/07/2013

D6 **folha na copa** ★ ★ ★ SEGUNDA-FEIRA, 1º DE JULHO DE 2013 **Itaú** **extra** **FOLHA DE S. PAULO**

**JUCA NA COPA**

## O campeão voltou!

EM 1982, a Espanha foi testemunha da última seleção brasileira realmente amada pela torcida verde-amarela. Mais de 30 anos depois, levando olé, outra vez a Espanha viu um time nacional capaz de empolgar.

Espanha que foi vaiada sem dó nem piedade nem motivo, apesar de Iniesta e companhia não terem cometido uma só frase infeliz ou feito qualquer provocação, ao contrário, só manifestavam seu orgulho de estar na final contra os mestres do jogo bonito. Até o hino espanhol chegou a ser mal educadamente vaiado quando anunciado.

O time de Felipão, senão ainda amado, mas pelo menos capaz de ter reestabelecido o vínculo com a massa como demonstrado em Brasília, Fortaleza, Salvador e no Rio, tinha considerável desafio pela frente, o de impedir o 30º jogo oficial sem derrota dos espanhóis. Pois impediu

impiedosamente.

Com 90 segundos, sem que os espanhóis tivessem o gosto de dominar a bola, Fred fez um gol deitado em berço esplêndido para homenagear a galera que cantara, outra vez emocionada e emocionante, o nosso hino.

Mais de 70 mil vezes, então, passaram a cantar que "o campeão voltou". Era cedo, mas quase virou verdade em seguida quando, por pouco, Oscar não fez 2 a 0. Curioso o futebol porque, meia hora após marcar deitado, em pé, e equilibrado, Fred chutou em cima de Casillas o gol mais fácil do esperado e ótimo clássico mundial.

Aos 40, golaço de David Luiz, ao tirar na linha o gol de empate de Pedro, num contra-ataque mortal. Compasadamente o estádio entoou seu nome, quase soletrando. Baixara nele o espírito de Hilderado Luiz Bellini e de outro Luiz, o também zagueirão Felipe, de Caxias do Sul.

No fim do primeiro tempo, o começo da festa: Neymar quase fura a rede do novo Maraca, depois de trocar passes à espanhola com Oscar.

Um gol no início, como contra o Japão, outro no fim, como contra Itália. Coincidências? Pois eis que nem bem começou o segundo tempo e excelente combinação entre Hulk, Neymar e Fred culminou no 3 a 0, como o Bayern Munique fizera com o Barça.

Daí Sergio Ramos perdeu pênalti, Piqué, a cabeça e foi expulso. Cruel, Felipão tirou Hulk e pôs Jadson, para aumentar o volume do olé e a posse de bola brasileira, que equilibrava com a espanhola, só para chatear. E pôs Jô para Fred sair ovacionado. Só o quarto gol não saiu.

"O campeão voltou", voltou a cantar o Maracanã. E quem há de negar?

Imagine quando o time estiver pronto...

## ANEXO 91: COLUNA DE JUCA KFOURI – FOLHA DE SÃO PAULO, 04/07/2013

**FOLHA DE S. PAULO** QUINTA-FEIRA, 4 DE JULHO DE 2013 ★ ★ ★ **esporte D3**

## Apesar de você

JUCA KFOURI

**A nova seleção, como as anteriores vencedoras, deve seu sucesso aos jogadores e ao seu técnico**

INTELIGENTE E IRREVERENTE, o ex-zagueiro Juninho, da seleção brasileira que disputou a Copa do Mundo de 1982, na Espanha, dizia que o time sempre entrava em campo perdendo para qualquer rival quando chegava para jogar e o primeiro que descia do avião, ou do ônibus, da delegação era Nabi Abi Chedid, o manda-chuva da CBF na Copa seguinte, no México, em 1986.

Os anos passaram e a situação permaneceu inalterada, embora Ricardo Teixeira fosse menos presente e mais discreto, porque jamais gostou de futebol, mas apenas do que rendia.

Daí um frio ter percorrido a espinha de quem viu José Maria Marin ser o primeiro a descer do ônibus que conduziu o time ao Maracanã no domingo passado.

Era a campeoníssima Espanha quem estaria pela frente.

Felizmente, nem eram passados dois minutos quando as coisas ficaram iguais e no intervalo o time brasileiro já tinha virado o desassossego.

Não se negue a Marin ter trazido Felipão de volta à seleção, num erro típico da velha cartologem que tira dos ombros qualquer responsabilidade ao transferi-la para as costas largas de um treinador vitorioso.

Marin errou sim ao interromper o trabalho de Mano Menezes que já dava frutos e ao se eximir para bo-

o estilo paternal de quem vende confiança aos que confiam nele, sejam os jogadores, sejam até os cartolas, essas pragas com as quais os profissionais têm de conviver para sobreviver em seus ofícios.

Felipão é leal e guarda para ele, a sete chaves, as críticas de quem conhece os bastidores do futebol.

Mal comparando, não é uma situação diferente do jornalista capaz de exercer dignamente seu ofício num veículo viciado.

Daí ter mais valor ainda o sucesso das equipes brasileiras, sempre em

desvantagem quando jogam contra representantes de um futebol mais bem organizado e, eventualmente mais fiscalizado e transparente.

Daí, também, não haver contradição do brasileiro que protesta nas ruas e apoia a seleção nas arquibancadas, mesmo elitizadas. Porque o Brasil, como disse Antônio Carlos Jobim, não é para principiantes.

Ao contrário, mesmo chamados de alienados por muitos ativistas em torno dos estádios, não foram poucos os torcedores que, dentro deles, faziam questão de manifestar solidariedade aos manifestantes.

O tom do hino em altos brados seria prova disso. E que o time se contagiou é o próprio time quem admitiu. Apesar de Marin, que segue sendo objeto de vaias e não pode aparecer no telão dos estádios.

**COLUNISTAS DA SEMANA** segunda: Juca Kfourri e PVC, terça: Lúcio Ribeiro, quarta: Tostão, quinta: Juca Kfourri, sexta: Fábio Seixas, sábado: Edgard Alves e Xico Sá, domingo: Juca Kfourri, PVC e Tostão

## ANEXO 92: COLUNA DE JUCA KFOURI – FOLHA DE SÃO PAULO, 07/07/2013

FOLHA DE S. PAULO

DOMINGO, 7 DE JULHO DE 2013 ★ ★ ★ esporte D3

PEP GUARDIOLA gosta de dizer que um dos maiores desafios de um treinador é tocar na tecla certa de seus comandados. A par de ser capaz de falar alemão em sua primeira entrevista coletiva como técnico do Bayern Munique, o espanhol é acima de tudo franco e modesto.

Franco a ponto de contar em detalhes como já tocou num jogador que comandou. Modesto por mostrar quando tocou certo e, em seguida, quando tocou errado.

Tocou certo no jogador que não estava jogando mal, mas também não tão bem como poderia, e marcou encontro com ele num bar para falar da vida, da família, sem nenhuma referência a futebol. No jogo seguinte, recebeu a retribuição em forma de três gols da vitória por 4 a 0.

Tocou errado ao manifestar a

um zagueiro titular, depois de derrota em jogo pelas semifinais da Liga dos Campeões, que estava em dúvida sobre quem jogaria a partida seguinte, embora soubesse exatamente que o jogador em questão estaria em campo. E perdeu. “Você me afundou ao dizer que estava em dúvida”, ouviu depois do atleta que ele queria provocar.

“É assim que as coisas funcionam, assim é a tecla, Um meteu três gols, o outro afundou”, contou Guardiola em palestra feita recentemente em Buenos Aires.

**Onde Felipão tocou?**

JUCA KFOURI

**No balanço do triunfo na Copa das Confederações, não são poucas as perguntas ao técnico**

É conhecida a conversa que Luiz Felipe Scolari teve com Rivaldo antes da Copa do Mundo da Ásia, quando o pernambucano foi o melhor jogador da seleção brasileira e do torneio, embora não reconhecido como tal pela eleição da Fifa.

Felipão pôs a mão no ombro do craque introspectivo e disse a ele

que dele dependia a sorte do time. Se jogasse bem, o pentacampeonato viria, se não, não. Disse mais: disse que ele seria o capitão do time do meio de campo para frente e que não o tiraria da equipe por pior que viesse a jogar.

Deu no que deu.

Pois, agora, gostaria muito de saber em que tecla de Neymar o Felipão tocou certo ou em qual de Fred, porque Paulinho parece ser daqueles em quem você não precisa tocar tecla alguma e a de Júlio César é tão óbvia que nem precisa perguntar.

Ou será que simplesmente a concentração do ex-santista durante o período em que se preparou para jogar a Copa das Confederações foi suficiente para atuar como atuou?

E Fred, mesmo com dores na costela, como suportou jogar cinco jogos seguidos sem parar?

Na mesma palestra, Pep Guardiola disse que o mais difícil para um técnico, seja de futebol ou de hóquei, é tratar com pessoas, que precisam ser abraçadas, ser convencidas, porque “não há nada mais maravilhoso do que enfiar suas ideias nas cabeças de seus jogadores”.

Sabe-se lá como se dará Guardiola filosofando em alemão. Mas está cada vez mais claro que Felipão se dá bem ao filosofar em português.

Seja o daqui seja o de Portugal, ora pois pois.

## ANEXO 93: COLUNA DE JUCA KFOURI – FOLHA DE SÃO PAULO, 08/07/2013

FOLHA DE S. PAULO

SEGUNDA-FEIRA, 8 DE JULHO DE 2013 ★ ★ ★ esporte D3

A PRESIDENTE disse que seu padrão não é o da Fifa, é o do Felipão. Os bons maldosos, bola pingando na área, lembraram da queda do Palmeiras.

Claro que ela se referiu ao Felipão que ganhou a Copa do Mundo de 2002 e a das Confederações agora, entre outras vitórias de seu rico currículo.

Dilma Rousseff é mulher de esquerda e Luiz Felipe Scolari é gaúcho conservador. O estilo do técnico, que Tostão acaba de notar atualizado, e é bom sempre estar atento ao que ele escreve, já foi rotulado como de mero motivador, um sargentão que sabe fazer a tropa morrer por ele.

Os espanhóis estão sentindo na carne que não é bem assim, ou que é bem mais que isso.

Já a presidente foi apresentada ao país por seu antecessor

como alguém mais capaz do que ele para administrar o Brasil, com um perfil de gerente que seu jeito pessoal, severo e mandão, transformou em gerentona.

Ninguém, no entanto, é só uma coisa ou só outra.

Sobre o sargentão, testemunho, há muito doce sob aquele angu. Além de muito trabalho até a Copa de 2014.

Porque o reinício do Campeonato Brasileiro mostrou pouco que possa ser comparado ao que vimos na Copa das Confederações, embora tenhamos visto o Mané Garrincha com mais de 53

**O sargentão e a gerentona**

JUCA KFOURI

**Há quem veja semelhanças entre o técnico Felipão e a presidente Dilma. Para o bem e para o mal**

mil brancos –aleluia! Gilberto Gil, na Flip, protestou contra tal embranquecimento– torcendo pelo Flamengo em bom jogo contra o Coritiba num gramado que é a cara, assim como o acabamento do estádio mais caro do mundo, de Agnelo Queiroz.

Aí é missão para a gerentona, para quem queira respeitar a voz

das ruas e corrija enquanto ainda é tempo a óbvia distorção que encaminha um festival de futebol aqui como se fosse disputado na Alemanha ou na Ásia.

E que devolva à arquibancada o torcedor comum que fez do nosso futebol aquilo que ele sempre foi, fruto da mestiçagem que redundou no drible, nos passes certeiros que valeram os gols que culminaram no pentacampeonato.

Que tem a cara de Mané, de Pelé, de Didi, Gérson, Rivellino, Tostão, Romário, Ronaldos e Rivaldo. De Neymar.

Que não tem a cara de Have-

lange, de Teixeira, de Marin, mesmo depois de assumir os cabelos brancos manchados pelo dedo duro, pelo elogio ao torturador, pela medalha surrupiada, o gato disfarçado e o terreno público apropriado sem cerimônia.

A cara da Copa no Brasil há de ser a cara da Copa do Brasil, desafio aparentemente gigantesco nestas alturas do campeonato, mas tão simples como deixar que o povo brasileiro dê vazão aos seus sentimentos como na cantoria à capela do hino nacional nos estádios que erguemos sem pudor.

**PARADA**

Por duas semanas, para recarregar a bateria e voltar mais agudo e menos voluntarioso, este colunista ficará de pernas para o ar, que ninguém é de ferro.

COLUNISTAS DA SEMANA segunda: Juca Kfouri e PVC, terça: Lúcio Ribeiro, quarta: Tostão, quinta: Juca Kfouri, sexta: Fábio Seixas, sábado: Edgard Alves e Xico Sá, domingo: Juca Kfouri, PVC e Tostão

## ANEXO 94: COLUNA DE JUCA KFOURI – FOLHA DE SÃO PAULO, 25/07/2013

**D4 esporte** ★ ★ ★ QUINTA-FEIRA, 25 DE JULHO DE 2013 FOLHA DE S. PAULO

## Podres poderes

JUCA KFOURI

O MAL que hoje assola o São Paulo de Juvenal Juvêncio, em seu terceiro mandato, é o mesmo que já assolou o Flamengo de Márcio Braga, o Corinthians de Alberto Dualib, o Palmeiras de Mustafá Contursi, o Vasco de Eurico Miranda, o Cruzeiro dos Perrelas, todos os clubes cujos presidentes quiseram se eternizar e acabaram por destruir suas biografias como vencedores.

Márcio Braga fez uma revolução no Flamengo e acabou como uma caricatura de si mesmo.

Alberto Dualib foi o presidente que mais títulos colecionou no Corinthians e acabou sob impeachment e condenado pela Justiça.

Palmeirenses não sentem saudades de Mustafá, que presidia o Palmeiras campeão da Libertadores, pois foi com ele que o time caiu pela primeira vez à segunda divisão.

E assim por diante com vascaínos e cruzeirenses que, depois de ganharem tudo com Eurico e os irmãos Perrelas, ainda pagam pelas heranças malditas que eles deixaram.

Nestes seis clubes, seis dos mais populares do país, um traço comum e igualmente devastador: a ânsia pela perpetuação no poder, reeleições intermináveis, falta de rotatividade no poder, mesma miséria que tem apodrecido a CBF e as federações estaduais pelo país afora.

Um retrato dramático que explica em mais que mil palavras o atraso do futebol brasileiro.

A doença que virou epidemia no São Paulo é velha conhecida de outros grandes clubes brasileiros

Algo que os são-paulinos imaginavam que jamais aconteceria pelos lados do Morumbi e que agora tem o efeito de uma bomba atômica sobre a cabeça deles.

As cenas do churrasco são-paulino que queimaram definitivamente não só a carne, mas a alma tricolor, outrora cantada em prosa e verso como soberana e exemplar, fazem pensar sobre o apodrecimento do poder que cega, ensurdece e só não emudece porque obriga a gritaria ensandecida que se viu no festim são-paulino.

Uma reeleição é algo que parece mais que aceitável, parece mesmo justo para quem agradeu num primeiro mandato.

Depois dela só o retiro, como acontece na presidência dos EUA.

**TEMORES**

Joseph Blatter acha que se houver novas manifestações de protesto no Brasil durante a Copa do Mundo será a prova de que a escolha do país foi um erro da Fifa.

Ora, se nem a visita do Papa se evita, dificilmente o futebol será mais bem-sucedido e a responsabilidade pela escolha, antes de ser da Fifa, é do próprio Blatter, fruto de um acordo espúrio com o ex-presidente da CBF para que este não se enfrentasse na última eleição na entidade. A sede da perpetuação no poder não é exclusividade nacional.

**AZARES**

Tudo que o São Paulo não precisava era ter o Corinthians de novo pela frente já neste domingo e de novo no Pacaembu, onde foi facilmente batido na decisão da Recopa Sul-Americana.

Pior mesmo só ter de enfrentar o Bayern de Munique em seguida, na Alemanha.

**COLONISTAS DA SEMANA** segunda: Juca Kfourí e PVC, terça: Lúcio Ribeiro, quarta: Tostão, quinta: Juca Kfourí, sexta: Fábio Seixas, sábado: Edgard Alves e Xico Sá, domingo: Juca Kfourí, PVC e Tostão

## ANEXO 95: COLUNA DE TOSTÃO – FOLHA DE SÃO PAULO, 01/07/2013

FOLHA DE S. PAULO Itaú SEGUINDA-FEIRA, 1º DE JULHO DE 2013 folha na copa D7

## Melhor é impossível

**TOSTÃO NA COPA**



APÓS A vitória sobre o Uruguai, escrevi que o Brasil estava com pinta de campeão. Nem imaginava que seria ganhando de 3 a 0 da Espanha. A atuação, individual e coletiva, do time brasileiro foi excepcional. O Brasil, durante toda a partida, marcou e atacou com vários jogadores.

Um bom início era tudo o que o Brasil precisava para ter mais espaços para contra-atacar com velocidade. Assim, criou inúmeras chances

de gol. Fez três e poderia ter feito mais. Novamente, tudo deu certo, com um gol no início do jogo, outro no fim do primeiro tempo e um terceiro nos primeiros minutos da segunda etapa.

A Espanha ainda perdeu um pênalti. A atuação do time espanhol foi fraquíssima, muito pelo ótimo futebol mostrado pelo Brasil. Vicente del Bosque deve ter lamentado não escalar Martínez, no lugar de Xabi Alonso, para

manter o esquema tático das últimas conquistas. A defesa era mais protegida.

A fraca atuação da Espanha não significa que não tenha um excelente time. Depois de vencer a Copa de 2010, a Espanha foi goleada por Portugal e Argentina. Na Copa das Confederações anterior, foi eliminada pelos Estados Unidos e, depois, ganhou o Mundial.

O Barcelona, base da seleção da Espanha, foi goleado, recentemente, duas vezes, pelo Bayern. Estaria decadente o estilo espanhol, de posse de bola e de trocas curtas de passe? O futuro dirá.

Todos os jogadores brasileiros tiveram atuações excepcionais, especialmente Neymar, Fred e Luiz Gustavo.

A conquista da Copa das Confederações, de uma maneira brilhante, não significa que, subitamente, o Brasil passou a ter um timaço ou que estava melhor do que se dizia. Significa que a seleção formou um time com uma maneira definida de jogar e que usou muito bem a vantagem de atuar em casa.

Há milhares de exemplos de times e seleções que, em casa, apoiados pela torcida, crescem e ganham títulos em campeonatos curtos, com jogos mata-mata, contra adversários superiores.

Nos últimos 30 dias, de treinos e jogos, o Brasil atingiu um nível técnico muito maior do que se esperava. Antes do Mundial, com os 20 dias de treinos, poderá recuperar o nível atual. Mas, dificilmente, estará melhor do que hoje.

Parabéns aos jogadores e à comissão técnica. Temos de ficar contentes com a belíssima atuação do Brasil, mas não podemos esquecer que a seleção ganhou, fora de casa, as duas últimas Copas das Confederações e foi mal nos Mundiais. Nada de oba-oba.

## ANEXO 96: COLUNA DE TOSTÃO - JORNAL FOLHA DE SÃO PAULO, 07/07/2013

**D6 esporte** ★ ★ ★ DOMINGO, 7 DE JULHO DE 2013 FOLHA DE S. PAULO

## Viagem pelo futebol

TOSTÃO

*REPITO, ESTOU sempre me repetindo, pois, para falar de algo novo, recorro, com frequência, às origens. No período entre 1974 e 1994, houve uma grande queda de qualidade no futebol, no Brasil e em todo o mundo.*

Uma razão foi, paradoxalmente, o avanço técnico, tático e científico da seleção de 1970. A partir daí, todos os grandes clubes brasileiros formaram comissões técnicas, com vários especialistas e com ótimas estruturas profissionais. Isso foi importante para a evolução do futebol. Esporte é também ciência.

Mas, durante esse período, entre 1974 e 1994, houve, progressivamente, uma supervalorização dos técnicos e do jogo físico, tático, defensivo e uma desvalorização do jogo criativo e da improvisação. Os treinadores e os brucutus tomaram conta do futebol. O jogo ficou feio, chato e com poucos gols.

Aí, a partir da Copa de 1994, a vitória passou a valer três pontos. Por esse e por outros motivos, o futebol melhorou, especialmente nos últimos dez, 15 anos.

O Brasil, apenas nos últimos anos, começou a acompanhar essa evolução. O Corinthians se tornou referência na maneira de jogar. A seleção da Copa das Confederações poderá ser outro exemplo. Essas equipes seguiram o modelo mundial, de pressionar quem está com a bola, de diminuir os espaços entre os setores, de trocar mais passes, de marcar e atacar com vários jogadores. Felipão mostrou que não é apenas um motivador. Está também atualizado.

O que era raro, anos atrás, agora, escuto, com frequência, treinadores e jornalistas esportivos falarem de marcação por pressão, de poucos espaços entre os setores, de volantes que têm bom passe, de posse de bola, de mais troca de passes, de meias que atacam e voltam para marcar o lateral, como fizeram Hulk e Oscar. Ouço falarem menos de três zagueiros, marcação individual, alas, jogadas aéreas, volantes de contenção.

Volto ao período entre 1974 e 1994. Trabalhava e estudava muito. Por falta de tempo e pelo desejo de ser um cidadão comum, afastei-me do futebol. Por isso, tive depois, como comentarista, dificuldade de compreender algumas coisas que aconteceram nesta época.

Procurei me informar, ver filmes, ler livros e aprender com jornalistas que entendiam do assunto. Mesmo assim, conheço hoje melhor os times, seleções e jogadores de antes de 1974 e de depois de 1994 do que os entre esses anos.

Após essa viagem pelo futebol, volto ao presente e a Neymar.

A cada dia, tenho mais convicção (não é certeza) de que ele estará, brevemente, entre os maiores jogadores da história do futebol mundial. Não estou surpreso. Quando comecei a jogar, pela primeira vez, no Santos, escrevi que estava tão maravilhado quanto na época em que assisti aos primeiros jogos de alguns dos maiores jogadores da história.

## ANEXO 97: COLUNA DE TOSTÃO – FOLHA DE SÃO PAULO, 28/07/2013

**D4 esporte** ★ ★ ★ DOMINGO, 28 DE JULHO DE 2013 FOLHA DE S. PAULO

## Olhares diferentes

TOSTÃO

*OS LEITORES que leem minha coluna no jornal impresso devem ter notado que a **Folha**, em vez de publicar, na quarta-feira, o texto que enviei, repetiu o do domingo anterior. Acontece nos melhores jornais.*

Parabéns ao Atlético-MG pela conquista merecida da Libertadores. O time, novamente, usou muito bem as jogadas aéreas. Funciona, quando há gigantes e bons cabeceadores. Cuca é um excelente treinador, pelo que já fez na carreira, e não só porque é campeão da Libertadores. Alguns técnicos apenas razoáveis também ganharam esse título.

O Atlético-MG e as melhores equipes brasileiras, por causa da economia, têm estruturas profissionais e elencos muito superiores às dos outros times sul-americanos. Já no IDH (Índice de Desenvolvimento Humano), que é mais importante, o Brasil está atrás de Peru, Venezuela, Uruguai, Argentina e Chile.

Escrevi, na coluna que não saiu na quarta-feira, que, depois das boas atuações da Seleção e da conquista da Copa das Confederações, parece que está tudo ótimo no futebol brasileiro, dentro e fora de campo. A seleção foi um fato isolado.

Os protestos precisam continuar: fora a elitização do futebol, fora a perpetuação de dirigentes no poder, fora o iminente perdão de todas as dívidas dos clubes brasileiros com ganha, seus toques bonitos, precisos e inteligentes se tornaram símbolo do reencontro com os maiores armadores do passado. Hoje, como o São Paulo joga mal e perde, Ganso simboliza o futebol lento, ineficiente e ultrapassado. Os olhares mudam segundo as circunstâncias.

**DJALMA SANTOS**

Nesta semana, morreu Djalma Santos. Na Copa de 1966, eu tinha 19 anos, e ele, 37. Apresentei-me à Seleção em Lambari, Minas Gerais. Cheguei na hora do jantar e sentei-me à mesa, com Djalma Santos e dois estreantes, como eu.

Ele, com seu conhecido bom humor, nos tratou e a todos os funcionários e garçons do hotel com enorme educação e carinho.

Assim foi durante toda sua vida.

**Morreu Djalma Santos, um dos craques mais bem humorados e educados do futebol brasileiro**

Hoje, no clássico Flamengo e Botafogo, no Maracanã, haverá um irônico e criativo protesto, contra os altos preços dos ingressos. Os homens irão de terno e gravata, e as mulheres, de vestidos longos e saltos altos.

Na coluna que não foi publicada, disse que, depois de assistir a vários jogos de Ganso, todos iguais, cheguei a uma bizarra tese, que pode estar errada, de que ele, tão criticado, tem atuado da mesma forma e com a mesma qualidade da época em que era endeusado.

Antes, como o Santos brilhava e

## ANEXO 98: COLUNA DE TOSTÃO – FOLHA DE SÃO PAULO, 31/07/2013

FOLHA DE S. PAULO

QUARTA-FEIRA, 31 DE JULHO DE 2013 ★ ★ ★ esporte D3

# O futebol brasileiro melhorou

TOSTÃO

**Apesar do baixo nível individual, a maioria dos times joga um futebol mais coletivo e eficiente**

*NOS ÚLTIMOS dez a 15 anos, enquanto evoluía o futebol coletivo na Europa, predominava no Brasil o jogo tumultuado, o excesso de faltas, de jogadas aéreas, de chutes e de lançamentos longos, com a esperança de a bola cair nos pés do companheiro, mesmo marcado. É a chamada segunda bola, que os técnicos tanto gostam.*

*Esse período de péssimo futebol, um horror, foi, paradoxalmente, o da supervalorização dos técnicos. Todas as análises passaram a ser feitas a partir da conduta dos treinadores. Os “professores” davam aulas de “futebol moderno” e recebiam muitos aplausos.*

*Felizmente, nos últimos dois anos, o futebol, aos poucos, tem melhorado, coletivamente. A seleção, na Copa das Confederações, e a maioria*

*das equipes tem jogado mais com a bola no chão, com mais troca de passes, triangulações, apesar do mau momento atual dos times paulistas. As partidas estão menos tumultuadas.*

*Os volantes, em vez de ficarem muito atrás, só para proteger os zagueiros e fazer a cobertura dos laterais, passaram a atuar no meio-campo. No lugar de laterais, que corriam pelas pontas, só para cruzar as bolas, há hoje atacantes mais habilidosos pelos lados, que voltam para marcar ao lado dos volantes.*

*Formam duplas com os laterais, na defesa e no ataque.*

*Antes, os times só marcavam por pressão no fim das partidas, no desespero. Agora, fazem isso com mais frequência. As equipes estão mais compactas, com menos espaço entre os setores. A confusa marcação individual, que os técnicos tanto*

*gostavam, tem sido abandonada.*

*O Inter joga diferente, com três no meio-campo (um volante mais recuado e um de cada lado, que marca e avança) e mais três adiantados (um meia ofensivo e dois atacantes). O São Paulo fez o mesmo contra o Corinthians. Lúcio saiu quando a defesa ficou mais protegida. Antes, com Paulo Autuori, o time tinha dois meias ofensivos (Jadson e Ganso), que só voltavam para receber a bola. Não dá para marcar com apenas dois jogadores no meio.*

*Com a melhora do futebol coletivo e mais troca de passes, surgirão, brevemente, mais jogadores de talento, especialmente no meio-campo. Individualmente, o nível continua baixo. Veteranos são destaques. Quando o Botafogo trouxe Sedorf, achava que não brilharia, baseado nos dois últimos anos no Milan. Sedorf está exuberante, como nos melhores momentos da carreira.*

*O Corinthians, inicialmente com Mano Menezes, desde a Série B, e depois, com Tite, foi o precursor dessa evolução coletiva. Técnicos novos e alguns mais antigos foram atrás. Uma das razões da queda de eficiência do Corinthians foi que os outros times passaram a jogar da mesma forma. O mais difícil é melhorar, fora de campo, e diminuir a promíscua troca de favores, praga do futebol e da sociedade.*

**COLUNISTAS DA SEMANA** segunda: Juca Kfourri e PVC, terça: Lúcio Ribeiro, quarta: Tostão, quinta: Juca Kfourri, sexta: Fábio Seixas, sábado: Edgard Alves e Xico Sá, domingo: Juca Kfourri, PVC e Tostão

## ANEXO 99: COLUNA DE FERNANDO CALAZANS – O GLOBO, 16/08/2013

calazans@oglobo.com.br

# FERNANDO CALAZANS



## Ataques em branco

Dos jogos de times cariocas na quarta-feira, nenhum deles foi bom, e o pior foi exatamente o que mais prometia, aquele entre Fluminense e Corinthians, com o empate final de 0 a 0. Foram jogos desinteressantes não apenas por causa desses times do Rio, mas pelos seus adversários também. Tanto que houve apenas um gol feito por atacante, coqueluche do campeonato, o artilheiro Walter, do Goiás.

Assim como o Fluminense, ninguém passou do empate. O Vasco empatou com o Santos, o Flamengo com o Goiás, ambos por 1 a 1. E, para quem duvida da noite ruim dos ataques, basta dizer que os gols de Flamengo e Vasco foram marcados por zagueiros, como o do Santos também, por Edu Dracena. Já nos acréscimos finais, depois de muito sofrimento, Renato Vaz, que vem se revelando como atacante também, fez o gol do empate, estabelecendo resultado mais justo para o Vasco.

Nenhum deles, porém, teve a aura, o significado do gol rubro-negro. Em sua estreia no time, que já perdia do Goiás por 1 a 0, o predestinado Chicão cobrou uma falta de forma magistral, confirmando a característica que já demonstrara no Corinthians. Pronto. Em 90 minutos, ou, melhor, em dois segundos, Chicão virou ídolo na Gávea. Estreia melhor, impossível, de um zagueiro que já tem história.

Outro estreante, mais jovem, ainda por fazer história, não teve a mesma sorte. Foi o colombiano Montoya, do qual destacaram mais os dois gols perdidos do que os bons momentos no jogo da Vila Belmiro com o Santos. Prefiro ficar com esses últimos, prefiro ficar com o desejo e, sobretudo, com a impressão de que Montoya vai escrever uma história também. Nas oportunidades perdidas, ele finalizou bem, não teve sorte mesmo. A mim, pareceu que tem talento e futebol para se firmar no Vasco ou em qualquer outro clube. Veremos.

Apesar da impressão em relação a Montoya, houve essa desagradável coincidência, quarta-feira,

nos times do Rio: os ataques não funcionaram mesmo. Nem o do Vasco (assim mesmo, o menos ruinzinho), nem o do Fluminense, nem o do Flamengo, celebrado outro dia por causa do gol de letra de Hernane contra o Fluminense.

Mas é assim o juízo que se faz hoje sobre atacantes — notadamente os centroavantes artilheiros. Podem ficar quatro jogos, seis jogos, nove jogos sem fazer gol que, assim que fizerem, no décimo, serão alçados de novo à categoria de heróis, de ídolos, de salvadores da pátria. É só esperar pelo próximo jogo. Ou pelo décimo.

## Será que vai melhorar?

A situação do Fluminense, ao contrário do que se esperava no início do campeonato, é a pior entre os cariocas, pior do que a de Vasco e Flamengo. São desfalques dos jogadores da seleção — Jean e Fred —, desfalque de Carlinhos, é a má fase de Wagner e, por fim, mas não por último, a aproximação (infelizmente) do fim da carreira do craque Deco.

Sem esquecer, naturalmente, o que vimos no empate sem gol com o Corinthians: as atitudes irracionais de quem não tem nada de craque, como Gum e Edinho. O primeiro foi muito bem expulso pelo carrinho criminoso em Emerson, o outro recebeu o terceiro cartão amarelo por faltas seguidas e violentas, que deveriam merecer expulsão também. De qualquer forma, estão suspensos do mesmo jeito e não poderão enfrentar o Náutico amanhã. Será que o time melhora sem eles? Piorar, não creio. Mas melhorar mesmo, só se Leandro Euzébio tiver o mesmo destino.

## Cinismo nacional

Assim como opinei que o título merecido da Copa das Confederações não significava a redenção do futebol brasileiro, também acho que a derrota no amistoso com a Suíça não significa que tudo foi por água abaixo em tão pouco tempo. Nossa seleção estava envolvida em circunstâncias bem diferentes de uma competição oficial com treinamento.

Pior mesmo foi a atitude de alguns jogadores de talento indiscutível, que mais pareciam o Edinho ou o Leandro Euzébio. Por exemplo, o melhor desses jogadores, Neymar. Que já entrou em campo irritado, cometeu uma falta por trás que lhe valeu um cartão amarelo e, no fim, mais irritado ainda, teve o cinismo de dizer que “o time deles dá muita porrada”. Neymar deve ter se esquecido que a seleção brasileira foi, disparada, campeã também de quantidade de faltas na Copa das Confederações, e que foi internacionalmente reconhecida (e temida) como tal. No momento da entrevista, na saída de campo, Neymar talvez ainda não soubesse que, naquele mesmo jogo, o Brasil também cometera mais faltas do que a Suíça. Mas Neymar não é o único. Temos o hábito de achar que os estrangeiros são sempre os mais violentos, como se fôssemos cegos para o que acontece, dia a dia, dentro de nossos campos. Talvez sejamos mesmo. ●

## ANEXO 100: COLUNA DE JUCA KFOURI - FOLHA DE SÃO PAULO, 15/08/2013

**D4 esporte** ★ ★ ★ QUINTA-FEIRA, 15 DE AGOSTO DE 2013 FOLHA DE S. PAULO

## Nada a favor, tudo contra

JUCA KFOURI

*O JOGO foi na casa do rival, 45 dias depois da vitória consagrada sobre a Espanha e com a maior parte dos jogadores brasileiros com menos tempo de treinamento que os suíços, exatamente porque eles não disputaram o torneio no Brasil.*

Mesmo assim, embora com visível falta de ritmo de jogo e de entusiasmo naquilo que era automático em junho, a seleção jogou de igual para igual no primeiro tempo.

Não tão aguda como a adversária, com menos volume de jogo a não ser logo no princípio das hostilidades (e haja hostilidades mesmo!), mas mais criativa, a ponto de chegar três vezes em condição de abrir o placar em Basileia, com Hulk, neutralizado cara a cara pelo goleiro; com Paulinho, que cabeceou no travessão, e com Oscar.

Já Jefferson teve que fazer apenas uma grande defesa no fim dos 45 minutos iniciais, porque invariavelmente a defesa brasileira impedia o derradeiro arremate suíço.

Luiz Gustavo e Paulinho estavam longe de formar a dupla de que já mostraram ser capazes, Neymar tentava, mas não conseguia nada, Fred nem pegar na bola pegava porque Oscar, que deveria armar, não armava.

Era possível esperar um segundo tempo parecido, com cara de 0 a 0, placar que a Suíça adora tanto quanto chocolate. Mas um brasileiro tinha de fazer um gol e a glória coube a Daniel Alves, numa surpreendente cabeçada na forquilha de sua própria meta, sem que nenhum suíço o pressionasse.

O gol contra foi uma infelicidade, é claro, mas a cabeçada em busca do escanteio era desnecessária.

Daí o time amarelo sentiu o golpe e passou a ser dominado pelo vermelho, que quase foi beneficiado por mais um gol contra, no que seria dos lances mais bizarros da história da seleção brasileira.

Não é que Dante recuou uma bola bandada para Jefferson que a deixou passar entre as pernas, só evitando o vexame por milagre? Felipão precisa mostrar ao zagueiro que nunca se deve recuar a bola para entre as traves, como os suíços cansaram de ensinar, porque evitar acidentes é dever de todos. Por sinal,

entre Dante e Gil, do Corinthians, também provado no futebol europeu, eu não teria dúvida. E você?

O que sei é que fazia tempo que não olhava com tanta atenção e interesse um amistoso da seleção, mérito do time na conquista da Copa das Confederações, razão pela qual também fazia tempo que uma derrota não me chateava tanto.

Vai ver que é porque o técnico brasileiro não rima com amistosos, mas com mata-matas.

Se for isso, tudo bem, porque o time tem muito mais para mostrar e acho que ninguém mais duvida disso, descontando que, a partir do décimo minuto do segundo tempo, o jogo acabou, com a troca de meio time de cada lado.

Quando é para valer, a coisa é diferente. Otimista, eu?

**COLUNISTAS DA SEMANA** segunda: Juca Kfourí e PVC, terça: Lúcio Ribeiro, quarta: Tostão, quinta: Juca Kfourí, sexta: Fábio Seixas, sábado: Edgard Alves e Xico Sá, domingo: Juca Kfourí, PVC e Tostão

## ANEXO 101: COLUNA DE JUCA KFOURI - FOLHA DE SÃO PAULO, 25/08/2013

**FOLHA DE S. PAULO** DOMINGO, 25 DE AGOSTO DE 2013 ★ ★ ★ esporte D3

## Cada um com seus problemas

JUCA KFOURI

*SEMANA RICA no bom e no mau sentido para avaliar a temperatura do nosso futebol.*

Começamos pelo técnico da seleção, o segundo patricio mais cobrado no país, atrás só da presidente da República.

Felipão teve a altivez de convocar novamente o volante Ramires, vítima de um mal-entendido, desconhecendo a demagógica crítica que o jogador recebeu do presidente da CBF — sempre sem citar o nome do criticado, como é de seu feito.

José Maria Marin avalia as pessoas como se todas fossem como ele e ao fazer coro ao ministro do Esporte, Aldo Rebelo, disse não crer que o prefeito do Rio, Eduardo Paes, tenha dito o que disse em entrevista à ESPN Brasil sobre a Fifa.

É triste constatar como agem duas das maiores autoridades esportivas do país.

Ora, que Paes disse o que disse está gravado, foi ao ar e não cabe desmentir, nem o alcaide o fez.

Uma coisa é dizer que não viu a declaração, outra é desqualificá-la como se fosse mentira.

Pois Paes falou com todas as letras que a Fifa tem um ambiente esquisito e que a entidade não está nem aí para as obras da Copa do Mundo além das dos estádios.

Disse para ficar bem com o ronco das ruas que denunciam o padrão Fifa?

Pode ser, cabe discutir, interpretar, o diabo a quatro. Mas, bancar avestruzes, nem pensar, porque não passarão.

Parece mentira, mas o ministro do PC do B já esqueceu de junho, algo que está bem vivo na memória de Paes.

Rebelo, em vez de apoiar enfaticamente a proposta de lei dos "Atletas pela Cidadania" que tramita no Senado na iminência de ser votada, prefere se fazer de bobo, além de endossar a anistia da dívida dos clubes, na contramão da indignação nacional.

Enquanto a ONG dos atletas luta pelo fim das reeleições sem limites, pela participação democrática na vida dos clubes e pela transparência na gestão, o ministro se bate por mais um perdão aos que fizeram as dívidas, sem contrapartidas realistas e ainda envolve Dilma Rousseff na lambança.

Falta a ele a coragem de botar o dedo nas feridas do atraso corrompido e corrompedor que mancha a superestrutura do esporte nacional há décadas, bravura que não faltou a Paes quando fez as observações sobre a Fifa, a cartolagem e ao denunciar a falta de uma política esportiva que pudesse fazer da Olimpíada-16 algo que não nos envergonhe. Mas o ministro diz que não acredita.

Talvez seja ingenuidade supor que o velho método de fazer política com subterfúgios esteja por um fio.

Se não for, pouco influirá no estilo Marin de ser, incorrigível.

Já o futuro de Rebelo será sombrio, diferentemente do que se aguarda para Paes.

O presente de Felipão está garantido porque não se dobra diante do essencial e mantém com dignidade seus princípios.



## ANEXO 102: COLUNA DE TOSTÃO – FOLHA DE SÃO PAULO, 11/08/2013

FOLHA DE S. PAULO

DOMINGO, 11 DE AGOSTO DE 2013 ★ ★ ★ esporte D5

NA COLUNA anterior, falei de Seedorf, que, além de jogar mais livre e mais próximo do gol do que antes, atua no Botafogo de maneira lúdica e criativa. Isso serve para outros veteranos que brilham no Brasileiro. Eles estão bem fisicamente e querem parar por cima. É a última chance de jogarem a grande pelada de suas vidas. Os maiores craques, em todas as atividades, são os que trabalham brincando, com seriedade.

O baixo nível técnico do Brasileiro facilita para os que sabem jogar, veteranos ou não. Muitos discordam. Uns, por convicções técnicas, usam de argumentos, mesmo quando não existem, para dizer que está tudo bem. Há ainda os pachecos, os Policarpus Quaresmas, que acham antipatriota criticar o que é nosso. Existem também os interesses econômicos, de que não se deve desvalorizar o produto futebol.

Durante e após os 8 a 0, muitos — não digo quem porque são inúmeros — se concentraram nas críticas na falta de empenho dos jogadores e de planejamento da diretoria do Santos. Esqueceram do mais importante, a absurda diferença técnica entre os dois clubes. Mas isso é proibido falar, para não desvalorizar nosso futebol.

Imagine se o Brasil ganhar a Copa, o que tem boas chances de ocorrer. Felipão vai ganhar uma estátua, e todos os jogadores serão rotulados de craques. E nada vai mudar.

Volto aos veteranos. Alex continua com seu estilo de tocar a bola e de esperar o momento certo para tentar jogada excepcional, decisiva. Quando essa chance não surge, dizem que é um vaga-lume, que acende e apaga. Não entendem sua genialidade.

Há jogadores que correm muito, que ficam muito com a bola, que driblam muito, que dão muitos passes, que finalizam muito, que trombam muito, que caem muito, que reclamam muito, mas que jogam pouco. O pouco de Alex é muito.

Zé Roberto e Juninho Pernambucano disputaram a posição de titular na Copa de 2006. Zé Roberto ganhou e fez parte da seleção do Mundial. Os dois não são típicos volantes nem típicos meias. São armadores, defensivos e ofensivos.

Juan é um dos raros zagueiros que antevêm o passe, antecipam e ainda têm um bom passe. Não tromba com o atacante, não cai nem dá carrinhos. Joga futebol.

Sugiro que, no fim do ano, escolham também o melhor veterano, como tem a melhor revelação. Há uma grande chance de o melhor veterano ser o melhor do campeonato. Acho que a idade mínima deveria ser 35 anos. Ronaldinho ficaria fora, já que tem 33.

Nem todos os veteranos brilham no Brasileiro, e nem todos os que brilham são veteranos. Muitos jovens são também destaques.

Tenho mais esperança em Vitiinho, 19, ainda mais que ele tem dois ótimos pais no Botafogo, Oswaldo de Oliveira e Seedorf.

**Pouco pode ser muito**

TOSTÃO

**Nem todos os veteranos brilham no Brasileiro, e nem todos os que brilham são veteranos**

**COLUNISTAS DA SEMANA** segunda: Juca Kfourir e PVC, terça: Lúcio Ribeiro, quarta: Tostão, quinta: Juca Kfourir, sexta: Fábio Seixas, sábado: Edgard Alves e Xico Sá, domingo: Juca Kfourir, PVC e Tostão

## ANEXO 103: COLUNA DE TOSTÃO – FOLHA DE SÃO PAULO, 14/08/2013

D4 esporte ★ ★ ★ QUARTA-FEIRA, 14 DE AGOSTO DE 2013

FOLHA DE S. PAULO

O JORNAL "O Globo" mostrou, nesse domingo, uma enorme foto do Maracanã, na final do Campeonato Carioca de 1963, 50 anos atrás, entre Fla e Flu, com um público de 194.604, recorde mundial em jogos de clubes. Terminou 0 a 0, e o Flamengo foi campeão.

Essa foto me trouxe algumas lembranças. Estava presente, tinha 16 anos e já era titular da equipe principal do Cruzeiro. Eu e três amigos do bairro pegamos um ônibus na rodoviária, na sexta à noite, e nos hospedamos numa pensão, em frente ao mar, em Copacabana. Bastava atravessar a rua, com apenas uma pista, para chegar à areia. Ficávamos na praia, durante o dia, e, à tarde, famintos, comíamos um bom prato de macarrão, na época em que pizza e macarrão eram baratos.

No domingo, fomos de ônibus para o Maracanã e, depois do jogo, direto para a rodoviária. Foi um fim de semana inesquecível.

Na foto do jornal, entre vários jogadores, apareciam Evaldo, centroavante do Fluminense, e Marcial, goleiro do Flamengo. Evaldo, anos depois, foi meu companheiro no Cruzeiro. Perto da estreia na Copa de 1970, Zagallo me perguntou se eu poderia jogar mais à frente, de pivô, já que, no Cruzeiro, eu era um meia. Respondi que iria atuar como Evaldo. Marcial, que tinha sido go-

Os únicos titulares imprescindíveis da seleção são Thiago Silva, Marcelo, Neymar e Daniel Alves

leiro do Atlético-MG, também se tornou médico e companheiro em um hospital de Belo Horizonte.

É bom ver novamente a seleção. Na Copa das Confederações, além da qualidade da equipe, imagino que, se jogassem alguns reservas ou mesmo um ou outro não convocado, o Brasil também atuaria bem e seria campeão, já que havia inúmeros fatores favoráveis, como o apoio maciço e emocionante da torcida e a vibração dos atletas, que atuaram como se fosse a Copa do Mundo.

Os únicos titulares imprescindíveis são Thiago Silva, Marcelo, Neymar e Daniel Alves, em parte porque não há um bom reserva para a lateral direita. Há outros jogadores que poderiam fazer parte do grupo. Ramires sempre foi disciplinado, dentro e fora de campo. Ele é capaz de desarmar na intermediária e, em uma fração de segundos, chegar à área para fazer gols.

Kaká pode crescer sob o comando de Carlo Ancelotti, que era o técnico do Milan no melhor momento do jogador. Kaká e Casemiro foram destaques no último amistoso do Real Madrid. O São Paulo descartou Casemiro, que era uma grande promessa. É muito melhor ser talentoso e marrento, como diziam que ele era, do que ser só um volante razoável, esforçado, como Rodrigo Caio.

Há muitas pessoas que trabalham no futebol, em muitos clubes, desde as categorias de base, que são dedicadas, possuem muitas informações, conhecem os sistemas táticos, a forma, mas que entendem pouco do conteúdo, não são bons observadores de detalhes nem têm boas condições de selecionar, analisar e formar jogadores.

**É bom ver de novo a seleção**

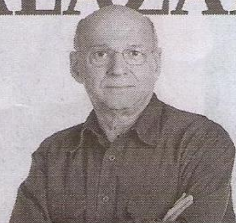
TOSTÃO

**COLUNISTAS DA SEMANA** segunda: Juca Kfourir e PVC, terça: Lúcio Ribeiro, quarta: Tostão, quinta: Juca Kfourir, sexta: Fábio Seixas, sábado: Edgard Alves e Xico Sá, domingo: Juca Kfourir, PVC e Tostão

## ANEXO 104: COLUNA DE FERNANDO CALAZANS – O GLOBO, 08/09/2013

calazans@oglobo.com.br

# FERNANDO CALAZANS



## Hegemonia em risco

Tenho lido lamentações sobre a queda do futebol paulista este ano, mas o que está acontecendo com os clubes do Rio não é muito diferente, exceção feita ao Botafogo, que, apesar de tantos percalços, tem se mantido com firmeza no G-4. Este Botafogo, por sinal, através de jogadores e técnico, está oferecendo um modelo de superação, derrotando as inúmeras adversidades que o clube e a diretoria enfrentam.

**T**em sido assim desde o início do ano. Vamos ver até onde vai essa força alvinegra. Tomara que ela permaneça na disputa do G-4 e até do título brasileiro.

Mas a relação de dificuldade com os paulistas já suscitou a hipótese de que seja quebrada a acentuada hegemonia do chamado eixo Rio-São Paulo neste século do nosso futebol. Está aí o Cruzeiro, sem dúvida o melhor time do Campeonato Brasileiro até aqui, na liderança, para reforçar a impressão de que algo diferente pode mesmo acontecer. O Cruzeiro, único time de Minas campeão brasileiro neste século (em 2003), quer repetir a façanha. Faz muito bem.

Para ameaçar ainda mais o futebol do Rio no campeonato, temos hoje mesmo uma rodada daquelas de tirar o fôlego, começando pelo indeciso Flamengo, que enfrenta nada menos do que o Cruzeiro. E logo no Mineirão. Porque aqui, no seu velho Maracanã, este Flamengo hesitante realizou a proeza de eliminar o rival mineiro da Copa do Brasil. Hoje, aquela torcida que empurrou o Flamengo para a classificação não será a mesma. Muito pelo contrário.

O Botafogo enfrenta um time nem tão poderoso assim, mas que tem escalado posições importantes nas últimas rodadas. É o Criciúma, também na casa deste. E, finalmente, o Vasco em aparente ascensão apoiada na juventude da dupla Willie e Marlon, terá pela frente um Atlético Paranaense que é uma

das mais agradáveis surpresas nas primeiras colocações do campeonato. São três confrontos difíceis para os clubes do Rio.

## Paraíso dos adolescentes

Apesar de tudo, há esperanças para o futebol carioca. Esperanças, promessas. Porque o futebol é, como já sabemos há um século, uma “caixinha de surpresas”. O que torna cada vez mais difíceis as análises e previsões. O atual Campeonato Brasileiro foi estigmatizado, com certa razão, em vários meios de comunicação como o paraíso dos veteranos. Sedorf, Alex, Juninho Pernambucano, Zé Roberto, Juan, Paulo Baier, Dida, não sei mais quantos.

De repente, como o assunto é Rio de Janeiro, despontam garotos mudando a feição de seus times. O primeiro foi Vitinho, que, infelizmente, já nos foi subtraído. Agora, parece haver um substituto à altura no próprio Botafogo, Hyuri, que estreou com dribles e golaço. No Vasco, a dupla ainda está junta. É formada por Willie e Marlon, que estão acabando com os jogos.

Vasco e Botafogo são os clubes que mais têm recorrido, com sucesso, às divisões de base. O Fluminense tem sido uma incógnita, e o Flamengo, com todo o respeito, uma decepção. As promessas nascidas na Gávea não se concretizaram, apesar do carnaval que a mídia do espetáculo faz a cada garoto que irrompe no time do Flamengo. O carnaval vem de longe, mas, até agora, nada.

Contamos pois com Vasco e Botafogo, apresentando um trabalho de base mais consistente, para dar uma mexida no futebol do Rio. Hoje, em jogos difíceis, como vimos, Hyuri do Botafogo e a dupla do Vasco estarão em ação, o que aumenta a expectativa pela rodada.

## Um sonho para a Copa

A seleção da Austrália que vimos ontem, no Estádio Mané Garrincha, veremos também na Copa do Mundo do ano que vem. Já está classificada. Seria ótimo se, num sorteio guiado pela mão de Deus, como aquela do Maradona, a Austrália caísse no grupo do Brasil. Um adversário a menos.

Como foi ontem. Sem adversário também no amistoso, a seleção brasileira fez um treino de primeiríssima qualidade, na posse de bola (70 por cento); nos toques e passes criativos, precisos; na movimentação bem coreografada pelo campo inteiro; na marcação em cima, adiantada, já que a Austrália não passava mesmo do meio de campo; nos dribles, nas finalizações e nos gols: 6 a 0. Gols de centroavante (Jô, dois), gol de craque (Neymar), gol de apoiador (Ramires), gol de centroavante reserva (Pato), gol de volante (Luiz Gustavo). O melhor treino sob o comando do Felipão.

O mais positivo, para mim, foi a entrada como titular do trio Maicon, Ramires e Bernard — cada um melhor do que o outro. São reservas? Não sei, não. Na lateral direita, Daniel Alves já não é o mesmo há tempos, e na frente Bernard tem mais talento do que Hulk. Vamos ver nos próximos treinos. ●

## ANEXO 105: COLUNA DE FERNANDO CALAZANS – O GLOBO, 09/09/2013

calazans@oglobo.com.br

# FERNANDO CALAZANS



## Poder de superação

O golaço de Elias, em belo voleio na área do Criciúma, fez o Botafogo mostrar mais uma vez uma de suas principais características do ano: a capacidade de superar as dificuldades, neste caso particular os desfalques no meio de campo. Não é brincadeira para o time, qualquer time, perder titulares como Gabriel, Seedorf e Lodeiro. Este Botafogo teve que se superar para vencer de 2 a 1, o primeiro gol marcado por mais um de seus jovens, Otávio.

**C**om ótimas atuações também de Marcelo Mattos e Rafael Marques, este centroavante que jogava mal dentro da área e agora joga bem no campo todo, como aconteceu ontem de novo. O Vasco empatou com o Atlético Paranaense, num jogo muito bom também, que não merecia terminar 0 a 0. Nenhum dos times merecia, pela dedicação na busca da vitória.

O futebol também pode ser ingrato. Até como visitante, em São Januário, o Atlético Paranaense do técnico Vágner Mancini jogou para o ataque e para a vitória. O Vasco teve o mesmo comportamento, o jovem Marlone voltou a brilhar, chutou com perigo para ótimas defesas de Wéverton e criou outras oportunidades que André não aproveitou.

Por falar em jovens, o Fluminense também contou com o dele, Biro Biro, na vitória de 1 a 0 (gol dele), sábado, sobre o Bahia. O time não estava nada bem, quando entraram no segundo tempo o jovem, Biro Biro, e o veterano, Felipe, que mudaram (e ganharam) o jogo. Dos times cariocas, só o Flamengo não tem apresentado um garoto decisivo. Terá sido por isso o único que perdeu na rodada?

## Barrados no baile

É raro ver o Mano Menezes nervoso como ele estava ontem, no Mineirão. Reclamando da arbitragem o tempo todo, discutindo e sendo advertido pelo

juiz, ultrapassando os limites da área técnica, gritando e gesticulando tanto. Mano é, em geral, um homem de educação e compostura. É o time do Flamengo que está deixando ele assim?

É provável que seja o time... também! Mas eu, particularmente, não consigo afastar a hipótese de que seja ainda a diretoria do clube, sobretudo a do futebol, que prometeu ao técnico reforços condizentes com o nome, a camisa e a história do Flamengo. No entanto, o time aparece no campo com Wallace, Cáceres, Gabriel, Rafinha, Nixon, Bruninho...

Isso é time do Flamengo? Pois até que ele não fez vergonha no Mineirão. Não fossem sua entrega, seu espírito de luta, sua dedicação, o Cruzeiro teria vencido por mais do que o 1 a 0 que o mantém firme na liderança, mas que não diz o que foi o jogo. O Cruzeiro foi superior do primeiro ao último minuto, com direito a ótimas atuações, por exemplo, de Dedé, Lucas Silva e sobretudo Éverton Ribeiro.

Desta vez, a defesa do Fla foi que aguentou o rojão, começando pelo goleiro Paulo Victor, o melhor do time. Para vocês verem... A diretoria não parece preocupada com isso. Parece mais empenhada em impedir a entrada no CT, para ver o treino, de rubro-negros ilustres. Nunes e Bebeto já foram barrados. Faltam agora Zico, Adílho, Andrade, Júnior, Leandro, Petkovic, Fio Maravilha, Jorge Ben Jor, Paula Toller, Patrícia Pillar, Malu Mader, Cláudia Abreu...

## Novidades da seleção

A maior curiosidade que a seleção brasileira me apresentou no amistoso de sábado com a Austrália (bota amistoso nisso), foi que, tirando Neymar, as melhores atuações foram de jogadores entrando pela primeira vez como titulares do Felipão. A saber: Bernard, Ramires e Maicon. Curiosidade bem agradável por sinal, porque, como já constatou o técnico, amplia seu conjunto de opções.

É claro que Jô também cumpriu muito bem seu papel de centroavante e artilheiro, com dois gols de alto oportunismo, mas considerar que que ele jogou mais bola do que Ramires e Bernard é muito exagero. Seus gols, por sinal, nasceram de ótimas jogadas de Bernard e Maicon. De qualquer forma, Jô é outro que está garantindo (se é que já não o fez em definitivo) uma vaga na Copa do Mundo.

Gostei tanto dos três nomes lá de cima que já nem sei se eles continuam a ser "reservas". Ramires tem uma parada difícil que é superar Oscar, no lugar de quem entrou, ou Paulinho, mas já não vejo tanta dificuldade assim em tomar os lugares de Daniel Alves e Hulk, nos quais atuaram respectivamente Maicon e Bernard. Daniel Alves perdeu muito do seu futebol e continua com a cabeça fora do lugar, como sempre teve. Hulk perde em talento e habilidade para Bernard.

Estou falando por mim, é claro, porque sei muito bem que, para o professor Felipão, a força é mais importante, e Hulk tem isso de sobra. Sendo assim, aquele que vejo mais próximo da conquista da vaga é Maicon. Não custa lembrar, porém, que ainda veremos esses jogadores em compromissos bem mais difíceis do que um amistoso com a limitadíssima seleção da Austrália. ●

## ANEXO 106: COLUNA DE JUCA KFOURI - FOLHA DE SÃO PAULO, 12/09/2013

**D4 esporte** ★ ★ ★ QUINTA-FEIRA, 12 DE SETEMBRO DE 2013 FOLHA DE S. PAULO

## Agora é fácil acertar. É?

JUCA KFOURI

**QUANDO O Brasileiro começou não há registro de alguém que tenha incluído o Cruzeiro entre os cinco maiores candidatos ao título. Nem o Botafogo. Nem o Furacão.**

Corinthians, Fluminense, Galo e Inter, aqui por ordem alfabética, frequentavam quase todas as listas, e times como o São Paulo, pela tradição, e Grêmio, pelo investimento e entre os que ainda acreditavam em Vanderlei Luxemburgo, também eram destacados.

Desnecessário lembrar em que situação estão os tricolores, tanto o paulista quanto o carioca — o primeiro desesperadamente certo ao trazer Muricy Ramalho de volta e o segundo entre os que ainda acreditavam em Luxemburgo, demitido do tricolor gaúcho para que este pudesse reagir e voltar a ser um favorito.

O Galo ganhou o que mais queria ganhar e saiu do rol dos candidatos. Corinthians e Inter abusaram dos empates, nove em 19 jogos cada um, e estão virtualmente atrás do Santos, que não é e nunca foi um dos favoritos depois da saída de Neymar — cujo futebol é cada dia mais uma beleza, com certeza.

Que o Cruzeiro virou favorito é ululante, assim como o Botafogo dá provas de ter embalado seja com quem for, com Seedorf, de preferência, ou sem ele, mas sob sua influência. Tem ainda o Furacão. Era para

**Na véspera do primeiro turno o que teve de chute foi uma grandeza. E agora, dá para ser mais certo?**

ter começado o campeonato em ritmo devastador, mas, ao contrário, viu-se ameaçado pelo rebaixamento. De repente, engrenou, e até quando empatava em 0 a 0 agrada.

Tudo isso para mentir e dizer que agora ficou fácil fazer previsões. Com a autoridade de quem, nesta **Folha**, no dia 26 de maio, primei-

ro domingo de Brasileiro, apontou como destaques o goleiro Rafael, do Santos, que de tão bom, já foi para o Napoli; o zagueiro Dória, do Botafogo, que não nega; o meia Zé Roberto, do Grêmio, que, OK, era mole prever; o lateral Edenílson, do Corinthians, que progride e o atacante Bernard, do Galo, outro que até já foi exportado, informo ao raro leitor que o Cruzeiro tem sim tudo, principalmente uniformidade no elenco, para ser novamente campeão.

Que, apesar de tudo, parece insustentável para Botafogo e Fura-

cão a luta pelo título.

Que esta coluna desiste do Inter para ver se tem sido a crença nele que o atrapalha, porque, você sabe, o futebol tem lá suas superstições.

Que não há hipótese de o São Paulo cair. E, finalmente, para que não digam que tremi diante das possibilidades do Corinthians, afirmo, categoricamente, que se entendesse de Corinthians saberia exatamente quem sou, coisa que procuro saber lá se vão mais de 60 anos.

**11 FELIPÕES**

Primeiro foi a Austrália, que achou que era só um amistoso e voltou com uma goleada na bolsa.

Agora foi Portugal, que acabou atropelado por imaginar que num jogo festivo poderia intimidar a seleção brasileira.

**COLONISTAS DA SEMANA** segunda: Juca Kfourí e PVC, terça: Lúcio Ribeiro, quarta: Tostão, quinta: Juca Kfourí, sexta: Fábio Seixas, sábado: Edgard Alves e Xico Sá, domingo: Juca Kfourí, PVC e Tostão

## ANEXO 107: COLUNA DE JUCA KFOURI - FOLHA DE SÃO PAULO, 15/09/2013

**D2 esporte** ★ ★ ★ DOMINGO, 15 DE SETEMBRO DE 2013 FOLHA DE S. PAULO

## Que venham todas

JUCA KFOURI

**RESTABELECID A CONFIANÇA na seleção, não há o que temer: o melhor que pode acontecer para a Copa no Brasil é a presença dos oito países que compõem o fechado clube dos oito campeões mundiais.**

Com o pé nas costas, a bicampeã Argentina de Lionel Messi se classificou com antecedência.

A Itália, que é tetra, também, sem tanta facilidade, e os pentacampeões brasileiros estão garantidos por serem os anfitriões.

Só uma catástrofe impedirá a vitória dos tricampeões alemães, com o que temos a metade assegurada e, quase certamente, a Espanha, com a vaga mais que encaminhada.

Como a França deu o azar de cair no grupo da Espanha, aos tricolores está reservada a luta por vaga na repescagem, roteiro que os fran-

ceses conhecem e que trilharam, para chegar à África do Sul, eliminando a Irlanda com um gol irregular, depois de mão na bola de Henry e gol de Gallas, na prorrogação.

A Inglaterra ainda depende só de seus resultados e com os dois duros jogos que lhe restam em casa.

Resta o Uruguai, candidato a jogar nova repescagem, agora contra a Jordânia, embora possa se safar do incômodo, apesar de enfrentar o candidatíssimo Equador, em Quito, e a Argentina, em Montevidéu.

É engraçado o que se ouve de tor-

**Argentina e Itália garantidas. Faltam ainda cinco seleções campeãs mundiais na Copa do Brasil**

cedores brasileiros, divididos entre não querer uruguaios por aqui outra vez, por causa de 1950, e os que, ao contrário, querem revanche.

Ambos estão equivocados.

Revanche, à altura, só haverá se no estádio Centenário e na decisão de outra Copa, quem sabe em 2050.

Claro que uma eventual decisão

com eles, no Maracanã, terá sabor especial, mas, convenhamos, vitória não será, será apenas cumprir com a obrigação que o ufânismo impediu então.

Por ora, o melhor será tê-los aqui, como os demais campeões, porque uma Copa sem um de seus vencedores fica menor, como ficará o Mundial de basquete sem o Brasil.

Além do mais, bem sabemos como tem gosto diferente ganhar a taça ao derrotar um gigante, como foi em 1970 e 1994, contra a Itália, e em 2002, contra a Alemanha.

Nada contra a Suécia, derrotada em 1958, ou contra a velha Tchecoslováquia, o rival de 1962. Mas vimos agora, na Copa das Confederações, como foi bom vencer o Uruguai na semifinal e a Espanha, depois.

Provavelmente se alguém perguntar ao Felipão o que ele acha disso tudo sua resposta será pragmática, nada romântica. “França, Inglaterra, Uruguai, quero que se danem, que venham as Jordânias e que tais” dirá nada diplomático.

Ele quer ganhar. Há quem queira também desfrutar.

**A CBF INFORMA**

Substituição na construtora de sua nova sede, na Barra da Tijuca, no Rio de Janeiro: sai a Sig Engenharia, carioca, entra uma paulista, a Lampur.

**COLONISTAS DA SEMANA** segunda: Juca Kfourí e PVC, terça: Lúcio Ribeiro, quarta: Tostão, quinta: Juca Kfourí, sexta: Fábio Seixas, sábado: Edgard Alves e Xico Sá, domingo: Juca Kfourí, PVC e Tostão

## ANEXO 108: COLUNA DE JUCA KFOURI - FOLHA DE SÃO PAULO, 16/09/2013

FOLHA DE S. PAULO

SEGUNDA-FEIRA, 16 DE SETEMBRO DE 2013 ★★☆☆ esporte D3

DOMINGO DE SOL, tarde de futebol. Pela manhã, os jornais. FOLHA, "Globo", "Estado", os três mais importantes do Brasil, em nenhum deles uma linha sequer da rodada do Brasileirão.

Claro, não é o caso do "Lance!" mas, aí, não vale.

"Também pudera", dirá o raro leitor paulista mais ligado ou a rara leitora paulistana mais esperta. "A campanha dos times de São Paulo não justifica mesmo que se dê qualquer espaço na página mais nobre do jornal", argumento que não se aplica para o Rio, que tem o Botafogo na vice-liderança.

Daí, curiosamente, em São Paulo, a seleção brasileira começar a ocupar mais a atenção dos torcedores, coisa que não acontecia há séculos, porque para os tricolores lutar apenas para ficar na elite é pouco e humilhante e para os alvinegros

a busca de uma vaga na Libertadores deixou de ser o principal objeto de desejo. Dos alviverdes não é preciso falar, com a volta garantida ao andar de cima e apenas se deliciando com as agruras dos rivais, todos passando por uma temporada essecível.

Será que no domingo que vem, com o líder Cruzeiro no Pacaembu contra os campeões mundiais corintianos, o jogo merecerá menção na primeira página?

Campeões mundiais corintianos? Ainda?!

ACORDA SENADO!

Apesar de ter prometido aos atle-

**E não é que, de repente, o campeonato sumiu das primeiras páginas dos jornais mais importantes do país?**

tas e até tirado foto com eles, o presidente do Senado, Renan Calheiros, ainda não pôs na pauta a votação da Medida Provisória que limita as reeleições dos cartolas.

Já tem campeão querendo botar a boca no mundo nas Alagoas de Calheiros.

SURPRESA?

Não satisfeito em habitualmente

agredir o vernáculo, o procurador-geral do STJD, Paulo Schmitt, agride também o ABC da ética ao afirmar que não há conflito entre viajar como convidado de uma entidade que deve, eventualmente, acusar.

Menos mal que ele seja franco a ponto de dizer que seus objetivos e os da CBF são exatamente os mesmos.

COINCIDÊNCIA

A paulista Lampur Engenharia, que substituiu a empresa carioca SIG na construção da sede da CBF, no Rio, é a mesma que ergueu a loja de automóveis no terreno de José Maria Marin, no

Jardim América, com apropriação de área pública e sob inquérito no Ministério Público de São Paulo. Mais: o dono da Lampur já foi proprietário de outra construtora que falu fraudulentamente em meados da década passada.

NUZMAN NA MIRA

O governo federal não suporta mais ouvir nem falar no nome de Carlos Nuzman, o único presidente de comitê olímpico nacional, na história das Olimpíadas, que preside também o comitê organizador dos Jogos.

É a cada dia mais improvável que ele siga como general da banda no Rio-16, porque, além de seu nome, a música que ele toca não engana mais os preocupados ouvidos em Brasília.

Vara madura que não cai? Cautuca por baixo que ele vai...

COLUNISTAS DA SEMANA segunda: Juca Kfourri e PVC, terça: Lúcio Ribeiro, quarta: Tostão, quinta: Juca Kfourri, sexta: Fábio Seixas, sábado: Edgard Alves e Xico Sá, domingo: Juca Kfourri, PVC e Tostão

## ANEXO 109: COLUNA DE TOSTÃO – FOLHA DE SÃO PAULO, 04/09/2013

FOLHA DE S. PAULO

QUARTA-FEIRA, 4 DE SETEMBRO DE 2013 ★★☆☆ esporte D3

ESPERO QUE o governo, pressionado pelas manifestações de rua, desista de anistiar todas as dívidas dos clubes, em torno de R\$ 4 bilhões. Seria um escândalo. Justificar o perdão com as contrapartidas sociais é uma enganação.

Outra decisão do governo deveria ser a de se empenhar, e não apenas dizer, em acabar com as infinitas reeleições na CBF, nas federações e nos clubes, defendidas por Marin. Mesmo se fossem ótimas administrações, teriam de mudar. Ao contrário, são muito ruins. A promiscua troca de favores é uma praga nacional. Futebol brasileiro não é apenas seleção e Copa do Mundo.

Sábado, em Brasília, no novo estádio de R\$ 1,4 bilhão, administrado pelo Estado, já com o gramado ruim, o Brasil enfrenta a Austrália.

O elenco não está definido. Nem todos os titulares e reservas presentes na Copa das Confederações estarão bem no Mundial. Com tantos fatores favoráveis ao time brasileiro, outros jogadores, se tivessem jogado a competição, também seriam destaques.

As más atuações e contusões de Fred no Brasileirão eram esperadas. O excelente Fred da Copa das Confederações, que se movimentava muito, dava passes e fazia gols, não é o mais frequente. Além das ausências, o Fred mais comum é o que jo-

**O elenco não está definido**

TOSTÃO

**A Argentina, pela proximidade, por e pelo bom conjunto, deve ser a maior concorrente do Brasil**

Pato tem, indiscutivelmente, uma grande técnica e que não joga melhor porque não possui o espírito do Corinthians. Ele é um bom atacante, pode atuar melhor, mas nunca mostrou esse enorme talento.

Pato já foi capa da revista "Caras", namorou estrela da TV Globo e tomou Campari com o ex-sogro, o milionário, o poderoso, o inescrupuloso Berlusconi. Pato se tornou uma celebridade, sem ter sido craque nem ter tido uma sequência de ótimas atuações na seleção. É um exemplo da busca por celebridades

e da espetacularização dos fatos.

Após a Copa das Confederações, o mundo descobriu o óbvio, a enorme importância de uma seleção de tradição jogar em casa, ainda mais se tiver um bom time.

O Brasil passou a ser um fortíssimo candidato, talvez o maior, para ganhar o Mundial. A Argentina, é não Alemanha ou Espanha, seria o mais forte concorrente, pois cresce a opinião, que não sei se é tão decisiva, de que os europeus jogam mal na América do Sul.

A Copa dura um mês, com jogos mata-mata e ocorre de quatro em quatro anos. É irracional achar que o futebol brasileiro será uma porcaria se perder o Mundial e uma maravilha se ganhar. Com qualquer resultado, deveria haver reconstrução, para valer, dentro e fora de campo

COLUNISTAS DA SEMANA segunda: Juca Kfourri e PVC, terça: Lúcio Ribeiro, quarta: Tostão, quinta: Juca Kfourri, sexta: Fábio Seixas, sábado: Edgard Alves e Xico Sá, domingo: Juca Kfourri, PVC e Tostão

## ANEXO 110: COLUNA DE TOSTÃO – FOLHA DE SÃO PAULO, 15/09/2013

FOLHA DE S. PAULO

DOMINGO, 15 DE SETEMBRO DE 2013 ★ ★ ★ esporte D5

## Memória e tradição

TOSTÃO

**É a memória que forma a tradição e a identidade do futebol e da nação**

NESTES DIAS, após mais uma ótima atuação da seleção, refleti e questioneei se minhas críticas e a de muitos comentaristas eram exageradas e/ou equivocadas, quando dizíamos, nos últimos anos e antes da Copa das Confederações, que o futebol brasileiro estava em queda, que Neymar era o único jogador, do meio para frente, em condições de se tornar um grande craque e que os times e treinadores estavam ultrapassados.

Penso que a seleção atual é exceção, surpresa, e que ela não tem nada a ver com nível do futebol que se joga no Brasil. Não há também nenhuma certeza de que as excelentes atuações vão se repetir na Copa.

Neymar, como se esperava, já é um dos maiores do mundo. Passou a fase de não atuar bem contra óti-

mas defesas. Sua evolução foi decisiva para o crescimento da seleção, e o bom conjunto do time o ajudou a brilhar.

Alexis Sánchez, bom jogador do Barcelona e da seleção chilena, disse que reaprendeu a jogar futebol na equipe catalã. Neymar é diferente. Ele terá de se adaptar ao estilo do Barcelona, que também terá de se adaptar a ele. O gol contra Portugal foi mais uma maravilha. Deu vontade de levantar da poltrona e bater palmas.

Os outros bons e excelentes jogadores da seleção, do meio para a frente, evoluíram, com exceção de Lucas. Mas, como se previa, nenhum se tornou e, dificilmente, estará entre os melhores do mundo. O outro grande craque é Thiago Silva.

O futebol brasileiro sempre alterna grandes, bons e maus momentos. Mas nossa memória é a das

grandes equipes. É a memória que forma a tradição e a identidade do futebol e de seu povo. O Brasil continua formando um grande número de bons e ótimos jogadores, apesar dos incompetentes e dos politiqueros. Deveria formar mais craques, pelo tamanho do país, pela tradição e por ter milhares de crianças correndo atrás da bola, em vez de estudarem em horário integral, nas escolas públicas, como sonhavam Leonel Brizola e Darcy Ribeiro.

A seleção pratica um futebol moderno. É compacta, troca muitos

passes, desde a defesa, contra-ataca com velocidade, marca por pressão e forma duplas e trios pelos lados, na defesa e no ataque. Não é novidade. Os principais times europeus jogam dessa forma há mais de dez anos. Já as equipes brasileiras, neste período, se caracterizaram por excesso de faltas, chuveirinhos, jogadores cai-cai, enormes espaços entre os setores, volantes brucutus que não saíam de perto da zaga e laterais que corriam pelas pontas para cruzar a bola na área.

Ficamos ultrapassados. Isso começou a mudar nos últimos anos. A seleção poderá se tornar referência dessa transformação. Muitas das críticas da imprensa contribuem para melhorar o futebol. Temos de reconhecer também nossos equívocos que são muitos e frequentes.